**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP**

**Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Câmpus de São José do Rio Preto**

**MANUELLA FERNANDA MENDONÇA GAVA**

# A ESCRITA INICIAL EM CONTEXTO DO PEJA:

## UM ESTUDO COMPARATIVO DA JUNÇÃO NAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E PRESCRITIVA

São José do Rio Preto

2026

**MANUELLA FERNANDA MENDONÇA GAVA**

# A ESCRITA INICIAL EM CONTEXTO DO PEJA:
UM ESTUDO COMPARATIVO DA JUNÇÃO NAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E PRESCRITIVA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Orientadora: Profª. Drª. Lúcia Regiane Lopes-Damasio

São José do Rio Preto
2026

G279e

Gava, Manuella Fernanda Mendonça

A escrita inicial em contexto do PEJA : um estudo comparativo da junção nas tradições discursivas narrativa e prescritiva / Manuella Fernanda Mendonça Gava. -- São José do Rio Preto, 2026

180 p. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Lúcia Regiane Lopes-Damasio

1. Heterogeneidade da escrita. 2. Aquisição da Escrita. 3. Educação de Jovens e Adultos. 4. Mecanismos de Junção. 5. Tradição Discursiva. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

## IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Esta Dissertação oferece subsídios teóricos e analíticos à Análise Linguística e às práticas pedagógicas, num diálogo entre linguística e ensino. Seu impacto potencial está alinhado às contribuições para a área dos estudos linguísticos, tanto pela ampliação dos resultados analíticos do campo investigativo voltado à abordagem linguístico-discursiva de dados de escrita inicial, quanto pelo avanço dos estudos voltados ao ensino de escrita em contexto educacional não convencional, caracterizado no âmbito do PEJA. Contribui, ainda, para o avanço dos estudos vinculados ao Projeto Principal "Escrita e Tradição Discursiva no Ensino" (FAPESP 2022/02850-0), ao qual se integra. A pesquisa articula-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 e 10 da Agenda 2030 da ONU. A aproximação com a ODS 4 estabelece-se pela atenção dedicada à educação de jovens e adultos, público historicamente marcado por trajetórias de escolarização interrompidas ou pelo acesso desigual às oportunidades educacionais. Nesse sentido, a pesquisa dialoga com o compromisso de promover uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, assegurando oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, especialmente daqueles que se encontram em contextos de maior vulnerabilidade educacional. Já a articulação com a ODS 10 parte da perspectiva de inclusão e de redução das desigualdades de oportunidades, na medida em que o estudo dá visibilidade à escrita de uma parcela da população historicamente marcada por trajetórias educacionais descontínuas, caracterizada, especialmente neste trabalho, pela presença de mulheres idosas, considerando as desigualdades que perpassam suas trajetórias educacionais. Ao ampliar a compreensão sobre os processos de aquisição da escrita desses sujeitos, a pesquisa subsidia práticas pedagógicas mais inclusivas e adequadas às especificidades desse contexto educacional, fortalecendo, assim, o vínculo entre linguística, ensino e inovação.

## POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This dissertation provides theoretical and analytical contributions to Linguistic Analysis and pedagogical practices, fostering dialogue between linguistics and education. Its potential impact lies in its contributions to the field of linguistic studies, both through the expansion of analytical findings within the research domain devoted to the linguistic-discursive approach to emergent writing data and through the advancement of studies on writing instruction in non-conventional educational settings, as exemplified by the Youth and Adult Education Program (PEJA). Furthermore, the research contributes to the advancement of studies associated with the Main Project, *Writing and Discursive Tradition in Education* (FAPESP 2022/02850-0), of which it is part. The study is also aligned with Sustainable Development Goals (SDGs) 4 and 10 of the United Nations 2030 Agenda. Its connection to SDG 4 stems from its focus on youth and adult education, a population historically characterized by interrupted schooling trajectories and unequal access to educational opportunities. In this regard, the research aligns with the commitment to promoting inclusive, equitable, and quality education and ensuring lifelong learning opportunities, particularly for individuals in contexts of greater educational vulnerability. Its alignment with SDG 10, in turn, is grounded in the principles of inclusion and the reduction of inequalities in access to opportunities. This is reflected in the study's efforts to give visibility to the writing practices of a segment of the population historically marked by discontinuous educational trajectories, particularly older women, whose educational experiences are shaped by intersecting inequalities. By broadening the understanding of these individuals' writing acquisition processes, the research provides a foundation for more inclusive pedagogical practices that are responsive to the specific characteristics of this educational context, thereby strengthening the relationship between linguistics, education, and innovation.

**MANUELLA FERNANDA MENDONÇA GAVA**

# A ESCRITA INICIAL EM CONTEXTO DO PEJA:
UM ESTUDO COMPARATIVO DA JUNÇÃO NAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E PRESCRITIVA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Data da defesa: 31/08/2026

Banca Examinadora:

Titulares:

Profª. Drª. Lúcia Regiane Lopes-Damasio

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Câmpus de São José do Rio Preto (Orientadora)

Profª. Drª. Pascoalina Bailon De Oliveira Salech

Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Câmpus de São José do Rio Preto

Suplentes:

Profª Drª Elaine Oliveira

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profª. Drª. Luciani Ester Tenani

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
2026

Aos meus pais, Paulo e Roseli,
Por toda uma vida de trabalho, esforço e luta para que eu pudesse
sonhar, chegar até aqui e mudar a nossa história!
Esta conquista é de vocês!

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que me guia e me sustenta, concedendo-me fôlego de vida.

À Antônia, Isolina, Felismina, Maria Conceição (*in memoriam*), Maria José, Maria Pereira, Maria de Lourdes e Nilda, educandas do PEJA e minhas amigas, cujas histórias de vida são o coração desta dissertação, minha profunda gratidão por me permitirem cruzar seus caminhos aos meus.

À minha orientadora, Lúcia, que, desde as aulas da graduação, ensinou-me, nos detalhes e pelo exemplo, a ser uma professora e pesquisadora comprometida. Sua orientação foi essencial para a minha formação acadêmica e pessoal. Sou profundamente grata por todos os ensinamentos, pela confiança e por ter acompanhado tão de perto esta trajetória.

À Profª Geovana Soncin, pelas valiosas sugestões realizadas no debate do SELin (UNESP).

Ao Prof. Lourenço Chacon, pelas significativas contribuições proporcionadas ao longo de eventos acadêmicos e das aulas em que tive o privilégio de acompanhar suas reflexões, bem como pelos criteriosos apontamentos realizados no Exame de Qualificação, que foram fundamentais para o aprimoramento e o desenvolvimento deste trabalho.

À Profª Pascoalina pelos apontamentos e contribuições de grande relevância realizados no Exame de Qualificação.

À FAPESP, pela concessão da bolsa de pesquisa, sob o processo nº 2025/03162-9, sem a qual seria impossível a conclusão deste trabalho.

À CAPES, pela concessão da bolsa de pesquisa e pelo apoio institucional para o desenvolvimento deste trabalho. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao PPGEL, pelo apoio institucional e pelas condições oferecidas para o desenvolvimento desta pesquisa e para minha formação acadêmica.

Aos colegas que também integram o Projeto “Escrita e Tradição Discursiva no Ensino” pelo trabalho em equipe feito com muita troca e compartilhamento.

Ao meu pai, Paulo, pelas incontáveis horas de trabalho sob o sol exaustivo, a fim de garantir meu sustento, conforto e uma educação de qualidade e por me oferecer o maior amor que o mundo poderia ver. Ainda que me diga para estudar para não ser como ele, carrego comigo o desejo de me tornar tudo aquilo que ele já é! Nós conseguimos!

À minha mãe, Roseli, por ser minha força ao longo de toda vida, sustentando, no calor de seu abraço, cada um dos meus passos e por ter investido, a muito custo, em minha educação, fazendo do impossível possível. Nós conseguimos!

Às minhas irmãs, Maria Paula e Marcella, pelas longas conversas, pelo apoio incondicional, pelo sustento emocional e pela força que me deram durante este processo e em toda a vida.

Obrigado por compreenderem minha ausência em tantos momentos e por permanecerem presentes mesmo à distância. Este trabalho é nosso! Sempre será com e por vocês!

À minha Giovanna, pelas incontáveis noites em claro compartilhadas comigo durante o processo de escrita, por caminhar ao meu lado nesta aventura que é a vida, com muita calma e sabedoria, e por compartilhar comigo a imensa vontade de cuidar dos nossos, fazer pelos nossos e ocupar nosso lugar na Academia.

À minha família, que me acompanha desde os meus primeiros passos e que permaneceu acreditando em mim durante toda esta trajetória.

Aos meus amigos Bruna e Felipe que, por sorte, cruzaram meu caminho, agradeço por deixarem o ambiente acadêmico mais leve e por trilharem esse caminho, tantas vezes árduo, junto a mim.

Às minhas amigas que, como em todas as fases da minha vida, não me abandonaram um minuto sequer no processo de escrita desta dissertação.

Aos que vieram antes de mim e que já não estão aqui, Hélio e Manoel, por terem me deixado, como herança, a sensibilidade de enxergar a vida e a força necessária para enfrentá-la.

Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta (Milton Nascimento, 1978)

**RESUMO**

Esta dissertação, inserida no projeto *Escrita e Tradição Discursiva no ensino* (FAPESP processo 2022/02850-0), objetiva descrever e analisar o funcionamento dos mecanismos de junção (MJs) em textos das tradições discursivas (TDs) narrativa e prescritiva, produzidos por sujeitos, em aquisição da escrita, no contexto do Programa para Educação de Jovens e Adultos (PEJA – UNESP/Assis). Para tanto, apresenta três objetivos específicos: (i) descrever e analisar, comparativamente, o funcionamento linguístico – tático-semântico – dos MJs, nos textos focalizados das TDs narrativa e prescritiva; (ii) analisar o funcionamento dos MJs, à luz da heterogeneidade constitutiva da escrita, por meio da observação da junção em relação à gênese da escrita e ao código escrito institucionalizado (Corrêa, 2004); e (iii) analisar a aquisição das TDs focalizadas na escrita de jovens e adultos. O estudo fundamenta-se nos conceitos de heterogeneidade da escrita (Corrêa, 2004) e aquisição da escrita (Lemos, 1998), em um diálogo crítico com o de TD (cf. Kabatek, 2005), a partir de Lopes-Damasio (2022a/b). A análise apoia-se no fenômeno da junção oracional, a partir dos MJs (Raible, 2001; Halliday, 1985; Kortmann, 1997), em espaços de repetibilidade que indiciam a história de constituição dos sujeitos em sua escrita. O material é composto por 40 textos escritos – 20 pertencentes à TD narrativa e 20 à prescritiva – produzidos por mulheres idosas no contexto do PEJA – UNESP/Assis. A metodologia, qualitativo-quantitativa, apoia-se nas frequências *token* e *type* (Bybee, 2003) dos MJs. Em relação ao objetivo específico (i), os resultados apontaram a predominância das construções paratáticas em relação às hipotáticas em ambas as TDs; a predominância dos sentidos de *adição*, *tempo posterior*, *causa*, *contraste* e *finalidade*; e dos trânsitos semânticos entre *adição* > *tempo posterior* e *adição* > *causa*. Quanto ao objetivo específico (ii), os resultados permitiram observar a maior ocorrência de *rastros* relacionados ao eixo 1, da *gênese da escrita* e à coocorrência entre o eixo 1 e o eixo 2, do *código escrito institucionalizado* (Corrêa, 2004), confirmando, pois, a natureza heterogênea da escrita em aquisição, no espaço das tradições investigadas. Quanto ao objetivo específico (iii), observaram-se *mesclas* de TDs, referentes às composicionalidades paradigmáticas e sintagmáticas. A comparação dos resultados permitiu a observação de pontos de *aproximação* e *distanciamento* entre as duas TDs, em aquisição no modo escrito de enunciar, corroborando, pois, o entendimento de que as TDs são matéria e produto de sua própria produção, em um escopo teórico associado à estabilidade-instabilidade da linguagem e à junção enquanto *rastros* que indiciam o caráter *movente* da escrita em intrínseca associação à sua heterogeneidade constitutiva.

**Palavras-chave:** Heterogeneidade da escrita; aquisição da escrita; educação de jovens e adultos; mecanismos de junção; tradição discursiva.

**ABSTRACT**

This dissertation, developed within the project *Writing and Discursive Tradition in Education* (FAPESP process – 2022/02850-0), aims to describe and analyze the functioning of junction mechanisms (JMs) in texts belonging to the narrative and prescriptive discursive traditions (DTs), produced by subjects undergoing writing acquisition in the context of the Youth and Adult Education Program (PEJA – UNESP/Assis). To this end, it pursues three specific objectives: (i) to describe and comparatively analyze the linguistic functioning – at the syntactic-semantic level – of JMs in the selected texts of the narrative and prescriptive DTs; (ii) to analyze the functioning of JMs in light of the constitutive heterogeneity of writing, by examining junction in relation to the *genesis of writing* and the *institutionalized written code* (Corrêa, 2004); and (iii) to analyze the acquisition of the focalized DTs in the writing of young and adult learners. The study is grounded in the concepts of the heterogeneity of writing (Corrêa, 2004) and writing acquisition (Lemos, 1998), establishing a critical dialogue with the concept of discursive tradition (cf. Kabatek, 2005), based on Lopes-Damasio (2022a/b). The analysis focuses on the phenomenon of clause junction through JMs (Raible, 2001; Halliday, 1985; Kortmann, 1997), understood as occurring within spaces of repeatability that index the subjects' histories of constitution in and through writing. The *corpus* consists of 40 written texts – 20 belonging to the narrative DT and 20 to the prescriptive DT – produced by elderly women participating in PEJA – UNESP/Assis. The qualitative-quantitative methodology is based on the token and type frequencies (Bybee, 2003) of JMs. Regarding specific objective (i), the results showed the predominance of paratactic constructions over hypotactic ones in both DTs; the predominance of the semantic relations of *addition*, *posterior time*, *cause*, *contrast*, and *purpose*; and the occurrence of semantic shifts between *addition* > *posterior* time and *addition* > *cause*. With regard to specific objective (ii), the results showed a greater occurrence of traces associated with Axis 1, the *genesis of writing*, as well as the co-occurrence of Axis 1 and Axis 2, the *institutionalized written code* (Corrêa, 2004), thus confirming the heterogeneous nature of writing acquisition within the discursive traditions under investigation. Concerning specific objective (iii), DT blends were identified, involving both paradigmatic and syntagmatic compositionality. The comparison of the results enabled the identification of points of *convergence* and *divergence* between the two DTs as they are acquired in the written mode of enunciation, thereby corroborating the understanding that DTs are both the material and the product of their own production. This interpretation is situated within a theoretical framework associated with the stability-instability of language and with junction as traces that index the dynamic nature of writing in its intrinsic association with constitutive heterogeneity.

**Keywords:** Heterogeneity in writing; writing acquisition; youth and adult education; junction mechanisms; discursive tradition

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### ESQUEMAS

**Esquema 1**: Tradições Discursivas..... p. 35
**Esquema 2**: Evocação..... p. 37
**Esquema 3**: *Junktion*..... p. 67
**Esquema 4**: Macroestrutura do universo semântico das relações oracionais..... p. 68
**Esquema 5**: Abordagem linguística bidimensional..... p. 69
**Esquema 6**: Critérios bidimensionais de análise dos MJs..... p. 98
**Esquema 7**: Macroestrutura do universo semântico das relações oracionais..... p. 98

### FIGURAS

**Figura 1**: Texto P2T8E3..... p. 95
**Figura 2**: Texto P5T27E4 ..... p. 96
**Figura 3**: Texto P2T9E4..... p. 113
**Figura 4**: Texto P3T17E6..... p. 113
**Figura 5**: Texto P2T8E3..... p. 114
**Figura 6**: Texto P3T17E6..... p. 114
**Figura 7**: Texto P1T2E2..... p. 116
**Figura 8**: Texto P3T19E8..... p. 117
**Figura 9**: Texto P2T11E6..... p. 119
**Figura 10**: Texto P3T17E6..... p. 119
**Figura 11**: Texto P2T7E2..... p. 121
**Figura 12**: Texto P8T38E2..... p. 122
**Figura 13**: Texto P4T20E1..... p. 123
**Figura 14**: Texto P1T1E1..... p. 123
**Figura 15**: Texto P1T1E1..... p. 124
**Figura 16**: Texto P3T17E6..... p. 125
**Figura 17**: Texto P5T28E6..... p. 126
**Figura 18**: Texto P3T13E1..... p. 126
**Figura 19**: Texto P3T19E8..... p. 127
**Figura 20**: Texto P5T26E2..... p. 128
**Figura 21**: Texto P3T17E6..... p. 128

**Figura 22**: Texto P3T19E8.....p. 129
**Figura 23**: Texto P3T17E6..... p. 131
**Figura 24**: Texto P5T26E2..... p. 135
**Figura 25**: Texto P5T27E4..... p. 136
**Figura 26**: Texto P1T2E2..... p. 136
**Figura 27**: Texto P5T27E4..... p. 138
**Figura 28**: Texto P11T53E1..... p. 138
**Figura 29**: Texto P3T17E6..... p. 139
**Figura 30**: Texto P3T19E8..... p. 140
**Figura 31**: Texto P2T8E3..... p. 147
**Figura 32**: Texto P5T25E1..... p. 148
**Figura 33**: Texto P1T2E2..... p. 150
**Figura 34**: Texto P3T18E8..... p. 151
**Figura 35**: Texto P5T28E6..... p. 152
**Figura 36**: Texto P11T56E6..... p. 152
**Figura 37**: Texto P1T3E2..... p. 153
**Figura 38**: Texto P3T17E6..... p. 154
**Figura 39**: Texto P1T3E3..... p. 155
**Figura 40**: Texto P3T18E8..... p. 156
**Figura 41**: Texto P4T24E6..... p. 157
**Figura 42**: Texto P9T47E7..... p. 157
**Figura 43**: Texto P4T22E4.....p. 160
**Figura 44** Texto P3T17E6.....p. 163

**GRÁFICOS**

**Gráfico 1**: Grupo de educadores do PEJA – UNESP/Assis nos anos de 2021-2023..... p. 83
**Gráfico 2**: Funcionamentos táticos dos MJs..... p. 111
**Gráfico 3**: MJs paratáticos nas TDs narrativa e prescritiva..... p. 112
**Gráfico 4**: MJs hipotáticos nas TDs narrativa e prescritiva..... p. 112
**Gráfico 5**: MJs na TD narrativa..... p. 115
**Gráfico 6**: MJs na TD prescritiva..... p. 117
**Gráfico 7**: Funcionamento semântico dos MJs na TD narrativa..... p. 121

**Gráfico 8**: Funcionamento semântico dos MJs na TD prescritiva..... p. 124
**Gráfico 9**: Trânsitos semânticos TDs narrativa e prescritiva..... p. 134
**Gráfico 10**: Trânsitos semânticos TD narrativa..... p. 134
**Gráfico 11**: Trânsitos semânticos TD prescritiva..... p. 137
**Gráfico 12**: Trânsitos semânticos..... p. 141
**Gráfico 13**: Os sentidos em movimentação..... p. 141
**Gráfico 14**: Eixo 1 (E1) e/ou eixo 2 (E2) nas TDs narrativa e prescritiva..... p. 146
**Gráfico 15**: Funcionamentos de E1 e/ou E2 nas TDs narrativa e prescritiva..... p. 159

**JUNTOGRAMA**

**Juntograma 1**: Texto 41 – TD narrativa..... p. 161
**Juntograma 2**: Texto 42 – TD prescritiva..... p. 164

**QUADROS:**

**Quadro 1**: *Cline* de combinação de orações..... p. 65
**Quadro 2**: Relações do eixo lógico-semântico..... p. 66
**Quadro 3**: O PEJA em cada um dos sete *campi* ..... p. 80
**Quadro 4**: Aspectos linguístico-discursivos dos MJs e(m) espaços de junção e os eixos 1 e 2..... p. 101
**Quadro 5**: Descrição das *mesclas* de TDs – eixo 3..... p. 106

**TABELAS**

**Tabela 1**: Propostas de Escrita..... p. 92
**Tabela 2**: Funcionamento semântico dos MJs na TD narrativa..... p. 121
**Tabela 3**: Funcionamento semântico dos MJs na TD prescritiva..... p. 125
**Tabela 4**: Funcionamento semântico dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva..... p. 130
**Tabela 5**: Trânsitos semânticos – TD narrativa e prescritiva..... p. 140
**Tabela 6**: Frequência de funcionamentos de eixos 1 e 2 nas TDs investigadas..... p. 147

**SUMÁRIO**

1. **INTRODUÇÃO** ..... p. 17
1.1 Contexto e justificativa..... p. 17
2. Proposta e objetivos..... p. 20
3. Organização..... p. 21

**PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**..... p. 23

**CAPÍTULO 1: ESCRITA HETEROGÊNEA E TRADIÇÃO DISCURSIVA**..... p. 24
Considerações iniciais..... p. 24
1. A escrita constitutivamente heterogênea..... p. 24
1.1 A heterogeneidade da escrita a partir de três eixos de observação..... p. 28
2. Tradição Discursiva..... p. 33
2.1 Tradição Discursiva à luz da heterogeneidade da escrita..... p. 39
Apontamentos finais..... p. 42

**CAPÍTULO 2: AQUISIÇÃO DA ESCRITA E TRADIÇÃO DISCURSIVA**..... p. 45
Considerações inicias..... p. 45
1. Aquisição da linguagem: campo conceitual..... p. 47
1.1 Entre o outro, a língua e o sujeito: mudanças na aquisição da linguagem..... p. 48
1.2 *Transparência* e *opacidade* na aquisição da escrita..... p. 53
2. Aquisição da escrita e tradição discursiva: o *fixo* e o *lacunar* na aquisição de TDs... p. 56
Apontamentos finais..... p. 60

**CAPÍTULO 3: MECANISMOS DE JUNÇÃO E TRADIÇÃO DISCURSIVA**..... p. 62
Considerações iniciais..... p. 62
1. Para fundamentar o conceito de MJs: sob a ótica funcionalista..... p. 63
1.1 O enfoque linguístico-discursivo dos MJs: *rastros* de individuação do sujeito..... p. 65
2. Mecanismos de junção e tradição discursiva..... p. 72
Apontamentos finais..... p. 75

**PARTE II – UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**..... p. 78

**CAPÍTULO 1: MATERIAL E MÉTODO**..... p. 79
Considerações iniciais..... p. 79
1. As TDs narrativa e prescritiva em aquisição: delimitação do universo de investigação ..... p. 79
1.1 Procedimentos éticos de pesquisa..... p. 79
1.2 O Programa para a Educação de Jovens e Adultos..... p. 80
1.3 Um espaço para alfabetização e letramento: o PEJA – UNESP/Assis..... p. 81
1.4 A leitura da palavra-mundo: as mulheres que constituem o PEJA – UNESP/Assis.. p. 84
2. Material..... p. 89

2.1 O texto e suas condições de produção.....p. 90
3. Uma abordagem linguístico-discursiva da escrita: aspectos metodológicos..... p. 97
3.1 Procedimentos metodológicos para a análise tático-semântica..... p. 98
3.2 Procedimentos metodológicos para a análise da heterogeneidade da escrita em espaço de junção..... p. 100
Apontamentos finais..... p. 107

**PARTE III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**..... p. 109

**CAPÍTULO 1: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS MECANISMOS DE JUNÇÃO NAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E PRESCRITIVA**..... p. 110
Considerações iniciais..... p. 110
1. Funcionamento tático dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva..... p. 111
1.1 *Aproximações* e *distanciamentos*: funcionamento tático dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva em aquisição..... p. 118
2. Funcionamento semântico dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva..... p. 120
2.1 *Aproximações* e *distanciamentos*: funcionamento semântico dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva em aquisição..... p. 129
3. *Rastros* da movimentação do sujeito no processo de textualização: trânsitos semânticos .....p. 133
Apontamentos finais..... p. 142

**CAPÍTULO 2: MECANISMOS DE JUNÇÃO COMO *RASTROS* DA HETEROGENEIDADE DA ESCRITA EM AQUISIÇÃO**..... p. 145
Considerações inicias..... p. 145
1. *Rastros* da heterogeneidade constitutiva da escrita no funcionamento dos MJs..... p. 146
2. Composicionalidade das TDs narrativa e prescritiva: *aproximações* e *distanciamentos* ..... p. 158
Apontamentos finais..... p. 167

**1. CONSIDERAÇÕES FINAIS**..... p. 169
**REFERÊNCIAS**..... p. 173
**DADOS CURRICULARES**.....p. 180

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Contexto e justificativa

Este trabalho, vinculado ao Grupo de Pesquisa "Estudos sobre a linguagem" (GPEL/CNPq), integra o Projeto Principal (PP) "Escrita e Tradição Discursiva no Ensino: da delimitação conceitual ao seu papel nos aspectos ocultos do letramento acadêmico" (FAPESP-2022/02850-0), sob coordenação de Lopes-Damasio (2022a).[1] Em consonância com a agenda de investigação do PP, o presente trabalho propõe um estudo, de caráter comparativo, das tradições discursivas (TDs) narrativa e prescritiva, a partir do funcionamento linguístico-discursivo dos mecanismos de junção (MJs), em textos produzidos por adultos em processo de aquisição da escrita, inseridos no Programa para a Educação de Jovens e Adultos (PEJA – UNESP/Assis-SP).

A proposta visa contribuir para o desenvolvimento dos objetivos específicos[2] do PP ao qual está vinculada, tomando como recorte os dados delimitados à escrita em processo de aquisição, produzidos no contexto do PEJA (UNESP/Assis-SP). Para tanto, fundamenta-se nos mesmos pressupostos teóricos que orientam o PP, os quais vêm sendo continuamente mobilizados e aperfeiçoados pelos estudos que o integram,[3] bem como nos resultados já consolidados no âmbito dessa investigação (cf. Lopes-Damasio; Gava, 2025; Carvalho, 2025; Lopes-Damasio; Silva, 2025; Silva, 2024; Oliveira, 2024; Oliveira; Lopes-Damasio, 2024;

[1] O PP está em desenvolvimento, sob a linha de fomento "Auxílio à Pesquisa Projeto Inicial π", desde fevereiro de 2023, e configura-se como uma das atividades de pesquisa realizadas no escopo do GPEL, coordenado pelo Prof. Dr. Lourenço Chacon (FFC/UNESP), o qual atua, no PP, como pesquisador associado, juntamente com a Profa. Maria Inês Almeida Cardoso (Instituto Politécnico de Santarém/IPS). Também integram a equipe do PP, sob orientação de sua coordenadora e pesquisadora responsável, pesquisadores em processo de formação em diferentes níveis. A equipe ainda conta com uma bolsista, em nível de iniciação científico-tecnológica (CNPq), cujo projeto volta-se às atividades de organização e padronização inicial dos textos produzidos por crianças do Ensino Fundamental e jovens e adultos do PEJA, coletados em 2023 e 2024.

[2] O PP tem o objetivo geral de descrever e analisar o comportamento dos MJs, em espaços de junção, considerando a TD e um lugar metodologicamente construído para a observação do fenômeno, a saber, o lugar do encontro entre o oral/letrado e o falado/escrito – os três eixos de representação da escrita –, orientadores da circulação do escrevente em sua prática textual da escrita. Tem como objetivos específicos: (1) descrever os MJs, em distintas TDs (narrativa, argumentativa e prescritiva); (2) analisar os MJs como *rastros* da heterogeneidade da escrita; (3) comparar os resultados analíticos das diferentes TDs, a fim de identificar indícios linguísticos da existência de outras TDs tomadas como matéria para a produção de uma TD (considerada como produto a partir do qual se pode observar a dinâmica de sua produção); e (4) abrir uma discussão relacionada ao potencial do ensino de texto e gramática a partir de relações linguístico-discursivas, definidas pelo modo de utilização das TDs no ensino da escrita (Lopes-Damasio, 2022a).

[3] Vinculados ao Projeto PP e desenvolvidos no âmbito do PEJA, encontram-se, além do presente, outros dois estudos: *A reflexividade da linguagem na escrita inicial em contexto do PEJA: um olhar para as marcas do processo de reformulação em espaços de junção* (Oliveira, em andamento); e *A escrita constitutivamente heterogênea: uma análise linguístico-discursiva da escrita de idosos no contexto do PEJA* (Souza, em andamento).

Lopes-Damasio; Pedro, 2024; Lopes-Damasio; Santana, 2024; Lopes-Damasio; Cardoso, 2024; Chimini, 2023; Gava, 2023).

Retomam-se, ainda, neste trabalho, os resultados da pesquisa de Iniciação Científica "Mecanismos de junção e(m) textos das Tradições Discursivas narrativa e prescritiva: um olhar para escrita inicial em contexto do PEJA" (FAPESP-2023/02331-6), também desenvolvida no âmbito do PP (Gava, 2023), a qual se concentrou na análise linguística do funcionamento dos MJs em textos das TDs narrativa e prescritiva, produzidos por educandos do PEJA. Essa retomada busca aprofundar a análise linguística anteriormente realizada e ampliá-la, sobretudo, para a dimensão discursiva e às suas possíveis contribuições ao ensino, conforme objetivo geral desta dissertação, a ser apresentado na subseção seguinte.

Compreende-se, neste trabalho, a escrita como heterogênea, resultante do encontro de práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito (Corrêa, 2004), considerando a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido, na perspectiva da circulação dialógica do escrevente. Parte-se, pois, da imagem que o escrevente faz da (sua) escrita, construída à luz de um imaginário socialmente compartilhado e entendido enquanto representação que deixa ver marcas, no texto escrito, portanto, na materialidade linguística da escrita, que habilitam proposições acerca da relação "sujeito-escrita" (Chacon, 2021; Corrêa, 2004). Nessa direção, considera-se, ainda, a aquisição da escrita como processo de subjetivação (Lemos, 1998), atravessado por experiências do já falado/escrito e ouvido/lido (Corrêa, 2004; Lopes-Damasio, 2022a/b).

A concepção de escrita, enquanto modo de enunciação heterogêneo, fundamenta-se na existência sócio-histórica da linguagem e no cruzamento das práticas orais e letradas. Em outros termos, ancora-se em uma proposta segundo a qual as materialidades linguísticas não se restringem aos produtos da fala e da escrita, mas abrangem as práticas discursivas orais e letradas em quaisquer enunciados concretos (Chacon, 2024; Corrêa, 2004). Nesse escopo, a língua é compreendida como efeito das práticas discursivas e sociais, sendo constitutivamente heterogênea tanto nos produtos do falado, quanto do escrito.

Assumindo a perspectiva da heterogeneidade constitutiva da escrita (cf. Corrêa, 2004), este trabalho volta-se ao processo de aquisição da escrita de adultos, no contexto do PEJA. Nesse enquadramento, as marcas dessa dinâmica tornam-se observáveis em diferentes níveis da materialidade linguística, manifestando-se, por exemplo, na pontuação (cf. Soncin, 2014), na segmentação de palavras (cf. Capristano, 2007) e na diversidade de formas juntivas (cf. Lopes-Damasio, 2022a/b), dentre outros.

Contudo, para que o movimento entre estabilidade e instabilidade possa ser observado na materialidade linguística dos usos dos MJs, assume-se, conforme propõe Lopes-Damasio

(2022a/b, 2019), que tais usos devem ser analisados não apenas sob uma perspectiva linguística, vinculada à materialidade em que se inscrevem, mas também sob uma perspectiva discursiva. Nessa direção, são tomados, neste trabalho, como *rastros* da circulação do escrevente por diferentes tradições textuais, em um processo dinâmico de constituição do sujeito, que emerge *no* e *pelo* processo de subjetivação na aquisição da escrita.

O entendimento da aquisição da escrita, fundamentado em Lemos (1998), reconhece a *transformação* e a *mudança* operadas pela escrita no processo de subjetivação. Desse modo, conforme Lemos (1998), é no funcionamento simbólico da linguagem que a escrita é compreendida, por meio do movimento de significantes, como efeito da singularidade dos sujeitos e decorrente da relação sujeito-linguagem-outro (Lemos, 2002, 1998). Portanto, no escopo teórico em que este trabalho se fundamenta, o conceito de linguagem abrange, também, aquele de língua, como espaço estrutural em que se manifesta toda *mudança*, não tomada de forma teleológica, mas de forma a destacar o movimento implicado no entendimento de língua enquanto processo, que retoma o dialogismo, a indeterminação e a heterogeneidade (Lemos, 1986).

Ao assumir a língua como espaço de subjetivação, Lemos (1998) afasta-se das noções de desenvolvimento e de conhecimento linguístico, posicionando-se, assim, contra a ideia de um sujeito psicológico e onisciente. Recusa-se, portanto, a concepção que toma a aquisição como superação de estágios ou fases, bem como a perspectiva que entende a linguagem como um objeto estável e esgotável.

Neste trabalho, a aquisição da escrita é observada no interior de duas TDs em foco — narrativa e prescritiva —, a partir de um diálogo crítico com o conceito de TD proposto por Kabatek (2005ª) conforme Lopes-Damasio (2022a/b, 2019). Como destaca a autora, trata-se de deslocar o foco da investigação: de uma perspectiva voltada à escrita em geral para outra que privilegia a aquisição de TDs específicas — no caso, narrativa e prescritiva — no modo escrito de enunciar. Trata-se de entender a aquisição da escrita como aquisição de TDs na escrita.

Para além de sua integração fundamental ao PP, a justificativa para a presente pesquisa está alinhada às suas possíveis colaborações: (i) à ampliação dos resultados analíticos do campo investigativo voltado à abordagem linguístico-discursiva de dados de escrita inicial, na área dos estudos linguísticos; e (ii) aos estudos voltados ao ensino de escrita, em contexto educacional não convencional, caracterizado no âmbito do PEJA.

Quanto a (i), ressalta-se que o estudo, ao buscar compreender as relações entre fala/oralidade e escrita/letramento, por meio do funcionamento dos MJs, em dados de escrita coletados no PEJA, não só colabora com a ampliação da descrição linguística do fenômeno da

junção, de modo geral, como o faz num universo empírico de textos pouco explorado nas investigações científicas dessa natureza (cf. Oliveira, 2024). Abrem-se, pois, possibilidades de ampliar o alcance de resultados de estudos anteriores, na mesma perspectiva, voltados à escrita infantil (cf. Silva, 2024; Lopes-Damasio, 2022a/b, 2020, 2019a/b; Longhin-Thomazi, 2011a/b) contribuindo, diretamente com os objetivos do PP. Quanto a (ii), ressalta-se que, como o estudo se faz na tríade ensino-pesquisa-extensão, à semelhança daquele de Oliveira (2024) e Gava (2023), desenvolve-se, exclusivamente, no contexto do PEJA (UNESP/Assis-SP), mas não deixa, por isso, de abrir possibilidades de estudos comparativos com a aquisição da escrita infantil (cf. por exemplo, Carvalho, 2025), e, consequentemente, de contribuir para o fortalecimento e a continuidade das pesquisas que colaboram com a compreensão da escrita e da aquisição da escrita experienciada por jovens e adultos – tópico sobremaneira carente de investigações em contexto nacional, no viés linguístico, linguístico-discursivo ou no educacional.

A pesquisa vincula-se, por fim, aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Agenda 2030 da ONU, que perpassam temas relacionados à Língua e Linguagem, ao colaborar para a discussão sobre educação de qualidade, com enfoque no ensino de escrita fora do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos, considerado ainda bastante carente no contexto nacional, embora de extrema relevância frente à agenda de desafios educacionais brasileiros.

## 2. Proposta e objetivos

O objetivo geral deste trabalho é descrever e analisar o funcionamento dos MJs em textos das TDs narrativa e prescritiva, produzidos por adultos em processo de aquisição da escrita.

As perguntas de pesquisa serão apresentadas, na sequência, amparadas por suas respectivas hipóteses, com vistas à identificação dos objetivos específicos deste trabalho.

A primeira pergunta é “como se caracteriza, linguística e discursivamente, o funcionamento dos MJs, em textos das TDs narrativa e prescritiva, escritos por adultos em processo de aquisição da escrita, numa relação entre os MJs e as TDs focalizadas?”. Para responder a essa pergunta, hipotetiza-se que, na textualização, subjacente à noção de escrita-processo e de escrita-movente, diferentes taxes poderiam abrir espaços, na superfície do texto, para diferentes relações de sentido,[4] ligadas aos MJs e aos espaços de junção. Tendo em vista

[4] As relações de sentido podem ser observadas em *trânsitos semânticos*, marcados nos espaços de junção e/ou em ocorrências de MJs. Dessa forma, um mesmo segmento textual e um mesmo MJ podem assumir diferentes

tal hipótese, o objetivo específico (i) é descrever e analisar, comparativamente, o funcionamento linguístico – tático semântico – dos MJs, em textos das TDs narrativa e prescritiva, escritos por adultos em processo de aquisição da escrita.

A segunda pergunta é "quais são as relações entre os MJs e a heterogeneidade constitutiva da escrita em textos pertencentes às TDs narrativa e prescritiva, produzidos por adultos em processo de aquisição da escrita?". Para responder a essa pergunta, parte-se da hipótese de que, ao conceber a escrita como heterogênea, seria possível observar, na superfície dos textos, *rastros* dessa heterogeneidade — reconhecidos, neste trabalho, como MJs (cf. Lopes-Damasio, 2019a/b, 2020) em espaços de junção —, os quais estariam relacionados aos eixos: 1, da *gênese da escrita* e 2, do *código escrito institucionalizado* (Corrêa, 2004). À luz dessa hipótese, busca-se responder à segunda pergunta de pesquisa, a partir do objetivo específico (ii): analisar o funcionamento dos MJs, nas TDs narrativa e prescritiva em aquisição, à luz da heterogeneidade constitutiva da escrita, por meio da observação da junção em relação à *gênese da escrita* e ao *código escrito institucionalizado*.

Por fim, a terceira pergunta de pesquisa é "como se caracteriza a aquisição da escrita, experimentada por adultos, quando se consideram aspectos linguístico-discursivos da relação entre MJ e as TDs focalizadas no processo de textualização?". Parte-se da hipótese de que, consideradas a estabilidade-instabilidade da linguagem, a definição de escrita como acontecimento materializado em tradições que se configuram na relação entre o *fixo* e o *lacunar* dos textos e de aquisição da escrita como transformação e mudança do sujeito pelo funcionamento simbólico da língua, o processo [de aquisição da escrita] seria marcado por zonas de contato entre TDs, analisadas a partir do eixo 3, da *dialogia com o já-falado/ouvido e escrito/lido* (cf. Corrêa, 1997). Busca-se, a partir dessa hipótese, alcançar o objetivo específico (iii): analisar a aquisição das TDs focalizadas na escrita de jovens e adultos.

## 3. Organização

Para além desta Introdução e das Considerações Finais, a presente dissertação estrutura-se em três Partes, assim organizadas: Parte I – Fundamentação Teórica; Parte II – Universo da Investigação e Procedimentos Metodológicos; e Parte III – Análise e Discussão dos Dados.

---

sentidos, considerando a circulação do sujeito por diferentes práticas discursivas e a polissemia inerente à linguagem (cf. Lopes-Damasio, 2019, p. 158). Essa definição será apresentada de forma integrada aos pressupostos teórico-metodológicos deste trabalho no capítulo 3 – Parte I e na Parte II.

A Parte I é composta por três capítulos. O primeiro deles discute a concepção de escrita constitutivamente heterogênea, adotada neste trabalho (Chacon, 2021; Corrêa, 2004), bem como o entendimento dado ao conceito de TD a partir dos trabalhos de Kabatek (2005a/b; 2006) à luz do diálogo crítico proposto por Lopes-Damasio (2019a), a partir do qual se compreendem os textos, no modo escrito de enunciar, como matéria linguística que articula o já-dito e os projetos de dizer. O segundo capítulo aborda a aquisição da escrita (Lemos, 1998) enquanto processo de subjetivação, à luz das TDs, considerando o que nelas se mostra *fixo* e *lacunar* (Lopes-Damasio, 2019a/b; 2020; Longhin-Thomazi, 2011b). Por fim, o terceiro capítulo introduz o conceito de MJs à luz das TDs, de acordo com uma perspectiva linguística, tático-semântica (Kortmann, 1997; Raible, 2001; Halliday, 1985), e discursiva (Lopes-Damasio, 2014, 2016, 2019, 2022a/b), de modo a compreender a movimentação do sujeito na construção de sentidos na TD narrativa e prescritiva, em aquisição, no modo escrito de enunciar.

O capítulo único da Parte II além de apresentar o universo de investigação, explicita, também, os procedimentos metodológicos adotados, direcionando o olhar para uma análise que considera os dados de junção a partir de uma abordagem linguístico-discursiva.

A Parte III é composta por dois capítulos. O primeiro apresenta os resultados da descrição e análise dos MJs nos textos do *corpus*, a partir da perspectiva bidimensional, tático-semântica. Tal abordagem fundamenta-se na interdependência entre os elementos componentes da oração complexa – nas arquiteturas paratática e hipotática (referente à sintaxe) – e as relações semânticas em uma escala de complexidade crescente (referente aos sentidos construídos na textualização). Ainda nesse capítulo, propõe-se, numa perspectiva comparativa, *aproximações* e *distanciamentos* entre as TDs focalizadas, a partir dos resultados obtidos na análise tático-semântica, para iniciar a análise do processo de aquisição da escrita, nessas TDs. No segundo capítulo, realizam-se a análise e a discussão dos dados a partir das relações entre os MJs, que constituem as TDs narrativa e prescritiva, em aquisição da escrita, e a heterogeneidade da escrita, considerando, de modo mais específico, primeiramente, os eixos 1, da *gênese da escrita* e 2, do *código escrito institucionalizado*, para, por fim, propor *aproximações* e *distanciamentos* entre as TDs em aquisição, considerando, para isso, também o eixo 3 em sua relação com as *mesclas* de TDs.

# PARTE I
# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

# CAPÍTULO 1
# ESCRITA HETEROGÊNEA E TRADIÇÃO DISCURSIVA

## Considerações iniciais

Este capítulo apresenta pressupostos que fundamentam teoricamente a noção de escrita constitutivamente heterogênea (Corrêa, 2013, 2006, 2004; Chacon, 2024, 2021; Capristano, 2010, 2007), a partir da qual se estabelecem, neste trabalho, segundo Lopes-Damasio (2025, 2022a/b, 2020, 2019), à luz do dialogismo da linguagem, relações com o conceito de Tradição Discursiva (TD) inicialmente proposto por Kabatek (2008, 2006, 2005a/b).

Corrêa define o modo heterogêneo de constituição da escrita como o encontro de práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito (Corrêa, 2004), considerando a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido, na perspectiva da circulação dialógica do escrevente. Parte-se, pois, da imagem que o escrevente faz da (sua) escrita, construída à luz de um imaginário[5] socialmente compartilhado e entendido enquanto representação, que deixa ver marcas, no texto [escrito – portanto, na materialidade linguística da escrita], que habilitam proposições acerca da relação "sujeito-escrita".

Para sustentar o que este trabalho se propõe a observar, o presente capítulo teórico apresentará, na seção 1, a concepção de escrita constitutivamente heterogênea; na subseção 1.1, os três eixos de observação da circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a escrita; na seção 2, o conceito de TD, fundamentado nos pressupostos de Kabatek (2005a/b), e, por fim, na subseção 2.1, o diálogo crítico com o conceito kabatekiano de TD, tomando-o enquanto forma de observar, teórica e metodologicamente, a réplica da linguagem em sua dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido.

## 1. A escrita constitutivamente heterogênea

Corrêa (2004) entende a escrita como heterogênea do ponto de vista semiótico, assumindo esse fenômeno como processo e recusando, assim, a dicotomia radical entre fala e escrita, bem como a dicotomia metodológica, que toma fala e escrita em polos opostos de um *continuum* tipológico.[6] Na proposta desse autor, compreendem-se fala e escrita como modos de

[5] A noção de "imaginário" adotada neste trabalho se aproxima do conceito de "representação", conforme os estudos de Corrêa (2004). Nesse sentido, o termo não se refere a algo fictício ou irreal, mas a uma representação social da escrita (Corrêa, 2004). De acordo com o autor, o "imaginário sobre a escrita" não se restringe ao conjunto de imagens construídas a seu respeito, mas engloba também o processo de sua constituição no âmbito das diversas práticas sociais (Corrêa, 2004). Essa perspectiva atribui à escrita um caráter de "não-acabamento", na medida em que a considera um processo em constante construção.

[6] A dicotomia radical, primeira das tendências comparativistas, dedicou-se à análise da relação fala *versus* escrita, direcionando o olhar para diferenças estritas entre elas, cujo enfoque circunscrevia-se em uma análise voltada

enunciação heterogêneos e, portanto, recusa-se qualquer dicotomia entre oral/falado, letrado/escrito. Assim, fala e escrita devem ser vistas enquanto fatos linguísticos, indissociáveis da oralidade e do letramento, tomados como práticas sociais, o que garante uma ligação constitutiva entre fato linguístico e prática social, já que o autor assume que "os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados às práticas orais/letradas" (Corrêa, 2004, p. 2).

Nessa perspectiva, a escrita é concebida como um modo particular de enunciação em que se dão as relações com o mundo e com o falado no processo de escrita, caracterizando a representação que o escrevente faz das relações: escrita/mundo e escrita/falado (Corrêa, 2004). Segundo Corrêa, a escrita é tomada enquanto tipo particular de enunciação de acordo com a concepção de individuação histórica do sujeito, em que relações com o mundo e com o falado se dão no processo de escrever, associando "não a representação escrita do mundo e do falado, mas a representação que o escrevente faz da relação escrita/mundo e escrita/falado." (Corrêa, 2004, p. 232). No mais, o processo de textualização[7] não só considera a relação com o vivido (com o mundo) e com a elaboração verbal (falado), mas também se dá na interação eu-outro. Desse modo, fala e escrita são constitutivamente heterogêneas.

Nessa mesma direção, Chacon (2021, p. 4) caracteriza a noção de fala e escrita como diferentes modos de produção e de atribuições de sentidos, construídos sob diferentes semioses, a saber, a acústico-auditiva (na fala) e a gráfico-visual (na escrita). Portanto, apoiando-se na perspectiva adotada, são considerados atos de linguagem que se sustentam em semioses distintas. Em outros termos, fala e escrita são tomadas enquanto "atos linguísticos nos quais a dimensão física já é investida de potencial de significação, porque já simbolizada por uma língua" (Chacon, 2021, p. 4). Nesses atos, dois planos essenciais da linguagem — a língua e as práticas discursivas orais e letradas — são responsáveis pela produção e atribuição de sentido.

---

única e exclusivamente para o código, sem se preocupar com "usos discursivos nem com a produção verbal" (Marcuschi, 2010, p. 28). Essa visão concebe a fala como variável e instável, e a escrita, por sua vez, como estável, definida e pouco suscetível a variações (Marcuschi, 2010, p. 28). Por outro lado, a proposta de Marcuschi (2010) rompe com essa visão polarizada ao considerar que as diferenças entre fala e escrita ocorrem em um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual, e não na dicotomia radical de polos opostos. Isso implica que ambas pertencem ao mesmo sistema linguístico e se influenciam mutuamente, sem hierarquização de complexidade. Ainda que o estudo da relação fala e escrita na perspectiva do "contínuo de práticas sociais" desconsidere a dicotomização entre polos opostos, se detém à observação dos gêneros textuais pelas lentes da "dicotomia embutida" nos polos do falado e escrito (Corrêa, 2013, p.81), mediante a distribuição dos gêneros textuais em um contínuo marcado pela forma de organização que, ainda, toma como linear a relação entre eles, deixando de lado, nas palavras de Corrêa (2013), "a heterogeneidade que os constitui internamente". Trata-se, como denomina este autor, do que se está chamando aqui de dicotomia didática ou metodológica.

[7] Essa definição será retomada para maior detalhamento ao longo deste capítulo teórico.

Assim, os elementos significantes — fônico-acústicos ou gráfico-visuais — não podem ser considerados critérios exclusivos para diferenciar as semioses da fala e da escrita. Isso porque, ao adotar tal abordagem, reforçar-se-ia a hipótese de que fala e escrita definem-se de forma isolada. Por esse motivo, opta-se por analisar as semioses do falado e do escrito, fundamentadas na mesma língua, com base no critério da heterogeneidade.

Nesse sentido, a fala é vista como um "ato enunciativo cuja materialidade linguística resulta da inserção do falante em determinada(s) prática(s) de oralidade, enquanto prática(s) discursiva(s)" (Chacon, 2021, p. 4). Por outro lado, a escrita é entendida como "ato enunciativo cuja materialidade linguística resulta da inserção do escrevente em determinada(s) prática(s) de letramento, também enquanto prática(s) discursiva(s)" (Chacon, 2021, p. 4).

De acordo com essa caracterização é possível reconhecer que fala e oralidade não correspondem a conceitos sinônimos: a oralidade corresponde a diferentes práticas discursivas que estruturam a produção e circulação de enunciados falados, enquanto a fala corresponde ao "ato enunciativo concreto onde emerge o produto linguístico, sob forma de enunciados, de determinada prática de oralidade" (Chacon, 2021, p. 4). Do mesmo modo, escrita e letramento não são tomados como conceitos sinônimos, uma vez que letramento corresponde à diversidade de práticas discursivas que estruturam a produção e circulação de enunciados escritos, e a escrita, por sua vez, corresponde ao "ato enunciativo concreto onde emerge o produto linguístico, sob forma de enunciados, de uma prática de letramento" (Chacon, 2021, p. 4).

Sob essa perspectiva, fala e escrita configuram-se como atos enunciativos concretos que se realizam por meio de enunciados compreendidos como produtos linguísticos. A fala está associada às práticas de oralidade, enquanto a escrita está vinculada às práticas de letramento. Contudo, tanto a oralidade quanto o letramento não podem ser consideradas práticas "puras", o que, por extensão, se manifesta na ausência de pureza dos atos enunciativos que delas decorrem e que, simultaneamente, as constituem. Portanto, o produto linguístico dessas práticas jamais é "puro" (Corrêa, 2004). Apoiado em Tfouni (1995), Chacon (2021) afirma que a constituição do sujeito como falante e como escrevente se dá pelo seu atravessamento simultâneo por diferentes práticas de oralidade e de letramento.

No escopo dessa definição de escrita, Corrêa (2004) propõe também a ideia de "individuação do sujeito", afastando-se da noção de sujeito assujeitado e da noção de sujeito indivíduo, embora sem rejeitar integralmente o assujeitamento, ao adotar o outro como constitutivo do eu, a partir da aceitação de que não é a singularidade factual, circunscrita em si mesma, que enuncia. Dessa maneira, conforme sistematiza Lopes-Damasio (2019, p. 151), a partir da proposta do autor, o sujeito é entendido de forma histórica, regulado pela linguagem,

historicamente constituída, e pelo outro. Esse interpela e afeta o sujeito, assim como o sujeito é interpelado e afetado por esse processo.

No que tange à noção de sujeito e sua individuação se faz necessário ressaltar, neste trabalho, seguindo os de Corrêa (1998) e Capristano (2007), que "não são as marcas do indivíduo em si – inegavelmente existentes – o objeto de decifração do linguista no caso da relação sujeito/linguagem (...). Não se trata de buscar sua definição física, mas sua inserção em uma prática social" (Corrêa, 1998 *apud* Capristano, 2007). Dito de outro modo, segundo Capristano (2007), não se trata de investigar os indivíduos em si, em sua forma empírica e física, mas de se ocupar da "singularidade histórica do sujeito, a partir da qual se constrói e se particulariza, na especificidade de micro-eventos discursivos, a imagem que ele faz da (sua) escrita" (Corrêa, 1998, p. 181).

Da mesma maneira, segundo Capristano (2007), o outro não deve ser compreendido em sua dimensão física e empírica, mas, entendido, sobretudo "como instância de representação do funcionamento tido como convencional da linguagem em sua modalidade escrita e visto a partir das representações – imagens, no sentido atribuído a esse termo por Pêcheux (1990) – que o sujeito escrevente faz sobre ele" (Capristano, 2007, p. 81). Nessa perspectiva, o outro pode ser entendido como uma manifestação de uma outra língua, um outro enunciado, um outro discurso, o que permite observar a escrita de um lugar outro (Capristano, 2007).

Dessa forma, a individuação deve ser considerada tanto na abordagem do sujeito, quanto na análise dos rastros linguísticos que indiciam sua circulação dialógica na/pela (sua) escrita. Esses rastros, ao serem examinados, apontam para marcas do processo dialógico de sua constituição enquanto sujeito historicamente individuado (Corrêa, 2004). Assim, trata-se de investigar a "individuação dos rastros" e compreender como a abordagem linguística dessas marcas – aqui concebidas como potencial investigativo – se articula a uma perspectiva discursiva.

Ao considerar a circulação histórica e social do sujeito, torna-se possível identificar os rastros de sua individuação, os quais indiciam o modo como ele "apreende(u) os fatos linguísticos" (Lopes-Damasio; Silva, 2025, p. 16). Dessa forma, tanto as pistas linguísticas presentes na escrita do sujeito, quanto sua constituição, sob a perspectiva da individuação, resultam desse processo de circulação dialógica. Como aponta Corrêa (2004, p. 14), "trata-se de apanhar, em pistas linguísticas locais, um modo de constituição desse sujeito". Assim, reafirma-se que a dialogia só pode ser compreendida em articulação com o processo de individuação do sujeito, pois é precisamente o "aspecto dialógico da constituição do sujeito que transforma as pistas e o sujeito em individualidades" (Corrêa, 2004, p. 16).

## 1.1. A heterogeneidade da escrita a partir de três eixos de observação

A heterogeneidade constitutiva pode ser analisada, conforme proposta de Corrêa (1997), a partir de três eixos de observação das "representações que o escrevente constrói sobre a (sua) escrita, sobre o interlocutor e sobre si mesmo" (Corrêa, 1997, p. 163), que caracterizam um aporte metodológico que integra a composição do campo conceitual mobilizado para este trabalho.

O primeiro eixo de representação refere-se ao modo de constituição da escrita que corresponde aos momentos em que o escrevente plasma fala e escrita, numa recuperação do (seu) imaginário sobre a escrita em sua suposta gênese. Dessa maneira, conforme Corrêa (2004, p. 10), o primeiro eixo diz respeito aos momentos em que o escrevente tenta representar, na escrita, termo a termo da fala, em práticas de oralidade, colocando em equivalência os dois modos de enunciação: o falado e o escrito. Na "mixagem", que resulta dessa forma de circulação, a escrita ganha caráter de "transcodificação, extensão ou projeção do gesto articulatório em gesto gráfico" (Corrêa, 2004, p. 81).

Considerando o modo como o escrevente representa a escrita — ainda em função do primeiro eixo —, atenta-se aos aspectos de novidade de sua intervenção dada a sua individuação histórica como sujeito, bem como a representação de gestos articulatórios na escrita. A possibilidade desses apontamentos se dá por meio de "pistas linguísticas que denunciam a representação da gênese da escrita por meio das quais o escrevente revela pontos salientes desse tipo de circulação dialógica" (Corrêa, 1997, p. 186). Segundo o autor, tal representação se manifesta no processo de textualização, no qual o escrevente atribui à relação entre o falado e o escrito a sua própria circulação por práticas de oralidade e letramento.

Portanto, esse processo é visto como uma mixagem de elementos gráficos, fônicos e pragmáticos[8] que configuram o texto como uma réplica, por ser utilizada como instrumento de gravação fiel da memória sonora do falado. Assim, de acordo com Corrêa (2004, p. 81), procura representar, sob um caráter prosódico, um planejamento escrito de tom conversacional. Em

[8] Conforme indicado por Corrêa (2004, p. 91), os registros desse primeiro eixo podem ser observados também em dimensões distintas da linguagem, a saber: sonora, sintática, prosódica e lexical. Corrêa (2004, p. 93) destaca que, em certos dados linguísticos, a individualidade histórica do escrevente se manifesta por meio de marcas expressivas, como as que ele denomina de "fragmentação sintática" e "reconstituição do fluxo da fala", além de regularidades linguísticas que indicam uma aproximação entre interlocutores no texto escrito. Na complementação dessas dimensões consideradas por Corrêa, reconhecem-se também aquelas de caráter sintático-semântico. O "caráter fragmentário da sintaxe" será tratado, neste trabalho, assim como em Oliveira (2024), Silva (2024) e Lopes-Damasio e Silva (2025), como rastro da heterogeneidade da escrita e tomado como indício de uma sintaxe ancorada em práticas de oralidade e representativa da gênese da escrita. Propõe-se uma nova interpretação, na qual o "fragmentário" é redefinido, de forma não isolada, pois a sintaxe deixa de ser apenas "forma" e passa a ser um espaço de trânsito e movimentação de sentidos, no processo de textualização, conforme reconhecido teoricamente (Lopes-Damasio; Cardoso, 2024).

outras palavras, segundo o autor, o escrevente coloca os dois modos de realização da linguagem verbal, fala e escrita, em termos de igualdade.

O segundo eixo de observação caracteriza-se pela apropriação da escrita em seu estatuto de código escrito institucionalizado,[9] tomado como processo (sujeito aos movimentos da história e da sociedade) de fixação metalinguística da escrita pelas instituições sócio historicamente constituídas. Trata-se de uma caracterização inversa àquela do eixo da gênese da escrita.

Corrêa (1997, p. 271) observa que o tipo de mixagem que caracteriza o segundo eixo ocorre quando o escrevente toma o código escrito institucionalizado como referência, tendo como "pano de fundo" a sua visão do escrito/letrado. Em outras palavras, a representação que o escrevente faz do "código escrito institucionalizado" deve ser entendida como o efeito de sua própria imagem de um modo autônomo de representar a fala, em práticas de oralidade.

Para tanto, uma das tendências inferidas no segundo eixo fundamenta-se na compreensão, por parte dos escreventes, de que as convenções ortográficas, embora também se baseiem no critério da fala, não são por ele determinadas. O sujeito, então, ao escrever, partindo do que reconhece do letrado/escrito, supõe que seja possível transpor a fala para a escrita, enquanto modo de enunciação puro devido à "forma gráfica que o escrevente alcança para emitir o ato enunciativo" (Lopes-Damasio; Silva, 2025, p. 20). Desse modo, segundo Corrêa (2004, p. 166), o escrevente busca alcançar, no texto escrito, aquilo que imagina ser próprio e exclusivo da escrita, uma vez que representa a (sua) escrita, seu interlocutor e a si mesmo a partir de sua referência de código escrito institucionalizado, consolidado ao longo de sua trajetória como sujeito, que se constrói por individuação dialógica.

Tal percepção, por sua vez, leva os escreventes a estabelecerem um distanciamento entre a (sua) escrita e a (sua) fala:

> No que diz respeito ao modo pelo qual o próprio escrevente se apresenta em sua escrita nesse mesmo eixo de circulação dialógica, destaco: o caráter de reprodutor de uma prática instituída; a tentativa de alçamento à escrita culta formal e aos discursos estabilizados da instituição escolar; a auto-atribuição de uma posição, tendo em vista a suposição de lugares específicos para o letrado/escrito, tidos como institucionalmente definidos; a auto-atribuição de uma posição em relação à posição atribuída ao interlocutor no que se refere à língua (este último numa região mais prestigiada); e as indiciações metadiscursivas, por meio das quais o escrevente revela (em sua busca por alçamento, por tentativa de repetição ou por superação de um modelo) pontos salientes desse tipo de circulação dialógica (Corrêa, 2004, p. 167).

[9] Corrêa (2004, p. 10) afirma que o uso do termo "código escrito institucionalizado" não deve ser atrelado ao processo de codificação da língua pela escrita, à tecnologia da escrita (a escrita alfabética), nem, tampouco, à "decodificação" de um produto acabado. Com esse termo, pretende significar o processo de fixação metalinguística da escrita que perpassa várias instituições, sendo sujeito aos movimentos da história e da sociedade.

Em Corrêa (2004), ressalta-se que as marcas linguísticas, como objeto das indicações metadiscursivas, indiciam pistas utilizadas como fragmentos de interação capazes de abarcar várias dimensões da linguagem no esquema textual, como exemplo de diferentes recursos utilizados para a organização do texto. Nesse sentido, a diversidade de dimensões e a presença dessas marcas, resultantes da circulação do escrevente pelo segundo eixo, justificam-se, conforme aponta Corrêa (2004, p. 167), "pelo fato de tratar-se de uma representação do escrevente e não por revelar características da escrita em si".

Ao observar a relação do sujeito com o que imagina ser a escrita a partir do que reconhece como código escrito institucionalizado, Corrêa (2004, p. 224) perpassa aspectos que salientam as marcas das flutuações do escrevente em sua relação com o modelo de escrita.

Os recursos de organização textual empregados pelos escreventes podem se manifestar de forma instável, especialmente em pontos de individuação que indiciam flutuações decorrentes de tentativas de alçamento ou mesmo de ultrapassagens "em relação à variedade, ao registro ou ao gênero imaginado pelo escrevente como adequados à ocasião" (Corrêa, 2004, p. 225). Dessa forma, com base em Corrêa (2004), considera-se que, nesse segundo eixo, é possível identificar tais ocorrências, que apontam para a individuação histórica do sujeito. Esse fenômeno se expressa pelo movimento de reprodutibilidade, ao mesmo tempo em que deixa ver um ineditismo próprio, relativo à maneira como o escrevente representa a escrita já concebida como autônoma.

No entanto, essa autonomia, na prática, uma vez que não apresenta um modelo empírico claro, se reduz à suposição de que é possível transformar a fala/oralidade em escrita simplesmente pelo fato de que esta última pode ser representada graficamente (Corrêa, 2004, p. 271). Essa busca por um padrão direciona o escrevente a exceder-se ao considerar como texto, de fato, aqueles que carregam atributos inerentes à escrita. Nesse cenário, destaca-se a maneira pela qual o escrevente representa o código institucionalizado, que se torna a fundação para a maneira como ele imagina a sua própria escrita, seu interlocutor e a si mesmo.

Por fim, o terceiro eixo é definido pela dialogia entre o já falado-ouvido e escrito-lido, "por meio da qual o escrevente, embora aceite a sua escrita como ato inaugural, se sujeita às suas experiências orais e letradas, via fala e escrita, e, consequentemente, à emergência incontrolável da heterogeneidade das práticas sociais" (Lopes-Damasio, 2022b, p. 4). Essa heterogeneidade deixa-se ver nas pistas que indiciam a relação entre o sujeito, a escrita, o já-dito e seus projetos de dizer, no modo escrito de enunciação. Nas palavras de Corrêa (2004, p. 238), "este terceiro eixo está, pois, na base do processo de constituição da escrita e do sujeito escrevente, na mesma medida em que coloca o escrevente em relação com o outro". Nesse

terceiro modo de observar a circulação dialógica do escrevente, seguindo o autor, indicia-se o caráter fundamental do dialogismo na utilização da linguagem em geral e do modo de constituição da escrita. É por meio dessa relação que o escrevente se coloca em contato com "tudo quanto teve de experiência oral, como também com a produção escrita em geral" (Corrêa, 2004, p. 11).

Ao reconhecer o caráter essencial do dialogismo e admitir-se que a dialogia orienta qualquer utilização da linguagem, "a circulação pela imagem que o escrevente faz da (sua) escrita caracteriza-se como uma extensão da necessária dialogia estabelecida com outros textos" (Corrêa, 2004, p. 229). Assim, considerando o produto linguístico, conforme indicado por Corrêa, torna-se possível estabelecer relações entre discursos[10] resultantes de uma prática social, mediadas pela relação sujeito-linguagem-(inter)discurso,[11] as quais serão analisadas na seção seguinte sob a perspectiva das TDs.

Ao situar o eixo da dialogia com o já falado/escrito, indicia-se a noção de que os textos, construídos a partir da circulação imaginária do sujeito, podem ser compreendidos "como produto do já-dito" (Corrêa, 2004, p. 230) e que estes, segundo Corrêa, apoiado em Fiorin (1994), manifestam-se enquanto tradição pertencente ao discurso que, por sua vez, sempre mantém relação com o interdiscurso. Assim, considera-se que as relações entre o falado, o mundo e a escrita se dão no próprio produto linguístico "caracterizando não a representação escrita do mundo e do falado, mas a representação que o escrevente faz da relação escrita/mundo e escrita/falado" (Corrêa, 2004, p. 232).

Os três eixos se relacionam entre si numa interação dirigida pelo eixo 3, conforme o dialogismo constitutivo da linguagem. A respeito dessa interação entre os eixos, Corrêa (2004,

---

[10] A Teoria do Discurso pecheutiana concebe que o discurso não pode ser confundido com a fala nem com texto e conceitua-se para além de qualquer convenção comunicacional da linguagem (Orlandi, 2000, p. 21). Para tanto, o discurso é o efeito de sentido entre locutores. Nas palavras de Pêcheux, "[n]ão se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação [...]" (Pêcheux, 1990, p. 56).

[11] De acordo com Pêcheux e Fuchs (1997), "uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo por aquilo que aí é estritamente não-formulável, já que a determina", determinação que não provém de uma separação contínua e estanque entre um dentro e um fora, mas enquanto "exterioridade constitutiva" (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 178). Dito de outro modo, com base nessa formulação, o interdiscurso pode ser compreendido como o conjunto de dizeres exteriores que constituem e determinam uma formação discursiva. Quando os autores afirmam que uma formação discursiva é "constituída-margeada pelo que lhe é exterior", indicam que um discurso é delimitado por sentidos que vêm de fora dele — inclusive pelo que não pode ser formulado naquele espaço, mas que o determina. Assim, os sentidos não se originam no dizer presente: eles têm como matéria-prima discursos anteriores. Ao tomar a palavra, o sujeito evoca acontecimentos já discursivizados e estabelece relações com eles conforme as condições de sua (re)produção. Por isso, Pêcheux afirma ser impossível analisar um discurso como uma sequência linguística fechada sobre si mesma; é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis em um determinado estado das condições de produção (Pêcheux, 1997a, p. 79).

p. 238) afirma que o terceiro apresenta o papel de guardar a dimensão dialógica que permite a movimentação entre os três eixos e o de ser, ele mesmo, um polo de circulação. Corrêa (2004, p. 287) considera-o também como "um lugar privilegiado para se observar a relação do sujeito com a linguagem e, em particular, com a escrita" (2004, p. 287).

A interação entre os três eixos está intrinsecamente relacionada à imagem que o escrevente constrói de sua escrita. Nesse processo, a escrita destina ao escrevente limitações vinculadas ao imaginário sobre sua prática, caracterizando-se como um jogo de aceitação e recusa:

> (a) o escrevente aceita sua escrita como convenção exaustiva, mas ela se recusa a sê-lo, na medida em que é frequentemente atingida, desde o oral/falado, por novas intervenções em sua individuação histórica; (b) o escrevente a aceita como possibilidade de alçamento do indivíduo aos discursos estabilizados das instituições, mas ela se recusa a sê-lo, na medida em que está sujeita, por exemplo, ao jogo de "variedades de registro invariantes: o formal e o informal" (Lopes, 1993, p. 29) que caracterizam um aspecto da estabilidade instável de sua existência sócio-histórica; e (c) o escrevente tende a aceitá-la como ato inaugural, mas ela se recusa a sê-lo, no sentido em que é ligada ao já escrito (falado)/lido (ouvido) e, portanto, sujeita à emergência incontrolável da heterogeneidade típica das práticas sociais (Corrêa, 2004, p. 12).

Os três eixos estão relacionados à forma como o sujeito representa sua escrita, dentro de um imaginário marcado pelas relações constitutivas entre o oral/falado e o letrado/escrito. A interação entre esses eixos permite identificar o funcionamento de cada um em relação aos demais. Nessa perspectiva, os três eixos de representação estão interligados por um diálogo que possibilita a compreensão da escrita a partir do imaginário do escrevente, por meio de um espaço teórico-metodológico para a observação de sua inserção nas práticas sociais do falado/escrito. Desse modo:

> o processo de escrita está regulado pela circulação dialógica do escrevente, levada a efeito em função desses lugares de representação da escrita. Essa circulação dialógica é comandada pelo eixo da dialogia com o já falado/escrito, que, além da representação sobre o oral/falado e o letrado/escrito, é também o móvel de toda a circulação, uma vez que não se refere apenas ao modo de enunciação escrito, mas à presença do dialogismo em toda a linguagem. É, pois, na tentativa de associar o papel da representação a esse caráter de réplica da linguagem que utilizo expressões como "circulação dialógica pelo imaginário" ou, simplesmente, "circulação dialógica" para referir ao trabalho que o escrevente executa no processo de construção do texto (Corrêa, 2004, p. 14).

A partir dessa apresentação inicial da concepção de escrita adotada neste trabalho e, de modo mais específico, a partir do terceiro eixo, a seção seguinte se ocupará de apresentar, na linha de Lopes-Damasio (2019, 2022a/b), pressupostos que resultam de um diálogo crítico com o conceito de TD (Kabatek, 2005a/b). Ao mesmo tempo, a adoção desses pressupostos permite vislumbrar possíveis contribuições deste estudo, no conjunto daqueles desenvolvidos no âmbito do PP, às proposições acerca das formas de se observar, da perspectiva teórica e

metodológica, a réplica da linguagem, em sua dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido, a partir do conceito de TD.

## 2. Tradição Discursiva

Esta seção tem como objetivo apresentar os pressupostos teóricos que embasam, tradicionalmente, o conceito de TD, tal como proposto por Kabatek (2005a/b), a fim de, na subseção seguinte, apresentar os deslocamentos teóricos realizados à luz dos estudos de Lopes-Damasio (2022a/b, 2020, 2019), para a orientação de uma abordagem das TDs a partir da noção de escrita constitutivamente heterogênea, conforme Corrêa (2013, 2006, 2004) e Chacon (2021).

O conceito de TD surge na Linguística Histórica Românica, na década de 80, em estudos voltados à Filologia Pragmática, associado a uma perspectiva histórico-pragmática dos gêneros textuais, ligada à mudança linguística.[12] Para a construção desse conceito, parte-se da concepção coseriana de linguagem (Coseriu, 1982), apoiada no pressuposto de que a língua não é produto, não apresenta caráter de coisa feita, mas de "um conjunto de modos de fazer" (Coseriu, 1982).

No que se refere à concepção de linguagem, Coseriu (1981 *apud* Koch, 2008, p. 53) propõe três níveis do linguístico:

> (i) o universal, em que a linguagem, enquanto fato antropológico, é considerada, sem distinção histórica, representando aspectos universais genericamente humanos;
> (ii) o histórico, em que é considerada como língua particular, enquanto idiomas históricos (português, inglês etc.) que inclui também suas variedades e o saber idiomático; e
> (iii) o atual ou individual, em que a linguagem é considerada como "ato linguístico [...] de um indivíduo determinado numa situação determinada" (Coseriu, 1981, p. 272 *apud* Koch, 2008, p. 53).

O conceito de TD foi tema de muitos estudos, sobretudo na germanística. Nos anos 1960, esses estudos voltaram-se a investigar os tipos textuais ("Textsosten"), definidos por Peter Hartmann (1964) como "conjuntos de textos compartilhando determinadas características[13]". Nos anos seguintes, estudos voltados à textualidade, que possibilitaram a identificação de diferentes campos de análise, como demonstra Kabatek (2005a), atentavam-se aos elementos

[12] Nesses trabalhos, o conceito de TD parte da perspectiva da filogênese, ou seja, de considerações para o tratamento da mudança linguística na história das línguas, ao longo do tempo (em que "história" corresponde à perspectiva diacrônica). Os deslocamentos teóricos que serão aqui apresentados permitem sua adoção para a observação da perspectiva da ontogênese, considerando a "movimentação do sujeito na construção dos sentidos do (seu) texto e para a sua própria constituição enquanto sujeito", no processo de aquisição da escrita (Lopes-Damasio, 2022b, p. 22), conforme será apresentado neste trabalho, especificamente no capítulo 3 – Parte I.

[13] "Mengen von Texten mit bestimmten gemeinsamen Eigenschaften" (Hartmann, 1964, no original).

linguísticos (sintáticos e lexicais) e à descrição de conteúdo, de sua inserção situacional e de sua função ou finalidade comunicativa, derivada da ilocução dominante.[14]

Tomando como referência Coseriu (1982, 1981) e os estudos sobre o texto, Brigitte Schlienben-Lange (1983) apresenta a proposta que considera a pragmática histórica, relacionando-a à discussão sobre oralidade e "escrituralidade".[15] Desse modo, oferece fundamentos para o que, mais tarde, viria a ser o estudo sobre as Tradições Discursivas.[16]

Nos anos seguintes, o conceito de TD foi ampliado por Koch (1997) e Oesterreicher (1997), a partir da reduplicação do nível histórico coseriano. Assim, foram distinguidas duas dimensões históricas para a reavaliação da concepção de linguagem e seus níveis interligados, permitindo a localização do conceito de TD, no escopo desses mesmos níveis. Nessa perspectiva, a atividade do falar, direcionada a uma finalidade comunicativa específica, passaria simultaneamente por dois filtros: o da língua e o da TD. Dessa forma, os autores destacam a importância da reduplicação do nível histórico, estabelecendo, de um lado, o sistema e a norma[17] e, de outro, as TDs. Somente após atravessar esses filtros, a TD se concretiza no enunciado, produto do ato comunicativo, conforme ilustrado no esquema 1 apresentado por Kabatek (2006):

---

[14] Recupera-se de Austin (1962) a definição de ato ilocucionário a partir da teoria dos atos de fala. Nessa perspectiva, considera-se que a linguagem é constituída de intenções comunicativas, ou seja, a língua exerce um propósito comunicativo que rege a relação entre sujeito/sujeito e sujeito/mundo, realizando então uma ação (Austin, 1962).

[15] Tradução do alemão "Schriftlichkeit", termo que distingue a escrita (meio de expressão) da escrituralidade (concepção) (Koch-Oesterreicher, 1985 *apud* Kabatek, 2006, p. 507).

[16] Para Schlienben-Lange (1993, p. 19), existe uma história dos textos independentemente da historicidade das línguas e para que se chegue ao estudo desta, deve-se considerar aquela. Nos anos subsequentes, a história que se atentava a investigar para além das línguas passou a ser denominada de Tradições Discursivas. Considerando que, em cada um dos três níveis da linguagem (Coseriu, 1981), a significação é abordada de forma distinta, Schlienben-Lange (1983) propõe um novo olhar para o valor semântico atribuído a cada um deles. Para tanto, parte da concepção de que a atividade do falar, que possibilita a comunicação com o(s) outro(s) no mundo, existe em cada língua histórica. Em certas situações historicamente determinadas, a comunicação se dá por meio de textos, segundo Schlienben-Lange (1993, p. 18). A universalidade é preservada também no nível da língua histórica e do texto, uma vez que, neste, "a historicidade se faz presente na forma de tradições textuais historicamente transmitidas, de modo que se pode obter [...] o universal, o histórico e o individual" (Schilienben-Lange, 1993, p. 19). A autora afirma que, no que se refere ao nível da fala/individual, interessa "como o falante se refere ao mundo, como faz referência a objetos e estados de coisas" (Schiliben-Lange, 1993, p. 19). Já no nível das línguas históricas, interessa saber como o conteúdo se articula no nível dos textos e do seu sentido, atribuindo, desse modo, um dado tipo de semântica a cada um dos níveis.

[17] Contrapondo-se aos postulados de Sausurre, que assumia concepções formalistas advindas da dicotomia entre *langue* e *parole* e privilegiava a investigação das relações entre elementos linguísticos restritos ao interior de um dado sistema, Coseriu (1982) propõe três instâncias do linguístico: "sistema" enquanto conjunto formal e funcional de possibilidades linguísticas em uma determinada língua natural; "norma", por sua vez, enquanto conjunto que instaura um padrão, advindo de imposições sociais, históricas e culturais que favorecem o uso de determinadas possibilidades do sistema em detrimento de outras e essa perspectiva; e "fala" enquanto concretização dos atos linguísticos, concebida como a atualização individual do sistema e da norma.

**Esquema 1**: Tradições Discursivas




**Fonte**: Kabatek (2006, p. 4).

Kabatek (2005a) compreende a fala como uma atividade universal, cuja prática se dá por meio do atravessamento de "filtro de tradição duplo", em que a intenção do ato comunicativo precisa, necessariamente, estar alinhada à organização linguística "onde os signos são escolhidos, seguindo uma ordem adequada às regras sintáticas de uma língua particular", em consonância com um sistema comum de uma determinada norma. Ao mesmo tempo, seria necessário que essa norma se referisse "a uma ordem textual que atualiza determinadas tradições discursivas" (Kabatek, 2005b, p. 161).

Atos de fala, como a saudação "bom dia", empregada para cumprimentar alguém, exemplificam a esquematização da atividade do falar. Para que esse enunciado cumpra sua finalidade comunicativa não se recorre apenas ao acervo lexical e gramatical da língua, mas, também a uma tradição que vai além das regras linguísticas (Kabatek, 2005a). Em outras palavras, a saudação, enquanto enunciado concreto, é resultado do atravessamento concomitante do filtro do sistema e da norma, aqui no caso, do Português Brasileiro, e pelo filtro das TDs.

Kabatek (2005b) refina o conceito de historicidade, com o objetivo de abordar, sob diferentes perspectivas, o *status* das manifestações linguísticas na relação entre TDs e língua. Estabelece, assim, o papel da tradição na teoria linguística de Coseriu e sustenta a afirmação, proposta por Schlieben-Lange (1993),[18] de que não se pode falar em história das línguas sem falar, também, da história dos textos. Para tanto, considera três categorias relacionadas ao conceito de historicidade: (i) historicidade linguística; (ii) historicidade como tradição; e (iii) historicidade genérica (Coseriu, 1979 *apud* Kabatek, 2005a).

A historicidade linguística, para Kabatek (2005b), está relacionada à história de uma comunidade internalizada no indivíduo. Dessa forma, no contexto das línguas históricas, coexistem as técnicas do sistema, que englobam as possibilidades léxico-gramaticais da língua e as normas que correspondem às suas realizações tradicionais. O segundo tipo de historicidade

[18] A versão utilizada neste trabalho foi traduzida para o português por Tarallo e publicada em 1993.

refere-se às manifestações que se repetem na história. O objeto cultural, enquanto linguagem, manifesta-se em textos que se vinculam a outros por meio de uma relação de tradição. Essa tradição se estabelece pela repetição de traços formais, finalidades textuais e conteúdos específicos. Assim, a segunda historicidade abrange todas as manifestações culturais passíveis de repetição, incluindo as linguísticas. Por fim, a historicidade genérica concebe os textos tanto como eventos históricos quanto como parte de uma tradição. Essa terceira forma de historicidade diz respeito aos acontecimentos singulares, ou seja, ao texto em sua individualidade, visto enquanto um evento "irrepetível e único" (Kabatek, 2005b, p. 4).

De modo geral, a concepção de linguagem proposta por Coseriu (1978) e destacada nos estudos de Kabatek (2005b), ao estabelecer a distinção dos níveis de historicidade, possibilita uma abordagem da história das tradições que transcende a história das línguas, contribuindo, assim, para o aprofundamento teórico do conceito de TD.

Para Kabatek (2005a), o traço definidor de uma TD é, então, "a relação de um texto em momento determinado da história com outro texto anterior". Essa relação é pautada pela repetição de um texto que é, por sua vez, evocado no tempo. Kabatek (2005) define a evocação como o ato de experienciar, novamente, uma situação. Dito isso, para que se considere "bom dia", por exemplo, como TD, deve-se vivenciar uma situação tradicional de saudação. Assim, "o evento da repetição é o ato de repetir a forma ou expressão linguística evocada pela situação comunicativa" (Lopes-Damasio e Silva, 2025, p. 43). Para ilustrar a simultaneidade entre repetição e evocação, podem-se considerar situações habituais, como o encontro entre duas pessoas que evoca uma TD simples, como uma saudação.[19]

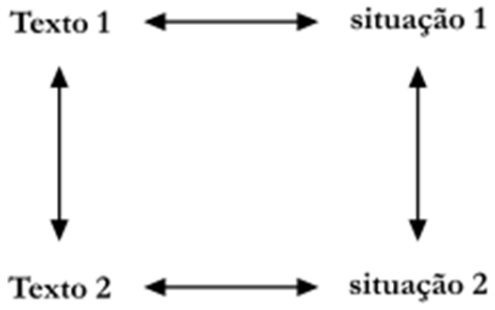
Porém, partindo do pressuposto de que nem todas as repetições de algo no tempo são, de fato, TDs, Kabatek (2005a) apresenta condições a serem observadas ao propor um traço definidor para o conceito: (i) uma repetição deve ser, exclusivamente, discursiva, ou seja, impreterivelmente linguística, desconsiderando, assim, as repetições não linguísticas. A título de exemplo, Kabatek (2006, p. 6) cita que "os anoiteceres podem-se considerar 'tradições' da natureza (ou de uma percepção da natureza) já que se repetem, mas não são tradições discursivas", por não serem linguísticas; (ii) nem todas as repetições, inclusive as linguísticas, consistirão uma TD, como exemplo tem-se a repetição de *a*, *é*, *que*, que não são considerados, de fato, TDs; (iii) a repetição de um conteúdo, mesmo quando fundamentada em uma finalidade

[19] A relação entre *repetição* e *evocação* pode ser observada, também, em situações mais complexas e institucionalizadas que podem evocar TDs mais elaboradas. Assim, não se reduzem a um enunciado/ato de fala. A essa afirmação, pode-se associar o objeto de pesquisa deste trabalho que se vale de textos narrativos e prescritivos escritos por integrantes do PEJA, em processo de aquisição da escrita.

comunicativa, não caracteriza uma TD se não estiver associada à evocação. Nesse sentido, "considerar a TD só desde o seu lado textual unicamente tem em conta um aspecto dela, precisamente o aspecto que nos interessa, mas que não é explicável sem a contrapartida que o evoca" (Kabatek, 2006, p. 6).

A partir dessas delimitações, chega-se à premissa de que a relação de tradição de uma TD tem duas faces: a TD propriamente dita e a constelação discursiva que a evoca, o que pode ser ilustrado pelo esquema 2:

**Esquema 2**: Evocação




**Fonte:** Kabatek (2006, p. 7)

A partir do esquema 2, a repetição, verticalmente marcada, integra concomitantemente o eixo horizontal, caracterizado pela evocação. É possível observar que "a concomitância de dois fatos definidores de TD permite completar o quadrado também em casos de ausência de um dos quatro elementos" (Kabatek, 2006, p. 7). Kabatek (2005a) exemplifica essa possibilidade da seguinte maneira: "se o encontro pela rua evoca a saudação, esta evocação funciona independentemente de a saudação ser pronunciada ou não. Mas o 'não-saudar' terá então uma função particular". Ao considerar, nesse caso, o caráter pragmático dos fenômenos evocação e atualização, mencionados no parágrafo anterior, Kabatek (2005a, p. 7) direciona o olhar para a função particular que o "não-enunciar"[20] desempenha, já que "o silêncio adquire significado precisamente em relação a uma tradição discursiva evocada, mas não enunciada", sendo possível, ocorrer, também, de maneira contrária: "pronunciar uma saudação fora de uma situação correspondente evoca tal situação, e buscar-se-á o sentido desse enunciado em relação à situação evocada".

[20] Associam-se, neste ponto, os textos narrativos e prescritivos escritos por integrantes do PEJA, em processo de aquisição da escrita, que, de certa maneira, apontam, repetidamente, para a "falta de algo" no texto/no ato enunciativo, mas que, do mesmo modo, fazem valer o esquema repetição e evocação proposto por Kabatek (2005a), indiciando, dessa forma, que o silêncio significa, ainda que pela ausência do evocado. Nessa perspectiva, o que não se mostra explícito nos textos analisados pode ser presumido por corresponder ao que é tradicional, e, portanto, parte do esquema repetição-evocação.

Em suma, o conceito de TD pode ser definido como:

> a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (Kabatek, 2006, p. 7).

Kabatek argumenta que, no contexto do espaço teórico proposto, a TD assume o valor de signo, uma vez que "além de seu valor proposicional também transmite uma referência à tradição concreta" (2006, p. 8). Em outras palavras, trata-se de reconhecer que uma TD se relaciona diretamente com uma realidade ou situação concreta de tradição.[21]

Assim, a primeira consequência que se infere do conceito de TD é a de que, segundo o autor, uma TD não se limita a ser um enunciado qualquer, mas se configura como um ato linguístico que vincula um texto a uma realidade concreta, ou seja, ao seu valor de signo. Nessa perspectiva, por exemplo, a expressão "bom dia" não é apenas uma simples saudação, mas "uma referência à tradição dessa saudação concreta". Dessa forma, uma TD não se restringe a um enunciado isolado; ao contrário, constitui-se como "um ato linguístico que relaciona um texto com uma realidade, uma situação, etc., mas também relaciona esse texto com outros textos da mesma tradição" (Kabatek, 2006, p. 8).

Uma segunda consequência apontada por Kabatek (2006) diz respeito ao caráter composicional das TDs. A composicionalidade tradicional sustenta o pressuposto de que uma TD pode integrar em si múltiplas TDs. Esse fenômeno ocorre, por exemplo, quando um texto evoca simultaneamente tradições múltiplas, as quais se estabelecem, segundo Kabatek (2006), em dois eixos: o paradigmático e o sintagmático. Para caracterizar o eixo paradigmático, considera-se a premissa de que uma TD não é um texto repetido da mesma maneira, uma vez que pode ser observada, também, como "uma forma textual ou uma combinação particular de elementos" (Kabatek, 2006, p. 9). Assim, um texto pode integrar múltiplas TD, como exemplificado por sua manifestação no eixo paradigmático, que se caracteriza pela "concomitância de referências a diferentes TDs em uma mesma porção de texto" (Kabatek, 2006, p. 9). Por outro lado, há a composicionalidade sintagmática, caracterizada, conforme Kabatek (2006), pela sucessão de elementos ou subtextos ao longo do texto, ou seja, textos não são produtos homogêneos e podem indiciar a composicionalidade sintagmática. A título de

[21] A noção de TD enquanto signo será retomada, de forma crítica, na sequência deste capítulo, na qual serão apresentados os deslocamentos teóricos para aplicabilidade do conceito no contexto específico deste trabalho.

exemplo, Kabatek (2006) ilustra esse eixo com o romance Ulisses que “joga com uma sucessão de diferentes TD no transcurso de um texto longo” (Kabatek, 2006, p. 9).

A partir dos pressupostos que fundamentam o conceito de TD, ancorados ao legado teórico de Coseriu (1981, 1982), cuja concepção tripartida da linguagem considera, além dos níveis individual e universal, o nível histórico, no qual as línguas particulares são concebidas como sistemas de significação, foi possível compreender que existe uma história dos textos para além da história das línguas, sendo essas tradições dos textos denominadas TDs. Por sua vez, a partir da proposta que diz respeito à concepção de escrita constitutivamente heterogênea, adotada neste trabalho, e, de modo mais específico, da observação da circulação do escrevente pelo eixo três, do dialogismo da linguagem, propõe-se apresentar, na seguinte subseção, considerando os trabalhos de Lopes-Damasio (2025, 2022a/b, 2019), um diálogo crítico com o conceito de TD (cf. Kabatek 2005a/b), tal como apresentado nesta seção. Os pressupostos resultantes desse diálogo serão tomados para a fundamentação da forma de observar, teórica e metodologicamente, nesta dissertação, a réplica da linguagem, em sua dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido.

## 2.1 Tradição discursiva à luz da heterogeneidade da escrita

O conceito de TD apoia-se, como explicitado na seção anterior, na ideia de que a linguagem não é produto, mas atividade. Desse modo, enquanto atividade criadora, a linguagem não apresenta caráter “acabado”, de “coisa feita”, mas de um conjunto de “modos de fazer” (Coseriu, 1982), num “sistema de produção que surge, apenas em partes, como produtos materializados linguisticamente, reconhecíveis como textos falados/escritos” (Lopes-Damasio, 2019, p. 153).

A noção de texto segue a perspectiva adotada por Corrêa (2007), de acordo com a consideração da linguagem como acontecimento e não adequação, e a de processo de textualização, caracterizado como acontecimento, não acabado senão na relação entre falante/ouvinte, autor/leitor. Nessa perspectiva, o(s) sentido(s) de texto se dá(dão) na experiência desse acontecimento, em que experiência deve ser tomada enquanto “retomada do já-experimentado, da memória do já-dito/escrito e do já-ouvido/lido, mas também como novidade da reatualização, em consonância com o conceito de TD” (Lopes-Damasio, 2019, p. 154).

Ao estabelecer diálogo entre as concepções de TD e de heterogeneidade constitutiva da escrita, Lopes-Damasio (2019) faz ressalvas quanto aos níveis de Coseriu:

> (i) quanto ao nível *histórico*, reconhece-se que só existe história no nível *atual*, assim como se reconhece que ela só existe porque o ato linguístico nunca é individual; e (ii) quanto ao entendimento do nível *atual*, a que deve estar subjacente a ideia de sujeito da linguagem não como indivíduo, mas como *individuação* [...]. Nesse sentido, falar/escrever significa recorrer ao que tradicionalmente está instituído, do ponto de vista do idioma e das sucessivas atualizações de uma forma discursiva, e colaborar para a constituição dessa tradição, num diálogo complexo entre já-dito e novos projetos de dizer (Lopes-Damasio, 2019, p. 153).

Conforme Kabatek (2005a), uma TD articula-se à forma e ao conteúdo, resultando de uma combinação essencial de elementos linguísticos que se repetem em situações concretas de comunicação e uso. O autor argumenta que a constituição de uma TD pode ser analisada com base em aspectos significativos, formais ou de conteúdo, desde que se estabeleça uma relação entre tradição e atualização. Tal conexão manifesta-se por meio de relações semióticas entre enunciados fundamentadas em elementos linguísticos ou em características textuais que emergem a partir de uma interação concreta.

Nesse cenário, destaca-se o diálogo entre a TD, o já-dito, o que se diz e os projetos de dizer, de acordo com o entendimento de acontecimento discursivo fundamentado em Pêcheux (1990): "uma vez que aponta para trás e também para frente, mediante a relação existente, a cada ato discursivo, entre memória e atualidade" (Lopes-Damasio; Silva, 2025, p. 43). Da mesma forma, Lopes-Damasio (2022a/b) destaca que as TDs podem evocar, também, umas às outras através da constelação discursiva existente. Por essa razão, concebe-se que a discursividade histórica atua como fator inerente à subjetivação, visto que, ao movimentar-se pelas TDs, o sujeito se constitui nelas e por elas.

Para conceber essa relação e compreender o funcionamento de uma TD, considera-se, também, o princípio dialógico como seu fator regulador (Corrêa, 2004), uma vez que depende dos movimentos de "reprodutibilidade", no que se refere à repetição de TDs, e de "ineditismo", considerando traços da individuação histórica que o sujeito imprime sob a tradição que, ao repetir, também evoca (Lopes-Damasio; Silva, 2025, p. 44).

Ao propor um diálogo crítico com a proposta de Kabatek (2005), Lopes-Damasio (2019) permite reconhecer, por fim, que:

> a expressão *tradição* estará relacionada à *historicidade*, abarcando textos e fórmulas/expressões que caracterizam gêneros institucionalizados e atos de fala fundamentais; e estará relacionada à *experiência*, no sentido do já sabido dessas relações. A expressão *discursiva* estará relacionada não só à qualificação das tradições como *linguísticas*, a fim de abarcar todo tipo de tradição do falar/escrever, conforme Kabatek (2005), mas também à qualificação das tradições como *acontecimento*, que guarda, a cada realização, uma novidade dada no modo como se realiza aquela prática (Lopes-Damasio, 2019, p. 154).

Nesse sentido, a linguagem é considerada como modos de fazer (processo), o que significa considerá-la como sistema de produção, em TDs tomadas, ao mesmo tempo, como

matéria e produto de sua produção (Lopes-Damasio, 2019). Para isso, parte-se de produtos materializados linguisticamente e reconhecíveis em textos considerados na relação falado/escrito e oral/letrado, enquanto escrita constitutivamente heterogênea.

Considerando o "princípio da composicionalidade tradicional", proposto por Kabatek (2005a), apresentado na seção 2 deste capítulo, destaca-se, seguindo os estudos de Lopes-Damasio (2014), que as composicionalidades paradigmática e sintagmática são responsáveis pelas *mesclas* de TDs, caracterizando, também desse modo, a heterogeneidade dos textos. Aponta-se, assim, para o conceito de ruínas de gêneros discursivos, num novo diálogo com Corrêa (2006; 2004), estabelecido a partir da ideia de intergenericidade, entendida como "[...] partes mais ou menos informes de gêneros discursivos, que, quando presentes em outro gênero, ganham o estatuto de fontes históricas – retrospectivas ou prospectivas – da constituição de uma fala ou de uma escrita" (Corrêa, 2004, p. 209).

Dessa forma, ao movimentar-se por TDs, o sujeito deixa rastros de sua circulação indiciando o princípio de composicionalidade paradigmática e sintagmática (Lopes-Damasio, 2016). Nessa perspectiva, ao considerarem a heterogeneidade mostrada e constitutiva como uma condição do discurso, ressalta-se que "as *mesclas* de TDs, no eixo sintagmático, não excluem as *mesclas de TDs* no eixo paradigmático" (Lopes-Damasio; Silva, 2025, p. 156). Do mesmo modo, sustentam o pressuposto de que o próprio termo *mescla* não se restringe apenas a observar TDs distintas que se mostram na superfície linear da materialidade linguística, mas, aponta, também, para "TDs diferentes que constituem o texto nessa diferença, num espaço que, linguisticamente, configura-se como efeito do heterogêneo na língua" (Lopes-Damasio; Silva, 2025, p. 156).

Em suma, a escrita resulta da circulação do escrevente pelos três eixos de representação de seu imaginário: sobre sua escrita, sobre o interlocutor e sobre si mesmo. Esses eixos apontam para uma relação contínua entre sujeito e linguagem, permitindo que se observe e caracterize, assim, a heterogeneidade da escrita (Corrêa, 2004),

O conceito de TD, à luz da heterogeneidade constitutiva da escrita, apoia-se na ideia de que a linguagem não é produto, mas atividade, reconhecida como *processo*, ancorado nos pressupostos de que: (i) a expressão *tradição* está ligada à historicidade, abrangendo textos, fórmulas e expressões que caracterizam gêneros e atos de fala essenciais, enquanto também se conecta à experiência, ao "já sabido" dessas relações; e (ii) a expressão *discursiva* não só qualifica as tradições como linguísticas, abrangendo todo tipo de prática de falar/escrever, conforme Kabatek (2005a), mas também como *acontecimentos*, em que cada realização traz

uma *novidade*, gerada pela forma como a prática discursiva se concretiza (Lopes-Damasio, 2020; 2019).

Recupera-se, aqui, a noção de texto proposta por Corrêa (2007), que concebe a linguagem como acontecimento, e não como adequação, bem como a noção de *processo de textualização*, caracterizado como acontecimento que não se completa senão na relação entre falante/ouvinte e autor/leitor. Retoma-se, neste ponto, a noção de escrita como constitutivamente heterogênea (Corrêa, 2013, 2004), já apresentada neste capítulo, compreendida, conforme propõe o autor, sob uma perspectiva discursiva para a qual se torna indispensável seu *caráter movente*.

Nessa perspectiva teórica, Lopes-Damasio (2025) considera que a TD ocupa lugar no texto ao focalizar a produção textual como processo de textualização e ao relacionar o texto ao intra e ao interdiscurso, colocando-o em contato com as práticas do já falado/escrito, "enquanto aquilo que é repetição/experiência e é acontecimento/novidade, a partir de um denominador comum, que é histórico" (Lopes-Damasio, 2025, p. 7).

Nessa perspectiva, a TD perde seu valor de signo, pressuposto afirmado por Kabatek (2005), uma vez que o signo tem significado e significante definidos enquanto produto acabado, e passa a ter seu valor no processo de textualização. Nesse processo, a significação é intrínseca ao sentido enquanto "efeito do funcionamento da língua constituída historicamente" (Lopes-Damasio, 2025, p. 8).

**Apontamentos finais**

Este primeiro capítulo apresentou a delimitação do espaço teórico que fundamenta a noção de escrita constitutivamente heterogênea (Corrêa, 2004, 1997; Chacon, 2021) e, na sequência, apresentou o diálogo crítico proposto por Lopes-Damasio (2025, 2022a/b, 2020, 2019), ao conceito de TD (Kabatek, 2006, 2005a/b).

Inicialmente, apresentou-se o conceito de escrita heterogênea e, em seguida, a proposição de sua observação a partir de três eixos de representação da circulação do escrevente pela (sua) imagem de escrita. Posteriormente, apresentou-se o conceito de TD, conforme Kabatek (2005a/b), à luz dos estudos de Lopes-Damasio (2022a/b, 2019), a fim de estabelecer um diálogo crítico que o compreende como uma possibilidade teórica e metodológica de observar a réplica da linguagem em sua dialogia com o já falado/escrito e o já ouvido/lido, ou seja, como proposta de observação linguístico-discursiva do terceiro eixo de circulação do escrevente.

Neste trabalho, a escrita é definida (cf. Corrêa, 2004, 1997) como o encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerando a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido, num espaço metodológico, construído por meio de três eixos de representação da escrita, abertos à observação da circulação do escrevente pelas práticas orais/faladas e letradas/escritas. O primeiro eixo, da gênese da escrita, refere-se ao modo de constituição da escrita em sua suposta gênese, de acordo com o que se entende por escrita como a representação da fala, em práticas de oralidade, e diz respeito aos momentos em que o escrevente plasma fala e escrita. O segundo eixo, do código escrito institucionalizado, refere-se aos momentos em que o escrevente toma a escrita a partir do que imagina ser o modo já autônomo de representar a oralidade, e diz respeito, assim, aos momentos em que o escrevente orienta a sua escrita a partir desse "modelo" de escrita. Por fim, o terceiro eixo, do dialogismo entre o já falado/ouvido e escrito/lido, refere-se aos momentos em que o escrevente se submete às experiências orais e letradas por meio da fala e da escrita e, consequentemente se sujeita à emergência incontrolável da heterogeneidade das práticas sociais.

A circulação do escrevente é dirigida pelo terceiro eixo, que se refere, de modo geral, à presença do dialogismo em toda a linguagem, e ao qual se associou o conceito de TD, a partir de um refinamento da proposta de Kabatek (2005a/b), conforme os estudos de Lopes-Damasio (2025, 2022a/b, 2020, 2019).

Nos trabalhos de Kabatek (2006, 2005a/b) o conceito de TD, originalmente desenvolvido no âmbito da Linguística Histórica Românica, baseia-se em uma abordagem centrada na historicidade do texto, definido, por sua vez, enquanto repetição de uma maneira particular de escrever e falar que, a partir de uma combinação de elementos linguísticos, em situações concretas de comunicação/uso, se repetem. Assim, a concretização dessas repetições produzirá significado (Kabatek, 2006, p. 7).

Neste estudo, adota-se uma perspectiva que privilegia a historicidade discursiva (cf. Lopes-Damasio, 2022a/b; Corrêa, 2004) em sua relação de tradição e atualização, sócio-historicamente determinada, a partir de um diálogo crítico com a proposta de Kabatek (2005a/b). Desse modo, em consonância com Lopes-Damasio (2022a/b), a apreensão de uma TD pode ser tomada como parte que integra o processo de subjetivação de um sujeito que, ao movimentar-se pela escrita, se submete à transformação e à mudança nesse processo. Dessa forma, ao tomar a materialidade do modo escrito de enunciação, constitutivamente heterogêneo, mobiliza-se o conceito de TD para, primeiramente, compreender a heterogeneidade da escrita e, de modo específico, compreender a aquisição da escrita.

Assim, a partir do espaço teórico apresentado, o capítulo seguinte direcionará um olhar para a aquisição da escrita, a começar pelas marcas linguísticas da circulação do sujeito por práticas orais e letradas.

# CAPÍTULO 2
# AQUISIÇÃO DA ESCRITA E TRADIÇÃO DISCURSIVA

## Considerações iniciais

Neste capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam a noção de aquisição da escrita assumida no presente trabalho, Lemos (1998), no que diz respeito à captura do sujeito pelo funcionamento linguístico-discursivo, enquanto transformação e mudança que operam na relação sujeito-objeto como efeitos do funcionamento simbólico da linguagem (Lemos, 1998). Este capítulo objetiva também colaborar com um diálogo crítico, inaugurado em Lopes-Damasio (2019), e desenvolvido nas pesquisas do PP (Carvalho, 2025; Silva, 2024; Oliveira, 2024), entre tal forma de conceber a aquisição da escrita e o conceito de TD (Kabatek, 2005), partindo do princípio fundamental de que é a escrita, definida como constitutivamente heterogênea (Corrêa, 2004), a aqui focalizada em aquisição.

Ainda que ancorado em Lemos (1998), este trabalho direciona o olhar para o processo de aquisição experienciado por adultos no contexto do PEJA (UNESP/Assis-SP). Conforme aponta Oliveira (2024, p. 69), não se trata de uma "transposição dos estudos acerca da aquisição da escrita infantil para a aquisição da escrita pelo adulto, mas de um desdobramento de um recorte teórico" dos trabalhos realizados no GPEL, inicialmente voltados à escrita infantil. O efeito do desdobramento dos dados empíricos é, portanto, uma ampliação da discussão teórica neles ancorada.

De acordo com a fundamentação teórica que orienta este trabalho, em que a fala constitui a escrita e a escrita constitui a fala, de forma intrínseca às práticas orais e letradas em que emergem como atos enunciativos (Chacon, 2024, 2021; Corrêa, 2004), permite-se, de acordo com Lopes-Damasio (2022a/b) e Lopes-Damasio e Pedro (2024), assumir proposições teóricas de acordo com a proposta de Lemos (1998). Para além desse trabalho de Lemos, voltado exclusivamente à aquisição da escrita, outros dos seus trabalhos, relacionados à aquisição de linguagem, a partir da análise de dados de fala, são do mesmo modo fundamentais para a construção da concepção de aquisição da escrita assumida aqui, uma vez que se adota a concepção de escrita apresentada há pouco – em que a fala e a escrita são atos enunciativos heterogêneos. Reconhecida essa relação entre aquisição da fala e da escrita, recuperam-se, inicialmente, os pressupostos básicos, segundo Lemos (1986), acerca do tratamento da aquisição da linguagem, com ênfase nas teorias interacionistas.

Conforme Lemos (1986), o "interacionismo", sob a perspectiva piagetiana, se refere à interação entre o ambiente e o indivíduo e tem como intuito explicar aspectos cognitivos, que,

indiretamente, se associam à linguagem. Por outro lado, nas abordagens que se baseiam nas ideias de Vygotsky (1996), o termo enfatiza a interação com o mundo, mediada pelo outro, como fator determinante para o desenvolvimento da linguagem, com enfoque no social. Embora o termo "interacionismo" seja reconhecido nos trabalhos de Wallon, Piaget e Vygotsky e seja aplicável, mais popularmente, tanto "às obras de Vygotsky quanto às de Piaget, é a deste último que, tradicionalmente, se faz referência quando se trata de interacionismo nos estudos em Psicologia do Desenvolvimento" (Lemos, 1986, p. 232).[22] Sob a mesma premissa a origem dessa terminologia "está obviamente nas mesmas condições sócio-históricas que determinaram a trajetória para o sucesso ou para o quase esquecimento de cada um desses três autores" (Lemos, 1986, p. 232). Como a citação sugere, não é adequado considerar os trabalhos de Piaget e Vygotsky como "interacionistas" de forma indiscriminada.

A vertente interacionista vygotskyana, por sua vez, considera que o "outro" desempenha um papel fundamental nesse processo. Vygotsky (1991) sustenta o pressuposto de que as funções mentais são construídas ao longo da história do sujeito em interação com o mundo e mediadas pelo "outro". Nesse contexto, o autor argumenta que a aprendizagem pode ser definida como a maneira pela qual os indivíduos adquirem novos conhecimentos decorrentes de um processo integrado que possibilita uma transformação qualitativa na estrutura mental (Vygoskty, 1996).

Embora o paradigma vygotskyano atribua um novo viés investigativo à relação eu–outro, qualificá-la como mera mediação entre a criança e a linguagem é "insuficiente e impróprio", uma vez que "a atividade interpretativa do adulto, gerada pelas matrizes sócio-históricas em que ele próprio foi interpretado, é condição de sua própria constituição como sujeito da sua relação com a criança" (Lemos, 1986, p. 151).

Dessa forma, ao destacar a polissemia do termo interacionismo nos estudos sobre aquisição da linguagem, Lemos (1986) destaca o elemento central que articula as abordagens interacionistas como sendo a condição natural atribuída ao processo de aquisição da linguagem. Com o intuito de problematizar essa "suposta naturalidade", presente nas concepções de Piaget e de Vygotsky, Lemos (1986) adota uma perspectiva segundo a qual a linguagem é concebida como atividade do sujeito, considerando os processos dialógicos implicados e entendendo-a como um processo de subjetivação.

[22] De acordo com Lemos (1986), a proposta piagetiana concentra-se no estudo das estruturas cognitivas do sujeito, orientando-se para investigações sobre o conhecimento. Em outras palavras, o "interacionismo" piagetiano entende que o processo de aquisição da linguagem está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento da inteligência da criança. Nesse sentido, a concepção de aquisição da linguagem fundamenta-se na ideia de que o conhecimento é obtido por meio de estágios de desenvolvimento humano a serem superados.

Para o desenvolvimento das ideias apresentadas aqui introdutoriamente, a organização deste capítulo se dá da seguinte maneira: a seção 1 se encarregará de apresentar o campo conceitual traçado por Lemos (2002, 2000, 1998) no que se refere à aquisição da linguagem sob viés (sócio)interacionista; a subseção 1.1 apresentará, segundo Lemos (2002, 2000), as relações entre o sujeito, o outro, a língua, considerando a *transformação* e a *mudança* que emergem nesse processo; a subseção 1.2 ilustrará os pressupostos de Lemos (2002, 2000, 1998), considerando a entrada do sujeito na escrita, no processo de aquisição, à luz das noções de *transparência* e *opacidade*; por fim, a seção 2 apresentará relações teóricas entre o conceito de TD e a aquisição da escrita a partir de Longhin-Thomazi (2011a/b), Longhin (2014) e Lopes-Damasio (2025, 2022a/b, 2020, 2019, 2014).

## 1. Aquisição da linguagem: campo conceitual

Esta seção, cujo objetivo é apresentar pressupostos que orientam o (sócio)interacionismo em aquisição da linguagem, aborda a aquisição, com base na proposta de Lemos (2002, 2000, 1998), sob uma perspectiva estrutural da língua, para o tratamento de seu funcionamento simbólico, que antecede e constitui o sujeito. Distancia-se, assim, da concepção que toma o sujeito como origem do dizer e focaliza a *mudança*/*transformação* do sujeito no/pelo funcionamento simbólico da linguagem. Dessa forma, essa proposta abandona a perspectiva diacrônica e linear para adotar uma abordagem estrutural, na qual já não se enfatizam as ideias de construção e desenvolvimento, mas a de transformação/mudança. Conforme Lemos (2002), destaca-se o constante movimento recíproco entre o sujeito, o outro e a linguagem, em uma relação de constituição no processo de aquisição da linguagem que se estende ao processo de aquisição da escrita.

Nesse contexto, Lemos (2002) privilegia o entendimento da aquisição da linguagem como um processo de subjetivação mediado pela língua na relação entre o outro, a língua e o próprio sujeito. A autora concebe a "criança como capturada por um funcionamento linguístico-discursivo que não só a significa, como também lhe permite significar outra coisa, para além do que a significou" (Lemos, 2002, p. 55). Essa "captura", por sua vez, constitui uma forma abreviada de referência aos processos de subjetivação implicados na aquisição da linguagem, na medida em que o sujeito é "capturado" pela linguagem, ou seja, submetido ao seu funcionamento (Lemos, 2002). Conceber a aquisição como um processo de subjetivação

"significa colocar a anterioridade lógica da linguagem relativamente a um corpo pulsional que é por ela capturado e significado" (Lemos, 2000, p. 55).[23]

Para a autora, a respeito do caráter fragmentado dos enunciados cronologicamente iniciais da criança e de sua "dependência da fala/interpretação do outro", não significa assumir um "antes da língua", uma vez que há "desde sempre uma língua em funcionamento", o que determinaria um processo de subjetivação, afastando-se de uma "coincidência" entre a fala da criança e a do outro (Lemos, 2002, p. 57). Essa perspectiva, fundamentada tanto na "alteridade radical da língua relativamente ao organismo", quanto na "consideração daquilo que, na fala da criança, aponta para um sujeito que, ao se constituir na língua, por ela é dividido" (Lemos, 2002, p. 55), representa, segundo Lemos (2000, 2002), uma alternativa à noção de desenvolvimento.

Dessa forma, conhecendo, aqui, o escopo teórico em que este trabalho se baseia – o da não dicotomização entre fala e escrita –, adotam-se as mesmas concepções sobre a aquisição da linguagem [fala] para compreender a aquisição da escrita, levando em conta sua constituição heterogênea: são, em ambas, concebidas como processos de subjetivação, fundamentados em uma proposta teórica de inspiração linguística e psicanalítica (cf. Lemos, 2000), que se contrapõe à concepção psicológica de desenvolvimento.

A subseção seguinte dedicar-se-á a apresentar a proposta de Lemos (2002, 2000) sobre a singularidade do sujeito no processo de aquisição da fala, considerando a mudança de posição da criança nesse processo.

## 1.1 Entre o outro, a língua e o sujeito: mudanças na aquisição da linguagem

Esta subseção apresenta os pressupostos de Lemos (2002, 2000) acerca do processo de aquisição da fala que observa a relação entre o outro, a língua e o próprio sujeito no *movimento* e na *mudança* que emergem nesse processo. Ao observar a fala infantil, Lemos (2000) busca uma postura teórica que se distancia da noção de desenvolvimento cronológico e linear na interpretação do processo de aquisição da linguagem, conforme introdução deste trabalho:

> trata-se, ao contrário, de mudanças consequentes à captura da criança, enquanto organismo, pelo funcionamento da língua em que é significada como sujeito falante, captura esta que a coloca em uma estrutura a qual, enquanto estrutura, é incompatível com a interpretação de que há um desenvolvimento, isto é, mudanças de um estado de conhecimento conceituado como individual (Lemos, 1999, p. 01).

[23] A expressão "corpo pulsional", a que Lemos se refere, baseada em Lacan (1966), pode ser compreendida como o "que demanda interpretação", isto é, corpo que, "articulado na e pela linguagem", se acha no regime da demanda e do desejo (Lemos, 2000).

Ao observar a maneira pela qual se constitui a fala infantil, Lemos (2002) questiona a proposição que considera a língua como "um objeto de conhecimento parcelável, cujas unidades, categorias, regras ou estruturas possam ser ordenadas segundo graus de complexidade definidos relativamente a uma suposta natureza do aprendiz" (Lemos, 2000, p. 56). E, assim, assume, em contrapartida, a fala da criança como "heterogênea" e "imprevisível", e, por isso, "impossível de ser descrita em categorias linguísticas, visto que fragmentos da fala do outro comparecem na fala da criança como enunciados atípicos" (Lemos, 2000, p. 57).

Interessa destacar que "acerto" e "erro", geralmente concebidos, respectivamente, como indício de conhecimento e falta deste, resultam "na eliminação disso que a fala da criança revela"[24], a saber, a dialética entre alienação e separação relativamente à fala do outro. Assim, os "erros" passam a ser considerados, não como indícios de não-saber, mas como indícios de transformações/mudanças nessas posições "por processos de reorganização de formas anteriormente adquiridas" (Lemos, 2000, p. 58).

A fala da criança, enquanto manifestação linguística, não apenas indicia o funcionamento da língua, mas também o outro e o próprio sujeito, como efeito de uma relação de interdependência entre essas instâncias (Lemos, 2000). Nesse contexto, a fala não pode ser compreendida de maneira simplista como produto isolado ou como algo que se organiza de forma unidirecional.

A ideia de linearidade, frequentemente implicada quando se atribui o papel de mediador ao outro ou no reconhecimento da fala do outro como um simples *input*, falha ao deixar de capturar a complexidade das interações que se dão nesse processo. Lemos (2002) assume, assim, que o processo chamado de aquisição da linguagem deve ser compreendido como transformação e mudança de posições dentro de uma estrutura composta por três polos: o do outro (enquanto instância representativa da língua), o da língua (em seu funcionamento) e o da própria criança (Lemos, 2002).

Essa concepção de mudança se distancia, assim, da noção tradicional que aponta para uma ordenação cronológica linear, como uma sequência de "estágios a serem superados" e assume uma lógica estruturalista que supõe a "dominância de um dos polos em uma determinada posição do processo de subjetivação" (Lopes-Damasio; Silva, 2025, p. 30).

Dessa forma, abandona-se a perspectiva diacrônica para adotar uma abordagem estrutural, na qual já não se concebem mais as ideias de construção e desenvolvimento, mas a de transformação/mudança. Em outras palavras, distancia-se da noção tradicional de

[24] Considerando o capítulo I, desta Parte I, o termo "revela" é aqui entendido como "indicia", conforme os trabalhos de Chacon (2021) e Corrêa (2004).

desenvolvimento entendida como construção progressiva e cumulativa de conhecimentos, perspectiva associada ao construtivismo e à ideia de superação linear de estágios. Em lugar dessa ordenação cronológica, assume-se uma lógica estrutural, segundo a qual o processo de aquisição implica mudanças de posição do sujeito em uma estrutura relacional. Assim, conforme Lemos (2002) trata-se de reconhecer a dominância de um dos polos em determinada posição do processo de subjetivação.

Conforme a autora, destaca-se o constante movimento recíproco entre o sujeito, o outro e a linguagem, em uma relação de constituição no processo de aquisição da linguagem que pode ser direcionada, da mesma maneira, ao processo de aquisição da escrita.

Retomando o pressuposto da mudança no processo de aquisição da linguagem, a primeira posição é marcada, segundo Lemos, pela dominância do polo do outro. Em outras palavras, a autora aponta para a alienação da fala da criança à fala do outro. Nessa posição, as relações entre os significantes advindos desse outro indiciam o funcionamento da língua e apontam para um sujeito que se mostra no processo de subjetivação, isto é, "um sujeito emergente no intervalo entre os significantes do outro" (Lemos, 2002, p. 58).

No que se refere, ainda, a essa primeira posição, particularmente quanto ao caráter fragmentado dos enunciados e à dependência da fala/interpretação do outro, Lemos (2002) ressalta que os termos "fragmentação" e "dependência" não implicam admitir "a existência de um "antes da língua", tampouco se referem ao resultado de uma "assimilação do tipo reprodutivo relativamente aos enunciados do outro". Trata-se, na realidade, de indícios de que "há, desde sempre, uma língua em funcionamento, o que determinaria um processo de subjetivação que, por sua vez, inviabiliza pensar em uma coincidência entre a fala da criança e a do outro" (Lemos, 2002, p. 57).

A segunda posição é marcada pela predominância do polo da língua, caracterizando-se por "deslocamentos e construções associativas de significantes já conhecidos pela criança" (Lemos, 2002, p. 59). Nessa posição, costuma-se atribuir ao "erro" uma condição preliminar", entendido como a "a violação das leis e normas da língua". No entanto, a autora ressalta que esses "erros" são, na verdade, "marcas da ação da língua enquanto funcionamento simbólico", que deixam ver "redes de relações entre cadeias não mais desencadeadas por estados de coisas no mundo ou por significantes do outro, mas por significantes que circulam na própria fala da criança" (Lemos, 2000, p. 64).

Segundo Capristano (2007), nessa segunda posição a fala da criança, mesmo que apresente "erros", permanece resistente à correção feita pelo adulto. Ou seja, a criança não consegue perceber o que, na fala do adulto, indicaria uma diferença em relação à sua própria

fala, uma vez que os enunciados característicos da segunda posição se mostram "submetidos ao movimento da língua" (Capristano, 2007, p. 76).

Por fim, a terceira posição é caracterizada pela maior homogeneidade na fala da criança. Nela, a criança se dividiria "entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala, sendo capaz de retomá-la, reformulá-la e reconhecer a diferença entre a sua fala e a fala do outro, entre a instância subjetiva que fala e a instância subjetiva que escuta de um lugar outro" (Lemos, 2002, p. 56).

Nessa posição, observa-se que a criança busca se aproximar da fala do outro, seja ele um adulto ou a comunidade à qual pertence, indiciando a emergência desse sujeito em um outro "intervalo que se abre entre a instância que fala e a instância que escuta, instâncias não coincidentes" (Lemos, 2002, p. 62). Dessa forma, o sujeito passa a incorporar à possível "estabilidade" ou "suposto grau de conhecimento", elementos como pausas, reformulações e correções, visto que "o que acontece na fala da criança revela muito mais sobre a subjetivação do que sobre a língua" (Lemos, 2002, p. 64).

Nesses termos, é necessário reconhecer que a escuta da própria fala da criança, assim como a escuta da fala do outro — que aponta para a diferença —, decorrem não de "um movimento da língua sobre si mesma, de sua reflexividade", mas, conforme observa Lemos (2002) ao retomar Lacan (1966), decorre do grande Outro,[25] definido, por sua vez, como "tesouro de significantes, do qual o emissor recebe sua própria mensagem invertida" (Lacan, 1966 *apud* Lemos, 2002).

Como efeito desse funcionamento tem-se, segundo Lemos (2002), "a impossibilidade de pensar 'correção' e 'capacidade metalinguística' como evidências de conhecimento, uma vez que fenômenos como pausas, reformulações e correções são tomados como espaço em que se manifesta a heterogeneidade" (Lemos, 2002, p. 62). Cumpre reforçar que os fenômenos das pausas, reformulações e correções não podem ser tomados como marcas inequívocas de conhecimento, uma vez que apontam para a heterogeneidade constitutiva da língua e se configuram como marcas mais mostradas dessa heterogeneidade. Isso ocorre porque não se manifestam de modo constante ou previsível e nem sempre emergem nos momentos considerados necessários, podendo, por vezes, ocorrer quando não se esperaria. Assim, esses

[25] Recupera-se, aqui, a definição do grande Outro, conforme Lacan (1966), que o considera enquanto o campo simbólico que precede e transcende o sujeito, constituindo o lugar da linguagem, da lei e das normas sociais. Ao afirmar que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", Lacan (1966) indica que o inconsciente do sujeito está inevitavelmente articulado ao grande Outro, uma vez que a linguagem não é criação individual, mas herança simbólica na qual o sujeito se inscreve e pela qual é constituído.

fenômenos não obedecem à lógica do "metaconhecimento" ou da monitoração da fala, o que implicaria uma previsibilidade em sua ocorrência (Lemos, 2002).

Conforme já mencionado, a proposta de Lemos (2002, 2000), adotada neste trabalho, constitui-se como uma alternativa à noção de desenvolvimento linear, uma vez que concebe o processo de aquisição da linguagem como uma relação que se manifesta, na primeira posição, pela dominância da fala do outro; na segunda, pela dominância do funcionamento da língua; e, na terceira, pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala (Lemos, 2002, p. 56). Nesse quadro, "a criança é colocada numa estrutura em que comparecem o outro (como instância representativa da língua), a própria língua em funcionamento e a criança como sujeito falante" (Lopes-Damasio; Silva, 2025, p. 31), sem uma ordenação fixa entre as posições. Desse modo, o que interessa é o movimento concomitante entre o sujeito, o outro e a linguagem — uma relação de constituição que caracteriza o processo de aquisição da linguagem, tal como formulado por Lemos (2002).

Embora os conceitos de *transformação* e *mudança* tenham sido inicialmente formulados a partir dos estudos sobre a aquisição da fala, tais pressupostos são aqui mobilizados para a compreensão do processo de aquisição da escrita, considerando-se a concepção de escrita proposta por Corrêa (2004) e Chacon (2024, 2021), apresentada no capítulo 1. De acordo com essa concepção, fala e escrita são heterogêneas, resultantes das práticas orais e letradas nas/pelas quais os sujeitos circulam. Assim, o conceito de mudança de posição não apenas qualifica a trajetória de constituição do sujeito falante, como também pode caracterizar o movimento de transição de sujeito não escrevente a sujeito escrevente.

Neste trabalho, à semelhança de Carvalho (2025) e Oliveira (2024), o tratamento conferido à aquisição da escrita volta-se à sua observação em dados produzidos por sujeitos adultos. Segundo Oliveira, o adulto também se encontra submetido à estrutura interacional que o envolve/constitui, assim como a criança (Oliveira, 2024).

Ao adotar as proposições explicitadas nesta subseção, a escrita de idosos em processo de aquisição não é definida, neste trabalho, a partir de parâmetros guiados pelo "erro" ou pelo "desvio". Em contrapartida, aceita-se, na mesma direção de Capristano (2010), que o "funcionamento divergente que caracteriza enunciados escritos de crianças e de adultos em processo de aquisição" não é marca de "inadequação" ou de distorção em relação à escrita, reconhecida como sinônimo de "escrita convencional", mas se mostra como marca inequívoca da relação sujeito/linguagem, considerada como "indício da circulação do escrevente por práticas orais/letradas e reatualização, em termos de funcionamento, do que acontece com

práticas e usos da escrita em geral" (Capristano, 2010, p. 179), em que se tem, no foco da investigação, a escrita movente e constitutivamente heterogênea.

À luz desses pressupostos, a subseção 1.2 tem como propósito apresentar a caracterização da aquisição da escrita, fundamentada na proposta de Lemos (1998), a qual pressupõe transformação e mudança do sujeito no processo de subjetivação, neste trabalho, associado a esse modo de enunciação.

## 1.2 *Transparência* e *opacidade* na aquisição da escrita

Esta subseção tem como objetivo discutir o modelo proposto por Lemos (1998), no que se refere a observar a entrada do sujeito na escrita, no processo de aquisição. Para isso, serão apresentados os conceitos que sustentam a proposta da autora, destacando sua abordagem da aquisição enquanto processo de subjetivação, no qual *transformação* e *mudança* são consideradas a partir das noções de transparência e opacidade.

Ao assumir a hipótese de que "os sujeitos não 'entram' na língua pelos mesmos lugares e nem fazem os mesmos percursos" (Mota, 1995, p. 52), o interacionismo de Lemos considera que cada sujeito, criança/adulto, apresenta significantes próprios, constituídos em sua relação com o outro, tomada como marca essencial para a aquisição da escrita. Para que tal aquisição se efetive é necessário que o sujeito seja colocado em contato com a escrita, também na condição de "outro", nesse processo. Nas palavras de Lemos (1998), cabe ao outro, como representante do funcionamento da língua constituída, introduzir a criança na escrita, assumindo o papel do "outro que se oferece ao mesmo tempo como semelhante e como diferente" (Lemos, 1998, p. 17).

Os trabalhos de Mayrink-Sabinson (1998) e Rojo (1998), embora fundamentados sob outra perspectiva teórica, investigam a relação entre fala/oralidade e escrita/letramento no processo de aquisição da escrita e destacam, dentre outros aspectos que "as práticas discursivas orais em torno de objetos-portadores de textos estão na origem das relações que se estabelecem entre a criança e o texto" (Lemos, 1998, p. 11). Isso implica que, através dessas práticas mencionadas, "o texto deixa seu estado de 'coisa' para se transformar em objeto significado antes pelos seus efeitos estruturantes sobre essas mesmas práticas orais do que pelas suas propriedades perceptuais positivas" (Lemos, 1998, p. 11). Não se trata de reconhecer "uma oralidade que desvende o texto escrito ou que seja por ele representada, mas de compreender uma prática discursiva oral que, de algum modo, o significa, isto é, que o torna significante para um sujeito" (Lemos, 1998, p. 11).

Para tratar da circulação do sujeito por práticas orais e letradas,[26] retoma-se, novamente, de Lemos (1998), a noção de movimento, a qual pressupõe, segundo a autora, os conceitos de transformação e mudança operados, no sujeito, pelo funcionamento simbólico da linguagem, conforme já explicitados na subseção anterior. Nessa perspectiva, Lemos (1998) destaca que, uma vez transformado pela escrita — ao tornar-se alguém que sabe ler e escrever —, o sujeito torna-se incapaz de subtrair-se aos efeitos dessa escrita e tampouco de concebê-la novamente em sua relação de opacidade, porque a escrita passa a operar sob uma condição de transparência resultante dessa transformação, de modo que "não podemos mais recuperar a opacidade com que esses sinais antes se apresentavam também para nós" (Lemos, 1998, p. 10). Nesses termos, a partir do processo de alfabetização, os sinais que antes se mostravam opacos ao sujeito passam a apresentar-se como transparentes.

Para que se compreenda tal proposição, é preciso ressaltar que, ao adotar o termo *transformação*, Lemos (1998) afasta-se de posições construtivistas e, desse modo, problematiza a concepção que toma a escrita como mera representação dos sons da fala, bem como aquela que naturaliza a continuidade entre escrita e fala/oralidade:

> [...] se não há nada no sinal da escrita que, em si mesmo, aponte para a materialidade sonora, que mediação é, então, necessária para que se dê essa transformação que produz, ao mesmo tempo, um sujeito – um outro modo de ver – e um objeto – que se dá a *ver* para esse sujeito e que através do qual ele se vê *vendo*? (Lemos, 1998, p. 11, grifos da autora).

O conceito de *transparência*, proposto por Lemos (1998), está relacionado à percepção que leva o sujeito alfabetizado a supor que essa suposta *transparência* a escrita decorre da "simples apresentação ou exposição de relações entre letras e sons, quer sob a forma de sílabas, quer sob a forma de palavras, quer sob a forma de textos ou do que se supõe que umas e outros 'querem' dizer" (Lemos, 1998, p. 10).

Segundo a autora, talvez seja o caráter irreversível dessa suposição — que incide sobre a percepção daquele que lê e escreve — que leva este a considerar a escrita como transparente para aqueles que não sabem ler e escrever. Nessa linha, ao projetar sobre o alfabetizando sua própria relação com a escrita, o alfabetizado acaba impedido de "ler" os sinais que se mostram enquanto indícios de "um particular momento da também particular relação entre o sujeito e a (sua) escrita" (Lopes-Damasio, 2019, p. 150).

---

[26] Cumpre destacar, neste ponto, a compreensão conferida às noções de fala/oralidade e escrita/letramento ao longo deste trabalho. Como explicitado no primeiro capítulo teórico, "fala" e "escrita" são tomadas enquanto produtos linguísticos, sendo a primeira resultante de práticas de oralidade e a segunda, de práticas de letramento. Nessa abordagem, oralidade e letramento não se configuram como "práticas puras", uma vez que fala e escrita resultam do atravessamento simultâneo do sujeito por múltiplas práticas orais e letradas. Assim, ambas são concebidas como constitutivamente heterogêneas (Chacon, 2021; Corrêa, 2004).

Com base em Lopes-Damasio e Pedro (2024), este trabalho parte da compreensão de que a aquisição da escrita deve ser concebida em uma perspectiva que, por um lado, "ultrapassa o período da alfabetização propriamente dito e, por outro, questiona a percepção daquele que lê/escreve de que a escrita é transparente" (Lopes-Damasio; Pedro, 2024, p. 3).

Nessa direção, tendo em vista o caráter irreversível do efeito da escrita sobre o sujeito que lê e escreve, conforme Lemos (1998), é possível recuperar o pressuposto de que qualquer metodologia deva começar por ser uma interrogação sobre o que é aprender, o que é ensinar e o que aprender tem a ver com o ensinar, quando se considera o "jogo simbólico" que coloca em foco a relação transparência – opacidade. É a partir dessa reflexão que a autora propõe a metodologia do mistério, isto é, "a suspensão da transparência como estratégia que torne possível a formulação de questões" (Lemos, 1998, p. 10).

Assim, a suspensão da transparência torna-se, segundo Lemos (1998), um aspecto imprescindível para a metodologia do mistério. Lopes-Damasio e Pedro (2024), retomando Lemos (1998, p. 10), destacam que:

> não há nada que se apresenta como escrita que aponte para a fala, em práticas de oralidade, que ela passa a "representar" para o alfabetizado, seja no âmbito da relação grafema fonema, seja muito além dele, no âmbito em que, entre o sistema e sua atualização, em processos de textualização, ocupa espaço, na materialidade linguística do texto, a história de constituição do sujeito pela própria escrita (Lopes-Damasio; Pedro, 2024, p. 3)

O sistema de escrita sob a óptica de sua opacidade de "coisa" (Lemos, 1998) "resiste a tentativas de decifrá-lo, mesmo quando se sabe a que correspondem oralmente, mesmo quando se conhece sua tradução em português, seu significado" (Lemos, 1998, p. 10). Assim, "ler significa ver o que não estava lá" (Lemos, 1998, p. 10): se não há, no sinal da escrita, nada que aponte para a materialidade da fala/oralidade, Lemos questiona, então, qual seria a mediação esperada para essa *transformação* que gera "um sujeito – um outro modo de ver – e um objeto – que se dá a ver para esse sujeito e que através do qual ele se vê vendo" (Lemos, 1998, p. 11).

Sob essa perspectiva, ao tratar da aquisição escrita, bem como da aquisição da linguagem, como *transformação* e *mudança* que se operam através do funcionamento simbólico, Lemos (1998) preconiza uma definição de sujeito e de objeto que se mostra para esse sujeito. Não se parte, nesse campo teórico, da relação "sujeito-e-objeto", mas do funcionamento da linguagem, de acordo com "um fazimento" constante dessa relação a cada ato/acontecimento de escrita" (Lopes-Damasio; Pedro, 2024, p. 4). Com esse pressuposto, deixa-se de lado a visão de um sujeito que, em determinado momento do processo de aquisição da escrita, se apropria de um objeto (a escrita) estável e esgotado (Lemos, 1998).

Esse pressuposto sinaliza, do mesmo modo, um compromisso com a heterogeneidade, aqui reconhecida, no âmbito da própria língua e da própria escrita (cf. Corrêa, 2004), a partir da circulação do escrevente por imaginários. Ao deixar marcas na materialidade do texto escrito, tal circulação permite ao analista reconhecê-la e investigá-la, como marcas da heterogeneidade constitutiva da escrita, bem como associá-la ao processo de subjetivação, na aquisição da escrita.

Em síntese, partindo do entendimento de *transformação*, na relação sujeito–escrita, e de mudança,[27] decorrente do movimento desse sujeito pelas práticas sociais, as marcas linguísticas na escrita, tomadas como *rastros da individuação*, vinculam-se à hipótese da circulação dialógica do escrevente, observada a partir das lentes do que Lopes-Damasio (2019) denomina *fixo* e *lacunar* do texto, em diálogo com o conceito de TDs.[28]

Sob essa perspectiva, ao assumir a presença de um ponto de vista textual-discursivo nos estudos sobre a língua, considera-se que "a circulação dos escreventes por práticas orais e letradas, na sua relação intrínseca com os enunciados falados e escritos que resultam – como efeitos – dessas práticas, está na base da movimentação/mudança que caracteriza a aquisição da escrita e deixa rastros no material linguístico" (Lopes-Damasio; Gava, 2025, p. 6). Trata-se, portanto, de reconhecer essas práticas – orais e letradas – sob o viés do que é *fixo* e *lacunar* no texto, a partir de um diálogo com o conceito de TDs. Trata-se, ainda, de considerar o que é social e histórico, nesse processo, por integrar "a memória de sujeitos enquanto membros de comunidades" (Lopes-Damasio; Gava, 2025, p. 6).

Desse modo, a seção seguinte dedica-se a aprofundar os deslocamentos conceituais e as aproximações teóricas necessárias para sustentar uma compreensão da aquisição da escrita orientada também pela perspectiva das TDs.

## 2. Aquisição da escrita e tradição discursiva: o *fixo* e o *lacunar* na aquisição de TDs

Esta seção busca apresentar relações teóricas entre o conceito de TD e a aquisição da escrita, à luz de fundamentos essenciais para compreender a dinâmica desse processo. Parte-se do conceito de TD defendido por Kabatek (2005a/b), apresentado no capítulo 1 – Parte I deste trabalho, para chegar às aplicações dos estudos das TDs, passando da diacronia à sincronia, ou

[27] Para Lemos, conforme esta exposição, trata-se de um movimento de significantes, que se dá na relação sujeito-linguagem-outro. Tal relação, por sua vez, implica a movimentação do sujeito pelas práticas sociais. Estende-se, pois, a noção de *movimento*, na língua, conforme a autora, à noção de *movimentação*, tomada de forma ampla, linguístico-discursiva.

[28] Na seção seguinte, serão discutidos estudos anteriores ao de Lopes-Damasio (2019) que propõem relações entre a aquisição da escrita e as TDs, especialmente no que diz respeito ao seu caráter *fixo* e *lacunar*.

seja, da perspectiva diacrônica da gramática histórica, conforme estudos de Kabatek (2012, 2006, 2005a/b), aos estudos relacionados à aquisição da escrita, num recorte sincrônico de dados, ainda assim considerados de uma perspectiva histórica (cf. Longhin, 2014; Longhin-Thomazi, 2011a/b; Lopes-Damasio, 2022a/b, 2020, 2019; Lopes-Damasio; Gava, 2025; Carvalho, 2025; Silva, 2024; Oliveira, 2024; Santana, 2022).

A partir da análise de dados de escrita infantil, Longhin-Thomazi (2011a/b) apresenta pressupostos relevantes para compreender a aquisição das TDs. Nessa perspectiva, a autora (2011b, p. 223) aborda o princípio da composicionalidade das TDs, associando-o à percepção do que é *fixo* (invariável) e *lacunar* (variável) na tradição em processo de aquisição. Tal concepção permite observar a forma variável pela qual o sujeito se insere — ou está se inserindo — nas regras idiomáticas e discursivas:

> na elaboração de uma narrativa recontada, as relações temporais em geral são percebidas como inerentes, tipicamente da face *fixa* da TD; mas o modo como essas relações temporais são construídas no texto, em termos da seleção do juntor e da arquitetura sintática instaurada, é algo variável, tipicamente da face *lacunar* da TD (Longhin-Thomazi, 2011b, p. 223, grifos nossos).

Além disso, conforme Longhin-Thomazi (2011a/b), abre-se a possibilidade de considerar o conceito de TD para além de estudos de natureza estritamente diacrônica, como naqueles relacionados à aquisição da escrita. Isso se torna possível quando se adota a concepção de língua proposta por Coseriu (1981), segundo a qual o caráter histórico da língua é constitutivo, independentemente do recorte diacrônico adotado na análise.

Com efeito, Longhin-Thomazi (2011b) propõe um paralelo entre ontogenia e filogenia, tendo em vista o processo de aquisição de novas TDs, especialmente em relação à escrita, considerando o pressuposto de que, segundo Kabatek (2006), todo enunciado, seja ele falado ou escrito, enuncia-se em uma TD, enquanto modo de dizer sócio-historicamente convencionalizado. Sob essa perspectiva o estudo de uma TD específica, no que concerne à sua produção, pode apontar para aspectos relacionados a aquisição da escrita, mas, também, para aspectos relacionados à própria aquisição dessa TD, considerada enquanto prática de letramento.

Aspectos da teoria coseriana de linguagem, tais como os que consideram a língua como atividade e não produto acabado e os que consideram que há sempre história ainda que, na perspectiva do analista, esteja em foco um recorte sincrônico de língua, embora possibilitem articular o termo "tradição" a uma perspectiva sincrônica, não são suficientes para que se possa estabelecer um diálogo com a noção de heterogeneidade constitutiva da escrita e da própria língua, tal como adotou-se na concepção assumida neste trabalho.

Nessa direção,[29] parte-se da proposta de Coseriu (1979, 1980, 1981), que fundamenta o conceito tradicional de TD no âmbito da Linguística Histórica, para estabelecer um diálogo que possibilita uma fundamentação teórico-metodológica voltada a estudos sincrônicos sobre a aquisição da escrita, conforme os entendimentos desse processo já apresentados neste trabalho e conforme desdobramentos a serem apresentados na sequência.

Em Lopes-Damasio (2022a/b), é possível observar deslocamentos teóricos realizados acerca das propostas de Longhin-Thomazi (2014, 2011a/b), a fim de alinhar as concepções de aquisição da escrita e das TDs. A aquisição de uma TD pode ser compreendida como parte do processo de subjetivação que, ao focalizar a movimentação do sujeito por diferentes TDs, permite focalizar rastros de transformações e mudanças decorrentes desse processo, na língua. Assim, ao tratar da aquisição da escrita, trata-se igualmente da aquisição de TDs que se materializam no modo escrito de enunciação, constitutivamente heterogêneo (Lemos, 1998; Lopes-Damasio, 2022a/b) (cf. capítulo 1 – desta dissertação).

Considerando que, antes mesmo de inserir-se na escrita, o sujeito já circula por várias TDs, especialmente aquelas que resultam das práticas orais (cf. Lopes-Damasio, 2020, 2019a/b; Longhin-Thomazi, 2014), "torna-se possível contemplar, no escopo das pesquisas em aquisição da escrita infantil, a inserção da criança em múltiplas TDs orais e letradas" (Oliveira, 2024, p. 66). Desse modo, "compreender as relações entre o oral e o letrado enquanto práticas sociais e, em adjacência, o falado e o escrito enquanto atos linguísticos heterogeneamente constituídos, permite supor que o modo de enunciar dominante (o falado) constitua as práticas mais recentes associadas ao modo que está adquirindo (o escrito)" (Lopes-Damasio, 2017, p. 1045).

Nessa perspectiva, as práticas discursivas orais, intrinsecamente articuladas às TDs, exercem papel fundamental na constituição do(s) sentido(s) do texto que se apresenta ao sujeito como um objeto de significação, porque tais práticas, situadas em TDs distintas, fundamentam as relações entre o sujeito e o texto no modo escrito de enunciação. Nessa relação o texto perde sua condição de *opacidade* enquanto "coisa" e se configura como um objeto significante, investido de significado, para esse sujeito (Lopes-Damasio, 2019, p. 152).

Na mesma direção, os resultados de Oliveira (2024), em pesquisa que focalizou a escrita inicial de jovens e adultos, mostram que, embora as TDs orais sustentem o processo de aquisição da escrita desses sujeitos, as práticas letradas — assumidas neste trabalho, assim

[29] Na linha do que vem sendo desenvolvido por um conjunto de trabalhos já citados anteriormente e relacionados ao PP (Carvalho, 2025; Lopes-Damasio; Gava, 2025; Lopes-Damasio; Silva, 2025; Silva, 2024; Oliveira, 2024; Lopes-Damasio; Pedro, 2024; Ferrari; Lopes-Damasio, 2023; Santana, 2022, Lopes-Damasio, 2022a/b, 2020, 2019, entre outros).

como no da autora, como TDs — também se apresentam como "constitutivas do sujeito e de sua relação com a escrita". Admite-se, pois, que não basta considerar apenas a circulação do sujeito por TDs orais no processo de aquisição da escrita; é igualmente necessário reconhecer o seu atravessamento por múltiplas TDs letradas (Oliveira, 2024, p. 154), restando precisar "como" se dá esse atravessamento na relação sujeito-escrita, a partir de um enfoque na escrita e a partir de um enfoque no processo de aquisição da escrita experimentado por sujeitos já adultos.

Nesse quadro, as TDs orais e letradas são reconhecidas como fenômenos linguístico-discursivos não "transparentes". Portanto, não se pode supor que a atuação concomitante — e heterogênea — dessas práticas seja capaz de "desvendar" o texto escrito, dado que é "somente pelo investimento na opacidade da língua [que] é possível contemplar os processos de produção de sentido em suas condições" (Oliveira, 2024, p. 154).

Para tal entendimento das TDs, de acordo com um refinamento desse âmbito teórico (cf. Lopes-Damasio, 2019), o termo *tradição* estará relacionado à *historicidade*, no sentido da *experiência*, do "já sabido" das relações, da memória discursiva, que comporta subjetivações como efeito da relação sujeito-linguagem. Por outro lado, o termo *discursiva* se relaciona não só à qualificação das tradições como linguísticas, de modo a englobar todo tipo de tradição, seja do falar ou do escrever, conforme pressuposto por Kabatek[30] (2005), mas também "à qualificação das tradições como acontecimento, que guarda, a cada realização, uma novidade que se dá no modo como se realiza aquela prática (Lopes-Damasio, 2019, p. 154).

Torna-se possível reconhecer os pressupostos de Corrêa (2004), para quem a observação da circulação do escrevente por três eixos — sendo o primeiro e o segundo dirigidos pelo terceiro, o da dialogia da linguagem — impede que a escrita seja tomada como ato inaugural, uma vez que se vincula diretamente a um já falado/escrito e ouvido/lido.

Na mesma direção, torna-se possível reconhecer a aquisição da escrita, enquanto momento particular de um processo mais geral, em que o sujeito é essencialmente histórico, regulado pela linguagem e pelo outro que "o interpela, o afeta e é afetado por esse processo", com base na concepção de individuação do sujeito.[31] Nas palavras de Chacon (2024), o sujeito é uma "condição" da qual os indivíduos concretos/empíricos são investidos, efeito da relação

[30] Retomando a apresentação realizada no capítulo anterior, da perspectiva de Kabatek (2005a), o sentido de *tradição*, relaciona-se à historicidade, seja de textos ou fórmulas que caracterizam gêneros institucionalizados na relação temporal de repetição de algo; e o termo *discursiva*, por sua vez, carrega o sentido de "língua em uso".

[31] Com base na concepção de *individuação* do sujeito, apresentada no capítulo 1 deste trabalho e aqui retomada, afasta-se da "noção de sujeito como indivíduo, dado que não é a singularidade factual que enuncia", e aproxima-se do assujeitamento, "dado que a presença do outro na constituição do sujeito é marcada pela heterogeneidade e pela representação" (Lopes-Damasio, 2020, p. 141).

entre três estruturas: a língua, a ideologia e o inconsciente. Assim, nessa perspectiva, o sujeito não é centro. O outro, por sua vez, é considerado, em sua dimensão empírica, enquanto instância de representação do funcionamento da escrita a partir da imagem que o sujeito faz sobre ele. Sob a ligação com a perspectiva de Corrêa (2004), o sujeito é compreendido a partir da individuação histórica e da memória discursiva, que comportam subjetivações que se inscrevem na escrita a partir da relação sujeito-linguagem.

Nessa perspectiva, torna-se fundamental considerar, também, o tratamento dado às pistas linguísticas, tomadas como rastros da individuação do sujeito em sua escrita, a partir do conceito de individuação dos rastros desse sujeito (cf. capítulo 1, da Parte I).

O foco recai sob o diálogo entre TD, o já-dito, o que se diz e o(s) projeto(s) de dizer de acordo com a novidade do acontecimento discursivo, que, nas práticas de oralidade e letramento, aponta para a multiplicidade de TDs e sinaliza a relação do sujeito com a linguagem por meio de sua circulação pelo já falado/escrito (Lopes-Damasio, 2022). Segundo a autora, o entendimento da linguagem enquanto atividade, permite, pois, assumir que a escrita se constitui enquanto processo, caracterizada como acontecimento, cujo acabamento se dá na relação falante/ouvinte, autor/leitor (Lopes-Damasio, 2020). Com efeito, nessa perspectiva, Lopes-Damasio (2025) propõe um espaço para a observação da escrita em aquisição, que pressupõe considerar:

> as condições favoráveis à relação "sujeito escrita" por meio da preservação de um lugar forte para a alteridade e do destaque da escrita como processo, enquanto um dos modos de atualização da língua, por meio de sua contextualização em TDs, via observação do dizer/escrever em sua relação dialógico-discursiva com o já-dito e o por-dizer, para o que interessa não só o verbal, mas também o extraverbal dos textos (Lopes-Damasio, 2025, p. 11).

O estudo de TDs não só postula aspectos relacionados à própria TD enquanto prática de letramento, mas, também, considera aspectos voltados à aquisição da escrita. Dessa forma, ao tratar da aquisição da escrita, deve-se reconhecer a aquisição de TDs, que se materializam no modo escrito de enunciar e são compreendidas como parte do processo de subjetivação de um sujeito que, em sua movimentação, é atravessado, nesse processo, por *transformação* e *mudança*.

**Apontamentos finais**

Para alcançar a finalidade proposta por este capítulo, apresentou-se, brevemente, o percurso histórico acerca dos estudos voltados à aquisição da escrita para, somente então, a partir da proposta de Lemos (2002, 2000, 1998), estabelecer um diálogo crítico entre os

conceitos de TD (Kabatek, 2005), heterogeneidade da escrita (Corrêa, 2004) e aquisição da escrita (Lemos, 1998; Lopes-Damasio, 2025, 2022, 2020, 2019a/b).

Para tanto, este capítulo apresentou os pressupostos teóricos a respeito da concepção da aquisição da linguagem, de modo geral, e da escrita, de modo particular, fundamentada na proposta de Lemos (2002, 1998), referente à captura do sujeito pelo funcionamento linguístico-discursivo, em associação à ideia de movimento desse sujeito, na estrutura da língua, enquanto *transformação* e *mudança*, observadas a partir das noções de *transparênci*a e *opacidade*.

Tais noções foram reconhecidas na relação sujeito-objeto como efeitos do funcionamento simbólico da linguagem, afastando-se da ideia de "interação" sujeito-e-objeto e aproximando-se da ideia de "relação constitutiva" entre sujeito-objeto, na linguagem/língua, em seu funcionamento e no processo de subjetivação. Assim, a cada ato/acontecimento de escrita, há um refazer dessa relação e não um sujeito que se apropria de um objeto estável e esgotável (Lemos, 1998).

Considerando os trabalhos de Longhin-Thomazi (2011a/b) e Lopes-Damasio (2022a/b), resgatou-se a proposição de uma observação da aquisição de uma TD como parte do processo de subjetivação (Lemos, 2006; Lopes-Damasio, 2022a/b), com o propósito de observar a movimentação do sujeito por diferentes TDs, a partir dos *rastros* do que, nelas, se mostra *fixo* e *lacunar*.

Concebeu-se, assim, tal como propõe Lopes-Damasio (2022, 2019), que, ao tratar da aquisição da escrita, trata-se igualmente da aquisição de TDs que se materializam no modo escrito de enunciação, constitutivamente heterogêneo (Corrêa, 2004). A partir do que se compreende como *transformação* e *mudança*, na relação sujeito-escrita e na movimentação desse sujeito nas/pelas práticas sociais, a abordagem das marcas linguísticas, na escrita, entendidas como *rastros* da individuação do sujeito, liga-se, nesta proposta, à hipótese da circulação dialógica desse sujeito, observada a partir das TDs, em sua associação ao eixo 3, como aquele que articula o eixo 1 e o eixo 2.

No presente trabalho, assim como em outros desenvolvidos no escopo do PP, busca-se compreender a aquisição da escrita, via aquisição de TDs, a partir do funcionamento dos MJs, tomados como *rastros* do processo de subjetivação, na escrita-processo. Para isso, pressupõe-se, por um lado, que os MJs são sintomáticos de TDs e, por outro, que as TDs podem determinar a utilização de formas específicas de junção (Lopes-Damasio, 2022, 2019). O capítulo a seguir apresentará as bases teóricas para essa compreensão, bem como para os procedimentos metodológicos que dela se desdobrarão.

# CAPÍTULO 3
# MECANISMOS DE JUNÇÃO E TRADIÇÃO DISCURSIVA

## Considerações iniciais

Este terceiro capítulo tem por objetivo apresentar os pressupostos teóricos referentes à concepção dos mecanismos de junção (MJs), como fenômeno para a observação da movimentação do sujeito na construção de sentidos do (seu) texto, compreendido como TD. Tal proposta insere-se em um espaço teórico-metodológico delineado por pesquisas anteriores, especialmente aquelas desenvolvidas por Lopes-Damasio (2025, 2022a/b, 2020, 2019, 2014), que tomam a junção como ponto de observação da escrita em sua dimensão linguístico-discursiva.

Nessa direção, para a abordagem dos MJs, lança-se mão de um modelo de análise funcionalista da junção (cf. Raible, 2001, Kortmann, 1997, Halliday, 1985), como instrumental analítico, frente a um diálogo crítico proposto por Lopes-Damasio (2025, 2022a/b, 2020, 2019, 2014), que permite observar o fenômeno da junção de um lugar outro: aquele que concebe a junção sob uma abordagem linguístico-discursiva da escrita em aquisição.

Para a apresentação da abordagem linguístico-discursiva, este capítulo parte da perspectiva linguística, de natureza tático-semântica e pragmática, de investigação da combinação de orações, a fim de explicitar bases teórico-funcionalistas em que são rejeitadas noções dicotômicas, ancoradas em perspectivas gramaticais normativas ou prescritivistas. Ampara-se, portanto, na consideração de um *continuum* para descrever as orações complexas (cf. Halliday, 1985; Hopper e Traugott, 1993), considerando a fluidez categorial e/ou os limites não dicotômicos e estanques entre funcionamentos táticos e semânticos.

A partir desse enquadramento, o capítulo organiza-se da seguinte maneira: a seção 1 apresenta os pressupostos da abordagem funcionalista de análise das orações complexas (cf. Longhin, 2014; Longhin-Thomazi, 2011a/b; Lopes-Damasio, 2011; Raible, 2001; Halliday, 1985), a subseção 1.1 dedica-se à exposição dos trabalhos de Lopes-Damasio (2022, 2020, 2019a/b), tomando como base o modelo bidimensional de junção, fundamentado em Raible (2001), Kortmann (1997) e Halliday (1985), para a articulação dos eixos tático (vertical) e semântico (horizontal). A essa perspectiva linguística, soma-se a dimensão discursiva, segundo a qual os MJs são compreendidos como *rastros* da movimentação do sujeito para a construção de sentidos no processo de textualização, em estreita relação com sua circulação dialógica por seu imaginário da escrita (Lopes-Damasio, 2022a/b). A seção 2 apresenta deslocamentos teóricos necessários para a articulação dessa relação [entre os MJs e as TDs] àquela que concebe

a escrita como constitutivamente heterogênea (Corrêa, 2004; Chacon, 2024, 2021) e que concebe a aquisição dessa escrita, conforme Lemos (1998), como *transformação* e *mudança*. Por fim, apresenta-se uma síntese dos pressupostos teóricos mobilizados ao longo do capítulo, a fim de propor um direcionamento para a continuidade da leitura deste trabalho.

## 1. Para fundamentar o conceito de MJs: sob a ótica funcionalista

Esta seção tem por objetivo apresentar a perspectiva funcionalista como ferramenta para a análise dos MJs, indicando a maneira pela qual interpreta as funções de tais mecanismos, considerando sua estrutura sintática e semântica. Busca-se destacar a importância dessa ferramenta para o tratamento dado aos MJs, a fim de, inicialmente, capturar a dinâmica do uso da língua e, ainda, estabelecer um diálogo entre o funcionalismo e o campo teórico que fundamenta este trabalho (Lopes-Damasio, 2022a/b, 2020, 2019a/b).

A abordagem funcionalista contempla análises linguísticas que levam em conta a gradualidade dos critérios, baseando-se em contínuos e evitando classificações dicotômicas. Conforme aponta Neves (1994), as estruturas linguísticas estão a serviço de funções comunicativas específicas, o que reforça o pressuposto de que o diferencial entre essa abordagem e aquelas vinculadas à tradição gramatical reside no fato de que a língua é analisada a partir de seus usos efetivos.

Considerando que, sob a ótica dos processos de junção entre orações, as línguas humanas dispõem de recursos cuja função é combinar orações simples e constituir orações complexas, funcionalistas têm se dedicado a investigar os processos sintáticos de articulação oracional. Nesse percurso, têm se preocupado, sobretudo, em distinguir as noções de coordenação e subordinação ao formular critérios que busquem reclassificá-las. Sobre essa dicotomia — coordenação e subordinação —, incide o pressuposto de um *continuum* que interliga estruturas com maior ou menor grau de dependência, colocando em questão a radicalidade da dicotomização ou a ideia de categorizações estanques no tratamento linguístico.

No âmbito da combinação de orações, Halliday (1985), em sua Gramática Sistêmico-Funcional, contrapõe-se à dicotomia coordenação-subordinação ao propor um espaço de observação das orações complexas que busca contemplar os processos de junção oracional a partir de dois eixos: o tático e o lógico-semântico. O eixo tático abrange a relação de interdependência entre os elementos da oração complexa, podendo-se valer de palavras, sintagmas ou cláusulas, aqui referenciadas como orações, dividindo-se em parataxe e hipotaxe.

A parataxe corresponde à relação estabelecida entre elementos de igual estatuto, podendo corresponder a casos de coordenação, citação (como os discursos diretos e indiretos

livres) e aposição (por meio de uma exposição ou uma exemplificação). Por outro lado, a hipotaxe diz respeito à relação entre elementos de estatutos "desiguais", em que "uma oração é modificadora e a outra nuclear" (Longhin-Thomazi, 2011a), podendo corresponder a orações relativas não-restritivas, orações interligadas e a discurso indireto.

Tanto na parataxe quanto na hipotaxe são delineadas, conforme Halliday (1985), duas possibilidades de orações: (i) primárias, entendidas como a primeira oração em uma construção paratática e como a oração dominante em uma construção hipotática; e (ii) secundárias, que correspondem às orações que aparecem depois das primárias na parataxe e à(s) oração(ões) dependente(s) na hipotaxe.

Em estrutura hipotática, as duas orações – primária e secundária – podem ocupar qualquer ordem, mas a oração secundária é considerada dependente. Já em estruturas paratáticas, somente a ordem "1; 2 é possível", ou seja, as orações não podem "mudar" de posição". Portanto, segundo Halliday (1985), a oração primária, na relação paratática, é simplesmente uma matéria que vem primeiro.

Conforme pressupostos de Halliday (1985), as orações são compreendidas a partir de um sistema que engloba: (i) taxe – parataxe e hipotaxe; (ii) relações lógico-semânticas – expansão e projeção; e (iii) encaixamento. Serão considerados, de acordo com as articulações teóricas a serem apresentadas neste capítulo, os sistemas táticos, em (i), e os lógico-semânticos, em (ii), sendo excluído o encaixamento.[32]

Considerando, ainda, o quadro teórico funcionalista, resgata-se de Hopper e Traugott (1993) o pressuposto de que os processos de articulação de orações não devem se restringir apenas a uma visão dicotômica entre coordenação-subordinação e parataxe-hipotaxe. Nessa perspectiva, os autores propõem um *continuum* fundamentado na articulação dos traços de dependência e encaixamento, segundo o qual a parataxe se caracteriza pelos traços [- dependência] e [- encaixamento], a subordinação, por [+ dependência] e [+ encaixamento], e a hipotaxe, por [+ dependência] e [- encaixamento], conforme apresentado no quadro 1.

[32] Segundo Halliday (1985), o encaixamento não é compatível com a parataxe nem com a hipotaxe, uma vez que não se mostra enquanto mecanismo de "relação" entre orações, mas sim, como "constituência" de uma oração que, por sua vez, se insere no eixo tático para, então, formar uma oração complexa. Desse modo, como não há uma relação entre orações, não há, da mesma maneira, a possibilidade de analisar os sentidos que emergem dessa "não-relação". Portanto, os contextos de encaixamento não serão aqui focalizados, conforme não o é nos demais trabalhos desenvolvidos sob o escopo do PP.

**Quadro 1**: *Cline* de combinação de orações

| PARATAXE | HIPOTAXE | SUBORDINAÇÃO |
|---|---|---|
| - encaixamento<br>- dependência | - encaixamento<br>+ dependência | + encaixamento<br>+ dependência |

**Fonte**: Hopper; Traugott (1993, p. 170)

A proposta de Hopper e Traugott (1993) cruza duas tradições: a primeira delas abrange a relação entre parataxe e hipotaxe sob o critério da dependência; a segunda aborda a relação entre coordenação e subordinação sob o critério da integração semântica. Desse modo, resulta desses dois pares em cruzamento uma escala tripartida (parataxe > hipotaxe > subordinação) que não corresponde, simplesmente, a uma substituição da escala bipartida (coordenação > subordinação), já que ela não é composta por termos discretos, mas pela "gradualidade na categorização das orações complexas através do compartilhamento de características gramaticais" (Silva, 2024, p. 74).

Com o objetivo de alinhar a perspectiva funcionalista de tratamento da junção e dos MJs ao quadro teórico que fundamenta este trabalho, a subseção seguinte passa a focalizar aspectos centrais para uma abordagem linguístico-discursiva do fenômeno, tomando o modelo funcionalista como "ferramenta" de análise (cf. Lopes-Damasio, 2020, 2022, 2019a/b, 2017, 2016).

## 1.1 O enfoque linguístico-discursivo dos MJs: *rastros* de individuação do sujeito

Esta subseção tem por objetivo apresentar os MJs sob uma perspectiva de análise linguístico-discursiva, apoiando-se nos trabalhos de Lopes-Damasio (2025, 2022a/b, 2019, 2016, 2014) no que se refere à forma de abordar a junção e os MJs alinhados ao quadro teórico que fundamenta este trabalho. Para tanto, primeiramente, apresenta os pressupostos para a abordagem linguística dos MJs e, em seguida, os pressupostos que, para a abordagem discursiva, retomam alguns dos aspectos anteriores (linguísticos) para um diálogo teórico e crítico.

Na perspectiva linguística, os MJs têm sido definidos como, segundo Kabatek (2005a), conjunções coordenadas e/ou subordinadas; preposições ou locuções preposicionais entre outros elementos distintos que podem assumir o papel de "juntar" porções textuais. Consoante Lopes-Damasio (2019b), os MJs podem ser definidos como "quaisquer técnicas usadas para juntar porções textuais, podendo corresponder a conjunções, advérbios, locuções preposicionais e zero (justaposição oracional)" (Lopes-Damasio, 2019, p. 148).

De acordo com Kabatek (2005a), no processo de enunciação, os falantes atribuem signos linguísticos ao mundo sensível. Esses signos podem ter natureza nominal, quando servem para nomear objetos e entidades, ou verbal, quando expressam ações. A partir dessa associação entre ações e a combinação de elementos nominais e verbais, falantes e ouvintes constroem diferentes tipos de relações semânticas, que variam conforme o nível de complexidade envolvido. Nessa perspectiva, Kabatek (2005a) destaca que tais relações podem tanto permanecer implícitas quanto aparecer explicitamente, na superfície textual, por meio de juntores, isto é, dos MJs. Nos trabalhos já citados de Lopes-Damasio, também na condição de implicitude, os espaços de junção caracterizam-se pelo mecanismo reconhecido como "zero", tomado como técnica juntiva embora sem a contraparte significante do signo.

Segundo Halliday (1985), o eixo lógico-semântico abrange as interações semânticas estabelecidas entre as orações que compõem os complexos oracionais, reunindo duas categorias centrais: expansão e projeção:

**Quadro 2:** Relações do eixo lógico semântico

| **EIXO LÓGICO SEMÂNTICO** | |
|---|---|
| **EXPANSÃO** | **PROJEÇÃO** |
| ELABORAÇÃO (=) | IDEIA |
| EXTENSÃO (+) | LOCUÇÃO |
| REALCE (X) | |

**Fonte**: Adaptado de Halliday (1985)

A *expansão* da oração principal por meio de uma oração secundária pode ocorrer de três modos: (a) por *elaboração*, quando a oração secundária funciona como paráfrase da principal, oferecendo uma explicação adicional, um comentário ou uma justificativa (por exemplo, comos MJs: *isto é*, *ou seja*); (b) por *extensão*, quando a oração secundária acrescenta informação nova, apresenta uma alternativa ou introduz uma possível exceção (por exemplo, com os MJs *e*, *ou*); e (c) por *realce*, quando a oração secundária acrescenta detalhes de contexto, podendo sinalizar relações circunstanciais de *lugar*, *tempo*, *causa*, *condição* ou *finalidade* (por exemplo, com os MJs: *assim*, *porém*, *contudo*).

A projeção se manifesta quando uma oração primária introduz ou conduz a uma oração secundária, o que pode gerar "uma ideia (no sentido de construir significados), ou uma locução (no sentido de construir palavras)" (Lopes-Damasio; Silva, 2025, p. 64).

Também em uma proposta bidimensional da junção e dos MJs, Raible (2001) descreve distintos graus de agregação e integração, adotando uma perspectiva de base sintática,

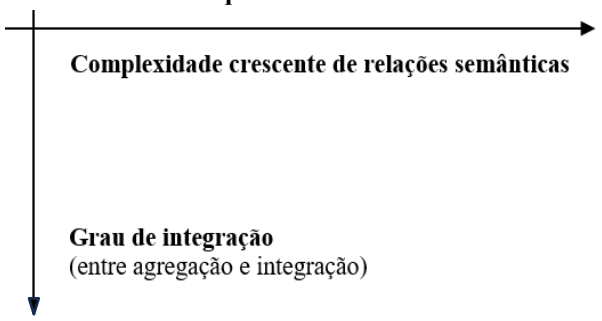
articulada a uma crescente complexidade no âmbito das relações semânticas entre orações. Com o objetivo de designar o processo da junção, tomado como fundamental para a atividade linguística, o autor adota o termo *junktion*, entendido como uma "dimensão linguística *universal*" responsável por categorizar as diferentes técnicas de combinação de elementos proposicionais. Tais técnicas são consideradas, como se adiantou, a partir de duas dimensões complementares: a sintática, que descreve os variados graus de integração, desde a simples justaposição até formas extremas, como a integração por nominalização e níveis de subordinação; e a semântica, fundamentada nas relações expressas pelos elementos que articulam as proposições, as quais se organizam em uma escala de complexidade progressiva, que se estende das relações aditivas àquelas de maior complexidade:

O termo *junktion* corresponde à:

> uma *dimensão universal da linguagem* segundo a qual podem sistematizar-se os diferentes elementos e as diferentes técnicas linguísticas para juntar ou combinar elementos proposicionais: técnicas, por um lado, classificadas segundo um esquema sintático que descreve diferentes graus do que Raible chama "integração" (...) e classificadas, por outro lado, segundo as relações semânticas expressas pelos elementos juntores e que seguem uma escala cognitiva de complexidade crescente [...] (Kabatek, 2005a, p. 165-166, grifo nosso).

O esquema apresentado a seguir (cf. Raible, 2001) ilustra a representação dos graus de integração entre orações ao longo do eixo vertical, enquanto o eixo horizontal corresponde a uma escala de complexidade semântica progressiva. Essa escala tem início na adição — compreendida como a relação de menor complexidade — e avança gradativamente em direção a relações semanticamente mais complexas, tais como causa, contraste, finalidade e concessão. Trata-se de uma proposta igualmente bidimensional — à semelhança daquela formulada por Halliday (1985) – também construída a partir de pressupostos teóricos funcionalista, de base não-dicotômica.

**Esquema 3**: *Junktion*

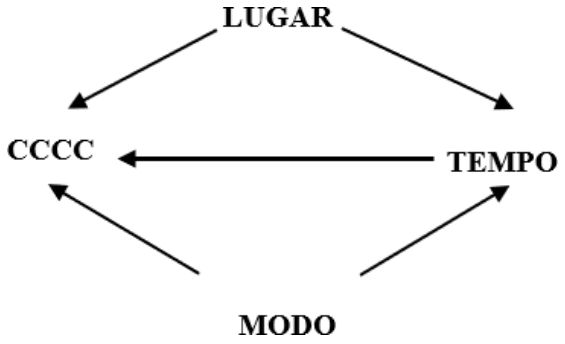



**Fonte**: Kabatek (2006, p. 517)

Conforme Longhin-Thomazi (2011/b) e Lopes-Damasio (2011), é possível identificar uma inclinação derivacional entre relações semânticas, comprovada por trabalhos realizados no

âmbito da mudança linguística por gramaticalização, especialmente, mas não apenas, nas análises desenvolvidas por Kortmann (1997), acerca de subordinadores adverbiais em línguas europeias. Segundo esse autor, as relações semânticas organizam-se em quatro macrossistemas — *tempo*, *modo*, *lugar* e *CCCC* (causa, condição, contraste e concessão)[33] — que, por compartilharem certos graus de parentesco, permitem explicar a polissemia de sentidos associada a MJs. O esquema a seguir ilustra esse pressuposto:

**Esquema 4**: Macroestrutura do universo semântico das relações oracionais




**Fonte**: Adaptado de Kortmann (1997, p. 117)

À luz desse modelo, o autor defende que as relações *temporais* alimentam o macrossistema *CCCC*, ainda que o inverso não ocorra. Ressalta, ainda, que *lugar* e *modo*, embora não tenham relações de parentesco entre si, alimentam os demais macrossistemas — *tempo* e *CCCC*. Desse modo, como ilustra o esquema 4, não se pode considerar o "caminho inverso" como critério analítico, de acordo com o princípio da unidirecionalidade, suficiente para descrever o percurso de mudança semântica ao longo do processo de gramaticalização: observa-se que as relações semânticas associadas aos juntores "evoluem" sistematicamente das mais concretas para as mais abstratas (Kortmann, 1997).

Para tanto, os MJs, considerando, ainda, a perspectiva linguística, são analisados sob o modelo bidimensional de junção formulado por Raible (2001), Kortmann (1997) e Halliday (1985), conforme Lopes-Damasio (2022a; 2019a; 2011) e Longhin Thomazi (2011a/b), contemplando a articulação entre os eixos tático (vertical) e semântico (horizontal). O eixo vertical abrange as relações paratáticas (P) e hipotáticas (H), excluindo-se o *encaixamento* (cf. Halliday, 1985; Hopper; Traugott, 1993). O eixo horizontal, por sua vez, representa uma gradação de complexidade crescente nas relações semânticas (cf. Kortmann, 1997) que se distribuem em:

[33] No trabalho citado de Kortmann (1997), o sentido de *contraste* não era considerado separadamente. Esse sentido foi inserido em trabalhos posteriores, dedicados especificamente ao macrossistema CCCC.

> [...] possibilidades de relações semânticas de acordo com um crescente de complexidade cognitiva e com o caráter unidirecional de parentescos semânticos, conforme trabalhos como o de Kortmann (1997), na perspectiva filogenética, voltados ao exame da mudança semântica e que apontam uma relação de derivação entre as categorias de espaço e modo em direção a *tempo* e a *causa*, *condição*, *contraste* e *concessão* (CCCC); e, de modo mais recorrente, entre as categorias de *tempo* e *CCCC*. Além dessas relações semânticas, considero também a de *adição*, configurada como aquela mais concreta, a partir da qual podem se efetivar todas as outras, a depender de aspectos pragmático-discursivos (Lopes-Damasio, 2022b, p. 6).

Como forma de ilustrar o cruzamento dos eixos, Lopes-Damasio (2022b) propõe o esquema a seguir:

**Esquema 5**: Abordagem linguística bidimensional

| | ADIÇÃO | ALTERNATIVA | MODO | COMPARAÇÃO | TEMPO SIMULTÂNEO | TEMPO FINAL | TEMPO POSTERIOR | CAUSA | CONDIÇÃO | FINALIDADE | CONTRASTE | CONCESSÃO |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **P** | | | | | | | | | | | | |
| **H** | | | | | | | | | | | | |

**Fonte**: Adaptado de Lopes-Damasio (2022b)

Conforme Lopes-Damasio (2014) e Longhin-Thomazi (2011a/b), a intersecção entre os eixos vertical (sintático) e horizontal (semântico) aponta para o pressuposto de que uma única relação semântica pode ser expressa por diferentes configurações táticas.

Em diálogo crítico com Kortmann (1997), já para a construção do espaço de observação linguístico-discursiva da junção e dos MJs, de acordo com o quadro teórico adotado neste trabalho, Lopes-Damasio (2022b) mobiliza os resultados da pesquisa tipológica do autor — na qual propõe um esquema de relações semânticas organizadas em termos de fonte e alvo, sob uma perspectiva filogenética — para, articulando-os aos conceitos de transformação e mudança (Lemos, 1998), explorá-los como um espaço observável de produção de sentidos. Trata-se, assim, de identificar, no funcionamento das relações semânticas, elementos que permitam situar a movimentação do sujeito em processo de constituição na construção dos sentidos de (seu) texto e conceber tais relações como "sentidos" e não apenas como "significados", uma vez tomadas de forma discursiva e sócio-historicamente situada.

Assim nos trabalhos de Lopes-Damasio (2022a/b, 2020, 2019a/b), o que Kortmann (1997) denomina de "parentescos semânticos" é reinterpretado, sob uma perspectiva linguístico-discursiva, como "trânsitos semânticos", concebidos como rastros do movimento/da movimentação do sujeito na construção de sentidos no processo de textualização. Tal fenômeno

manifesta-se por meio de instabilidades semânticas que se configuram em função do contexto "pragmático-discursivo do espaço de junção" (Silva, 2024, p. 172).

Portanto, pode-se considerar que os MJs, descritos e analisados a partir do critério bidimensional, são tomados como *rastros* da "circulação do escrevente pelo (seu) imaginário sobre a escrita e da dialogia com o já falado-escrito, em contexto determinado sócio-historicamente" (Lopes-Damasio, 2022a, p. 16). Assim, sob a perspectiva discursiva, os MJs são tomados como rastros específicos da movimentação do sujeito no processo de textualização, visto que "indiciam a individuação que atualiza seus discursos a cada experiência com o já falado/ouvido e escrito/lido, dialógica e historicamente" (Carvalho, 2025, p. 77).

Ao ser tomada como base para o tratamento do sujeito, a individuação permite que seja igualmente considerada no tratamento da escrita, isto é, "na forma de abordagem das marcas linguísticas desse processo [de individuação] na própria escrita" (Lopes-Damasio; Gava, 2025, p. 335). Em suma, trata-se de compreender a *individuação dos rastros*, de modo a articular a abordagem linguística a uma abordagem discursiva. Considera-se, que a escrita pode mostrar, textualmente, rastros de sua heterogeneidade mediante MJs que se relacionam à gênese da escrita e ao código escrito institucionalizado (Silva, 2024), enquanto móveis da dialogia com o já-falado/ouvido e escrito/lido. Os MJs podem ser compreendidos, portanto, enquanto:

> *rastro* da circulação do sujeito pelo modo escrito de enunciar e tomados como indícios do que se reconhece como *fixo* (aquilo que reflete o prototípico/sistemático, em termos do uso de estratégias juntivas) e *lacunar* (aquilo que se distancia desse centro prototípico ainda em termos do uso dessas mesmas estratégias) do texto (Lopes-Damasio, 2019b, p. 148).

Trata-se, assim, de observar a junção sob uma perspectiva que a enxerga como rastro "específico" de uma relação também específica entre sujeito e escrita, sem deixar de observar o ponto em que ocorre, ou seja, propõe-se a observar a constitutiva relação entre o MJ, em si, e o espaço de junção em que ocorre (Lopes-Damasio, 2019a, p. 16).

A concepção de espaço de junção articula-se à especificidade proposta por Veyne (1971, p. 48 *apud* Corrêa, 2007, p. 206), que compreende, simultaneamente, o particular e o geral da singularidade histórica. Nessa perspectiva, os MJs e os espaços de junção funcionam como recursos que operam na verticalização do tempo, sinalizando, de modo retroativo, regularidades linguísticas que constroem uma atualidade de sentido e, ao mesmo tempo, antecipando outras possibilidades de ocorrência (Lopes-Damasio, 2022b, p. 18). Trata-se de uma forma de observação que articula aspectos linguísticos e discursivos vinculados à *movimentação* do sujeito na construção de sentidos nos encadeamentos que constituem tradições de falar/escrever (Lopes-Damasio, 2022b, p. 16).

Nesse direcionamento, os MJs marcam, na superfície linguístico-textual, o movimento desse sujeito na elaboração do texto. O específico decorre, assim, de um processo simultâneo de "generalização" e "particularização", inscrito na história (Veyne, 1971, p. 48 *apud* Corrêa, 2007, p. 206). Para estabelecer uma relação entre os MJs e o específico de Veyne (1971), torna-se necessário associar o MJ ao *espaço de junção*, que permite, simultaneamente, a percepção linguística — por presença e/ou ausência — das técnicas de junção e a consideração do espaço *sócio-histórico* (não mais universal) em que ocorrem. Assim, quando se considera o contexto linguístico, este se encontra atrelado ao evento de uma TD em sua dimensão discursiva.

Sob tal enfoque, a dimensão sintática da junção passa a ser compreendida como memória de atos anteriormente realizados, o que permite reconhecer o funcionamento das TDs, e não apenas tratar a junção como um recurso formal da língua. É nesse sentido que os MJs se configuram a partir de um tratamento analítico de natureza linguístico-discursiva (Lopes-Damasio, 2019, p. 156). Ao conceber essa abordagem, enxerga-se o texto, em que ocorre o MJ em espaços de junção, não como *produto* textual, "mas como um processo de textualização em que o sujeito se constitui como escrevente num texto que se constitui numa tradição" (Lopes-Damasio, 2017, p. 1046).

Nesse espaço teórico que fundamenta a abordagem linguístico-discursiva, os MJs não obedecem a categorias previamente estabelecidas, mas, considerados a partir do processo de textualização, passam a ser analisados como *rastros* da movimentação do sujeito por seu imaginário de representação da (sua) escrita. Para essa análise, além de um instrumental analítico que permita o tratamento da fluidez dos usos, também os *espaços de junção* são imprescindíveis, ambos componentes teoricamente situados para uma metodologia linguístico-discursiva dos MJs, a partir de um olhar para os sentidos que emergem nesses espaços como efeitos da relação sujeito-língua-outro. [34]

Considerando os pressupostos discutidos nesta seção, a abordagem bidimensional toma o modelo funcionalista da linguagem como "ferramenta" para a análise linguística, compreendendo que a relação oracional se define pela continuidade dos processos de junção e pela interação entre aspectos sintáticos e semânticos, incorporados a uma análise discursiva dos

[34] Retoma-se, mais uma vez, a noção de escrita constitutivamente heterogênea, atrelada à ideia de escrita-processo, em que se torna central o seu caráter movente. Contrapondo-se à noção que considera a escrita como produto, a escrita movente permite que "pelas mãos do escrevente, diferentes práticas sociais se encontrem e se hibridizem" (Corrêa, 2013, p. 484). Nessa perspectiva, delineia-se o espaço teórico-metodológico para o tratamento articulado do linguístico e do extralinguístico, no qual "este deixe seu lugar de moldura em relação àquele e [que] deixe de ser considerado unicamente em seus aspectos pragmático-enunciativos para alcançar proposições sócio-históricas, com inscrições no sistema linguístico" (Lopes-Damasio, 2025, p. 3).

juntores em articulação com as concepções de heterogeneidade constitutiva da escrita e de TDs. Em outras palavras, trata-se de reconhecer a circulação dos escreventes por práticas orais/faladas e letradas/escritas mediante os *rastros* da heterogeneidade – os MJs, nos espaços de junção –, enquanto *transformação* e *mudança* que operam na relação sujeito-objeto no funcionamento simbólico da linguagem (Lemos, 1998), observado na aquisição da escrita.

Nessa direção, a próxima seção se ocupa em apresentar relações entre os MJs e as TDs, sendo os MJs considerados, neste trabalho, como *rastros* específicos da movimentação do sujeito no processo de textualização (Kabatek, 2005; Longhin-Thomazi, 2011a/b; Lopes-Damasio, 2022a/b, 2020, 2019a/b).

## 2. Mecanismos de junção e tradição discursiva

Nesta seção, a fim de dar luz ao diálogo entre MJs e TDs, serão apresentadas, inicialmente, a proposta de Kabatek (2005a/b), a partir do trabalho de Biber (1988), em seguida, uma síntese dos trabalhos de Longhin-Thomazi (2011a/b) e Longhin (2014), nos quais a autora estabelece a relação entre TDs e MJs no tratamento dado à aquisição da escrita por crianças, e, por fim, a mesma relação tal como apresentada por Lopes-Damasio (2022a/b, 2020, 2019a/b) a partir da abordagem linguístico-discursiva em que TD é associada a dialogia com o já-falado/ouvido e escrito/lido (Corrêa, 2004).

Ao adotar um entendimento textual-discursivo para a investigação sobre a língua, parte-se do princípio de que a circulação dos escreventes por práticas orais e letradas — e sua relação intrínseca com os enunciados falados e escritos enquanto efeitos dessas práticas — está na base do processo de *transformação*/*mudança* que caracteriza a aquisição da escrita (Lemos, 1998), deixando *rastros* no material linguístico (Lopes-Damasio, 2022, 2020, 2019a/b). Em outras palavras, práticas orais e letradas, reconhecíveis na materialidade *fixa* e *lacunar* do texto, consideradas em diálogo com o conceito de TDs, integram a memória dos sujeitos enquanto membros de comunidades e podem corresponder a gêneros, tipos textuais e construções linguísticas.[35]

Nesse quadro conceitual, resgata-se, mais uma vez, o diálogo crítico com a noção de TD (cf. Kabatek, 2005a/b), vista enquanto forma de observar, teórica e metodologicamente, a

[35] De modo geral, a consolidação desse quadro — entendido como um espaço de articulação entre campos teóricos provenientes de correntes distintas — vem se fortalecendo desde 2011, a partir da proposta inicial de Longhin-Thomazi (2011a/b). Tal consolidação se desenvolve no âmbito dos trabalhos de Lopes-Damasio (cf. 2019, 2016, 2014 entre outros) e, mais recentemente, tem sido impulsionada pelos resultados obtidos no PP, já mencionado (cf. Carvalho, 2025, Lopes-Damasio; Gava, 2025; Lopes-Damasio; Pedro, 2024; Lopes-Damasio; Santana, 2024; Silva, 2024; Oliveira, 2024; Santana, 2022, entre outros).

réplica da linguagem, em sua dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido, de modo a considerá-la em relação aos MJs, considerados, por sua vez, enquanto elementos *sintomáticos* de TD (Kabatek, 2006, 2005a/b; Longhin-Thomazi, 2011a).

Para isso, pressupõe-se, por um lado, que os MJs sejam *sintomáticos* de TDs e, por outro, que as TDs podem determinar a utilização de formas específicas de junção (Kabatek, 2005a/b). Nesse sentido, Kabatek retoma a proposta de Biber (1988), baseada na análise da junção, ao examinar diferentes gêneros textuais,[36] por meio de uma metodologia de caráter estatístico que contempla dois aspectos distintos: os linguísticos e os situacionais. Tal proposta permite considerar, a partir da variação quantitativa, os graus de maior ou menor proximidade entre gêneros dispostos em um *continuum* (Kabatek, 2005a).

Inspirado pelo modelo de Biber, Kabatek (2006) propõe uma metodologia que se concentra na junção como um fenômeno fundamental para identificar e distinguir as TDs. Segundo o autor, os esquemas de junção observáveis na superfície textual podem ser compreendidos como aspectos sintomáticos capazes de determinar a(s) TD(s) à(s) qual(is) o texto pertence. Para isso, recomenda uma análise que combine avaliação qualitativa e quantitativa da frequência relativa dos juntores nos textos (Kabatek, 2006, p. 15).

Para tratar metodologicamente a junção como *sintomática* de TDs, Kabatek recorreu à proposta de Raible (2001), conforme apresentada na subseção 1.1 deste capítulo, em que são identificadas estruturas sintáticas que, mantendo relações semânticas, distribuem-se nos polos de integração e de agregação. Conforme Kabatek (2005b), a perspectiva adotada por Raible (2001) estabelece relação direta entre junção e outros fatores, como, por exemplo, "a evolução das línguas, a aquisição da linguagem, a gramaticalização e a relação entre oralidade e escrituralidade" (Kabatek, 2005b, p. 14).

Por essa razão, a partir dessa definição metodológica, Kabatek (2006, 2005a/b) transpõe o esquema dos juntores para uma análise que considera a superfície do texto e apoia-se em pontos centrais, sendo eles: (i) o que considera que, em uma mesma sincronia, os juntores podem apresentar-se em variação pelo próprio funcionamento do texto; e (ii) o que considera que diferenças entre os juntores – num percurso diacrônico – inclinam-se a associar-se sincronicamente a essa mesma trajetória histórica.

Nas palavras de Kabatek (2005b, p. 15), considerar os juntores como sintomáticos de TDs possibilita determinar a TD a que o texto pertence a partir da própria junção. Essa

[36] O conceito de gêneros textuais, adotado por Biber (1988) relaciona-se, diretamente, ao conceito de TD, visto que cada gênero textual traz consigo traços do que é tradicional e pode ser interpretado como uma TD, no que se refere à noção de *tradição*.

abordagem de estudo permite, portanto, observar a relação entre MJs e TDs, a exemplo daquela que contraria a suposta homogeneidade de um "gênero" ou de uma TD, identificada em sua correspondência com um gênero (Kabatek, 2005b). Em outras palavras, trata-se de reconhecer, por meio de *rastros* juntivos, a heterogeneidade interna que compõe as TDs, permitindo a identificação de diferentes características textuais para cada TD complexa, correspondente a um gênero.

Ao analisar textos narrativos de crianças em processo de aquisição da escrita, Longhin (2014) estabelece relações entre aspectos linguísticos, MJs, finalidades comunicativas e TDs, e afirma que, em seus primeiros textos escritos, a criança, em processo de aquisição, depara-se com o *fixo* e o *lacunar* das TDs e deixa transparecer, na materialidade linguística da TD em aquisição, marcas das TDs pelas quais ela já circula – principalmente as tradições de textos orais (Longhin, 2014, p. 118). Nessa perspectiva, Longhin-Thomazi (2011a) considera que a criança traz, em sua "memória comunicativa", esquemas textuais adquiridos nas "práticas sociais orais e letradas até então experimentadas" (Longhin-Thomazi, 2011b, p. 227).

Desse modo, Longhin-Thomazi (2011b, p. 244) delineia a junção enquanto o *fixo* das TDs, uma vez que "as TDs condicionam o tipo e a frequência dos esquemas de junção", e enquanto o *lacunar* das TDs, no sentido de que há opções "pelo esquema de junção, na diversidade de possibilidades de articulação sintático-semântica."

Assim, a partir da "materialização de tradições textuais por meio dos usos de MJs", torna-se possível seguir com os estudos numa perspectiva histórica – no âmbito da filogênese (cf. Lopes-Damasio, 2011) – e numa perspectiva que considera a aquisição da escrita — no da ontogênese, como é o caso deste trabalho (cf. Carvalho, 2025, Lopes-Damasio; Gava, 2025; Lopes-Damasio; Silva, 2025; Lopes-Damasio; Pedro, 2024; Lopes-Damasio; Santana, 2024; Oliveira, 2024, Silva, 2024; Lopes-Damasio, 2025, 2022, 2020, 2019a/b).

A partir da observação dos MJs, conforme a adaptação do critério bidimensional de análise apresentada na subseção 1.1 deste capítulo 3, observa-se um lugar teórico-metodológico para investigar, por meio da relação de aspectos linguísticos e discursivos, "rastros que mostram o movimento do sujeito para a construção dos sentidos no processo de textualização" (Lopes-Damasio, 2020, p. 137), fundamentando-se na correlação entre *atualização* e *experiência* que está na base do conceito de TD, conforme Kabatek (2008, 2006, 2005a/b), no âmbito dos estudos diacrônicos, mas, também, no dos estudos em aquisição da escrita, sob perspectiva sincrônica (Lopes-Damasio, 2019; Lopes-Damasio; Silva, 2018). Em outros termos, trata-se de reconhecer os MJs enquanto *rastros* específicos (Lopes-Damasio, 2020, p.154) da *movimentação* do sujeito em seu processo de constituição textual, por indicarem *rastros* de sua

própria individuação em discursos que se atualizam a cada experiência com um já falado/ouvido e escrito/lido.

Os MJs, considerados enquanto *rastros* específicos da movimentação do sujeito na/para a construção de seu texto, podem ser considerados como "*fixo* e [o] *lacunar* nas tradições em que se inserem, em espaços de junção delineados pelo contexto enunciativo" (Lopes-Damasio, 2010, p. 154).

> [...] os MJs lançam luz sobre a não obviedade da relação sintaxe-texto-discurso, quando tomada no espaço que retrata a textualização, caracterizada como acontecimento, em que o sentido do texto é construído na experiência [desse acontecimento], como retomada do já-experimentado, da memória do já-dito/escrito e do já ouvido/lido, mas também, e ao mesmo tempo, como novidade da reatualização de uma TD (Lopes-Damasio, 2020, p. 154).

Portanto, os MJs configuram-se como "*rastro* da circulação do sujeito pelo modo escrito de enunciar", indiciando o que "se reconhece como fixo (aquilo que reflete o prototípico/sistemático, em termos do uso de estratégias juntivas) e lacunar (aquilo que se distancia desse centro prototípico ainda em termos do uso dessas mesmas estratégias) do texto" (Lopes-Damasio, 2019, p. 154).

Desse modo, no tratamento da aquisição da escrita, não basta circunscrever a análise ao plano estritamente linguístico dos MJs, uma vez que a escrita, em cujos espaços se caracteriza o fenômeno da junção – os MJs e(m) seus espaços de junção –, é concebida como fenômeno de linguagem inscrito em uma construção sócio-histórica de produção de sentidos, que se realiza, necessariamente, no discurso. No interior do sistema conceitual adotado, "a escrita foi tomada como um acontecimento da linguagem; ela não o deixa de ser porque está em aquisição, mas já é assim, como evento que acontece, adquirida" (Lopes-Damasio; Gava, 2025, p. 361).

Parte-se, assim, de um espaço de observação da aquisição da escrita, conforme demonstram pesquisas recentes desenvolvidas nessa mesma abordagem — especialmente aquelas voltadas à aquisição da escrita pela criança (cf. Longhin-Thomazi, 2011a, 2011b; Lopes-Damasio, 2014, 2019; Lopes-Damasio; Pedro, 2024; Lopes-Damasio; Silva, 2018; Silva, 2024; Taura, 2019, dentre outros), direcionado, no presente estudo (cf. Carvalho, 2025; Lopes-Damasio; Gava, 2025; Oliveira, 2024), à aquisição da escrita experimentada por adultos, no contexto do PEJA.

## Apontamentos finais

Ao propor o diálogo entre a perspectiva discursiva assumida (cf. Corrêa, 2004) e a perspectiva funcionalista aplicada ao tratamento das relações entre orações complexas, este

capítulo apresentou, inicialmente, os pressupostos da análise linguística funcionalista, mobilizando-os como ferramenta para a abordagem linguístico-discursiva da junção, conforme seus objetivos. Nesse percurso, para a apresentação das bases linguísticas da junção entre orações, destacaram-se os pressupostos de Halliday (1985), cuja formulação articula componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos a partir de dois eixos fundamentais, tático e lógico-semântico, de natureza bidimensional. O eixo tático diz respeito à interdependência entre elementos — palavras, sintagmas ou orações — e contempla as relações de parataxe, entre elementos de igual estatuto, e de hipotaxe, entre elementos de estatutos distintos, nas quais se estabelece um vínculo de dominância e dependência. Já o eixo lógico-semântico envolve as relações de *expansão* e *projeção*.

A partir de Raible (2001), retomou-se o conceito de *junktion*, entendido como o conjunto de técnicas linguísticas de combinação de elementos proposicionais, que também se organizam segundo um modelo bidimensional, em um eixo vertical (sintático), referente aos graus de integração, e um eixo horizontal (semântico), que contempla uma escala de complexidade crescente que se estende da *adição* — relação menos complexa/mais concreta — até *concessividade* — relação mais complexa/mais abstrata.

No estudo das relações semânticas, Kortmann (1997) identifica quatro macrossistemas semânticos: *tempo*, *modo*, *lugar* e *CCCC*, em que as relações *temporais* são as mais propensas a alimentar o macrossistema *CCCC*, embora o inverso não ocorra, e as relações de *lugar* e *modo* não apresentam parentescos semânticos entre si, mas alimentam os outros sistemas –, o que permite explicar padrões de polissemia e de parentescos semânticos, considerados, neste trabalho, como trânsitos semânticos (Lopes-Damasio, 2022a/b, 2020, 2019a/b) recuperáveis, pelo analista, a partir de MJs e(m) espaços de junção.

Portanto, os MJs são focalizados, na perspectiva linguística, tendo como base o modelo bidimensional (cf. Halliday, 1985, Raible, 2001, Kortmann,1997), que, conforme Lopes-Damasio (2022a, 2019b, 2011) e Longhin-Thomazi (2011a/b), adota a interseção dos eixos tático (vertical) e semântico (horizontal). O eixo tático é representado, nessa proposta, pelas relações de parataxe (P) e hipotaxe (H), excluindo o encaixamento (Halliday, 1985). O eixo semântico, por sua vez, aponta para a complexidade crescente nas relações semânticas (cf. Kortmann, 1997).

Da perspectiva discursiva, os MJs são considerados, segundo Lopes-Damasio (2022a/b, 2020, 2019a/b), enquanto *rastros* específicos de uma relação também específica entre o sujeito e a (sua) escrita. Apontam, ainda, para a movimentação do sujeito na construção do (seu) texto, indiciando a *individuação* que se atualiza a cada experiência com o já falado/ouvido

e escrito/lido. Considera-se, ainda, segundo Lopes-Damasio (2020, p. 142), a relação entre os MJs e o *espaço de junção* que possibilita "observar as técnicas de junção sem perder de vista o ponto em que ocorre".

O próximo capítulo irá apresentar o material e o método utilizados para a abordagem linguístico-discursiva adotada neste trabalho.

# PARTE II
# UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

# CAPÍTULO 1
# MATERIAL E MÉTODO

## Considerações iniciais

Este capítulo tem por objetivo apresentar o material e o método utilizados para realizar as análises que sustentam este trabalho. Para cumprir esse objetivo, além desta seção introdutória, está organizado em três seções e apontamentos finais.

A seção 1, *As TDs narrativa e prescritiva em aquisição: delimitação do universo de investigação*, subdivide-se em: 1.1 *Procedimentos éticos de pesquisa*; 1.2 *O programa para a Educação de Jovens e Adultos*; 1.3 *Um espaço para alfabetização e letramento: o PEJA – UNESP/Assis*; e, por fim, 1.4 *A leitura da palavra-mundo: mulheres que constituem o PEJA – UNESP/Assis*. A seção 2, *Material,* compreende a subseção 2.1 *O texto e suas condições de produção*. A seção 3, *Uma abordagem linguístico-discursiva da escrita: procedimentos metodológicos*, subdivide-se em: 3.1 *Procedimentos metodológicos para a análise tático-semântica* e 3.2 *Procedimentos metodológicos para uma análise da heterogeneidade da escrita e(m) espaços de junção.* Por fim, o capítulo encerra-se com *Apontamentos finais*, seção destinada a reunir aspectos centrais apresentados ao longo do capítulo e relevantes para a compreensão da Parte III desta dissertação.

## 1. As TDs narrativas e prescritiva em aquisição: delimitação do universo de investigação

### 1.1 Procedimentos éticos de pesquisa

Os dados de escrita analisados nesta pesquisa foram extraídos de textos escritos por educandas do PEJA – UNESP/Assis coletados no âmbito do PP. Esses textos compõem o Banco de Dados de Escrita Inicial (BDEIn – UNESP), *Inicial write database* (*InWrite* – UNESP), que está sendo organizado como parte das atividades do Projeto mencionado, segundo o conceito de TD que fundamenta este trabalho.

As coletas dos textos foram realizadas mediante autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP (CAAE: 67558423.4.0000.5401; número do parecer: 6.524.627). Antes do início das oficinas de produção textual, foi solicitada às educandas do PEJA – UNESP/Assis uma autorização formal por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em conformidade com as diretrizes do CEP da UNESP para pesquisas que envolvem participantes humanos.

## 1.2 O Programa para Educação de Jovens e Adultos

O Programa para a Educação de Jovens e Adultos (PEJA) vincula-se à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), responsável por promover ações de políticas públicas extensionistas sob o viés acadêmico, mediante interação ensino e pesquisa, sendo realizado por Unidades Universitárias que têm cursos de Licenciatura e/ou de Pedagogia. O Programa tem seus objetivos vinculados, sobretudo, à alfabetização e ao letramento e é direcionado às comunidades interna e externa à UNESP. Conta, ainda, com o objetivo, alinhado ao compromisso com a pesquisa, de formar educadores populares na tríade ensino-pesquisa-extensão.

Atualmente, o PEJA-UNESP é desenvolvido nos *campi* de Araraquara, Bauru, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São josé do Rio Preto e Assis, sendo este último, aquele focalizado nesta subseção:

**Quadro 3**: O PEJA em cada um dos sete *campi*

| Câmpus | Coordenador(a) |
|---|---|
| FCLAR – Araraquara | Profª. Érika Capelo |
| FCL - Assis | Profª. Lúcia Regiane Lopes-Damasio |
| FC – Bauru | Profª. Eliana M. Zanata |
| FFC – Marília | Prof. José Carlos Miguel |
| FCT – Presidente Prudente | Profª. Maria Rotta Furlanetti |
| IBIRC- Rio Claro | Profª. Débora C. Fonseca |
| IBILCE – São José do Rio Preto | Prof. Fábio Fernandes Vilela |

**Fonte**: Elaboração própria

O PEJA propõe, em todas as Unidades, um caráter de ensino em continuidade, uma vez que é orientado pelo objetivo de "assegurar a permanência como um dos caminhos para uma educação libertária e libertadora, sob o princípio da formação continuada como espaço de aprendizagem, construção e reconstrução de saberes" (Oliveira, 2024, p. 77).

De maneira geral, essa caracterização descrita permite compreender o PEJA como uma relevante política institucional voltada à educação de jovens e adultos. O Programa estabelece parcerias com comunidades locais e busca mobilizar recursos que contribuam para a formação de educadores e educandos críticos, orientando-se por princípios de uma pedagogia de inspiração freiriana.

Em cada um dos sete *campi* da UNESP, o PEJA apresenta configurações bastante diversas, decorrentes, por um lado, da multiplicidade de linhas de pesquisa que o Programa promove — em campos como Educação, Sociologia, Psicologia, Linguística e Matemática —

e, por outro, das especificidades das ações desenvolvidas e do perfil do público atendido em cada câmpus.

Portanto, a subseção 1.3 *Um espaço para a alfabetização e o letramento: o PEJA-UNESP/Assis* tem por objetivo descrever, com maior detalhamento, as características do Programa nesse câmpus.

## 1.3 Um espaço para alfabetização e letramento: o PEJA – UNESP/Assis

A Faculdade de Ciências e Letras (FCL), da UNESP, localizada no município de Assis, interior do Estado de São Paulo, abriga um dos núcleos de atuação do PEJA há aproximadamente 25 anos, desde sua implementação em 2001. Considerando especificamente o câmpus da FCL – Assis, a atuação do Programa volta-se ao trabalho com a escrita em sua relação constitutiva com as práticas orais e letradas. Nesse contexto, o desenvolvimento das atividades vincula-se ao PP, "Escrita e Tradição Discursiva no Ensino: da delimitação conceitual ao seu papel nos aspectos ocultos do letramento acadêmico" (FAPESP – processo 2022/02850-0), coordenado pela Profa. Lúcia Regiane Lopes-Damasio.

O PEJA – UNESP desenvolveu, ao longo de sua trajetória, atividades tanto em Assis quanto no município vizinho de Cândido Mota. Nesse percurso, estabeleceu parcerias com diferentes instituições públicas locais, entre as quais se destacam o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Além dessas parcerias, o Programa também atuou junto à COOCASSIS – Cooperativa de Catadores de Material Reciclável de Assis, ampliando suas ações para o contexto de uma cooperativa de trabalhadores. Somam-se a essas iniciativas, parcerias com escolas públicas municipais, instituições religiosas e com a Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP (UNATI), outro projeto de extensão universitária desenvolvido pela Universidade.

No ano de 2023 — período em que foi realizada a coleta do material analisado nesta pesquisa — o PEJA – UNESP/Assis oferecia encontros semanais, entre educadores e educandos, nas seguintes instituições com as quais mantinha vínculo: (i) EMEIF Professora Alides Celeste Razaboni Carpentieri, doravante referenciada como núcleo I; (ii) UNESP/Assis, doravante referido como núcleo II; e (iii) Asilo Lar dos Velhos, doravante referido como núcleo III.[37] Além dos encontros semanais, eram realizadas reuniões quinzenais com os educadores,

[37] Mais detalhes acerca do núcleo II — espaço em que atuei como educadora e no qual foram realizadas a produção e a coleta do material analisado neste trabalho — serão apresentados na subseção seguinte. O núcleo I atendia, majoritariamente, mulheres idosas já alfabetizadas, que buscavam, nos encontros do Programa, ampliar suas práticas de leitura e escrita para além das etapas iniciais do processo de aquisição da escrita. Embora apresentassem uma familiaridade com as letras e sons, muitas educandas manifestavam sentimento de insegurança em relação às

destinadas à organização das atividades e à formação, conduzidas pela coordenadora do Programa, Profa. Lúcia Regiane Lopes-Damasio.

Cada um dos núcleos de atuação do PEJA – UNESP/Assis (I, II e III) apresentava demandas específicas, relacionadas tanto ao perfil dos educandos atendidos quanto às expectativas que mobilizavam sua participação nos encontros. Com o objetivo de responder a essas particularidades e assegurar a qualidade das atividades desenvolvidas, os educadores eram orientados, nas reuniões de planejamento e organização, a elaborar encontros e atividades alinhadas às características de cada núcleo. Tais orientações eram fundamentadas em uma perspectiva freiriana, que compreende o processo de ensino e aprendizagem como prática dialógica, situada e sensível às experiências e aos saberes dos sujeitos envolvidos.

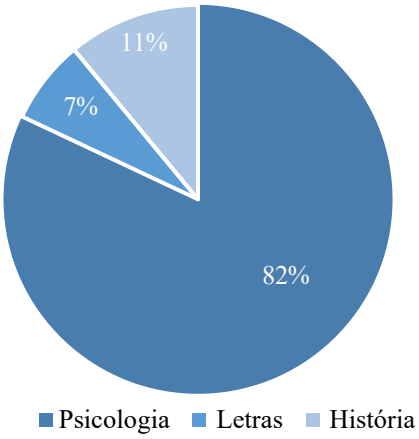
No que diz respeito à composição do grupo de educadores do PEJA – UNESP/Assis, seus participantes, ao longo de todo o período de desenvolvimento do Programa na Unidade, eram alunos dos cursos de graduação, a saber, Letras, História, Psicologia, Ciências Biológicas e Engenharia Biotecnológica, oferecidos pela UNESP/Assis, agregando, assim, bolsistas e voluntários. Essa realidade permitiu a construção de encontros multidisciplinares, destinados à alfabetização e ao letramento, sob a perspectiva de Paulo Freire (1980; 1976).

Em um breve levantamento feito com base nos participantes do Programa entre os anos de 2021-2023 (Oliveira, 2024), incluindo o período em que o material investigado neste trabalho foi produzido e coletado, constatou-se a presença majoritária de educadores do curso de Psicologia (82%) e, em contrapartida, a baixa participação de matriculados em cursos de licenciatura em Letras (7%) e História (11%). Não há participação de alunos provenientes dos cursos de Engenharia Biotecnológica e Ciências Biológicas, conforme o Gráfico abaixo:

---

suas próprias capacidades, decorrentes de trajetórias escolares interrompidas ou de experiências limitadas de escolarização formal. Nesse contexto, os encontros buscavam constituir um espaço de aprendizagem que, ao mesmo tempo, valorizasse os saberes dessas participantes e promovesse desafios no processo de aquisição da escrita, considerado, neste trabalho, enquanto processo de subjetivação. Assim, o grupo de educadores era constantemente instigado a elaborar propostas de encontros que atendessem às especificidades desse público, favorecendo práticas de escrita significativas e contribuindo para o fortalecimento da autoconfiança dos educandos em relação ao (seu) texto. Por sua vez, o núcleo III, no Asilo Lar dos Velhos, atendia educandos e educandas idosos(as), residentes na instituição. Nesse contexto, embora as atividades estivessem orientadas para a relação sujeito-escrita, em diferentes práticas de escrita, buscavam estimular a coordenação motora e a memória, e assumiam também uma dimensão afetiva bastante significativa. Muitos dos participantes expressavam, de forma recorrente, a necessidade de atenção, escuta e convivência, de modo que as práticas desenvolvidas no núcleo articulavam o trabalho com a escrita à valorização da escuta sensível e do diálogo.

**Gráfico 1**: Grupo de educadores do PEJA-Assis nos anos de 2021-2023




**Fonte**: Oliveira (2024)

A partir do gráfico 1, conforme Oliveira (2024), destaca-se a baixa aderência dos cursos de licenciatura a um Programa voltado especificamente à educação e ao ensino, o que sinaliza uma problemática relevante no campo da Educação de Jovens e Adultos. Embora, no cenário legislativo atual, essa modalidade de educação esteja configurada como Educação Básica,[38] a formação de professores para atuar nesse contexto ainda se apresenta como uma questão incipiente nas licenciaturas. Nesse sentido, a autora destaca que, para que os profissionais da educação possam compreender de maneira mais consistente o que constitui a educação de jovens e adultos — bem como suas particularidades pedagógicas, históricas e sociais —, torna-se fundamental que essa temática seja discutida no âmbito da Universidade, especialmente nos cursos de licenciatura (Oliveira, 2024).

É possível considerar, ainda, que, ao problematizar o tratamento conferido à educação de jovens e adultos (EJA) nos cursos de licenciatura, salientam-se desafios de ordem político-pedagógica no processo de formação dos educadores que atuam no PEJA, sobretudo no que se refere à preparação de profissionais aptos a atuar no processo de alfabetização e letramento. Nesse sentido, conforme destaca Oliveira (2024), a defesa de uma formação crítica de educadores para atuar na educação de jovens e adultos não implica reduzir esse campo a uma dimensão técnica ou especializada. Ao contrário, trata-se de superar práticas marcadas pela improvisação e qualificar os educadores para um trabalho que recupere a dimensão política e emancipatória da educação. Tal perspectiva pressupõe a elaboração de propostas pedagógicas que reconheçam os educandos do PEJA como sujeitos empíricos carregados de conhecimento,

[38] Considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, “as licenciaturas e outras habilitações ligadas aos profissionais de ensino não podem deixar de considerar, em seus cursos, a realidade da EJA” (Brasil, 2000). Desse modo, a formação de professores precisa, ainda, contemplar, no âmbito curricular, as especificidades próprias das modalidades de ensino em que são atendidos os alunos da educação básica.

de história e de cultura, superando concepções e práticas alinhadas à reprodução da ordem tradicional e articulando o Programa à luta por transformações estruturais na sociedade.

## 1.4 A leitura da palavra-mundo: as mulheres que constituem o PEJA – UNESP/Assis

Pensar a educação de jovens e adultos implica considerar o público que o Programa atende e que, consequentemente, constitui essa modalidade de ensino historicamente marcada por condições de grande precariedade no Brasil. Retoma-se, nesse contexto, o pressuposto apresentado por Paulo Freire (1980), segundo o qual "a vocação do homem é ser sujeito" (Freire, 1980, p. 34), compreendo-o como sujeito empírico, como um ser enraizado em determinado espaço geográfico e tempo histórico, inserido em um processo contínuo de vir a ser. Torna-se, aqui, fundamental refletir sobre os sujeitos empíricos que integram o PEJA, considerando as múltiplas dimensões do contexto social, histórico e cultural em que estão inseridos.[39]

A educação de jovens e adultos tem sentido os efeitos do processo de juvenilização,[40] conforme descrito por Paiva e Sales (2014). Segundo esses autores, diferentemente do cenário da educação de jovens e adultos nas décadas de 1950 e 1960 — marcado predominantemente pela presença de adultos que, em sua maioria, nunca havia frequentado o ambiente escolar —, observa-se, na contemporaneidade, uma mudança na composição desse público. Nesse contexto, a EJA passa a ser caracterizada por um processo crescente de juvenilização.

No entanto, o cenário observado no PEJA – UNESP/Assis, especialmente no período posterior ao contexto pandêmico, apresenta características distintas. Os núcleos de atuação do Programa na FCL/Assis, conforme apresentados nas subseções anteriores, são compostos, exclusivamente, por pessoas da terceira idade. De forma crescente, esse público tem buscado o PEJA com o objetivo de concluir seus estudos ou, como ocorre na maioria dos casos, iniciar o processo de reconhecimento das letras, realizando sonhos que lhes foram negados

[39] Lopes-Damasio (no prelo) chama a atenção, seguindo Corrêa (2013, p. 498), para a necessária consideração de que, se, por um lado, há um sujeito empírico, cuja realidade não se pode negar, por outro lado, seu aparecimento na linguagem se dá como sujeito discursivo, uma vez que, mesmo numa perspectiva que leve em conta exclusivamente a interação entre sujeitos, não se pode conceber um sujeito plasmado na linguagem tal qual em sua própria existência empírica. A existência do sujeito empírico está relacionada à questão da referência (ao mundo, ao outro e a si mesmo), que, por sua vez, é intrínseca à enunciação. Nas palavras de Corrêa, "[n]ão se trata, pois, de uma relação linguagem/mundo (sem mediação), em que as coisas, as pessoas e o próprio sujeito apareceriam como tais na sua representação pela linguagem" (Corrêa, 2013, p. 498). Se o sujeito empírico é um fato/dado de realidade, não é como sujeito empírico que ele enuncia, se se considera – como considera neste trabalho – sua constituição pela alteridade, em seu sentido forte.

[40] De modo geral, o fenômeno da "juvenilização" marca o atual cenário da educação de jovens e adultos no Brasil e tem base nos processos históricos e sociais que marcam, por sua vez, o ingresso de jovens, cada vez mais cedo, na EJA.

anteriormente em razão da falta de oportunidades de escolarização. Embora não se pretenda aqui oferecer explicações definitivas para essa configuração, é possível reconhecer a importância da ocupação desse espaço por esses idosos, enquanto "sujeitos que se sentem (porque são) ainda ativos e participantes da sociedade e que precisam ser envolvidos em atividades das quais sintam desejo de participar" (Oliveira, 2024, p. 79).

Portanto, o objetivo desta subseção é apresentar os sujeitos empíricos que constituem o PEJA – UNESP/Assis, com foco no núcleo que constituiu o espaço para a coleta do material utilizado neste trabalho e, assim, dar voz às histórias das educandas que, no cotidiano mais simples, tecem narrativas marcadas por força e sensibilidade, atravessadas por memórias de um passado que permanece presente, entrelaçando experiências de alegria e de tristeza.[41]

O núcleo II de atuação do PEJA – UNESP/Assis constituiu-se, no ano de 2023, à época das coletas, por um grupo exclusivamente formado por mulheres. Esse dado aponta para uma configuração particular, na qual a presença feminina se mostra como elemento central para a compreensão das histórias relacionadas à educação ali observadas.

Em sua maioria, as integrantes do PEJA – UNESP/Assis são mulheres não-brancas, que têm origem no campo ou cidades do interior, cujas histórias de vida são marcadas pelo trabalho doméstico e/ou por atividades laborais no meio rural e pela forte presença da religião como forma de sustentar uma vida cheia de dor e sofrimento. São mães e, por isso, têm o trabalho doméstico como marca registrada de uma vida em que, de modo geral, as suas vontades e seus sonhos foram colocados em segundo plano. Dentre esses sonhos, o sonho de ler e escrever. As mulheres que constituem o PEJA – UNESP/Assis não são quaisquer mulheres, possuem raça e classe social bem definidas. Ao considerar marcadores sociais como gênero, raça, geração, origem geográfica e religião — compreendidos como elementos que estruturam relações assimétricas de poder —, torna-se possível compreender os obstáculos à escolarização que decorrem dessas condições sociais e das desigualdades por elas produzidas.

Para tanto, serão apresentadas, a seguir, as mulheres que compõem o PEJA – UNESP/ Assis, especialmente de seu núcleo II.

---

[41] No que se refere ao sujeito, destaca-se, com Corrêa (2013, p. 491), que "o indivíduo empírico que incansavelmente buscamos (em nós mesmos, nos outros, nos intercâmbios verbais) chega ao discurso por meio de um processo histórico que nos dá – sempre – uma versão de sua realidade empírica, isto é, temos acesso a ele como um produto histórico-discursivo, e não como indivíduo empírico". Apesar desse reconhecimento, acredita-se que, no contato direto, no espaço da sala de aula, na experiência concreta dos encontros presenciais do PEJA, a relação educador-educando, experimentada para o desenvolvimento deste trabalho, possa, de certa forma, no "regime processual de tomada da palavra", contribuir para a compreensão do produto que é efeito "do ato que, situado entre lembrança e esquecimento, simula, a cada vez, reinaugurar o exercício da linguagem, renovando ou reafirmando sentidos" (Corrêa, 2013, p. 491).

A escrevente 1 (E1), de 70 anos, nasceu em Jandaia do Sul, no estado do Paraná. É uma mulher preta, mãe de dois filhos e avó. Durante a infância, frequentou a escola por um breve período, mas não concluiu sua escolarização, pois, desde muito cedo, foi inserida no trabalho na roça. Desde criança, trabalhava ao lado do pai, o que interrompeu seu percurso educacional. Chegou ao PEJA não alfabetizada e, ao longo de sua trajetória no Programa, descobriu-se uma excelente escritora. Sua história de vida também é marcada por experiências de grande vulnerabilidade. Após ser ameaçada de morte por seu pai, homem muito violento, foi morar com sua mãe. Entre as lembranças que guarda com carinho, destaca-se o dia em que ganhou uma boneca preta, na qual se reconheceu. Um de seus maiores sonhos era escrever um livro (*in memoriam*)

A escrevente 2 (E2), de 89 anos, nasceu no interior da Bahia. É mãe, avó, bisavó e trisavó. Como ela mesma se define, é também amiga, comadre, aluna e, muitas vezes, professora, pois, com sua admirável sabedoria, ensina a todos que com ela convivem. Ingressou no PEJA com o desejo de "aprender as letras" e foi nesse espaço que se alfabetizou, construindo uma relação significativa com a leitura e a escrita. Natural do interior da Bahia, mudou-se para São Paulo para trabalhar como empregada doméstica, onde viveu por 28 anos nos quartos dos fundos da casa da patroa. Com o fruto de seu trabalho, criou sozinha cinco filhos, dos quais três já faleceram. Ao narrar sua trajetória, afirma que já viveu "muitas tristezas e também muitas alegrias". Mulher de grande fé, encontra na simplicidade da vida a beleza de estar viva.

A escrevente 3 (E3), de 68 anos, nasceu e foi criada na cidade de Assis, no interior do estado de São Paulo, onde construiu grande parte de sua trajetória de vida. É uma mulher preta, mãe de dois filhos e avó de "muitos netos", como ela mesma afirma. Frequentou o PEJA durante vários anos, espaço em que foi alfabetizada e estabeleceu uma significativa relação com a leitura e a escrita. Ao longo de sua vida, trabalhou no campo e como empregada doméstica. Entre as educandas do Programa, era conhecida como "comadre", denominação que aponta para os fortes vínculos de amizade que estabeleceu. Apesar das dificuldades enfrentadas ao longo da vida e das exigências do trabalho, E3 demonstrava encontrar, nos pequenos detalhes do cotidiano, forças para seguir em frente. Permaneceu no PEJA até maio de 2023, quando sofreu um AVC, o que a impossibilitou de retornar às atividades de que tanto gostava. Desde então, sua ausência é sentida por aqueles que compartilharam com ela esse espaço, sendo ainda hoje lembrada com carinho pelas educandas e pelos educadores do Programa.

A escrevente 4 (E4), de 72 anos, nasceu e foi criada em uma aldeia no interior do estado de Mato Grosso do Sul. É uma mulher indígena, não branca. Na infância, não frequentou a escola, pois, desde muito cedo, trabalhou na roça ao lado de seus 13 irmãos, o que interrompeu

seu processo de escolarização. Encontrou no PEJA a oportunidade de "aprender a ler para cantar os hinos da igreja". Ao longo da vida, trabalhou no campo e, posteriormente, como empregada doméstica e cozinheira. Ainda na infância, foi afastada da mãe e passou a ser criada pelo pai, com quem conviveu em um contexto marcado pela violência. Anos mais tarde, estabeleceu-se na cidade de Assis, para onde se mudou após ser ameaçada de morte pelo marido. No município, encontrou um espaço para reconstruir sua trajetória de vida. Segundo seu próprio relato, conheceu um homem que "era muito bom", para quem passou a trabalhar, experiência que marcou o início de uma nova etapa em sua história. Entre as educandas e educadores do Programa, E4 é reconhecida pela força e pela delicadeza com que conduz suas relações. Acolhe aqueles que cruzam seu caminho e deixa, na memória de quem a conhece, marcas de sua generosidade e de sua presença.

A escrevente 5 (E5), de 68 anos, nasceu e foi criada na cidade de Assis. É mãe de dois filhos e avó. Como ela mesma se define, é "uma mulher muito bonita". Também se destaca por seu talento artístico, encontrando nas artes um espaço para expressar suas emoções e deixar sua marca. Ao longo de sua trajetória, trabalhou como empregada doméstica. Sua história de vida foi marcada por diferentes formas de violência e, atualmente, participa ativamente das atividades do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), contexto em que, muitas vezes, enfrenta situações de preconceito. Apaixonada por Roberto Carlos, E5 possui um modo singular de escrever, capaz de transformar uma narrativa simples em um texto de forte caráter poético.

A escrevente 6 (E6), de 65 anos, nascida no interior do Paraná, é esposa, avó e dona de casa. Ingressou no PEJA já alfabetizada. Seu principal objetivo ao entrar no Programa era aperfeiçoar a escrita para realizar o sonho de obter a carteira de habilitação e conquistar maior autonomia. Embora carregue muita sabedoria, demonstra, em seus textos, uma insegurança que a acompanha há muito tempo e que, por vezes, a impede de expressar o tamanho do que sabe pelo medo do erro. Posteriormente, precisou interromper sua participação no PEJA em razão de dificuldades financeiras, passando a produzir e vender pães caseiros para contribuir com as despesas da família. Entre as educandas do Programa, E6 é a participante mais jovem. É reconhecida pelo modo doce e cuidadoso com que se relaciona com as pessoas, além de ser uma mulher vaidosa, de valores bem estabelecidos e de grande fé.

A escrevente 7 (E7), de 78 anos, é mãe, esposa e avó, nascida e criada no interior de São Paulo. Não foi alfabetizada durante a infância e, desde muito cedo, precisou deixar os estudos para dedicar-se ao trabalho na lavoura, no campo e às atividades domésticas, chegando no PEJA, portanto, não alfabetizada. Ao longo de sua trajetória, construiu a ideia de que não seria capaz de realizar muitas das coisas que desejava, dentre elas, aprender a ler e escrever. No

PEJA, encontrou um espaço de escuta e de expressão, onde pôde, segundo suas próprias palavras, ainda que tardiamente, aprender a reconhecer as letras e celebrar, a cada encontro, suas conquistas. Seu maior sonho era aprender a escrever o próprio nome e o nome das pessoas que ama, objetivo que conseguiu alcançar e que se tornou uma marca de sua passagem pelo Programa, mesmo após deixar de frequentá-lo. Ao longo da vida, E7 enfrentou uma infância e uma juventude marcadas por dificuldades. Entre os momentos mais significativos de sua trajetória, destaca-se o dia em que assinou sua aposentadoria como trabalhadora rural.

A escrevente 8 (E8), de 72 anos, integrou o grupo de educandas do núcleo II do PEJA/UNESP-Assis durante algumas semanas. É mãe, avó e cozinheira de mão cheia. Sua trajetória foi profundamente marcada pela perda de um filho durante a pandemia de Covid-19, experiência que atravessa sua história de vida e suas memórias. Mesmo em seu breve período de participação no Programa, E8 destacou-se pela forma como compartilhava seus conhecimentos. Por meio das palavras, das receitas, das atitudes e do cuidado com que se relacionava com os outros, demonstrava uma disposição constante para ensinar e aprender.

Ao observar o cenário que constitui o PEJA - UNESP/Assis no ano de 2023, direciona-se o olhar para o lugar social ocupado por mulheres — em sua maioria não-brancas — e para as relações que estabelecem com o acesso e a permanência na educação. De acordo com Collins (2019), a agência de mulheres negras é atravessada por sistemas interseccionais de poder — gênero, raça e classe — que produzem e reproduzem múltiplas assimetrias sociais. Nesse sentido, as condições que marcam a inserção de mulheres não-brancas na sociedade brasileira, especialmente no que se refere ao acesso a oportunidades de trabalho, moradia, direitos educacionais e espaços de lazer, tendem a configurá-las em posições historicamente subalternizadas, em contraste com os privilégios socialmente atribuídos ao homem branco.

Devido a essa violência de raça e de gênero o corpo de mulheres pretas e pardas foi veementemente colocado em uma condição de não existência e destinado ao servir e cuidar e, ao mesmo tempo, esses corpos foram destinados a tornar-se corpos produtivos (Andrade; Custódio, 2020, p.428). Nesse sentido, o retorno dessas mulheres à escolarização não pode ser compreendido como um movimento simples ou circunstancial, mas como um gesto marcado por enfrentamentos históricos. Após terem sido privadas desse direito, o acesso à escolarização passa a ser vivenciado como um sonho a ser conquistado, quando, na realidade, deveria constituir-se como um direito garantido.

Ao tratarem de suas histórias de vida, as educandas do PEJA, em geral, não as contextualizam a partir de uma perspectiva que considere as relações de gênero, classe e raça que as atravessam. Desse modo, suas trajetórias, carregadas de heranças sociais e históricas que

contribuem para determinar os lugares que ocupam na sociedade, tendem a ser naturalizadas. Nesse contexto, o PEJA constitui-se, também, como um espaço crítico, aberto à problematização dessas questões e à construção de reflexões que possibilitem às educandas reconhecerem-se como sujeitos históricos, inseridos em uma sociedade que demanda constante problematização.

Faz-se necessário compreender o processo de alfabetização e pós-alfabetização como um trabalho a serviço da reconstrução nacional, contribuindo para que o povo tome, cada vez mais, a sua história em mãos e se refaça na "feitura" de sua própria história (Freire, 1982). Conforme afirma Freire (1982), fazer História é "estar presente nela e não simplesmente nela estar representado". Nessa perspectiva, o trabalho de alfabetização desenvolvido no PEJA – UNESP/Assis é compreendido enquanto ato político e ato de conhecimento, comprometido com o processo de "aprendizagem da escrita e feitura da palavra, simultaneamente com 'leitura' e a 'reescrita' da realidade" (Freire, 1982, p. 24).

Nesse caminho, Barreto, Álvares e Costa (2006) reconhecem que a visão de mundo de uma mulher que retorna aos estudos após um tempo afastada da escola, ou aquela que inicia sua trajetória nos estudos na fase adulta da vida, é bastante diversa daquelas que não viveram essa realidade e que puderam se alfabetizar em período convencional. Protagonistas de histórias reais e ricas de saberes adquiridos ao longo da vida, as educandas do PEJA chegam a esse espaço com crenças, valores, saberes, princípios, letramentos e conhecimentos diversos, afinal, essas mulheres são pessoas que vivem no mundo do trabalho, cheias de responsabilidades sociais e familiares, carregadas de valores éticos e morais adquiridos por meio da experiência.

Para esses sujeitos, o PEJA – UNESP/Assis configura-se como uma oportunidade de retorno aos estudos, constituindo-se em um espaço que favorece tanto a construção de novos saberes quanto o compartilhamento daqueles que foram adquiridos ao longo de suas trajetórias de vida. Trata-se, assim, de um lugar aberto ao ensinar e aprender, ao compartilhar e ouvir, ao afetar e ser afetado.

Desse modo, o PEJA – UNESP/Assis, exclusivamente, núcleo II de atuação, acolhe um grupo heterogêneo, pertencente, em sua totalidade, à terceira idade, formado, exclusivamente, por mulheres, em sua maioria, não-brancas, caracterizado pela sua condição de pobreza, pela interrupção nos estudos e pelo trabalho doméstico e no campo.

## 2. Material

O universo da investigação é constituído por 40 textos escritos por educandas no âmbito do PEJA – UNESP/Assis, conforme delimitação detalhada na seção anterior, sendo 20 textos pertencentes à TD narrativa e 20 textos pertencentes à TD prescritiva. Como, de um modo geral, a escrita de todas as educandas do núcleo II apresenta características de uma "escrita inicial", no que se reconhece como "pós-alfabetização", os textos foram tratados, neste trabalho, como compatíveis com a definição de aquisição da escrita, entendida para além da alfabetização propriamente dita.

Para a transcrição dos textos, adotou-se a edição semidiplomática (Santiago-Almeida, 2009), escolha metodológica que busca preservar as características gráficas da escrita original, como o emprego de letras maiúsculas e minúsculas, bem como outros traços relevantes para a interpretação e análise da escrita. Sempre que necessário, foram apresentadas "sugestões de leitura", com o objetivo de tornar explícita a interpretação adotada, entre outras possíveis, para a realização das análises.

A fim de caracterizar o contexto de produção das práticas de escrita que deram origem aos textos analisados, a subseção 2.1 descreve tais práticas e as condições em que aconteceram.

## 2.1 O texto e suas condições de produção

A coleta dos textos aconteceu semanalmente a partir de propostas de escrita feitas às educandas do núcleo II, do PEJA – UNESP/Assis. Os encontros eram planejados a partir das demandas apresentada por elas, a fim de que todo o diálogo em sala fizesse sentido a cada uma delas e pudesse ser transferido para fundamentar o momento da escrita/para a prática de escrita, de modo geral, e para o texto escrito, de modo específico, considerando-se o processo de textualização.

O trabalho desenvolvido no PEJA tem como base a sondagem do universo temático das educandas. Para tanto, essa primeira etapa dos encontros busca considerar a existência de "um mundo imediato", configurado por um conjunto de símbolos que se relacionam duplamente com "a realidade social que se vive e a palavra escrita que a retraduz" (Brandão, 2013, p. 13). Desse modo, o sentido atribuído aos signos que compõem esses "universos temáticos" relaciona-se à circulação por práticas discursivas em que emergem enunciados já ditos e por dizer, ou seja, "postos em circulação através de práticas discursivas que instauram as possibilidades do dizer e que se renovam a cada acontecimento discursivo" (Oliveira, 2024, p. 85).

Sob essa premissa, recupera-se de Freire (1980, 1976) o pressuposto de que os educadores devem, em um primeiro momento, reconhecer a realidade das educandas para, somente então, organizarem o plano de trabalho, mapeando possíveis temáticas relacionadas às realidades sócio-históricas em que essas educandas estão inseridas. Conforme propõe Freire (1982), o processo de alfabetização e pós-alfabetização através das palavras e temas geradores deve direcionar as educandas a uma "reflexão crítica sobre o concreto, sobre a realidade nacional, sobre o momento presente – o da reconstrução, com seus desafios a responder e suas dificuldades a superar" (Freire, 1982, p. 23).

Nesse cenário, é possível estabelecer um diálogo com os pressupostos teóricos assumidos neste trabalho, uma vez que esse movimento, que rastreia o universo temático, permite o (re)conhecimento das TDs pelas quais esses sujeitos circulam mais frequentemente, embora não exclusivamente, como as TDs orais e informais.

Desse modo, ainda que as propostas de escrita assumam a formalidade esperada dos chamados "comandos para produção textual", no contexto dos encontros do PEJA, são atualizadas no/pelo contexto de produção dos textos, ou seja, no/pelo processo de textualização, em que é ofertado às educandas um espaço seguro para o diálogo e para a produção escrita. Dito de outro modo, trata-se de espaço de educação dialógica, problematizadora e horizontalizada, onde educador e educanda se reconhecem enquanto sujeitos do mesmo processo, compartilhando os saberes em uma relação não hierárquica. Embora se reconheça que a plena horizontalidade constitui um ideal de difícil realização — em razão das assimetrias que atravessam o processo de ensino e aprendizagem e que também se inscrevem, culturalmente, no imaginário daqueles que historicamente estiveram à margem da educação formal —, as práticas desenvolvidas no PEJA, entre elas as de escrita, orientam-se por esse princípio. Busca-se, assim, atenuar desigualdades e afirmar a escrita como espaço em que se constitui a voz do sujeito, assim como se constitui o próprio sujeito, no que diz respeito ao momento e às formas pelas quais a escrita se configura como acontecimento (Oliveira, 2024; Carvalho, 2025).

Somente a partir desse contínuo movimento entre educador e educando foi possível constituir o *corpus* desta dissertação. Na referência dos textos, conforme será apresentado nos capítulos de análise, adotou-se uma legenda composta pelo número da proposta, indicado pela letra P, seguido do número do texto, representado pela letra T, e, por fim, da letra E, que identifica o número da escrevente.[42]

[42] Conforme o grupo de educandas apresentado na subseção 1.4, as referências serão indicadas pelas siglas [E1], [E2], [E3], [E4], [E5], [E6], [E7] e [E8].

**Tabela 1**: Propostas de Escrita

| Nº da prática (P)[43] | Data | Tema | TD |
|---|---|---|---|
| 1 | 20 de abril | Contando a minha história | Narrativa |
| 2 | 17 de maio | Aprendizados de vida | Narrativa |
| 3 | 18 de maio | Receita de família – afeto e memória | Prescritiva |
| 4 | 21 de junho | Memórias em sala de aula | Narrativa |
| 5 | 10 de agosto | O lugar onde eu moro | Prescritiva |
| 8 | 13 de setembro | Fé e práticas religiosas | Narrativa |
| 9 | 01 de novembro | Letramento digital | Prescritiva |
| 11 | 16 de novembro | Preparativos para a festa de fim de ano do PEJA | Prescritiva |

**Fonte**: Elaboração própria

No dia 20 de abril, o encontro do PEJA – UNESP/Assis iniciou-se com a dinâmica "espelho na caixa",[44] com o intuito de 'quebrar o gelo' entre os novos educadores e as educandas que ainda não conheciam a todos, além de praticar o ato de elogiar a si mesmo e, sobretudo, de falar/escrever sobre si. Todo o grupo aderiu à brincadeira e, logo após a dinâmica, a primeira prática de escrita foi proposta (P1). As educandas foram convidadas a contar um pouco sobre elas mesmas e suas histórias de vida, assim como fizeram no momento da conversa, na roda de conversa, em uma prática de oralidade. Em resumo, o tema da proposta foi "Contando a minha história", com o seguinte enunciado: "Quando você se olha no espelho, o que você vê? Conte um pouco sobre quem você é e qual a sua história de vida!". Os textos produzidos foram caracterizados como TD narrativa.

No dia 17 de maio de 2023, iniciou-se um novo ciclo, dando origem à P2. A prática de escrita teve como objetivo promover o resgate de memórias e construir um espaço em que as educandas pudessem compartilhar seus conhecimentos e suas aprendizagens de vida. Nesse sentido, foram convidadas a se posicionarem como "transmissoras de conhecimento", trazendo para o espaço da sala de aula saberes aprendidos fora dela. Ao fazê-lo, ocupavam simbolicamente o lugar de "educadoras", em contraposição à imagem tradicional do "professor" como figura que detém o saber. O encontro teve início com a leitura compartilhada do poema "Ofertas de Aninha (Aos moços)", de Cora Coralina (2012) no qual o eu-lírico

[44] A numeração corresponde àquela de realização das práticas (cf. BDEIn – UNESP). Recupera-se que as práticas de escrita 6, 7 e 10 não foram selecionadas para as análises desenvolvidas neste trabalho, por estarem relacionadas a processos de textualização da TD argumentativa. Assim, a tabela apresenta apenas a numeração das práticas de escrita pertencentes às TDs narrativa e prescritiva, que compõem o *corpus* analisado.

[44] A dinâmica consiste em promover o autoconhecimento e a prática de "elogiar a si mesmo". A brincadeira inicia com os participantes em frente a uma caixa fechada. Dentro dela, é colocado um espelho. O participante se aproxima da caixa, e é convidado a abri-la, mas sem revelar o que tem dentro dela. Ao contemplar a imagem de si mesmo, o participante é convidado a falar sobre o que essa imagem representa, destacando suas qualidades e características. Nesse sentido, quanto mais se fala sobre o conteúdo da caixa, mais a curiosidade para descobri-lo aumenta. Promove-se, assim, uma autorreflexão sobre si mesmo e, mais do que isso, a prática de "falar de si" e depois "escrever sobre si".

apresenta reflexões sobre valores aprendidos ao longo da vida. Após a leitura, realizou-se um debate em formato de roda de conversa, o que direcionou a proposta de atividade: a escrita de uma lição de vida, isto é, um ensinamento transmitido ao longo de suas trajetórias, muitas vezes compartilhado entre gerações. Desse modo, o tema da proposta foi "Conhecimentos e aprendizados de vida", acompanhado do seguinte enunciado: "Escreva um aprendizado de vida". Os textos produzidos também foram caracterizados como TD narrativa.

A prática de escrita 3 (P3) foi proposta no dia 18 de maio. Mantendo o mesmo viés que orientou a P2, o resgate de memórias e aprendizados de vida, o encontro foi conduzido em torno do tema "comida e afeto". Como disparador para as discussões em forma de debate, foi utilizado o episódio "Dona Benedita", do *podcast* "Não Inviabilize".[45] No episódio, Déia Freitas, apresentadora e idealizadora do programa, conta a história de Dona Benedita. A história apresenta uma narrativa real que relata como a comida está diretamente ligada a sentimentos, memórias e afeto. No episódio, questões sobre perda e luto foram levantadas, abrindo espaço de acolhimento para que os educadores e as educandas se sentissem à vontade para compartilhar relatos pessoais e íntimos. Nesse contexto, e a partir das rodas de conversa, a P3 se constituiu na escrita de uma receita familiar, que evocasse lembranças e memórias afetivas. Em resumo, o tema da proposta foi "Receitas de família", acompanhado do seguinte enunciado: "Compartilhe aqui uma receita bem gostosa". Os textos produzidos foram caracterizados como TD prescritiva.

No dia 21 de junho, o encontro iniciou-se com uma roda de conversa, na qual foram levantadas questões relacionadas à importância da educação na vida de educadores e educandas, com o objetivo de construir um espaço de diálogo e debate sobre o tema. Na sequência, foi proposta uma retrospectiva de experiências vividas em sala de aula, relacionadas aos processos de aprendizagem. Em seguida, buscou-se, em grupo, fazer uma retrospectiva dos momentos vivenciados durante o primeiro semestre de 2023. Nesse exercício, o objetivo era: cada uma das educandas irem até a lousa e escreverem uma palavra-chave, que caracterizasse uma memória dos acontecimentos em sala de aula. A partir dessas discussões, foi proposta a P4, que teve como objetivo levar as educandas a escreverem sobre memórias e experiências vividas em sala de aula, considerando que o recesso do PEJA se aproximava em razão do encerramento do primeiro semestre letivo. Desse modo, o tema da proposta foi "Uma memória em sala de aula", acompanhado do seguinte enunciado: "Escreva sobre suas experiências em sala de aula". Os textos produzidos foram caracterizados como TD narrativa.

[45] Link do episódio: https://open.spotify.com/episode/0cILbWAjq0vs8IxSyOSZ7t?si=b10c39e1d61648b8.

O dia 10 de agosto marcou o retorno das atividades do PEJA – UNESP/Assis após o período de recesso no mês de julho. Nesse encontro, manteve-se, como eixo temático, a memória. As educandas foram convidadas a refletir sobre as transformações ocorridas na cidade de Assis ao longo do tempo, estabelecendo relações entre memória, mudança e os espaços que compõem suas trajetórias de vida, tais como os lugares onde moraram, as cidades que visitaram e os bairros em que viveram. Essa atividade também possibilitou a construção de reflexões, a partir de outra perspectiva, acerca de suas próprias vidas e de suas relações com o espaço e o tempo. Na sequência, realizou-se a P5, na qual as educandas foram convidadas a explicar, tomando como ponto de partida a UNESP, o percurso até suas residências. Desse modo, o tema da proposta foi "O lugar onde eu moro", acompanhado do seguinte enunciado: "Os educadores querem te visitar. Como explicar o caminho até sua casa?". Os textos produzidos foram caracterizados como TD prescritiva.

A P8 orientou-se pela dimensão religiosa, considerando que o grupo de educandas era composto por mulheres idosas cristãs que participam de diferentes práticas religiosas. O encontro realizado no dia 13 de setembro teve início com a exibição da música "Andar com fé", de Gilberto Gil. A partir desse recurso, foram levantadas perguntas norteadoras com o objetivo de promover um debate coletivo em torno do tema "fé". Por fim, como proposta de escrita, as educandas foram convidadas a refletir e escrever sobre as práticas religiosas das quais participam. Desse modo, o tema da proposta narrativa foi "Fé", acompanhado do seguinte enunciado: "O que você faz para fortalecer sua fé?". Os textos também foram caracterizados como TD narrativa, frustrando as expectativas do planejamento inicial (direcionado à produção de textos da TD prescritiva), a partir do qual foi elaborada a comanda.

O encontro realizado no dia 01 de novembro de 2023 teve início com a exibição da música "Como vai você?", de Roberto Carlos, utilizada como recurso para trabalhar a formulação de perguntas, considerando também aspectos relacionados à acentuação em frases interrogativas. A partir das discussões, foi proposta a P9, na qual as educandas foram convidadas a ensinar como utilizar o aparelho de celular para realizar uma ligação ou enviar mensagens a um amigo. Desse modo, o tema da proposta foi "Como usar o celular?"[46], acompanhado do seguinte enunciado: "Como posso utilizar o celular para falar com um amigo? Ensine o que é preciso fazer para enviar uma mensagem para alguém no seu celular." Os textos produzidos foram caracterizados como TD prescritiva.

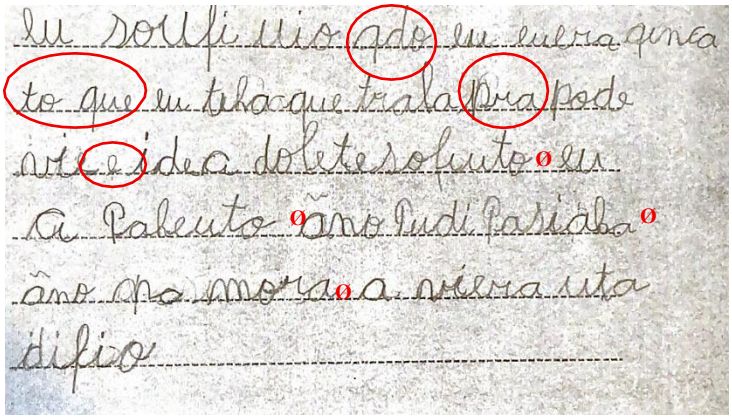
[46] Nos encontros anteriores, as educandas haviam realizado atividades voltadas ao uso do celular, explorando os sinais e símbolos que compõem o teclado de seus respectivos aparelhos, o que contribuiu para que chegassem a esse encontro com maior familiaridade e segurança para dialogar sobre o uso da tecnologia.

Considerando a proximidade do encerramento das atividades do segundo semestre letivo, as educandas, em grupo, sugeriram a realização de um churrasco de confraternização na casa de uma das educadoras. A proposta foi acolhida e o grupo organizou-se para planejar um momento de encerramento que fosse significativo para todos os participantes. Para tanto, no dia 16 de novembro de 2023, o encontro teve início com uma conversa voltada à organização da confraternização, ocasião em que foram discutidos e encaminhados aspectos práticos relacionados à realização do evento. Em seguida, as educandas foram convidadas a registrar por escrito como imaginavam a organização dessa comemoração, dando origem à P11. Desse modo, a atividade consistiu na elaboração de um planejamento para o "churrasco de despedida do PEJA", no qual educadores e educandos ficariam responsáveis por colaborar com diferentes contribuições para a realização da confraternização. Em síntese, o tema da proposta P11 foi "Festa do PEJA", acompanhado do seguinte enunciado: "Vamos planejar uma festa de despedida para o último encontro do PEJA de 2023? Para a comemoração, precisamos organizar um churrasco, em que todos do nosso grupo serão convidados e deverão colaborar com o evento. Escreva o que precisamos fazer — isto é, os preparativos e as regras da nossa festa — a fim de que tudo ocorra com tranquilidade." Os textos produzidos também foram caracterizados como TD prescritiva.

Uma vez descritas as condições em que se deu cada prática de escrita, vale ressaltar, neste ponto, que o trabalho com a escrita desenvolvido no PEJA não se resume apenas ao conteúdo descrito nesta subseção. Considerando o grupo heterogêneo, composto por mulheres em diferentes momentos do processo de aquisição da (sua) escrita, diferentes abordagens e atividades foram utilizadas, visando, dessa forma, atender às necessidades mais imediatas do grupo. Desse modo, temas como formação de palavras, relação entre grafema-fonema, reconhecimento das letras, além de práticas de leitura e interpretação de textos foram explorados.

Em (1) ilustra-se um dos textos pertencentes à TD narrativa referente a P2:

**1.**

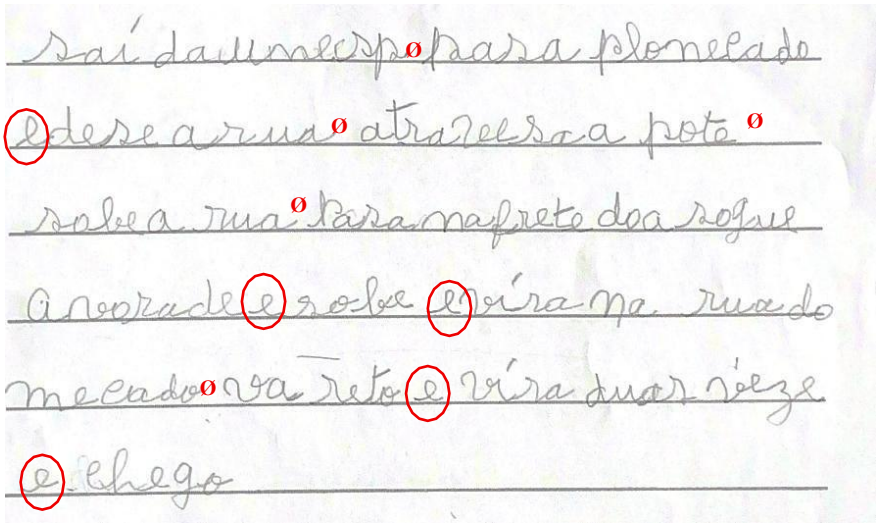


**Fonte**: BDEIn – UNESP

eu soufi uio **qdo** eu euera qinca
**to que** eu tiha que trala**pra** pode
vie **e** idea doletesofiuto **Ø** eu
a paheuto **Ø** ãno pudi pasiaha
**Ø** ãno apa na mora **Ø** a viera uta
difiso[47]
**P2T8E3 – TDnarr**

O texto em (1) e sua transcrição configuram um exemplo de TD narrativa, especificamente caracterizada como relato pessoal de experiência vivida. Essa caracterização se sustenta pela presença de personagens (a própria escrevente como narrador personagem), pela construção de uma sequência de eventos que organiza a narrativa com início bem delimitado ("eu sofri muito quando eu era criança"), desenvolvimento com progressão de ações e experiências relatadas na passagem do tempo ("eu tinha que trabalhar para poder viver e 'de adolescente' eu sofri muito. Eu apanhei muito, não pude passear, não pude namorar[...]) e um desfecho conclusivo, uma vez que, diante de tudo que foi exposto por ela no texto, conclui-se que "a vida era muito difícil". A presença de MJs como "quando", "tanto que", "para" "e", e as "justaposições" relaciona-se à articulação dos eventos da narrativa, indicando a sequencialidade temporal e causal das ações (Carvalho, 2025; Silva, 2024). Esses elementos, associados à centralidade da ação e à construção de um enredo, corroboram a caracterização desse texto, assim como dos demais, como TD narrativa, a partir daquilo que se reconhece como o *fixo* dessa TD.

**2.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

saí da unesp **Ø** pasa plomecado
**e**dese a rua **Ø** atravesa a pote **Ø**

[47] Sugestão de leitura: Eu sofri muito quando eu era criança, tanto que eu tinha que trabalhar para poder viver e de adolescente eu sofri muito. Eu apanhei muito, eu não pude passear, não pude namorar, a vida era muito difícil.

sobe a rua **Ø** passa na frete do asogue
avorade **e** sobre **e** víra na rua do
mecado **Ø** va reto **e** víra duas véze
**e** chego[48]
**P5T27E4 – TD presc**

Em (2), por sua vez, ilustra-se um texto pertencente à TD prescritiva, resultante da P5. Essa caracterização sustenta-se pela presença dos verbos "dese", "atravessa", "sobe" e "va", que, no texto, desempenham a função de orientar o leitor quanto ao percurso a ser realizado. Ainda que tais formas sejam grafadas de modo não convencional, operam discursivamente como instruções a serem seguidas pelo outro/ leitor. Diferentemente da TD narrativa, cuja organização se centra na representação de eventos vividos, o texto em (2), por sua vez, tem como finalidade orientar o leitor, guiando-o por um percurso específico. Observa-se, ainda, uma organização sequencial das ações, marcada pela sucessão de etapas e pela articulação entre elas. Esses elementos, associados à sequencialidade e à orientação para a ação, corroboram a consideração desse texto enquanto TD prescritiva a partir do que é *fixo* nessa TD.

## 3. Uma abordagem linguístico-discursiva da escrita: aspectos metodológicos

Para atender ao objetivo geral deste trabalho, o método adotado compreendeu procedimentos de descrição e análise linguístico-discursivas dos MJs, organizados em duas etapas distintas, porém intrinsecamente articuladas, conforme detalhado nas subseções a seguir. Essas etapas foram delineadas com o propósito de descrever e analisar, em uma abordagem comparativa de natureza linguístico-discursiva e à luz do referencial teórico apresentado na Parte I, o funcionamento dos MJs em textos das TDs narrativa e prescritiva produzidos por adultos em processo de aquisição da escrita.

Em cada uma das etapas, os procedimentos foram realizados para as amostras dos textos pertencentes às TDs narrativa e prescritiva a fim de alcançar a abordagem comparativa dos resultados, considerando cada um dos objetivos específicos do trabalho. Na linha de Lopes-Damasio (2022a/b, 2019a/b), adotou-se uma abordagem de natureza quantitativa-qualitativa, com o levantamento das frequências *token* e *type* (cf. Bybee, 2003), para mensurar a repetibilidade dos funcionamentos gerais – *tokens* – e específicos – *types* – dos MJs, em relação aos distintos critérios de descrição e análise, conforme serão apresentados a seguir, em consonância com cada etapa da investigação.

[48] Sugestão de leitura: Sai da Unesp, passa pelo mercado e desce a rua. Atravessa a ponte, sobe a rua, passa na frente do açougue Alvorada e sobe e vira na rua do mercado. Vai reto e vira duas vezes e chegou.

## 3.1 Procedimentos metodológicos para a análise tático-semântica

Na primeira etapa, sob a hipótese de que, no processo de textualização subjacente à noção de escrita-processo e, portanto, de escrita movente, diferentes taxes podem abrir espaços, na superfície do texto, para diferentes relações de sentido, associadas aos MJs, buscou-se alcançar o objetivo específico (i), a saber: descrever e analisar, comparativamente, o funcionamento linguístico – tático semântico – dos MJs, nos textos focalizados.

Para tanto, propôs-se a descrição do funcionamento dos MJs a partir da interdependência tática e semântica dos componentes da oração complexa. Assim, adotou-se a abordagem bidimensional, que contempla tanto a análise das arquiteturas paratáticas e hipotáticas quanto das relações semânticas, organizadas segundo um crescente de abstração e complexidade (cf. Raible, 2001; Kortmann, 1997; Halliday, 1985), conforme capítulo 3, da Parte I.

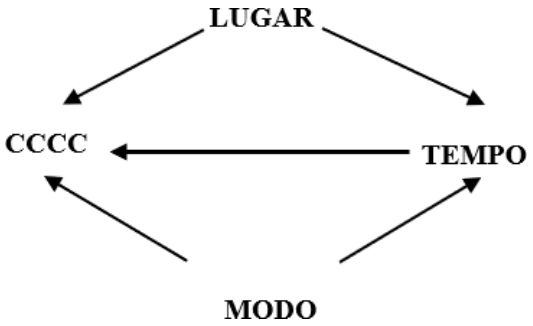
Nessa primeira etapa, as relações semânticas, incluindo os trânsitos semânticos (Lopes-Damasio, 2019a), foram descritos e analisados a partir dos esquemas em 6 e 7:

**Esquema 6**: Critérios bidimensional de análise dos MJs

| | ADIÇÃO | ALTERNATIVA | MODO | COMPARAÇÃO | TEMPO SIMULTÂNEO | TEMPO FINAL | TEMPO POSTERIOR | CAUSA | CONDIÇÃO | FINALIDADE | CONTRASTE | CONCESSÃO |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **P** | | | | | | | | | | | | |
| **H** | | | | | | | | | | | | |

**Fonte**: Lopes-Damasio (2022a)

**Esquema 7**: Macroestrutura do universo semântico das relações oracionais




**Fonte**: Adaptado de Kortmann (1997, p. 117)

No esquema 6, recupera-se a apresentação da organização das relações táticas e semânticas, de acordo com a proposta bidimensional. No eixo vertical, parataxe (P) e hipotaxe

(H) correspondem às duas arquiteturas possíveis de relação entre orações, consideradas de forma não dicotômica na descrição dos dados. No eixo horizontal, as relações de sentido são arranjadas – partindo mais concreta (adição) para a mais abstrata (concessão). Desse modo, qualquer taxe pode associar-se a qualquer sentido, na conjugação dos dois eixos, conforme proposto por Halliday (1985) e discutido no capítulo 3, da Parte I desta dissertação. O esquema 6 resulta da combinação de duas dimensões: tática e semântica, utilizadas neste trabalho, permitindo a observação, de modo específico, dos aspectos linguísticos dessa combinação para a descrição dos MJs.

Para a descrição e análise dos trânsitos semânticos entre os macrossistemas de *tempo*, *modo*, *lugar* e *CCCC* (cf. Kortmann, 1997), de modo a lançar luz à relação que os sentidos estabelecem entre si, destaca-se o esquema 7. Segundo esse esquema, as relações *temporais* alimentam o macrossistema *CCCC*, ainda que o inverso não ocorra. Da mesma maneira, *lugar* e *modo*, embora não tenham relações de parentesco entre si, alimentam os demais macrossistemas — *tempo* e *CCCC*. Desse modo, mantém-se o princípio da unidirecionalidade, advindo dos estudos de gramaticalização, acrescentando a ele a possibilidade de constatar a dinamicidade dos canais de polissemia (cf. a espessura das setas), sempre, sistematicamente observada a partir das relações semânticas mais concretas para as mais abstratas (Kortmann, 1997).

Essa organização metodológica possibilita examinar tais relações semânticas — tanto as mais quanto as menos marcadas — nos espaços de junção, bem como compreender de que modo elas se atualizam quando consideradas no âmbito tático (cf. Lopes-Damasio, 2022a; Raible, 2001; Kortmann, 1997). Assim, as análises dos casos de trânsito semântico seguem essa orientação teórico-metodológica, sendo quantificado o sentido mais abstrato.

Tendo em vista o caráter comparativo que orienta este trabalho, os resultados da etapa descrita, para a abordagem tático-semântica dos MJs, subsidiam a comparação entre as duas TDs, já à luz do objetivo específico (iii): analisar a aquisição das TDs focalizadas na escrita de jovens e adultos

A hipótese associada ao objetivo (iii), tal como apresentada na Introdução deste trabalho, é a de que, considerado o espaço teórico delimitado para a investigação, o processo [de aquisição da escrita] seja marcado por zonas de contato entre TDs, analisadas a partir do eixo 3,[49] da dialogia com o já-falado/ouvido e escrito/lido (cf. Corrêa, 2004). Em outros termos,

[49] O eixo 3, conforme discutido no capítulo 1, da Parte I deste trabalho, define-se pela relação dialógica entre o já falado/escrito e o ouvido/lido, vinculando-se ao caráter de réplica da TD, entendida, assim, como matéria e produto da linguagem.

ao tomar o aspecto dialógico da escrita, conforme proposto no eixo 3, busca-se observar as relações, no processo de aquisição das duas TDs, de modo a identificar o que nelas se configura como *fixo* e como *lacunar* e, assim, compreender como se dá a constituição de ambas.

Com efeito, os resultados alcançados a partir do objetivo específico (i) foram tomados como ponto de partida, de natureza linguística, para a discussão direcionada ao objetivo específico (iii), com ênfase nos aspectos linguísticos, mas também discursivos, da junção. A partir desses resultados, a análise buscou propor *aproximações* e *distanciamentos* entre as TDs investigadas, de modo a caracterizar a aquisição dessas TDs na escrita de adultos.

Nas seguintes subseções, serão apresentados os procedimentos metodológicos referentes à etapa 2.

## 3.2 Procedimentos metodológicos para uma análise da heterogeneidade da escrita em espaço de junção

A segunda etapa de análise, sob a hipótese de que, ao conceber a escrita como heterogênea, é possível observar, na superfície dos textos, *rastros* dessa heterogeneidade — reconhecidos, neste trabalho, como MJs, em espaços de junção —, relaciona os eixos: 1, da *gênese da escrita* e 2, do *código escrito institucionalizado* (Corrêa, 2004), para alcançar o objetivo específico (ii): analisar o funcionamento dos MJs, nas TDs narrativa e prescritiva em aquisição, à luz da heterogeneidade constitutiva da escrita.

A fim de alcançar o objetivo específico em questão, foram analisados os enunciados caracterizados pelo fenômeno da junção, considerando os MJs e(m) espaços de junção, já descritos, linguisticamente, a partir do critério bidimensional de análise, apresentado na seção anterior. Os MJs foram tomados, então, como *rastros* da circulação dos sujeitos pelos eixos 1 e/ou 2. O foco nesta segunda etapa foi observar a junção a partir de aspectos linguísticos e discursivos de seu funcionamento, relacionados à *gênese da escrita* e/ou ao *código escrito institucionalizado*, nos textos das TDs narrativa e prescritiva em aquisição.

Considerando-se que a heterogeneidade é traço constitutivo da escrita, neste trabalho, para fins metodológicos, serão reconhecidos aspectos linguístico-discursivos que permitirão depreender a dominância (não a exclusividade) do funcionamento da junção a partir de rastros do eixo 1, assim como a dominância (não a exclusividade) de tais funcionamentos a partir de rastros do eixo 2. O reconhecimento dos aspectos que possibilitam a depreensão dessa dominância é a base que permitirá, do mesmo modo, reconhecer a não-dominância, ou seja, a a tensão entre eles, na focalização, no mesmo dado de junção (MJ e(m) espaço de junção), de

ambos os eixos (1 e 2). Os aspectos linguístico-discursivos focalizados para essa análise, em relação aos eixos, são explicitados no quadro 4:

**Quadro 4**: Aspectos linguístico-discursivos dos MJs e(m) espaços de junção e os eixos 1 e 2

| | |
|---|---|
| **Eixo 1** | (1) gesto discursivo |
| | (2) trânsito semântico |
| | (3) representação do fluxo de fala (orientação da escrita sob recursos da fala) |
| **Eixo 2** | (1) prototipicidade |
| | (2) "autonomia" da escrita em relação à fala |

**Fonte**: Elaboração própria

O primeiro aspecto linguístico-discursivo, associado ao eixo 1, o *gesto discursivo*[50] refere-se a ocorrências de MJs e(m) espaços de junção em que a construção do sentido não se dá exclusivamente pelas marcas linguísticas no texto escrito, sendo, assim, necessário recorrer a aspectos que ultrapassam os limites da materialidade textual. Trata-se, pois, de situações em que a interpretação do texto, quando considerado o MJ e o espaço de junção, pressupõe um compartilhamento contextual, como se o escrevente-leitor compartilhassem do mesmo espaço enunciativo, sendo necessário recuperar a relação entre interlocutores na organização do texto e, ainda, considerar as condições de produção imediatas para preencher os sentidos não marcados linguisticamente. Nesse sentido, na ausência de MJ de natureza linguística, ou seja, em espaços de junção caracterizados principalmente pela "justaposição", é possível observar a atuação do *gesto discursivo*, uma vez que esses espaços em branco, que caracterizam os espaços de junção, não são suficientes para indiciar o sentido, a não ser pela consideração do escrevente de que o leitor compartilha com ele da mesma situação de enunciação. Assim, a "falta" do material linguístico, enquanto técnica "linguística" de junção, caracteriza-se pela "presença" de sentidos que emergem desse/nesse espaço sintático, indiciando a marca não transparente de um "gesto do sujeito" (Ferrari; Lopes-Damasio, 2023, p. 15) que aponta para a situação concreta de enunciação.

Nos trabalhos de Lopes-Damasio (2022b, 2019a), Santana (2022), Silva (2024) e Carvalho (2025) observa-se que: "justaposições" e "e" configuram o "gesto do sujeito que aponta para o contexto enunciativo, numa relação de compartilhamento de conhecimentos com o outro, sustentada pela crença de que o contexto de produção de seu enunciado está plasmado em sua escrita" (Lopes-Damasio, 2022b, p. 9). De modo geral, observa-se a aproximação entre orações, seja por meio da "justaposição", seja de "e", em espaços de junção que indiciam a

[50] Compreende-se o discurso enquanto exterioridade à língua, presentificada no social e inscrita na história, conforme Pêcheux (1988). Nessa linha, tal aspecto linguístico-discursivo, associado ao eixo 1, relaciona-se ao "invisível" e constitutivo do acontecimento de escrita (Chacon, 2026).

construção de diferentes sentidos, sobretudo os de natureza mais abstrata, que ultrapassam, pois, a noção mais concreta de adição, como se tais significados estivessem dados na própria situação de enunciação. Desse modo, cabe ao leitor ou ouvinte reconstruí-los por meio de movimentações semânticas, e, ao analista, inseri-los, para isso, em uma rede que considera os trânsitos semânticos (cf. capítulo 3, da Parte I deste trabalho). Essa rede foi metodologicamente tratada, neste trabalho, a partir do esquema 7, na seção anterior deste capítulo.

O segundo aspecto linguístico-discursivo, associado ao eixo 1, o *trânsito semântico*, também envolve ocorrências de MJs em espaços de junção associados a uma movimentação de sentidos entre os enunciados — do mais concreto ao mais abstrato. Distingue-se do aspecto anterior (1) na medida em que o contexto verbal e a historicidade dos MJs, especialmente sua trajetória de mudança ao longo do tempo por meio do processo de gramaticalização, são acionados como elementos orientadores da direção dos trânsitos semânticos (se de *tempo* > *causa*; se de *modo* > *tempo*; se de *locativo* > *tempo*, etc.). Esses fatores contribuem para a identificação das relações semânticas que estruturam o encadeamento textual. Trata-se, pois, de mobilizar a mesma rede metodologicamente assumida também para o tratamento do aspecto (1), a partir do esquema 7, mas, agora, com a possibilidade de identificar *rastros* juntivos distintos da "justaposição", menos *opacos*, porque materializados linguisticamente (como, por exemplo, pelos MJs "aí", "então", "assim" entre outros).

O terceiro e último aspecto linguístico-discursivo, associado ao eixo 1, a *representação do fluxo de fala informal* (orientação da escrita sob recursos da fala), é observado em ocorrências de MJs que constituem trechos de enunciados que, ao serem lidos, assemelham-se à fala quanto a seus aspectos rítmicos. No âmbito teórico em que este trabalho se insere, é importante ressaltar que a fala é concebida como um modo de enunciação intrinsecamente associado a práticas orais, sobretudo as informais, caracterizadas por maior espontaneidade. Tais práticas orais e informais, quando consideradas a partir da base semiótica escrita, são marcadas pela recorrência de justaposições, repetições, pausas indicadas por vírgulas ou mesmo pela ausência de pontuação,[51] elementos que contribuem para a inscrição, na escrita, de um ritmo próprio da fala informal.

Sintetizando, para a definição dos critérios, linguístico-discursivos, contam aspectos determinados pela materialidade linguística e pelos efeitos de sentido discursivamente

[51] A pontuação pode funcionar como indício do fluxo da fala, seja por presença — quando delimita fronteiras prosódicas que representam a fala, em contextos com ou sem MJs (como na ocorrência da vírgula para marcar topicalização: "O João, ele caiu") —, seja por sua ausência — quando o escrevente não emprega sinais gráficos, ainda que tais fronteiras prosódicas possam ser inferidas, por exemplo, entre enunciados distintos.

atualizados. Em (1) e (2), não há apenas o aspecto semântico, mas a "movimentação semântica", quer a partir da ausência de marca linguística e, consequentemente, na dependência de um gesto, quer a partir do (significante) linguístico, por meio do qual ganham espaço os sentidos atualizados na experiência do acontecimento discursivo; em (3), não há apenas a(s) prática(s) discursiva(s), mas as marcas deixadas por elas na materialidade linguística dos texto, aqui reconhecidas nos MJs e em seus espaços de junção.

Por sua vez, o primeiro aspecto linguístico-discursivo, associado ao eixo 2, a *prototipicidade*, é observado em espaços de junção nos quais, do ponto de vista da relação semântica, os MJs não possibilitam a emergência de *trânsitos semânticos*. Em outros termos, esses mecanismos não se abrem, nos espaços de junção que ocupam, à movimentação de sentidos mais abstratos a partir de sentidos mais concretos, conforme a escala de complexidade e abstração crescente adotada neste trabalho com base em Kortmann (1997). Nesse mesmo eixo analítico, no que se refere à taxe, consideram-se MJs que estabelecem relações paratáticas ou hipotáticas de modo discreto, em função dos diferentes graus de independência e interdependência oracional, à luz de Halliday (1985) (cf. Silva, 2024; Lopes-Damasio, 2022a/b, 2020, 2019a/b, 2016; Santana, 2022). Esse critério abarca a análise de MJs como *se*, *para*, *mas*, *ou*, em que, independentemente da relação com registros (mais ou menos informais), apresentam *prototipicidade* juntiva, assim como as ocorrências prototípicas de "justaposição".[52]

Por fim, o segundo aspecto linguístico-discursivo, associado ao eixo 2, é denominado *"autonomia" da escrita em relação à fala*, sendo a "fala" aqui reconhecida como ato linguístico que resulta de práticas orais, sobretudo informais. Nesse aspecto, reconhecem-se os espaços de junção nos quais se observam MJs que:

(a) caracterizam ocorrências formais e não frequentes, ou pouco previsíveis, em enunciados de fala que resultam de práticas orais informais, como, por exemplo, os MJs "todavia" e "entretanto"; e/ou

(b) caracterizam espaços de junção preenchidos por técnicas juntivas de natureza linguística, mesmo quando correspondem a MJs considerados informais, como "e" ou "então"; e/ou

[52] Sobre as ocorrências de "justaposição" associados ao eixo 2, Carvalho (2025, p. 99) e Silva (2024, p. 137) advertem que a associação direta entre toda ocorrência desse MJ e os rastros do eixo 1 conduziria a uma dicotomização de seu tratamento. Isso porque tal associação pressuporia que toda justaposição decorre da transposição da fala para a escrita. Essa dicotomia, segundo as autoras, no entanto, não se comprova empiricamente, já que as "justaposições" também ocorrem em espaços de junção passíveis de serem tomados como *rastro* do eixo 2, uma vez que também podem se vincular ao que se espera da escrita enquanto código institucionalizado.

(c) caracterizam espaços de junção marcados por ocorrências que podem indiciar "alçamento"[53] da escrita, como nos casos de "por tanto" ou "aoinvez", grafados dessa forma.

Para a compreensão do funcionamento marcado em (a), importa considerar que, embora os diferentes registros — mais ou menos formais — possam caracterizar enunciados que emergem tanto de práticas de oralidade quanto de letramento, sem que sejam concebidos de forma dicotômica, resultados de estudos anteriores têm apontado maior recorrência de *rastros* de junção vinculados à informalidade própria de práticas de oralidade informais, especialmente aquelas relacionadas à TD conversação espontânea (cf. Carvalho, 2025; Lopes-Damasio; Gava, 2025; Silva, 2024; Lopes-Damasio; Pedro, 2024; Oliveira, 2024; Gava, 2023; Longhin-Thomazi, 2011). Em contrapartida, os MJs associados a características de práticas letradas mais formais são compreendidos em sua relação com a suposta *"autonomia" da escrita em relação à fala*.

Por sua vez, (b) parte do reconhecimento de uma análise determinada pela comparação entre os espaços de junção preenchidos por marcas linguísticas, ou seja, por uma técnica juntiva explícita, mostrada na materialidade do texto, e os espaços em que nenhuma marca linguística é utilizada, caracterizando-se, assim, por "zero", compreendido neste trabalho como "justaposição". Desse modo, nesses espaços preenchidos por MJs de natureza linguística, as relações semânticas entre orações tornam-se menos opacas. Para justificar a adoção desse critério, Silva (2024, p. 137) argumenta que "o preenchimento do espaço de junção por um MJ diferente de 'zero' já é, ele mesmo, um rastro da circulação do escrevente por práticas letradas, ainda que esse MJ seja recorrente em práticas orais". Trata-se de critério que reconhece os MJs que preenchem os espaços de junção, mesmo que sejam considerados informais, como é o caso de "e".

Por fim, para o entendimento de (c), destaca-se que as marcas de "alçamento" da escrita correspondem àquilo que tradicionalmente é entendido como "erros", efeitos do imaginário do escrevente que toma a escrita como superior à fala, concebendo-a como algo complexo, rebuscado, difícil ou excessivamente formal. Nesses "erros", reconhece-se, portanto, uma suposta "autonomia" da escrita em relação à fala.

[53] A noção de alçamento da escrita diz respeito ao fenômeno em que o escrevente, ao supor que a escrita deve apresentar maior complexidade, formalidade ou distanciamento em relação à fala, passa a construir enunciados que correspondem a esse ideal. Esse movimento pode levar a usos artificiais, excessivamente rebuscados ou até inadequados, indiciando uma concepção da escrita como algo distante e superior à fala e deixando marcas linguísticas incomuns ou "erros" decorrentes desse imaginário. Embora o próprio termo "alçamento" deixe ver aspectos da dicotomia que coloca a escrita numa posição de superioridade em relação à fala, a sua adoção remete a Corrêa (2004), resgatado fundamentalmente para as análises aqui propostas.

Como *rastro* da circulação do sujeito por espaços institucionalizados, esse imaginário toma como referência a "escrita culta formal", "sendo de tal modo normatizada que as marcas do oral/falado que eventualmente nela possam aparecer são vistas como desvios do instituído e, por isso, como devendo ser tomadas como lhe sendo totalmente exteriores" (Corrêa, 2004, p. 59). Nessa perspectiva, aquilo que, na escrita, tradicionalmente se classifica como "erro" pode ser compreendido como manifestação expressiva do sujeito em seu processo de constituição pela linguagem. Para Capristano (2010, p. 175), o "erro", na escrita infantil, constitui indício relevante da relação constitutiva entre sujeito e escrita, pois marca a trajetória dos escreventes em seu processo de inserção na escrita convencional. Essa compreensão é estendida, neste trabalho — em diálogo com Carvalho (2025), Oliveira (2024) e Gava (2023) — à análise da escrita de jovens e adultos.

Em síntese, os critérios, também em relação ao E2, são linguístico-discursivos. Em (1), as marcas predominantemente linguísticas habilitam a repetibilidade que se mostra também nos sentidos, atualizados de forma a recuperar o *fixo*/o *estável* dos sentidos dos textos. Em outras palavras, a prototipicidade deixa de ser tratada de forma cognitiva e desloca-se, conceitualmente, para um estatuto condicionado à relação *estável/instável* da linguagem. Em (2), (a), (b) e (c) apontam para aspectos imaginários do funcionamento da linguagem, todos, ainda assim, observados a partir de seus rastros na materialidade linguística.

Com efeito, a segunda etapa do procedimento de análise, associada ao objetivo específico (ii), propõe relações entre os funcionamentos táticos-semânticos dos MJs, a partir dos resultados da descrição e análise bidimensional, conforme etapa 1, e os eixos 1 e 2, da heterogeneidade da escrita. Trata-se, em outras palavras, de afirmar que o linguístico e o discursivo deixam-se observar a partir do mesmo fenômeno da junção.

Para tanto, os aspectos linguístico-discursivos da junção, considerando os espaços de junção, no processo de textualização, sintetizados no quadro 4, são tomados com a *possibilidade de coocorrência*, em cada eixo. Desse modo, os aspectos (1), (2) e (3), descritos para a análise da relação entre os *MJs e o eixo 1*, podem aparecer, nos espaços de junção, em coocorrência entre si. Do mesmo modo, os aspectos (1) e (2), descritos para a análise da relação entre os *MJs e o eixo 2*, também podem aparecer, nos espaços de junção focalizados, em coocorrência. Especificamente, os aspectos apresentados em (a), (b) e (c), para a descrição de (2), vinculados ao eixo 2, também guardam possibilidades de coocorrerem na descrição/análise de um mesmo MJ em determinados espaços de junção.[54] Por fim, é também a admitida a *coocorrência* de

[54] Essa possibilidade de coocorrência foi sinalizada pelo emprego de "e/ou" na descrição de cada aspecto (cf. (a), (b) e (c), na p. 100, aqui mesmo).

aspectos relacionados a cada eixo, ou seja, a descrição/análise de um mesmo MJ, considerado em determinado espaço de junção, pode apresentar aspectos relativos *ao eixo 1 e ao eixo 2, concomitantemente*, de acordo com o que foi teoricamente assumido como heterogeneidade da escrita, no capítulo 1, da Parte I, desta dissertação.

Ainda no âmbito desta segunda etapa, os resultados da análise linguístico-discursiva dos MJs e(m) espaços de junção, enquanto *rastros* dos eixos 1 e 2, foram mobilizados para dar continuidade à comparação entre as TDs narrativa e prescritiva em aquisição, buscando especificar *aproximações* e/ou *distanciamentos* na aquisição da escrita por adultos em cada uma dessas tradições.

Partindo, novamente, da hipótese que sustenta esse objetivo, trata-se, na última etapa, de analisar as *mesclas* de TDs, na composicionalidade da TDs narrativa e prescritiva em aquisição no modo escrito de enunciação, a partir do viés comparativo.

Para essa análise, considera-se: (i) que a escrita se regula pela circulação dialógica do escrevente pelos três eixos, sendo o eixo 3 o que direciona o diálogo intrínseco com os demais (cf. Corrêa, 2004, 1997); e (ii) a relação entre o eixo 3 e o conceito de TD, tal como assumida neste trabalho (cf. Lopes-Damasio, 2025, 2022). Assim, parte-se da relação entre esse eixo e o conceito de TD, recuperando os estudos de Lopes-Damasio (2025, 2022, 2020, 2019a/b), e resultados de pesquisas desenvolvidas no escopo do PP (Carvalho, 2025; Silva, 2024; Oliveira, 2024), para uma observação das *mesclas* de TDs, de acordo com o quadro 5:

**Quadro 2:** Descrição das *mesclas* de TDs – eixo 3

| | | |
|---|---|---|
| Eixo 3 | (1) | composicionalidade sintagmática |
| | (2) | composicionalidade paradigmática |

**Fonte**: Adaptado de Carvalho (2025, p.102)

Conforme apresentado no quadro 5, focalizam-se as TDs que atuam como matéria para a constituição das TDs complexas narrativa e prescritiva. Em (1), a análise fundamentou-se na identificação das distintas TDs manifestadas na linearidade do texto, isto é, em sua dimensão sintagmática. Em (2), por sua vez, privilegiou-se a identificação das TDs que, em uma perspectiva paradigmática, coexistem com as *mesclas* observadas no eixo sintagmático. Considerou-se, assim, a atuação simultânea de diferentes TDs na constituição do texto.[55]

[55] Lopes-Damasio e Silva (2025) e Silva (2024) associam os *rastros* juntivos das composicionalidades sintagmática e paradigmática à heterogeneidade mostrada e constitutiva, respectivamente (cf. Authier-Revuz, 1982).

**Apontamentos finais**

O presente capítulo apresentou o universo investigativo deste trabalho, bem como os procedimentos metodológicos que fundamentam as análises desenvolvidas.

Em um primeiro momento, buscou-se situar o PEJA enquanto Programa de extensão universitária presente em sete *campi* da UNESP, delimitando-se, em seguida, o espaço de investigação ao PEJA – UNESP/Assis, como aquele em que ocorreram as práticas de escrita das quais resultaram os textos focalizados nesta pesquisa. Nesse percurso, caracterizou-se o grupo de educadores e educandos atendido nesse câmpus, com uma subseção dedicada especificamente ao núcleo II de atuação do Programa, por se tratar do núcleo em que ocorreu a coleta do *corpus*.

O *corpus* foi constituído por 40 textos produzidos por educandas, apresentadas como sendo mulheres idosas, em sua maioria não-brancas e marcadas pelo trabalho no campo e doméstico. Os textos, caracterizados como TD narrativa e prescritiva, foram extraídos do BDEIn – UNESP (*InWrite* – UNESP), em desenvolvimento como parte do PP. Em relação a esse *corpus*, apresentaram-se os sujeitos escreventes, as condições de produção dos textos analisados e as propostas de escrita a partir das quais tais textos foram produzidos.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, explicitou-se cada etapa do trabalho investigativo, ancorada nos pressupostos teóricos apresentados na Parte I deste trabalho, nos objetivos e suas respectivas hipóteses. A investigação, desenvolvida sob uma abordagem qualitativo-quantitativa, estruturou-se em duas etapas, sendo a primeira guiada, predominantemente, por seu enfoque nos aspectos linguísticos da junção, e a segunda, predominantemente, por seu enfoque linguístico-discursivo, conforme proposta metodológica mobilizada a partir dos trabalhos de Lopes-Damasio (2022a/b, 2019a/b).

A primeira etapa orientou-se por procedimentos de descrição e análise do funcionamento tático e semântico dos MJs, considerando a interdependência entre os elementos da oração complexa, englobando as relações de parataxe e hipotaxe (Halliday, 1985), bem como relações semânticas analisadas segundo um *continuum* de abstração e complexidade crescente (cf. Kortmann, 1997), a partir de um esquema bidimensional para o tratamento da junção. Considerou-se, nesta etapa, o tratamento dos dados para o alcance do objetivo específico (i).

A partir dos resultados da descrição e análise linguística dos MJs, iniciou-se, ainda, o tratamento dos dados para alcance do objetivo específico (iii), atendendo ao caráter

comparativo deste trabalho, para o qual interessou a proposição de *aproximações* e *distanciamentos* no que se refere a aquisição das TDs narrativa e prescritiva.[56]

Na segunda etapa, os procedimentos metodológicos buscaram atender, inicialmente, ao objetivo específico (ii), estabelecendo relações entre o funcionamento dos MJs (cf. resultados da etapa 1) e a heterogeneidade da escrita, ao tomá-los como *rastros* da circulação dos sujeitos pelos eixos 1, da *gênese da escrita*, e 2, do *código escrito institucionalizado*. Para essa análise, apresentaram-se aspectos linguístico-discursivos que sustentam a relação entre MJs e heterogeneidade da escrita (cf. Carvalho, 2025; Lopes-Damasio e Silva, 2025; Silva, 2024; Oliveira, 2024;), considerados a partir do eixo 1: (1) *gesto discursivo*; (2) *trânsito semântico*; (3) *representação do fluxo de fala*; e/ou do eixo 2: (1) a *prototipicidade*; e/ou (2) a *"autonomia" da escrita me relação a fala*. Ressalta-se, ainda, a possibilidade de coocorrência entre cada aspecto e os próprios eixos, de modo que a descrição/análise de um mesmo MJ, em determinado espaço de junção, pode apresentar concomitantemente aspectos vinculados ao eixo 1 e ao eixo 2. Tal possibilidade decorre do entendimento teórico da escrita como constitutivamente heterogênea, conforme discutido no capítulo 1, da Parte I desta dissertação.

A partir dos resultados da análise linguístico-discursiva dos MJs como *rastros* da heterogeneidade da escrita, completou-se, por fim, o tratamento dos dados para o alcance do objetivo específico (iii). Mais uma vez, atendendo ao caráter comparativo deste trabalho, foram propostas, conforme o eixo 3 e sua relação com o conceito de composicionalidade paradigmática e sintagmática das TDs, *aproximações* e *distanciamentos* entre as TDs narrativa e prescritiva em aquisição, tomando as relações entre ambas como indícios do processo de constituição dessas tradições na aquisição da escrita.

A Parte III dedica-se à exposição dos resultados da investigação, alcançados segundo os procedimentos aqui delineados, bem como às discussões deles decorrentes.

[56] Nesta comparação, foram considerados os aspectos de repetibilidade e de evocação/tradição e atualização das TDs (Kabatek, 2012, 2006, 2005a/b). Tal consideração permite compreender a primeira etapa da pesquisa como uma etapa que, embora se concentre em uma abordagem predominantemente linguística dos dados, abre-se para uma perspectiva discursiva de análise.

# PARTE III
# ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

# CAPÍTULO 1
# DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS MECANISMOS DE JUNÇÃO NAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E PRESCRITIVA

## Considerações iniciais

Este capítulo tem por objetivo apresentar os resultados da descrição e análise dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva, produzidas por educandas do PEJA – UNESP/Assis, partindo de uma abordagem bidimensional (cf. Lopes- Damasio, 2022a/b). Neste capítulo, interessa responder à pergunta de pesquisa "como se caracteriza, linguística e discursivamente, o funcionamento dos MJs, em textos das TDs narrativa e prescritiva, escritos por adultos, em processo de aquisição da escrita, numa relação entre os MJs e as TDs focalizadas?".

Conforme apresentado na Parte II deste trabalho, propõe-se, metodologicamente, focalizar as relações táticas, na interdependência entre os elementos da oração complexa – de acordo com as arquiteturas paratática e hipotática, no eixo vertical – e as relações semânticas – de acordo com a escala de complexidade crescente, no eixo horizontal.

Para responder à pergunta, hipotetiza-se que, no processo de textualização subjacente à noção de escrita-processo e, portanto, de escrita-movente, diferentes taxes podem abrir espaços, na superfície do texto, para diferentes relações de sentido em trânsitos semânticos ligados aos MJs e aos espaços de junção (Lopes-Damasio, 2020, 2019a).

Portanto, direciona-se o olhar aos dados delimitados pelos contornos teórico-metodológicos já apresentados, partindo de uma descrição empírica do fenômeno da junção, por meio das bases linguísticas, tático-semânticas, do funcionamento desses mecanismos. Trata-se, ainda, de dar contornos ao quadro teórico, que se caracteriza como uma abordagem linguístico-discursiva de dados aquisicionais – especificamente, neste trabalho, produzidos no contexto do PEJA –, a partir, exclusivamente, do diálogo que o empírico proporciona.

Para tanto, neste capítulo, os resultados da descrição e análise tático-semântica, conforme objetivo específico (i), serão tomados como base para subsidiar linguisticamente a resposta à terceira pergunta de pesquisa: "como se caracteriza a aquisição da escrita, experimentada por adultos, quando se consideram aspectos linguísticos-discursivos da relação entre MJs e as TDs focalizadas no processo de textualização?" A hipótese é a de que, consideradas a estabilidade-instabilidade da linguagem e as definições de escrita e de aquisição da escrita adotadas, o processo [de aquisição da escrita] seja marcado por zonas de contato entre as TDs focalizadas, analisadas, neste primeiro momento, a partir da observação do que nelas se configura como *fixo* e como *lacunar*, para a compreensão de sua constituição.

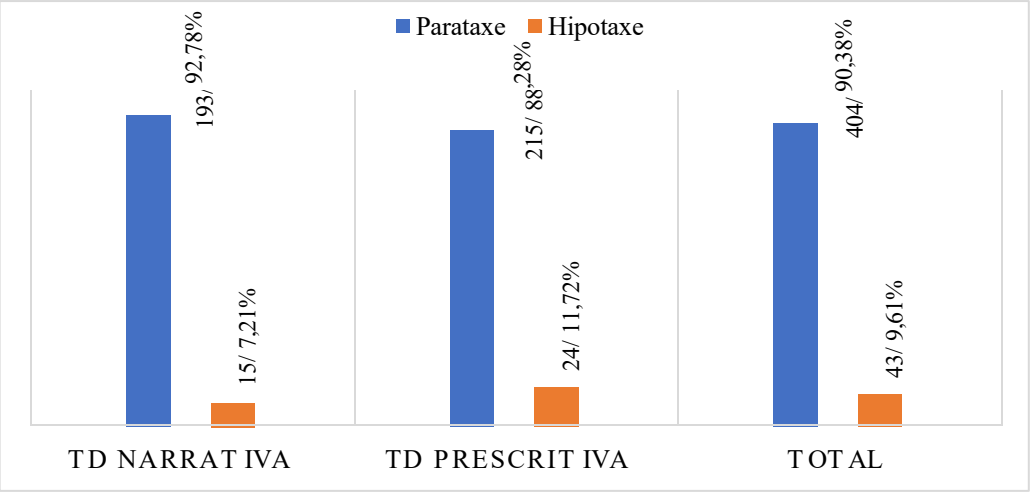
Com efeito, os resultados do objetivo específico (i) serão tomados como ponto de partida, de natureza linguística, para a discussão direcionada ao objetivo específico (iii): com ênfase nos resultados linguísticos da abordagem, serão propostas *aproximações* e *distanciamentos* que caracterizem a dialogia com o já-falado/ouvido e escrito/lido para a observação da aquisição das TDs aqui focalizadas na escrita de adultos.

No que se refere à organização interna, o capítulo estrutura-se da seguinte forma: a seção 1 dedica-se à caracterização do funcionamento linguístico dos MJs no eixo tático, nos textos das TDs focalizadas; a subseção 1.1 apresenta uma análise comparativa entre as TDs, considerando os resultados relativos ao funcionamento tático dos MJs; a seção 2 centra-se na descrição e análise do funcionamento dos MJs, agora com ênfase no eixo semântico; em continuidade, a subseção 2.1, apresenta relações de *aproximação* e *distanciamento* observadas a partir dos resultados dessa análise semântica; a seção 3 examina o funcionamento dos MJs e espaços de junção, considerando tanto a prototipicidade quanto os trânsitos semânticos; e, por fim, apresentam-se considerações decorrentes das análises desenvolvidas.

## 1. Funcionamento tático dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva

Esta seção apresenta os resultados da descrição e análise dos funcionamentos dos MJs nos textos investigados das TDs narrativa e prescritiva em aquisição da escrita, com foco nos seus aspectos táticos. Para tanto, o Gráfico 2 ilustra esses funcionamentos, considerando as arquiteturas paratática e hipotática.

**Gráfico 2**: Funcionamentos táticos dos MJs



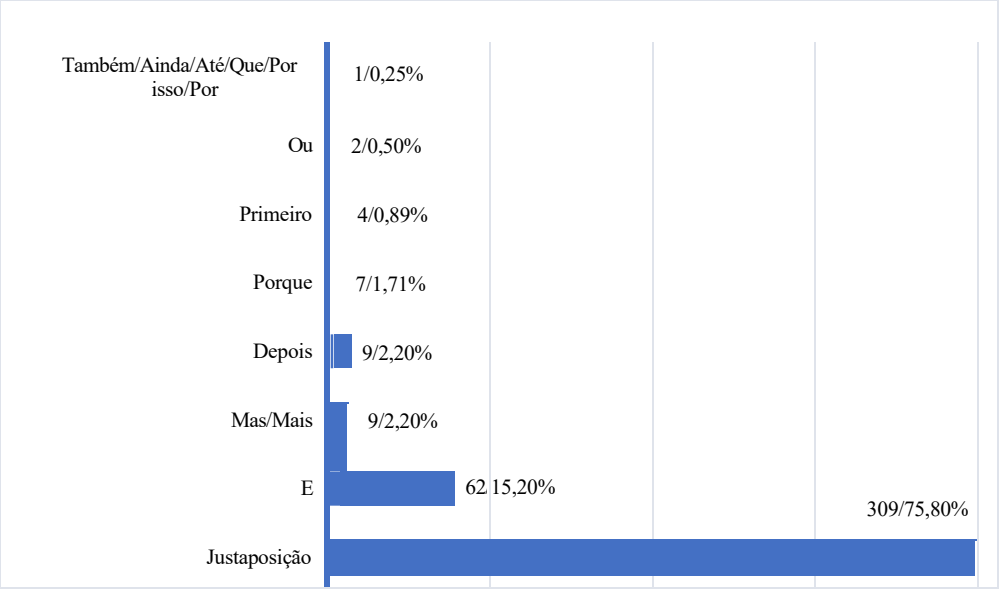

**Fonte**: Dados da pesquisa

A partir do Gráfico 2 pode-se afirmar que, nas TDs focalizadas, em contexto de aquisição da escrita, os MJs em construções paratáticas são predominantes em relação àqueles

em construções hipotáticas, demonstrando uma relação de *aproximação* entre as duas TDs, no que se refere às suas configurações táticas, com uma distinção de frequência equivalente a 4,5%.

O Gráfico 3 apresenta a frequência dos MJs em arquitetura paratática encontrados nos textos de ambas TDs em aquisição, apontando para a maior concentração de dois tipos de MJs em ambas as TDs: a "justaposição" e o "e":

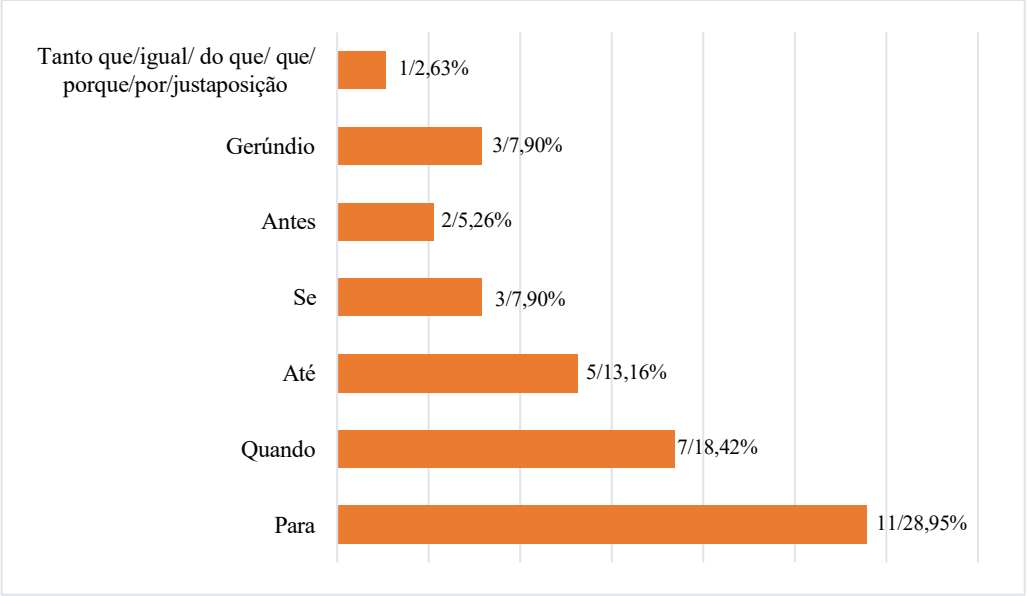
**Gráfico 3**: MJs paratáticos nas TDs narrativa e prescritiva




**Fonte**: Elaboração própria

O Gráfico 4, por sua vez, ilustra a frequência dos MJs em arquitetura hipotática em ambas TDs, indicando a maior diversificação, em termos de distribuição da frequência, de MJs em construções hipotáticas:

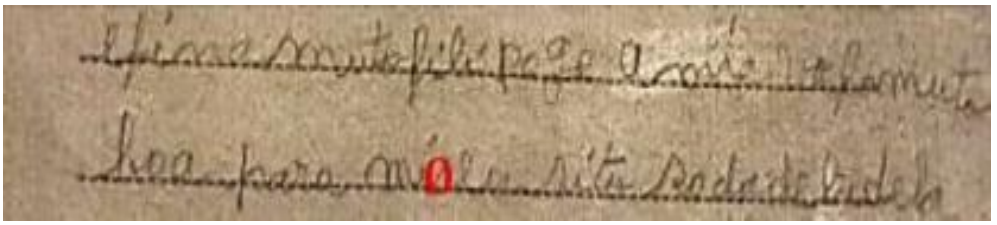
**Gráfico 4**: MJs hipotáticos nas TDs narrativa e prescritiva




**Fonte**: Elaboração própria

As ocorrências, em (3) e (4), ilustram os MJs mais recorrentes nos dados analisados sob arquitetura paratática, conforme Gráfico 3, a saber: a "justaposição" e o MJ "e":

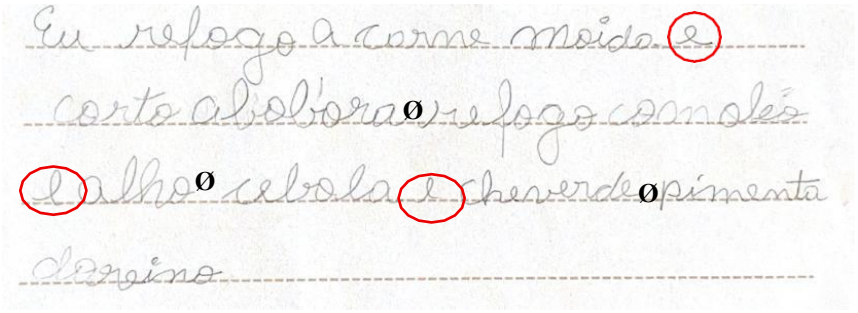
**3.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] amía vo fomuto
boa para mi **Ø** eu síto sodadeladela[57]
**P2T9E4 – TD Narr**

**4.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] Eu refogo a carne moida **e**
corto abobora **Ø** refogo com oléo
**e** alho **Ø** cebola **e** cheverde **Ø** pimenta
doreino [...][58]
**P3T17E6 – TD Presc**

No trecho em (3), extraído da TD narrativa, a "justaposição" ilustra a relação entre orações de igual estatuto, no que se refere à independência sintática entre os elementos, numa construção paratática em que se pode observar o trânsito semântico do sentido de *causa*, a partir do sentido mais concreto de *adição*, conforme demonstra a paráfrase: "a minha vó foi muito boa para mim, por isso eu sinto saudade dela."[59] Há, portanto, uma oração primária "a minha avó foi muita boa para mim" de mesmo estatuto tático em relação à secundária "eu sinto saudade dela".

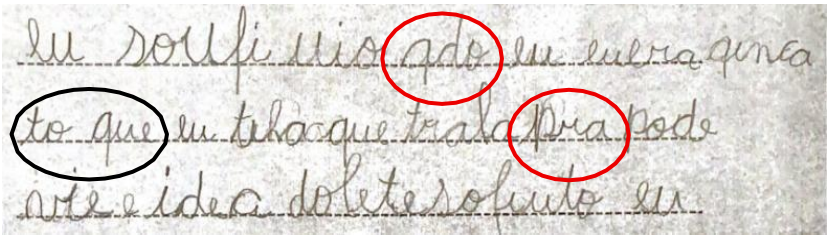
No trecho em (4), extraído da TD prescritiva, a primeira ocorrência do MJ "e" articula os enunciados taticamente independentes, com sentido mais concreto de *adição* a partir do qual

[57] Sugestão de leitura: A minha avó foi muito boa para mim, eu sinto saudade dela.
[58] Sugestão de leitura: Eu refogo a carne moída e corto a abóbora. Refogo com óleo, alho, cebola, cheiro verde e pimenta.
[59] A análise mais detalhada dos aspectos semânticos que envolvem a movimentação de sentidos, considerada neste trabalho enquanto trânsitos semânticos, será desenvolvida na seção 2 do presente capítulo.

é possível observar o trânsito semântico para o sentido mais abstrato de *tempo simultâneo*:[60] "Eu refogo a carne moída enquanto corto a abóbora". As demais ocorrências destacadas do MJ "e" articulam, da mesma maneira, os enunciados taticamente independentes, com sentido de adição: "refogo com óleo e alho, cebola, e cheiro verde, pimenta do reino".

As ocorrências, em (5) e (6), ilustram os MJs mais recorrentes nos dados analisados sob arquitetura hipotática, conforme Gráfico 4, a saber: "para" e "quando":

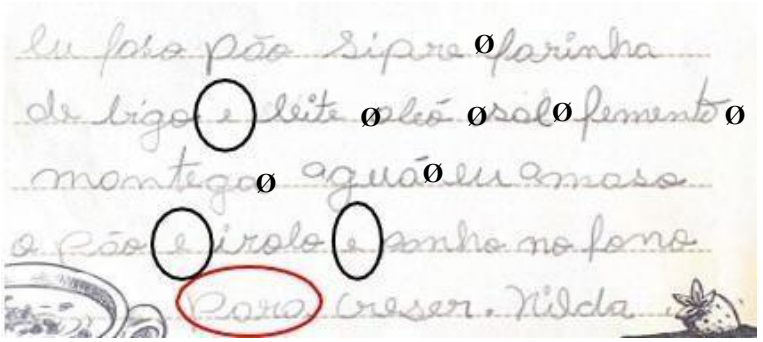
**5.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

eu soufi uio **qdo** eu euera qin
**to que** eu tiha que trala**pra** pode
vie [...][61]
**P2T8E3 – TD Narr**

**6.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] eu faso pão sipre **Ø** farinha
de bigo **e** leite **Ø** óleo **Ø** sal **Ø** femento **Ø**
mantega **Ø** aguá **Ø** eu amaso
o pão **e** irolo **e** ponho no fono
**para** creser. [62]
**P3T17E6 – TD Presc**

Em (5), os MJs "para" e "quando" articulam os enunciados da narrativa, com diferentes estatutos, em interdependência sintática, caracterizando uma construção hipotática: a oração dominante, matriz, "eu sofri muito", em relação à dependente, introduzida pelo MJ, "*quando* eu era pequena", com sentido de *tempo anterior*; e a oração dominante, matriz, "eu tinha que trabalhar", em relação à dependente "para poder viver". Ainda em (5), o MJ "tanto que", menos

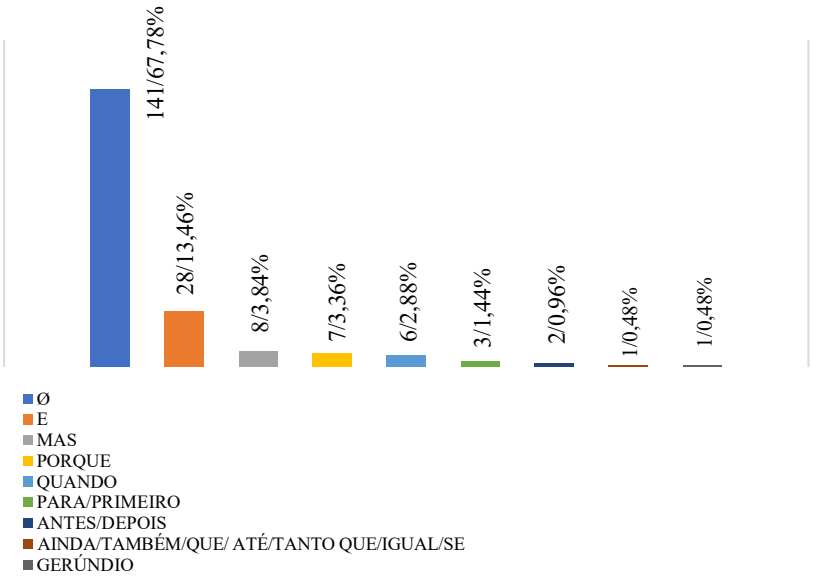
[60] Nesse contexto, também é possível a atualização, de forma genérica, do sentido de *tempo posterior*, considerando a ordenação temporal das ações no desenvolvimento da receita apresentada.
[61] Sugestão de leitura: Eu sofri muito quando eu era criança tanto que eu tinha que trabalhar para poder viver.
[62] Sugestão de leitura: Eu faço pão simples: farinha de trigo, leite, óleo, sal, fermento, manteiga e água. Eu amasso o pão, enrolo e ponho no forno para crescer.

frequente nos dados, também articula elementos oracionais de diferentes estatutos com interdependência sintática, caracterizando o mesmo tipo de construção hipotática. Nela, o sentido de *causa* está explicitado no MJ, que, nesse espaço de junção, articula a relação entre um efeito "eu so eu soufi uio" (eu sofri muito) e sua causa "eu tiha que tralapra pode vie" (eu tinha que trabalhar para poder viver).

Em (6), o MJ "para" articula os enunciados da TD prescritiva em arquitetura hipotática com sentido de *finalidade* e compreende uma relação entre enunciados de diferentes estatutos, cujo enunciado dominante, matriz, é "ponho no forno" e o dependente, "para crescer".

Na sequência, o Gráfico 5 apresenta a frequência dos diferentes tipos de MJs observados na TD narrativa.

**Gráfico 5**: MJs na TD narrativa

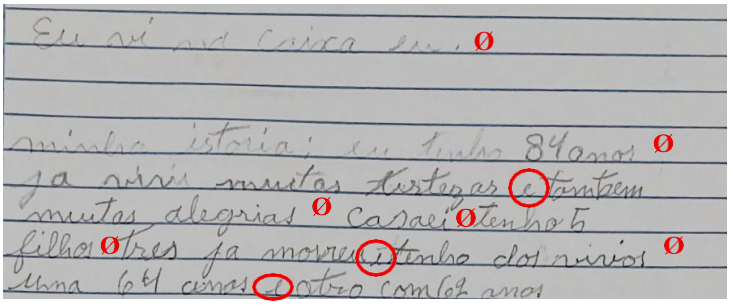



**Fonte**: Elaboração própria

Segundo o Gráfico 5, os MJs mais frequentes, nos textos da TD narrativa em aquisição, foram a "justaposição" e "e". Os resultados apresentados nele permitem iniciar a observação do que caracteriza a TD narrativa, tanto nas construções paratáticas, quanto nas hipotáticas, à luz do modo como os MJs mobilizados na construção dessa TD se mostram na escrita dos escreventes.

Para exemplificar, em (7), apresenta-se o texto intitulado "Eu vi na caixa eu":

**7.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

Eu vi na caixa eu. **Ø**

Minha istória: eu tenho 84 anos **Ø**
ja vivi muitas tistezas **e** também
muitas alegrias **Ø** casei **Ø** tenho 5
filhos **Ø** tres ja morreu **e** tenho dos vivios **Ø**
uma 64 anos **e** otro com 62 anos[63].
**P1T2E2 – TD narr**

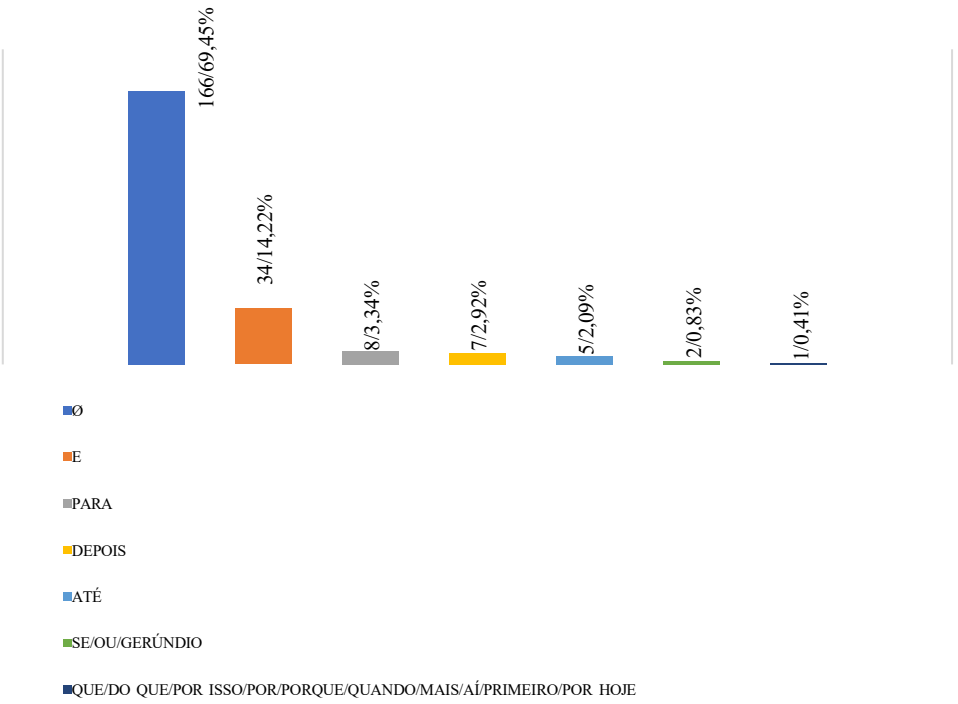
Em (7), os MJs em destaque, as "justaposições" e "e", articulam parataticamente os enunciados da narrativa, permitindo que a sequencialidade de fatos narrados se manifeste na superfície textual. Por meio desses recursos, orações de igual estatuto sintático são encadeadas, produzindo um efeito de sequencialidade dos eventos narrados que organiza o texto e, de modo mais específico, delineia o conteúdo do percurso de vida da escrevente.

À luz dos resultados apresentados no Gráfico 5 e da análise do funcionamento dos MJs nos espaços de junção do texto, em (7), é possível observar a "sequencialidade de eventos narrados" marcada pela predominância de "justaposição" e "e". Nos espaços de junção que caracterizam tais MJs, habilita-se a movimentação de sentidos mais abstratos, a partir do de *adição*, mais concreto, numa relação intrínseca entre *adição*, *tempo* e *causa* (causa-efeito/efeito-causa) e a sequencialidade dos eventos que constituem o narrado, conforme será detalhadamente descrito adiante.

O Gráfico 6 apresenta os MJs na TD prescritiva e suas respectivas frequências:

[63] Sugestão de leitura: Eu vi na caixa eu. Minha história: eu tenho 84 anos. Já vivi muitas tristezas e também muitas alegrias. Casei. Tenho 5 filhos, três já morreu e tenho dois vivos. Uma com 64 anos e o outro com 62 anos.

**Gráfico 6**: MJs na TD prescritiva

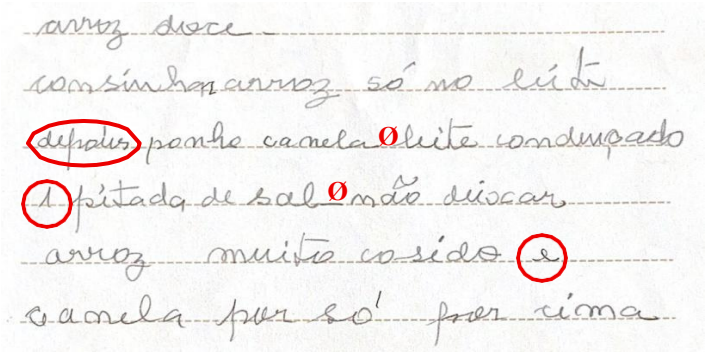



**Fonte**: Elaboração própria

Na TD prescritiva, os mesmos MJs são observados como maior frequência, a "justaposição" e "e", apontando para uma *aproximação* entre as TDs focalizadas a partir do que foi ilustrado também no Gráfico 5.

A partir desses resultados, também é possível observar o que caracteriza a TD prescritiva, nas construções paratáticas e hipotáticas, à luz do funcionamento dos MJs, nessa TD. Para exemplificar, tem-se, em (8), o texto intitulado "arroz doce", pertencente à TD prescritiva:

**8.**




**Fonte**: BDEIn – Unesp

arroz doce
consinhar arroz só no leiti
**depois** ponha canela **Ø** leite condençado
**i** pitada de sal **Ø** não deixar
arroz muito cosido **e**
canela por só por cima [...][64]
**P3T19E8 – TD presc**

[64]Sugestão de leitura: Arroz doce. Cozinha o arroz só no leite, depois põe canela, leite condensado e pitada de sal. Não deixar arroz muito cozido e canela por só por cima.

Em (8), os MJs em destaque — "justaposição", "e" (grafado como "i") e "depois" — articulam parataticamente os enunciados da TD prescritiva, organizando uma sequencialidade agora de instruções para o preparo da receita. Por meio desses MJs, orações de igual estatuto sintático são encadeadas, produzindo um efeito de ordenação procedimental que orienta o leitor no modo de execução. Observa-se a emergência do sentido mais abstrato de *tempo posterior*, a partir do sentido mais concreto de *adição*, nos espaços de junção marcados por "e" e pela "justaposição". O mesmo sentido também se mostra, prototipicamente, no espaço do MJ "depois", marcando, assim, o encadeamento sucessivo das etapas do "passo a passo", para a realização da receita.

À luz dos resultados apresentados no Gráfico 6 e da análise do funcionamento dos MJs nos espaços de junção do texto, em (8), é possível observar a "sequencialidade de instruções" marcada, novamente, pela predominância de "justaposição" e "e", em espaços de junção que permitem, também novamente, a movimentação para sentidos mais abstratos, a partir do de *adição*, de acordo com a relação intrínseca entre *adição* > *tempo* e a sequencialidade, dessa vez, das instruções que constituem o que se prescreve.

A partir da descrição dos funcionamentos táticos dos MJs nos textos das TDs focalizadas, a próxima subseção estará direcionada ao detalhamento da comparação de tais funcionamentos nessas TDs.

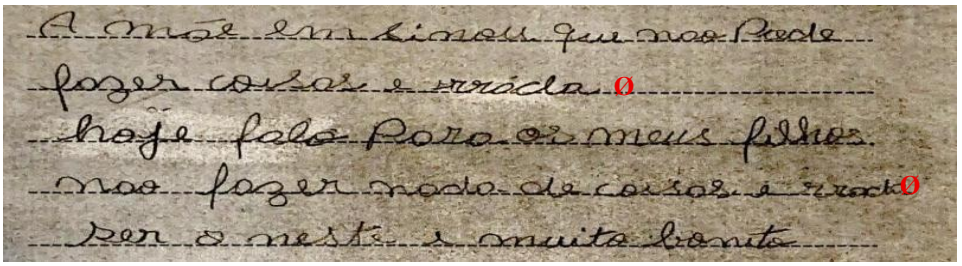
### 1.1 *Aproximações* e *distanciamentos*: funcionamento tático dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva em aquisição

A partir dos resultados em relação ao funcionamento tático dos MJs, é possível destacar *aproximações* e *distanciamentos* entre a caracterização das arquiteturas paratáticas e hipotáticas, nas duas TDs focalizadas: nos textos de ambas as TDs, as ocorrências de parataxe, predominantemente, são utilizadas como maneira de inserir uma "sequencialidade" oracional. Portanto, se, do ponto de vista dos tipos de MJs mais recorrentes e das relações táticas mais recorrentes, nos espaços de junção, que caracterizam os textos de ambas as TDs – narrativa e prescritiva –, os resultados apontam para uma *aproximação* entre essas TDs, do ponto de vista textual/discursivo, os resultados mostram que o que se junta/articula, nessas TDs, aponta para um *distanciamento* entre elas: na TD narrativa, os MJs têm por função inserir novas informações ao texto dentro de uma "sequencialidade de eventos narrados", numa relação intrínseca com as práticas de narrar; na TD prescritiva, os MJs articulam elementos que sustentam uma "sequencialidade de instruções", de acordo com uma lista. Há, aqui, o primeiro

indício da composicionalidade dessas TDs, conforme será descrito na continuidade deste capítulo.

Como forma de ilustrar o que se afirma, no que se refere às *aproximações* e aos *distanciamentos* das TDs a partir do funcionamento tático dos MJs, tem-se as ocorrências, em (9) e (10), em textos pertencentes a cada uma das TDs, respectivamente, narrativa e prescritiva:

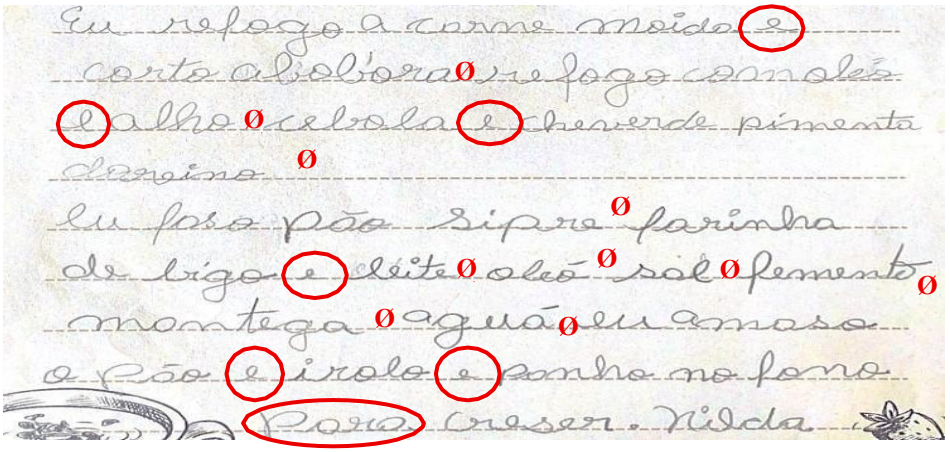
**9.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

A mãe em cinou que nao pode
fazer coisas e rrada **Ø**
hoje falo para os meus filhos
nao fazer nada de coisas errada**Ø**
ser o neste e muito bonito[65]
**P2T11E6 – TD Narr**

**10.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] Eu refogo a carne moida **e**
corto abobóra **Ø** refogo com oléo
**e** alho cebola **e** cheverde **Ø** pimenta
do reino **Ø**
eu faso pão sipre **Ø** farinha
de trigo **e** leite **Ø** óleo **Ø** sal **Ø** femento **Ø**
mantega **Ø** aguá **Ø** eu amaso
o pão **e** irolo **e** ponho no forno
**para** creser.[66]
**P3T17E6 – TD presc**

[65] Sugestão de leitura: A minha mãe me ensinou que não podemos fazer coisas erradas, por isso, hoje falo para os meus filhos não fazer nada de coisas erradas. Ser honesto é muito bonito.
[66] Sugestão de leitura: Eu refogo a carne moída e corto a abóbora. Refogo com refogo com oléo, alho, cebola, cheiro verde e pimenta do reino. Eu faço pão simples: Farinha de trigo, leite, óleo, sal, fermento, manteiga, água. Eu amasso o pão, enrolo e ponho no forno para crescer.

Nos trechos de ambas as TDs, é possível destacar *aproximações* no que se refere ao funcionamento tático dos MJs, uma vez que se observa, em ambos os casos, que as ocorrências de "justaposição" em destaque inserem uma "sequencialidade" oracional. Assim, apontam para aquilo que se mostra semelhante — no caso, a frequência da "justaposição" — e para a presença da parataxe como taxe dominante. Observa-se, ainda, que, no texto da TD prescritiva, a instrução para o preparo da receita se distancia do convencional dessa tradição, uma vez que as ações a serem realizadas são enunciadas em primeira pessoa do singular, em vez de serem dirigidas ao interlocutor em segunda pessoa, aproximando o texto, nesse aspecto, das tradições do narrar.

Do ponto de vista textual/discursivo, é possível propor uma relação de *distanciamento* entre as TDs: na TD narrativa, os MJs têm por função inserir novas informações ao texto dentro de uma "sequencialidade de *eventos narrados*", em relação intrínseca com as práticas de narrar, a saber: "A mãe ensinou que não pode fazer coisas erradas, por isso, hoje falo para os meus filhos não fazerem coisas erradas, porque ser honesto é muito bonito". Na TD prescritiva, por sua vez, os MJs articulam elementos que sustentam uma "sequencialidade de *instruções*", de acordo com uma listagem, a saber: "eu faço pão simples: farinha de trigo, leite, óleo, sal, fermento, manteiga e água".

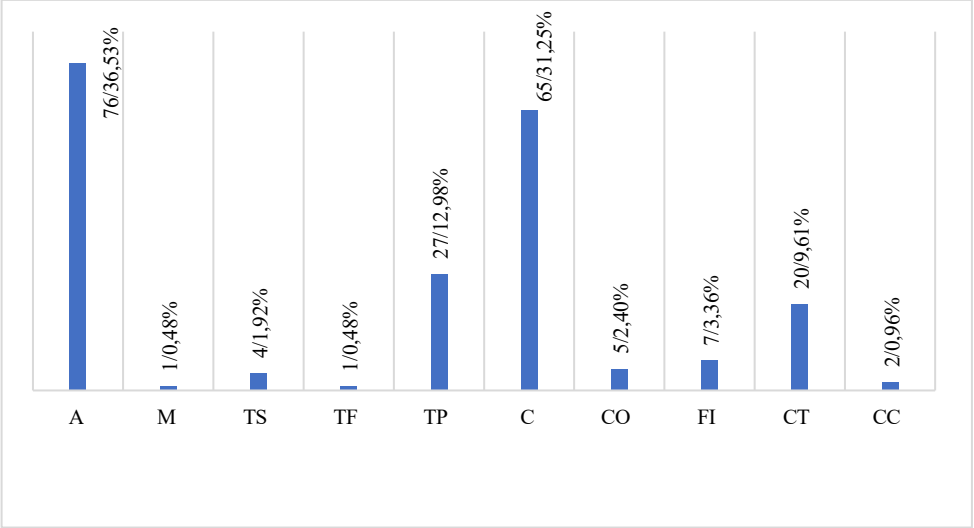
Retomam-se, novamente, os resultados que apontam para tal *distanciamento* entre TDs: embora a parataxe seja a configuração tática predominante nos textos de ambas as TDs, essa configuração se mostra mais frequente nos textos pertencentes à TD narrativa quando comparada com os resultados da prescritiva (com uma diferença de 4,5%, conforme Gráfico 2, seção 1).

A fim de completar a descrição e a análise apresentadas, a seção seguinte focaliza os aspectos semânticos do funcionamento dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva, em aquisição no modo escrito de enunciar.

## 2. Funcionamento semântico dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva

Esta seção apresenta os resultados da descrição e análise dos funcionamentos dos MJs nos textos analisados das TDs narrativa e prescritiva em aquisição da escrita, com foco nos seus aspectos semânticos. De início, o Gráfico 7 apresenta os sentidos mais recorrentes nos textos da TD narrativa, de acordo com a escala de complexidade e abstração, identificada no eixo horizontal do esquema bidimensional de análise.

**Gráfico 7**: Funcionamento semântico dos MJs na TD narrativa




**LEGENDA**: A = Adição; M = Modo; TS = Tempo simultâneo; TF = Tempo final; TP = Tempo posterior; C = Causa; Co = Condição; Fi = Finalidade; Ct = Contraste; Cc = Concessão
**Fonte:** Elaboração própria

A Tabela 2 apresenta, por sua vez, os MJs que preenchem os espaços de junção, na TD narrativa, em relação a cada sentido, com destaque para aqueles mais recorrentes, a saber: *adição*, *tempo posterior*, *causa*, *finalidade* e *contraste*, conforme Gráfico 7.

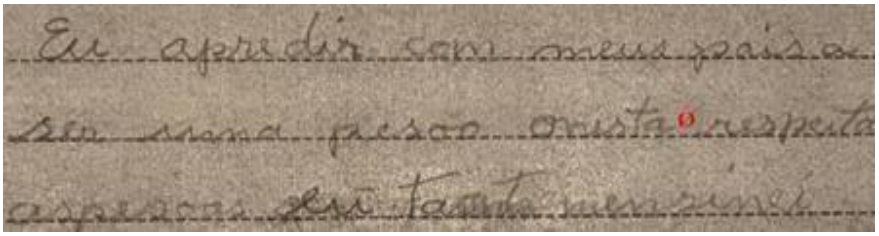
**Tabela 2**: Funcionamento semântico dos MJs na TD narrativa

| TD | A | Al | M | Cp | TS | TF | TP | C | Co | Fi | Ct | Cc | Tt |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| narr | **76** Ø (63) e (12) também (1) | --- | **1** gerúndio (1) | --- | **4** Ø (1) quando (2) | **1** até (1) | **27** e (10) Ø (15) depois (2) | **65** porque (7) Ø (53) e (3) que (1) tanto que (1) | **5** quando (3) se (1) Ø (1) | **7** Ø (4) para(3) | **20** e (3) mas (8) Ø (9) | **2** Ø (1) ainda (1) | **208** |

**LEGENDA**: A = Adição; Al = Alternativa; M = Modo; Cp = Comparação; TS = Tempo simultâneo; TF = Tempo final; TP = Tempo posterior; C = Causa; Co = Condição; Fi = Finalidade; Ct = Contraste; Cc = Concessão
**Fonte**: Elaboração própria

As ocorrências de (11) a (15) exemplificam os sentidos de MJs mais recorrentes em textos da TD narrativa, iniciando, em (11), com o de *adição*:

**11.**



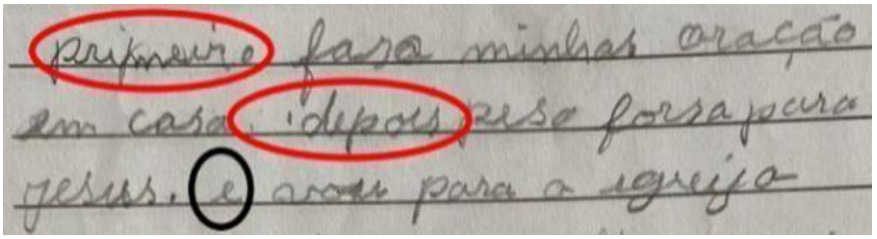
**Fonte**: BDEIn – UNESP

Eu apredir com meus pais a
seu uma pesoa onesta **Ø** respeita
aspesoas [...][67]
**P2T7E2 – TD narr**

Dentre as 76 ocorrências de espaços de junção aditivos (36,53%), 63 (82,90%) caracterizam-se pela "justaposição". Como ilustrado em (11), a "justaposição" articula parataticamente os enunciados de um trecho da TD narrativa, especificando o que foi dito antes, dentro do movimento de elaboração (cf. Halliday, 1985), relacionado ao sentido de *adição*. Nesse movimento, a oração introduzida elabora, especifica, detalha, explica e refina o significado da outra oração, a primeira, que compõe o enunciado. Na ocorrência, observa-se, especificamente, o movimento semântico de elaboração sendo atualizado numa exposição, conforme propõe o autor, em que uma oração ("respeita aspesoas") expõe, clarifica, em outras palavras, o que foi dito na oração anterior ("Eu apredi con meus pais a ser uma pessoa onesta"), de acordo com o esquema *P isto é Q*.

Em (12), os MJs ilustram o sentido de *tempo*:

**12.**




**Fonte**: BDEIn – UNESP
[...] **primeiro** faso minhas oração
em casa. **depois** peso forsa para
jesus. **e** vou para a igreja [...][68]
**P8T38E2 – TD narr**

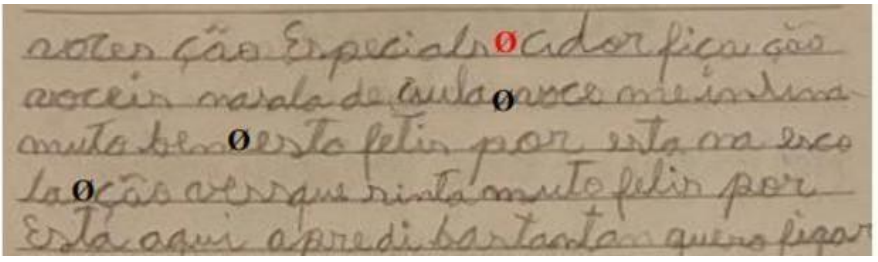
Em (12), o trecho inicia-se com a primeira ação "primeiro faso minhas oração", logo em seguida é adicionada uma nova informação que faz o texto progredir, com o MJ "depois" ("*depois* peso forsa para jesus"), finalizando com uma última informação, introduzida pelo MJ "e" ("*e* vou para a igreja"). O MJ "depois" (2/7,40%) articula os enunciados com sentido prototípico de *tempo posterior*, explicitando uma ordem cronológica dos fatos, na sequencialidade característica da TD narrativa, e "e" (10/37,03%) desempenha a mesma funcionalidade, mas a partir de uma movimentação semântica, conforme será explicitada mais detalhadamente a seguir. Nesse espaço de junção, observado em 27 ocorrências (12,98%), constata-se a *adição assimétrica*,[69] (cf. Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008), em que não é viável

[67] Sugestão de leitura: Eu aprendi com meus pais a ser uma pessoa honesta, respeitar as pessoas [...].
[68] Sugestão de leitura: Primeiro faço as minhas orações em casa, depois peço força para Jesus e vou para a igreja.
[69] Segundo Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), existem dois tipos de adição entre sentenças: as *simétricas*, que permitem uma mudança na ordem de seus membros, sem alteração significativa de sentido, visto que os membros

a alteração da ordem oracional e, ao mesmo tempo, em que é habilitada a movimentação para o sentido de *tempo posterior*.

Considerando, ainda, os dados apresentados no Gráfico 7 e na Tabela 2, em (13), ilustra-se o sentido de *causa*, em espaços de trânsitos semânticos, nos textos da TD narrativa:

**13.**



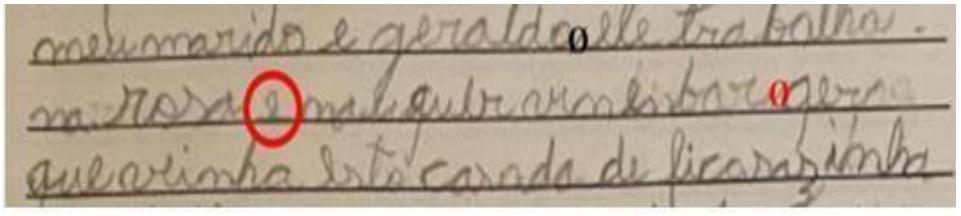
**Fonte**: BDEIn – UNESP

[..] voces ção Especials **Ø** Ador fica cão
voceis nasala de aula **Ø** voce me insina
muito ben **Ø** esto felis por esta na esco
la **Ø** ção vesque sinta muto felis por
Esta aqui [...][70]
**P4T20E1 – TD Narr**

Em (13), a "justaposição" em destaque articula parataticamente os enunciados que integram o trecho que caracteriza a *mescla* entre as TDs narrativa e explicativa, com sentido mais concreto de *adição*, inserindo informações novas ao texto e habilitando a movimentação para o sentido mais abstrato de *causa*, associado à explicação, conforme a paráfrase: "vocês são especiais, por isso adoro ficar com vocês na sala de aula". "Dentre as 65 ocorrências de espaços de junção causais, mais da metade das ocorrências caracterizam-se como "justaposição", como exemplificado em (13), e apontam, ainda, para espaços abertos a movimentação semântica de *adição* > *causa*.

Em (14), as ocorrências dos MJs destacadas apontam para o funcionamento do sentido de *contraste* na TD narrativa:

**14.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] meu marido e geraldo **Ø** ele trabalha
na rosa **e** nau quer vinenbor **Ø** qero

da adição são independentes entre si; e as *assimétricas*, em que a alteração da ordem dos membros não é admitida, uma vez que um membro conduz ao outro. As ocorrências consideradas aditivas, nos textos analisados neste trabalho, correspondem à *adição simétrica*, em que é possível inverter a ordem oracional sem prejuízos semânticos para o texto.

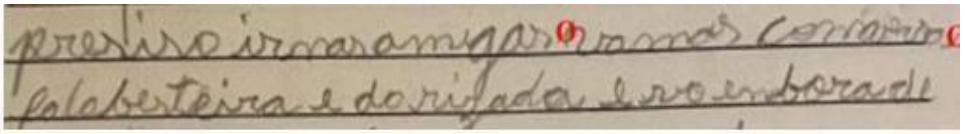
[70] Sugestão de leitura: Vocês são especiais, adoro ficar com vocês na sala de aula. Vocês me ensinam muito bem, estou feliz por estar na escola. São vezes que eu me sinto muito feliz por estar aqui [...].

que veinha [...][71]
**P1T1E1 – TD Narr**

Em (14), os MJs "e" (3/15%) e "justaposição" (9/45%), em destaque, exemplificam as 20 ocorrências (9,61%) de espaços de junção relacionados à emergência do sentido mais abstrato de *contraste* (cf. Gráfico 7 e Tabela 2). Os dois MJs articulam parataticamente os enunciados que constituem o trecho da TD narrativa, com sentido mais concreto de adição, por inserir informações novas ao texto, de acordo com uma sequencialidade cronológica dos eventos narrados, em espaços de junção que se abrem ao sentido mais abstrato de *contraste*, conforme a paráfrase: "meu marido é Geraldo, ele trabalha na roça, *porém*, não quer vir embora, *mas* quero que ele venha".

Por fim, as ocorrências de "justaposição", em (15), ilustram o funcionamento do sentido de *finalidade* na TD narrativa:

**15.**

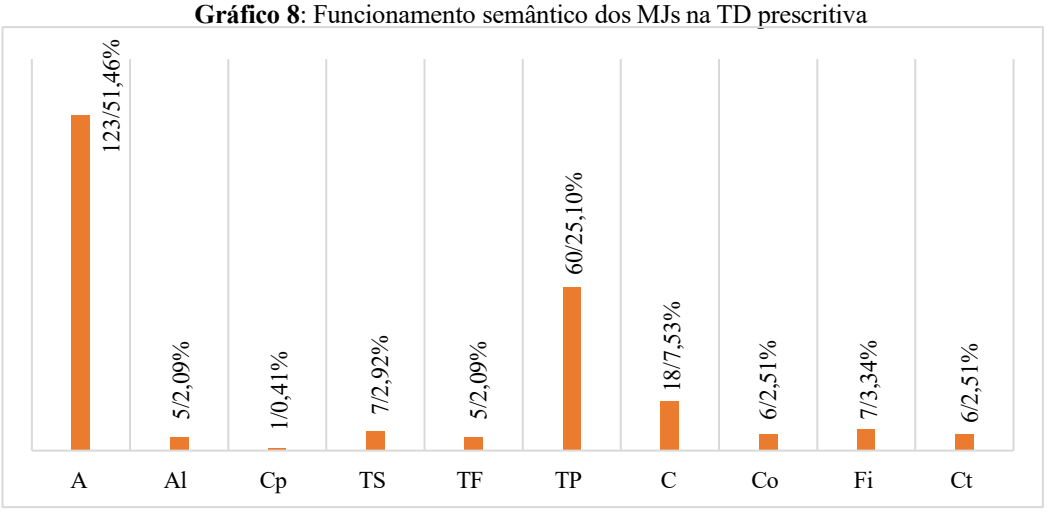


**Fonte**: BDEIn – UNESP
[...] presiso irnas amigas **Ø** vamos conversa **Ø**
falabesteira [...][72]
**P1T1E1 – TD Narr**

Em (15), as "justaposições" (4/57,14%), em destaque, articulam parataticamente os enunciados com sentido mais concreto de *adição*, permitindo a movimentação, a partir dele, para o sentido mais abstrato de *finalidade*, conforme a paráfrase: "preciso ir nas amigas para conversar, *para* falar besteira".

O Gráfico 8 apresenta, por sua vez, os sentidos mais recorrentes nos textos da TD prescritiva, em aquisição no contexto deste trabalho:

**Gráfico 8**: Funcionamento semântico dos MJs na TD prescritiva




[71] Sugestão de leitura: Meu marido é o Geraldo. Ele trabalha na roça e não quer vir embora, quero que venha [...].
[72] Sugestão de leitura: Preciso ir nas amigas, vamos conversar, falar besteira [...].

**LEGENDA**: A = Adição; Al = Alternativa; Cp = Comparação; TS = Tempo simultâneo; TF = Tempo final; TP = Tempo posterior; C = Causa; Co = Condição; Fi = Finalidade; Ct = Contraste
**Fonte**: Elaboração própria

A Tabela 3 apresenta, agora, os MJs que preenchem os espaços de junção, na TD prescritiva, em relação a cada sentido, com destaque para aqueles mais recorrentes, a saber: *adição*, *tempo posterior*, *causa*, *finalidade*, *tempo simultâneo*, *contraste* e *condição*, conforme Gráfico 8.

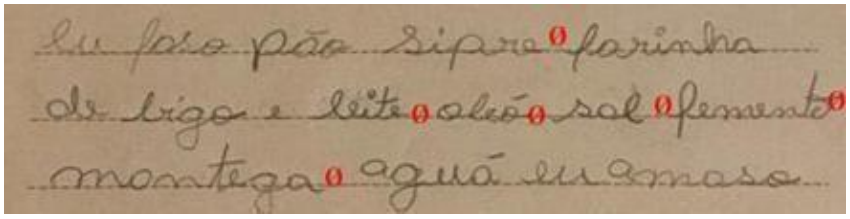
**Tabela 3**: Funcionamento semântico dos MJs na TD prescritiva

| TD | A | AL | M | Cp | TS | TF | TP | C | Co | Fi | Ct | Cc | Tt |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| presc | **123** Ø (107) e (15) | **5** Ø (3) ou (2) | --- | **1** do que (1) | **7** por hoje (1) descendo (1) E (1) Ø (4) | **5** até (5) | **60** Ø (36) e (15) depois (7) aí (1) chegando (1) | **18** Ø (14) e (1) por (1) por isso (1) porque (1) | **6** Ø (4) quando (1) se (1) | **8** Ø (2) para (4) se (1) que (1) | **6** Ø (4) e (1) mas (1) | --- | **239** |

**LEGENDA**: A = Adição; Al = Alternativa; M = Modo; Cp = Comparação; TS = Tempo simultâneo; TF = Tempo final; TP = Tempo posterior; C = Causa; Co = Condição; Fi = Finalidade; Ct = Contraste; Cc = Concessão
**Fonte**: Elaboração própria

As ocorrências de (16) a (20) exemplificam os funcionamentos dos sentidos de MJs mais recorrentes em textos pertencentes à TD prescritiva. Em (16), o primeiro exemplo se refere ao sentido de *adição*:

**16.**



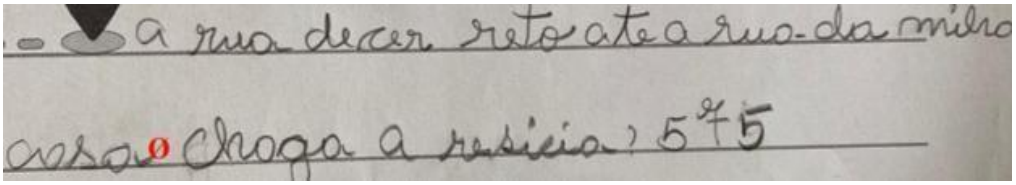
**Fonte**: BDEIn – UNESP
[...] eu faso pão sipre **Ø** farinha
de bigo **e** leite **Ø** oleó **Ø** sal **Ø** femento **Ø**
mantega **Ø** aguá [...][73]
**P3T17E6 – TD Presc**

Em (16), as "justaposições", com sentido de *adição*, em espaços paratáticos, dão uma mostra das 107 (86,99%) ocorrências desse mesmo tipo, dentre o total destacado 123 ocorrências (51,46%) de espaços juntivos com sentido aditivo, constatadas nos textos da TD prescritiva. Funcionando dentro de uma listagem que constitui um trecho dessa TD, os nomes que materializam verbalmente cada enunciado ("farinha de trigo", "leite", "oléo", "sal", "femento", "aguá"), de acordo com o que fica elíptico nesse contexto[74] – recuperável por corresponder ao que se repete na tradição prescritiva que caracteriza a receita culinária,

[73] Sugestão de leitura: Eu faço pão simples: farinha de trigo e leite, óleo, sal, fermento, manteiga, água [...].
[74] Tal como, por exemplo, "eu faso pão sipre [eu uso os seguintes ingredientes:] farinha de trigo e leite [...]"

enquanto enunciado que introduziria a lista de ingredientes necessários à realização da receita[75] –, podem ser considerados em espaços de junção marcados por *adições simétricas*, visto que a ordem de apresentação desses enunciados, na listagem, pode ser alterada sem que se modifique o sentido global do texto.

Em (17), a "justaposição", em destaque, tal como observada em 36 ocorrências (60%), ilustra o funcionamento do sentido de *tempo posterior* na TD prescritiva:

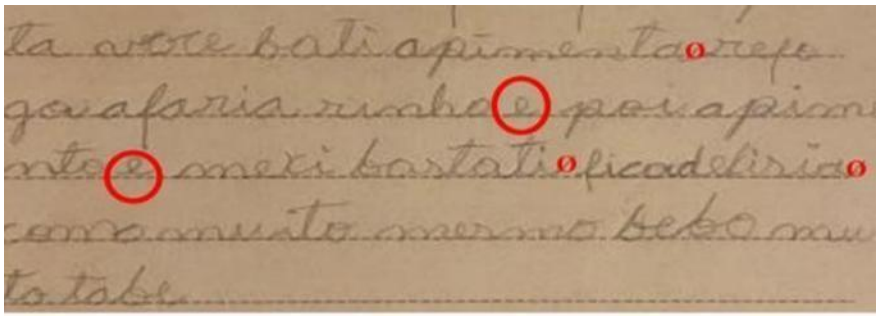
**17.** 

**Fonte**: BDEIn – UNESP

[..]decer reto ate a rua da miha
casa **Ø** chaga a resicia 575[76]
**P5T28E6 – TD Presc**

Em (17), observa-se o mesmo movimento identificado na análise em (12), referente à TD narrativa, no qual se verifica uma ocorrência de *adição assimétrica* (cf. Pezatti; Longhin-Thomazi, 2008), em um espaço de junção que não admite a alteração da ordem oracional. Essa condição é efeito da possibilidade de trânsito semântico para o sentido mais abstrato de *tempo posterior* a partir do sentido mais concreto de *adição*, relativo à inserção de informações novas ao texto. A "justaposição" articula os enunciados, na parataxe, elencando, no contexto da TD prescritiva, uma sequencialidade de instruções dadas.[77]

Em (18), as "justaposições" destacadas ilustram o funcionamento do sentido de *causa* na TD prescritiva:

**18.** 

[75] O que fica elíptico pode ser recuperado porque caracteriza o que é *fixo* na tradição (ou seja, o que se repete e é evocado, via repetição, a cada materialização do texto) e, ao mesmo tempo, aponta para sua intrínseca relação com as práticas discursivas orais e informais, em que os preâmbulos introdutórios são dispensáveis porque o texto acontece com amparo imprescindível nas condições pragmático-discursivas do tempo/espaço da interação. Trata-se de mais um dos indícios da relação fala/oralidade e escrita/letramento, conforme assumiu-se teoricamente neste trabalho.

[76] Sugestão de leitura: Descer reto até a rua da minha casa, chega à residência 575.

[77] O verbo "descer" (descer), no infinitivo, marca a TD prescritiva, já que se refere à instrução do leitor: "decer reto ate a rua da miha casa" (descer reto até a rua da minha casa), para depois "chaga a resicia 575" (chegue à residência 575).

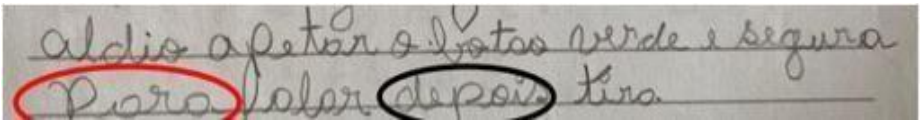
**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] voce bati apimenta **Ø** refo
ga afaria rinha **e** poi apime
nto **e** mexi bastati **Ø** ficadelisia **Ø**
como muito mesmo [...][78]
**P3T13E1- TD Presc**

Em (18), tem-se exemplo da *mescla* de TDs, em que as ocorrências de "justaposição" e "e", em "você bate apimenta Ø refoga afaria rinho *e* poi apimento *e* mexi bastati", articulam parataticamente os enunciados e habilitam a movimentação, em uma relação de complexidade crescente, para o sentido mais abstrato de *tempo posterior*, como mostra a paráfrase: "Você bate a pimenta, *depois* refoga a farinha, *depois* põe a pimenta, *depois* mexe bastante". A partir dessa sequencialidade de instruções e da adição, por "justaposição", dos enunciados seguintes – "ficadelisia" e "como muito mesmo" – os espaços de junção abrem-se à emergência não apenas do sentido de *tempo posterior*, mas, ainda, do sentido mais abstrato de *causa*, conforme a paráfrase: "Então, fica delícia, *por isso* como muito mesmo", em relação aos movimentos de conclusão e explicação, intrinsecamente associados à *mescla* do narrar com o prescrever. Esse tipo de trânsito semântico, em espaço de junção caracterizado por "justaposição", foi observado em 14 (77,77 %) ocorrências.

Em (19), a ocorrência do MJ "para" ilustra o funcionamento do sentido de *finalidade*:

**19.**




**Fonte**: BDEIn – UNESP

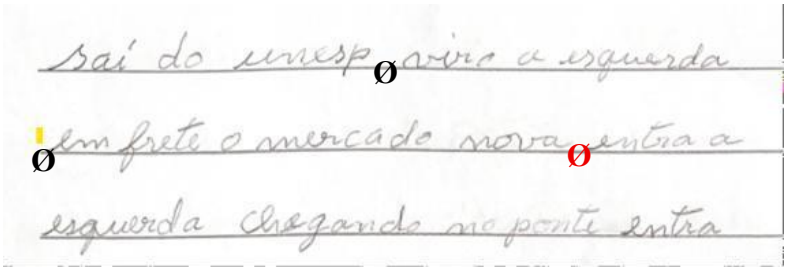
[...] apetar o botao verde e segura
**para** falar **depois** tira[79]
**P9T46E6 – TD Presc**

O MJ "para" articula hipotaticamente os enunciados com o sentido prototípico de *finalidade*. O mesmo funcionamento foi constatado em outros 4 espaços de junção (50%). Nesse contexto, em (19), o MJ une orações de diferentes estatutos, caracterizando as instruções a serem seguidas para que se alcance um "objetivo" – mandar uma mensagem de *Whatsapp* para um amigo – numa sequencialidade de eventos, que se definem como instruções dadas.

Em (20) a "justaposição", em destaque, ilustra o funcionamento do sentido de *tempo simultâneo* na TD prescritiva:

[78] Sugestão de leitura: você bate a pimenta, refoga a farinha e põe a pimenta e mexe bastante. Fica delícia, como muito mesmo [...].
[79] Sugestão de leitura: [...] apertar o botão verde e segura para falar depois tira.

**20.**



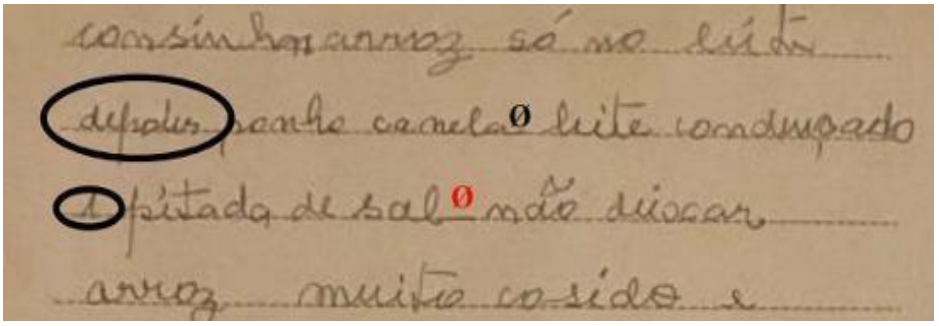

**Fonte**: BDEIn – UNESP

sai da unesp **Ø** vira a esquerda **Ø**
em frete o mercado nova **Ø** entra a
esquerda[80] [...]
**P5T26E2 - TD Presc**

Em (20) as "justaposições" em destaque articulam parataticamente os enunciados, com sentido mais concreto de *adição*, permitindo observar a movimentação semântica para o sentido mais abstrato de *tempo simultâneo* uma vez que a ação de "entrar à esquerda" deve ser realizada simultaneamente ao momento em que se chega "em frente ao Mercado Nova".

Em (21), a "justaposição" destacada ilustra o funcionamento do sentido de *contraste*:

**21.**




**Fonte**: BDEIn – UNESP

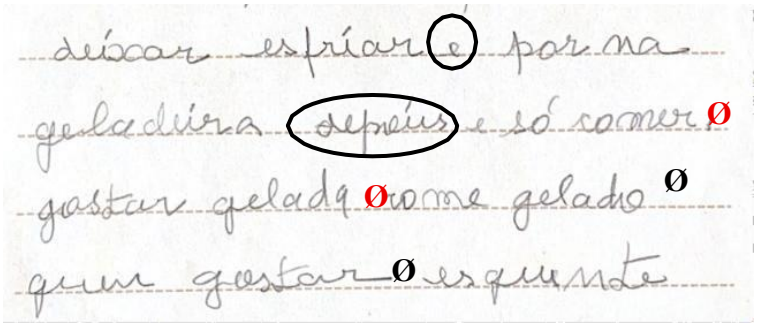
[...] cosinhar arroz só no leite
**depois** ponho canela **Ø** leite condençado
**i** pitada de sal **Ø** não deixar
arroz muito cosido [...][81]
**P3T19E8 – TD Presc**

Em (21), a "justaposição", em destaque, articula parataticamente os enunciados, em espaço que também habilita o movimento semântico para o sentido mais abstrato de *contraste* a partir daquele, mais concreto, de *adição*. Nesse contexto, a negativa explicita o sentido de *contraste*, que marca, por sua vez, a última instrução inserida no contexto da TD prescritiva.

Por fim, em (22), observa-se o sentido de *condição* na TD prescritiva:

[80] Sugestão de leitura: Sai da Unesp, vira a esquerda. Em frente ao mercado nova, entra a esquerda.
[81] Sugestão de leitura: Cozinha o arroz só no leite, depois põe a canela, leite condensado e pitada de sal. Não deixar arroz muito cozido [...].

**22.**




**Fonte**: BDEIn – UNESP
[...] deixar esfriar **e** por na geladeira
**depois** e só comer. **Ø**
gostar gelada **Ø** come gelado **Ø**
quem gostar **Ø** esquente[82]
**P3T19E8 - TD Presc**

Em (22), as "justaposições" destacadas articulam os enunciados com sentido mais concreto de *adição* a partir do qual é possível observar a movimentação semântica para o sentido mais abstrato de *condição*. Essa análise pode ser considerada a partir do fato de que a segunda oração não acrescenta simplesmente uma nova informação à anterior, mas estabelece a circunstância necessária para a realização da ação subsequente. A paráfrase "se gostar de comer gelado, coma gelado; se não, esquente" deixa visível essa relação semântica, não marcada por material linguístico.

Desse modo, após as considerações feitas em relação aos sentidos mais recorrentes nas TDs narrativa e prescritiva e os MJs que preenchem os espaços de junção em que emergem esses sentidos, em consonância com o caráter comparativo deste trabalho, a subseção a seguir apresentará *aproximações* e *distanciamentos* entre as TDs focalizadas, em aquisição da escrita, a partir do funcionamento semântico dos MJs.

## 2.1 *Aproximações* e *distanciamentos*: funcionamento semântico dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva em aquisição

Esta subseção tem por objetivo apresentar, a partir da descrição e análise semântica dos MJs, conforme seção anterior, *aproximações* e *distanciamentos* entre as TDs focalizadas. Para tanto, a Tabela 4 sistematiza os resultados apresentados na seção anterior:

[82] Sugestão de leitura: [...] deixar esfriar e pôr na geladeira, depois é só comer. Quem gostar gelado, come gelado. Se gostar quente, esquente.

**Tabela 4:** Funcionamento semântico dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva

| TD | A | Al | M | Cp | TS | TF | TP | C | Co | Fi | Ct | Cc | Tt |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| narr | **76**<br>Ø (63)<br>e (12)<br>também (1) | --- | **1**<br>gerúndio(1) | --- | **4**<br>Ø (1)<br>quando (2) | **1**<br>até (1) | **27**<br>e (10)<br>Ø (15)<br>depois (2) | **65**<br>porque (7)<br>Ø (53)<br>e (3)<br>que (1)<br>tanto que (1) | **5**<br>quando (3)<br>se (1)<br>Ø (1) | **7**<br>Ø (4)<br>para (3) | **20**<br>e (3)<br>mas (8)<br>Ø (9) | **2**<br>Ø (1)<br>ainda (1) | **208** |
| presc | **123**<br>Ø (107)<br>e (15) | **5**<br>Ø (3)<br>ou (2) | --- | **1**<br>do que (1) | **7**<br>por hoje (1)<br>gerúndio (1)<br>E (1)<br>Ø (4) | **5**<br>até (5) | **60**<br>Ø (36)<br>e (15)<br>depois (7)<br>aí (1)<br>gerúndio(1) | **18**<br>Ø (14)<br>e (1)<br>por (1)<br>por isso (1)<br>porque (1) | **6**<br>Ø (4)<br>quando (1)<br>se (1) | **8**<br>Ø (2)<br>para (4)<br>se (1)<br>que (1) | **6**<br>Ø (4)<br>e (1)<br>mas (1) | --- | **239** |
| **Tt** | **199/44,51%** | **5** | **1** | **1** | **11** | **6** | **87/19,46%** | **83/18,56%** | **11** | **15/3,35%** | **26/5,81%** | **2** | **447** |

**LEGENDA**: A = Adição; Al = Alternativa; M = Modo; Cp = Comparação; TS = Tempo simultâneo; TF = Tempo final; TP = Tempo posterior; C = Causa; Co = Condição; Fi = Finalidade; Ct = Contraste; Cc = Concessão

**Fonte**: Elaboração própria

Os resultados da análise semântica dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva, conforme a Tabela 4, mostram que os sentidos mais recorrentes, de modo geral, são: *adição*, *tempo posterior*, *causa*, *constraste* e *finalidade.* Para além do sentido de *adição*, o mais recorrente nas duas TDs, como aponta a Tabela, destacam-se especificidades em relação a cada TD: diferenças entre o sentido de *tempo posterior* marcado como mais frequente na TD prescritiva, e os sentidos de *causa* e *constraste*, mais recorrentes na TD narrativa, apontanto para generalizações no que se refere ao funcionamento semântico em cada uma das TDs focalizadas.

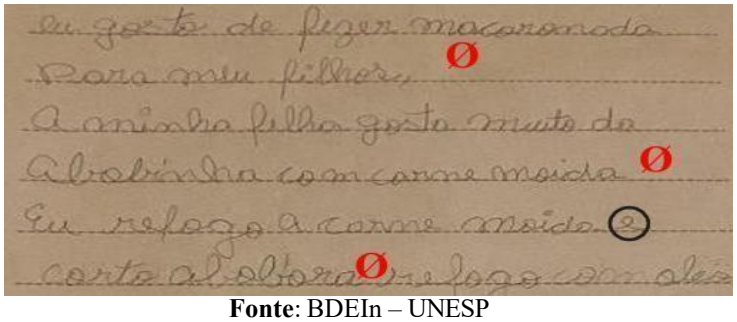
Observa-se, ainda, outro ponto de *aproximação* e, ao mesmo tempo, de *distanciamento* entre as TDs no que se refere aos sentidos de *tempo simultâneo* e *condição*. Embora a frequência desses sentidos não seja idêntica nas duas TDs, indiciando um *distanciamento* quantitativo, a diferença observada é pouco significativa. Em termos proporcionais, os espaços de junção em que esses sentidos emergem apresentam valores muito próximos entre as TDs, o que sugere que ambas recorrem a esses significados de maneira semelhante. Ainda sobre os sentidos de *tempo simultâneo* e *condição*, observados com maior frequência na TD prescritiva, destaca-se o princípio da composicionalidade das TDs. Os trânsitos semânticos que conduzem à atualização desses sentidos concentram-se, justamente, em espaços nos quais se observa a TD narrativa na constituição da TD prescritiva, reforçando os indícios semânticos da composicionalidade entre essas tradições.

No que se refere aos resultados da análise semântica dos MJs das TDs narrativa e prescritiva, se, por um lado, na TD narrativa, os MJs aditivos inserem informações novas ao texto, mediante adição *assimétrica* – associada a uma ordenação cronológica, de acordo com uma sequencialidade que habilita as tradições do narrar –, na TD prescritiva, por outro lado, os

mesmos MJs aditivos atuam, com maior frequência,[83] sob uma estratégia juntiva, atrelada à inserção de informações novas no texto, também numa sequencialidade de itens, dentro de uma ordenação que permite, nesse contexto, a reversibilidade dos enunciados que compõem a listagem, correspondendo a uma adição *simétrica*.

O sentido de *tempo posterior*, por sua vez, de acordo com os resultados da Tabela 4 e conforme os funcionamentos descritos na seção 2 deste capítulo, embora apresente maior frequência na TD prescritiva (60/25,10%), é frequente também na TD narrativa (27/12,98%), se comparado aos resultados quantitativos dos outros sentidos. Assim, é possível considerar que indicia, na mesma medida, um ponto de *aproximação* e *distanciamento* entre as TDs investigadas. As frequências distintas de MJs com esse sentido, por um lado, diferenciam as duas TDs, entretanto, o mesmo sentido também marca o que as aproxima, uma vez que caracteriza a *sequencialidade* presente em ambas – seja de *eventos* narrados (na TD narrativa), seja de *instruções* dadas (na TD prescritiva) e, ainda, marca uma zona de contato entre essas duas TDs, ou, em outros termos, espaços que indiciam a composicionalidade da TD narrativa para a constituição da TD prescritiva. Tem-se aí a atuação do princípio da composicionalidade das TDs, já que a TD narrativa compõe a prescritiva a partir de espaços de junção abertos ao sentido de *tempo*, conforme pode ser exemplificado em (23):

**23.**




**Fonte**: BDEIn – UNESP

eu gosto de fazer macarronada
para meu filhos, **Ø**
A minha filha gosta muito da
Abobinha com carne moida **Ø**
Eu refogo a carne moida **e**
corto abobora [...][84]
**P3T17E6 – TD Presc**

Em (23), vê-se a TD narrativa compondo/constituindo, em *mescla*, a TD prescritiva: em "eu gosto de fazer macarronada para meus filhos, Ø a minha filha gosta muito da abobrinha com carne moída", com "justaposição", em enunciados que preparam a introdução do tópico, a

[83] De acordo com os dados analisados, dos 200 MJs aditivos na TD prescritiva, 123 (61,5%) correspondem a casos de adição *simétrica* e, por outro lado, 77 ocorrências (38,5%) correspondem a casos de adição *assimétrica*.
[84] Sugestão de leitura: Eu gosto de fazer macarronada para meus filhos. A minha filha gosta muito da abobrinha com carne moída. Eu refogo a carne moída e corto a abóbora [...].

partir do qual se insere a TD prescritiva, em "Ø eu refogo a carne moída e corto abobora". As "justaposições" em destaque articulam parataticamente os enunciados da TD prescritiva com sentido mais concreto de *adição*, de forma *simétrica*. Por sua vez, "e", articulando parataticamente os enunciados, abre-se, no espaço de junção, ao trânsito para o sentido mais abstrato de *tempo simultâneo* a partir do sentido mais concreto de adição, de forma *assimétrica*.

O funcionamento semântico dos MJs deixa ver uma frequência significativa do sentido de *causa* e, a partir dos resultados da análise, fundamenta a proposição de pontos de *aproximação* e *distanciamento* entre as TDs narrativa e prescritiva. Com efeito, embora se trate de um sentido característico da TD narrativa — dado que sua frequência nessa tradição é mais expressiva (56/27,32%) —, as ocorrências identificadas nos textos prescritivos também se mostram numericamente relevantes (14/5,93%), sobretudo quando comparadas às de outros sentidos. A análise mostra, por outro lado, que os espaços textuais em que o sentido de *causa* emerge na TD prescritiva estão diretamente ligados às relações de causa-efeito/efeito-causa, enquanto indícios das práticas do narrar, diretamente relacionados à *mescla* e TDs que caracteriza os textos prescritivos analisados. Em outras palavras, nos textos pertencentes à TD prescritiva, a TD narrativa os compõe/constitui em aquisição, conforme explicitado com o texto em (23). Trata-se de um outro ponto de *aproximação* e *distanciamento* entre essas TDs.

Em síntese, a diferença de frequência de MJs com sentido causal, por um lado, estabelece um ponto de *distanciamento* entre as TDs; por outro, esse mesmo sentido também marca o que as *aproxima*, na medida em que constitui uma zona de contato entre elas, ou, dito de outro modo, espaços que indiciam a composicionalidade dessas tradições no contexto aquisicional, caracterizado pelo PEJA.

Relações de *aproximação* e *distanciamento* foram, também, observadas em associação ao sentido de *contraste*: embora se mostre como mais frequente em textos da TD narrativa em aquisição (17/8,29%), as ocorrências nos textos da TD prescritiva também apresentam um número expressivo (8/3,39%) frente a outros sentidos. Em ambas as TDs, o contraste surge, no processo de textualização, no movimento que parte do que é mais concreto – o sentido de *adição.*[85]

Por fim, os resultados da Tabela 4, mostram, ainda, que, nos textos da TD prescritiva, os espaços de junção com sentido de *finalidade* são preenchidos pelo MJ prototípico ("para") na maioria das ocorrências, diferentemente do que se observa nos da TD narrativa, em que, majoritariamente, os espaços de junção são marcados pela "justaposição", em arquitetura

[85] Essa análise, será detalhada na seção 3 deste capítulo.

paratática. Desse modo, destaca- se, novamente, uma *aproximação* entre as duas TDs, no que diz respeito a esse sentido, frequente nos dois universos textuais, e um *distanciament*o, no que tange à forma como se atualiza em cada uma dessas TDs, em aquisição.

Considerando os resultados apresentados até aqui, a seção seguinte tem por objetivo descrever e analisar os aspectos semânticos do funcionamento linguístico dos MJs, em textos da TD narrativa e prescritiva em aquisição, focalizando o que tem sido denominado de trânsitos semânticos.

## 3. *Rastros* da movimentação do sujeito no processo de textualização: trânsitos semânticos

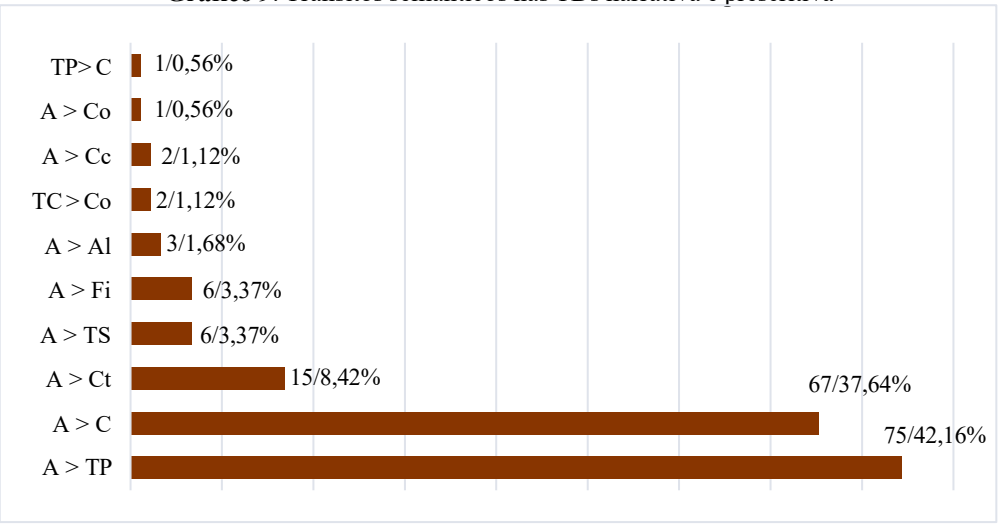
Para descrever e analisar o funcionamento dos MJs, em seus espaços táticos abertos à instabilidade ou à movimentação semântica, nos textos focalizados das TDs narrativa e prescritiva em aquisição, os trânsitos semânticos foram definidos, nesta dissertação (capítulo 3, seção 1.1, na Parte I), como relações entre sentidos, marcadas, nos espaços de junção, em que um mesmo MJ pode assumir sentidos distintos, por meio de derivações semânticas que se configuram em função do contexto "pragmático-discursivo do espaço de junção" (Silva, 2024, p. 172).

A maior parte dos dados analisados neste capítulo permitiu observar trânsitos semânticos,[86] tomados, na materialidade linguística, como *rastros* da movimentação do sujeito escrevente no processo de textualização, através do funcionamento simbólico da língua. Os trânsitos semânticos, que ocupam espaços paratáticos e hipotáticos de junção, são descritos e analisados de acordo com a escala de complexidade/abstração crescente, nos termos e Kortmann (1997), conforme método apresentado na Parte II. Considerá-los significa compreender, intrinsecamente à definição da linguagem como acontecimento, "a relação do sujeito escrevente com a (sua) língua, para a construção do (seu) texto escrito" (Lopes-Damasio, 2022). Em outros termos, significa considerar o sistema da língua e as suas diferentes formas de atualização sendo mediadas pelas tradições de dizer/escrever, ou seja, pelo que, entre o *fixo* e o *lacunar*, delineia tais tradições e, mais do que isso, delineia o processo de aquisição de tais tradições na escrita, por meio da relação constitutiva entre fala/oralidade e escrita/letramento.

Para atender o objetivo desta seção, o Gráfico 9 ilustra os resultados gerais dos trânsitos semânticos identificados nos dados de ambas as TDs em aquisição:

[86] Nas ocorrências (3), (4), (7), (8), (13), (14), (15), (17), (18), (21) observou-se a movimentação do sujeito no processo de textualização por meio de trânsitos semânticos, conforme apontamentos analíticos.

**Gráfico 9**: Trânsitos semânticos nas TDs narrativa e prescritiva



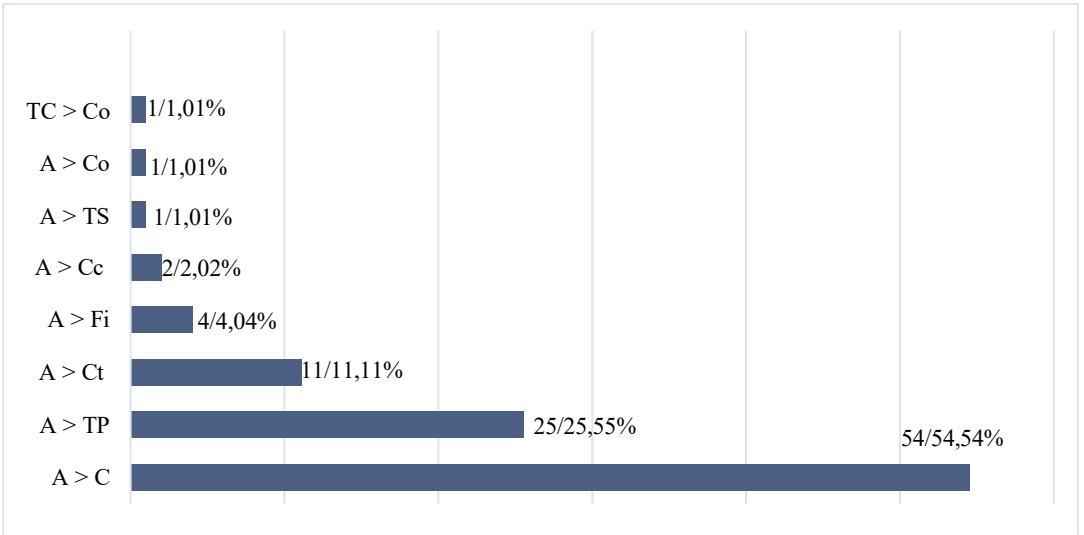

**LEGENDA**: A = Adição; Al = Alternativa; TS = Tempo simultâneo; TC = Tempo contingente; TP = Tempo posterior; C = Causa; Co = Condição; Fi = Finalidade; Ct = Contraste; Cc = Concessão

**Fonte**: Elaboração própria

Considerando os espaços de junção analisados (cf. Gráfico 9), foram identificadas 178 ocorrências de trânsitos semânticos (100%), o que equivale a 39,82% de todos os MJs observados nos textos analisados das duas TDs. Dentre esse total, caracterizaram-se como mais frequentes os trânsitos semânticos entre *adição* > *tempo posterior*, conforme exemplificaram as análises das ocorrências em (8) e (17); entre *adição* > *causa*, como mostraram as análises das ocorrências em (13) e (18); entre *adição* > *contraste*, de acordo com as análises das ocorrências em (14) e (20); e entre *adição* > *finalidade*, como exemplificado, por fim, com as análises das ocorrências em (15).

Para apresentar esses resultados de forma mais específica, o Gráfico 10 expõe os dados referentes aos trânsitos semânticos identificados nos textos da TD narrativa:

**Gráfico 10**: Trânsitos semânticos – TD narrativa

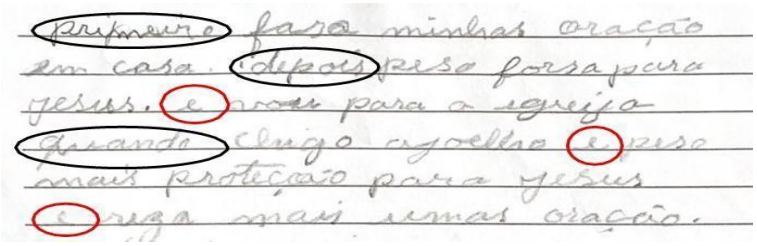


**LEGENDA**: A = Adição; TS = Tempo simultâneo; TC = Tempo contingente; TP = Tempo posterior; C = Causa; Co = Condição; Fi = Finalidade; Ct = Contraste

**Fonte**: Elaboração própria

De acordo com o Gráfico 10, observou-se, nos textos da TD narrativa, um total de 99 ocorrências de trânsitos semânticos (100%). Dentre eles, obtiveram a maior frequência os trânsitos entre *adição* > *causa*, seguidos de *adição* > *tempo posterior*, e, por fim, o trânsito entre *adição* > *contraste*. Segundo o Gráfico, o sentido de *adição* se mostra, nessa TD, como espaço de junção aberto à emergência, principalmente, do sentido mais abstrato de *causa*. Em (24) e (25), ilustram-se os espaços de junção com os trânsitos semânticos mais recorrentes na TD narrativa:

**24.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

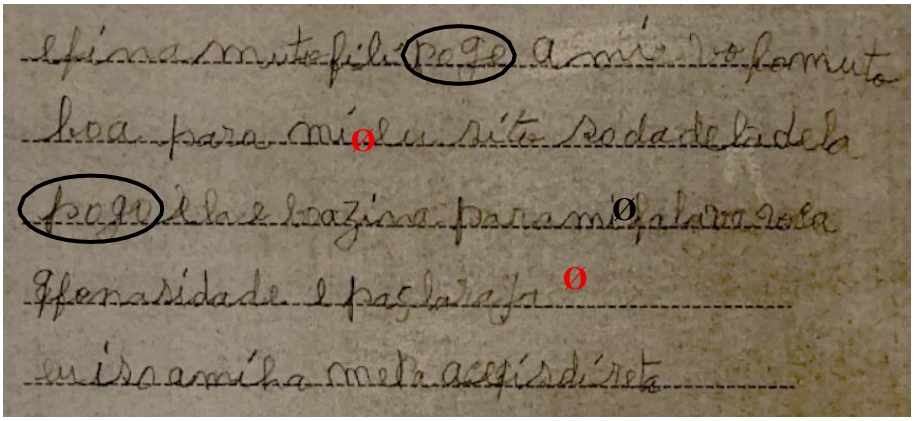
**primeiro** faso minhas oração
em casa. **depois** peso forsa para
jesus. **e** vou para a igreja
**quando** chego ajoelho **e** peso
mais proteção para jesus
**e** rezo mais umas oração [...][87]
**P5T26E2 – TD narr**

Em (24), conforme já apresentado em (12), tem-se exemplos de ocorrências que marcam o trânsito semântico entre *adição* > *tempo posterior*. No trecho, as ocorrências do MJ "e", destacadas em vermelho, articulam os enunciados da narrativa parataticamente, em espaços de junção que permitem observar o trânsito a partir do sentido mais concreto de *adição* em direção ao sentido mais abstrato de *tempo posterior*, conforme a paráfrase: "primeiro faço minhas orações em casa. *Depois* peço força para Jesus *depois* vou para a igreja. Quando chego ajoelho depois peço mais proteção para Jesus, *depois* rezo mais algumas orações". Sob essa análise, pode-se considerar que o encadeamento promovido pelo "e" ultrapassa a mera soma de eventos, ou seja, não corresponde à adição *simétrica*, contribuindo para a construção de uma sequência temporal que organiza o desenvolvimento da narrativa, em que a ordem dos eventos é fundamental para a sequencialidade do narrado.

Em (25), ilustra-se o trânsito semântico entre *adição* > *causa*, o mais frequente nos dados da TD narrativa:

[87] Sugestão de leitura: Primeiro faço minhas orações em casa. Depois, peço força para Jesus e vou para a igreja. Quando chego ajoelho e peço mais proteção para Jesus e rezo mais algumas orações.

**25.**



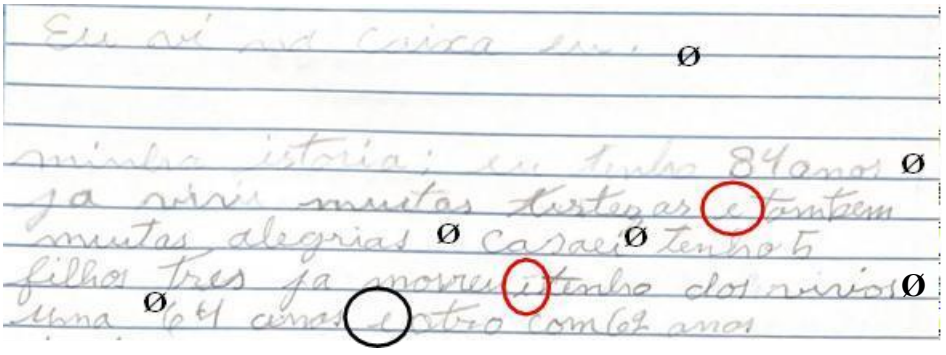
**Fonte**: BDEIn – UNESP

efina mutofili **page** amí vo fomuto
boa para mí **Ø** eu síto sodadeladela
**pago** ela e boazina parami **Ø** falava você
qfonasidade e pag laraja **Ø**
eu isso amiha meta aceqísdireta[88]
**P2T9E4 – TD narr**

Em (25), as ocorrências de "justaposição", em destaque, articulam parataticamente os enunciados da narrativa com sentido mais concreto de *adição* a partir do qual emerge o sentido mais abstrato de *causa*, de acordo com o trânsito semântico mais recorrente na TD narrativa: "Eu fui muito feliz porque a minha avó foi muito boa para mim, *por isso/portanto*, eu sinto saudade dela". Na segunda ocorrência de "justaposição", em destaque, a seguinte paráfrase é permitida: "[...] Ela falava: 'você quer que eu vá na cidade pegar laranja?'. *Por isso* (por tudo que a escrevente viveu com sua avó) eu ensino a minha neta a ser direita".

Por fim, em (26), ilustra-se o trânsito semântico entre *adição* > *contraste* na TD narrativa:

**26.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

Eu vi na caixa eu. **Ø**

minha história: eu tenho 84 anos **Ø**
já vivi muitas tistezas **e** tambem

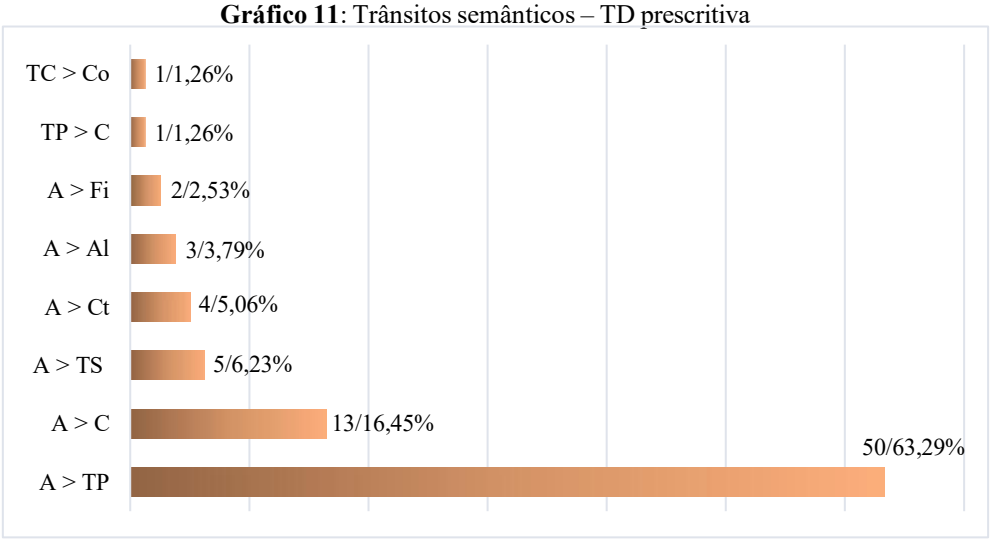
[88] Sugestão de leitura: Eu fui muito feliz porque a minha vó foi muito boa para mim. Eu sinto saudade dela porque ela é boazinha para mim. Ela falava "você quer que vá na cidade pegar laranja?". Por isso, eu ensino a minha neta a ser direita.

muitas alegrias **Ø** casei **Ø** tenho 5
filhos **Ø** tres já morreu **e** tenho dos vivios **Ø**
uma 64 anos **e** otro 62 anos[89]
**P1T2E2 - TD narr**

Em (26), as ocorrências do MJ "e", em destaque, articulam parataticamente os enunciados da TD narrativa, permitindo observar o trânsito semântico, a partir do sentido mais concreto de *adição*, para o sentido mais abstrato de *contraste*. Tal análise pode ser sustentada pelas paráfrases da primeira ocorrência: "[...] já vivi muitas tristezas *mas* também muitas alegrias"; e da segunda ocorrência: "[...] casei, tenho 5 filhos, três já morreram *mas/porém* tenho dois vivos".

O Gráfico 11 expõe os resultados referentes aos trânsitos semânticos identificados nos textos da TD prescritiva:

**Gráfico 11**: Trânsitos semânticos – TD prescritiva




**LEGENDA**: A = Adição; AL = Alternativa; TS = Tempo simultâneo; TC = Tempo contingente; TP = Tempo posterior; C = Causa; Co = Condição; Fi = Finalidade; Ct = Contraste

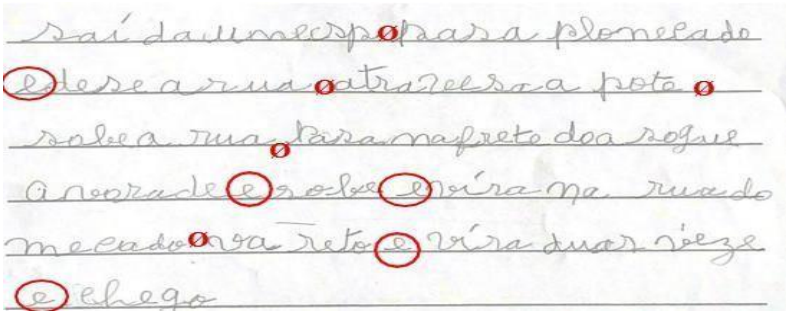
**Fonte**: Elaboração própria

Conforme o Gráfico 11, observou-se, nos textos da TD prescritiva, de um total de 79 ocorrências de trânsitos semânticos (100%), a maior frequência entre *adição > tempo posterior*, com uma diferença significativa dos demais trânsitos semânticos apontados, a saber, *adição > causa*, *adição > tempo simultâneo*, e, por fim, o trânsito entre *adição > contraste*, permitindo observar, nessa TD, o sentido de adição como um espaço de junção aberto à emergência de outros sentidos, principalmente do sentido mais abstrato de *tempo posterior*.

De (27) a (30) ilustram-se os espaços de junção com os trânsitos mais recorrentes nessa TD, começando com *adição > tempo posterior:*

[89] Sugestão de leitura: Eu vi na caixa eu. Minha história: eu tenho 84 anos, já vivi muitas tristezas e também muitas alegrias. Casei, tenho 5 filhos. 3 já morreram e tenho dois vivos. Uma de 64 anos e outro de 62 anos.

**27.**



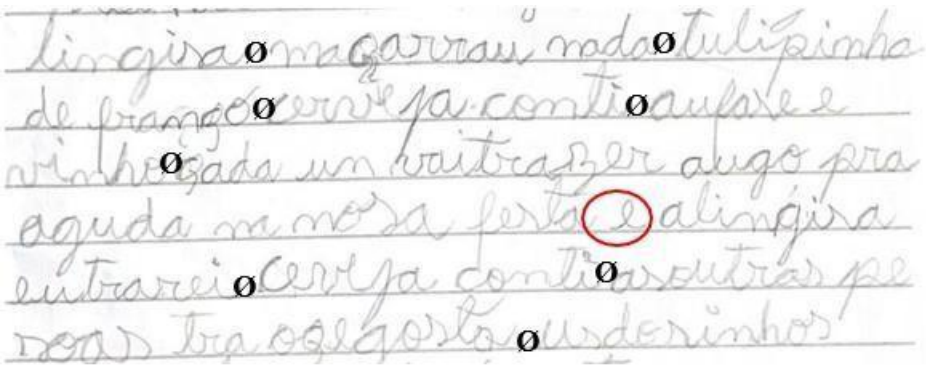
**Fonte**: BDEIn – UNESP

saí da unesp **Ø** pasa plomecado
edese a rua **Ø** atravesa a pote **Ø**
sobe a rua **Ø** pasa na frete do asogue
avorade **e** sobe **e** víra na rua do
mecado **Ø** va reto e víra duas veze
**e** chego[90]
**P5T27E4 – TD presc**

Em (27), as ocorrências de "justaposição" e de "e", em destaque, articulam os enunciados parataticamente e, para a apresentação da sequencialidade de instruções a serem seguidas para o objetivo desejado – chegar até a casa da educanda –, habilitam, nos espaços de junção considerados, o trânsito do sentido mais concreto de *adição* para o sentido mais abstrato de *tempo posterior*, conforme a paráfrase: "Sai da Unesp, *depois* passa pelo mercado, *depois* desce a rua. *Depois*, atravessa a ponte; *em seguida*, sobe a rua; *depois*, passa em frente ao açougue Alvorada. *Depois*, sobe a rua, *depois*, vira na rua do mercado e, então, segue reto. Vira duas vezes e chegou".

Em (28), ilustra-se o trânsito semântico entre *adição* > *causa*:

**28.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] lingisa **Ø** maqarrau nada **Ø** tulipinha
de frango **Ø** cerveja conti **Ø** aufase e
vinho **Ø** qada un vaitrazer augo pra
aguda na nossa festa **e** alingisa
eu trarei **Ø** ceveja conti **Ø** asoutras pe

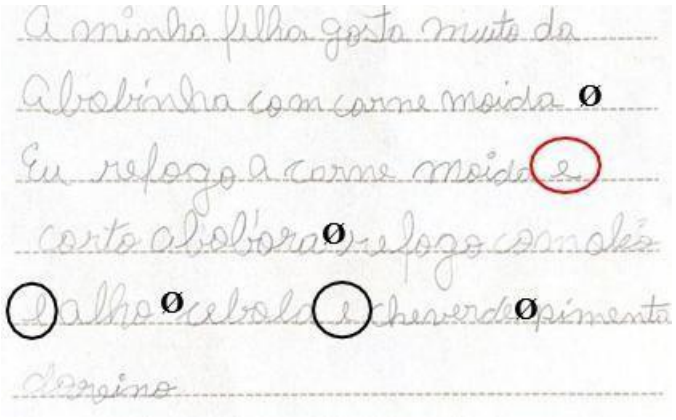
[90] Sugestão de leitura: Sai da Unesp, passa pelo mercado e desce a rua. Atravessa a ponte, sobe a rua e passa na frente do açougue Alvorada. Sobe e vira na rua do mercado. Vai reto e vira duas vezes e, enfim, chegou.

soas tra oqegosta **Ø** usdosinhos [...][91]
**P11T53E1 – TD presc**

Em (28), o juntor "e", em destaque, articula parataticamente os enunciados da TD prescritiva e permite a observação da emergência, a partir do sentido mais concreto de *adição*, do sentido mais abstrato de *causa*, no movimento conclusivo. Os espaços em que se abrem o sentido de *causa*, nos textos da TD prescritiva, estão diretamente ligados às relações de causa-efeito/efeito-causa e apontam para indícios das práticas do narrar, diretamente relacionados, portanto, à *mescla de TDs* (cf. seção 2.1 deste capítulo). Trata-se de reconhecer a TD narrativa compondo a prescritiva.

Em (29), ilustra-se o trânsito semântico entre *adição* > *tempo simultâneo*:

**29.**



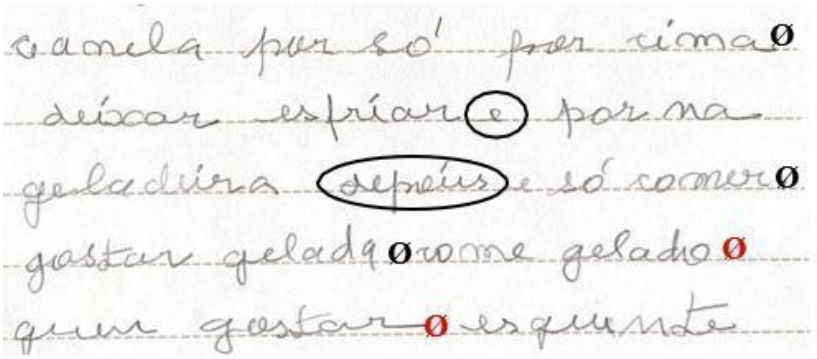

**Fonte**: BDEIn – Unesp
A minha filha gosta muito da
Abobinha com carne moida **Ø**
Eu refogo a carne moda **e**
corto abobóra **Ø** refogo com oléo
**e** alho **Ø** cebola e cheverde **Ø** pimenta
doreino [...][92]
**P3T17E6 - TD Presc**

Em (29), o MJ "e", em destaque, articula parataticamente os enunciados da TD prescritiva, permitindo a emergência, a partir do sentido mais concreto de *adição*, do sentido mais abstrato de *tempo simultâneo*, marcado como trânsito semântico recorrente nos dados analisados. Essa análise pode ser observada conforme a paráfrase: "Eu refogo a carne moída *enquanto* corto a abóbora".

Por fim, em (30), ilustra-se o trânsito semântico entre *adição* > *contraste*:

[91] Sugestão de leitura: Linguiça, macarronada, tulipinha de frango, cerveja conti, alface e vinho. Cada um vai trazer algo para ajudar na nossa festa e a linguiça eu trarei. Cerveja conti. As outras pessoas trazem o que gostam. Os docinhos [também terá na nossa festa de despedida de fim de ano].
[92] Sugestão de leitura: A minha filha gosta muito da abobrinha com carne moída. Eu refogo a carne moída enquanto eu corto a abóbora e refogo com óleo, alho, cebola, cheiro verde e pimenta do reino.

**30.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] canela por só por cima **Ø**
deixar esfriar **e** por na
geladeira **depois** e só comer. **Ø**
gostar gelada **Ø** come gelado **Ø**
quem gostar **Ø** esquente [93]
**P3T19E8 – TD presc**

Em (30), as ocorrências de "justaposição", em destaque, articulam parataticamente os enunciados e permitem a observação da emergência, a partir do sentido mais concreto de *adição*, do sentido mais abstrato de *contraste*, como mostra a paráfrase: "Gostar gelado, come gelado. *Porém*, quem não gostar, esquente".

Para a sistematização dos resultados apresentados até aqui, na Tabela 5 e nos gráficos 12 e 13, apresenta-se a quantificação comparativa, de natureza descritivo-analítica, dos contextos de trânsito semântico identificados no *corpus* da pesquisa, em relação às TDs narrativa e prescritiva.

**Tabela 5**: Trânsitos semânticos – TD narrativa e prescritiva

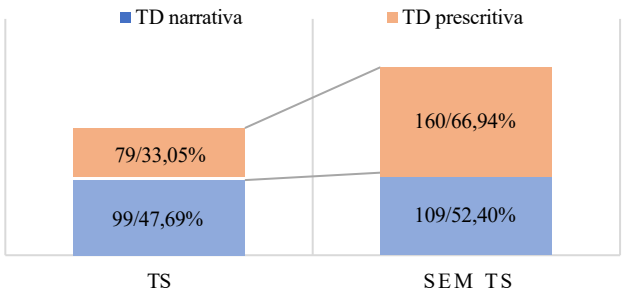
| Trânsito semântico | TD narr | TD presc | Tt |
|---|---|---|---|
| A > TP | 25/25,55% | 50/63,29% | 75/42,13% |
| A > C | 54/54,54% | 13/16,45% | 67/37,64% |
| A > Ct | 11/11,11% | 4/5,06% | 15/8,42% |
| A > TS | 1/1,01% | 5/6,23% | 6/3,37% |
| A > Fi | 4/4,04% | 2/2,53% | 6/3,37% |
| A > Co | 1/1,01% | | 1/0,56% |
| TP > C | -- | 1/1,26% | 1/0,56% |
| TC > Co | 1/1,01% | 1/1,26% | 2/1,12% |
| A > Al | -- | 3/3,79% | 3/1,68 |
| A > Cc | 2/2,02% | -- | 2/1,12% |
| Tt | 99/100% | 79/100% | 178/100% |

**LEGENDA**: A = Adição; AL = Alternativa; TS = Tempo simultâneo; TC = Tempo contingente; TP = Tempo posterior; C = Causa; Co = Condição; Fi = Finalidade; Ct = Contraste; Cc = Concessão

**Fonte**: Elaboração própria

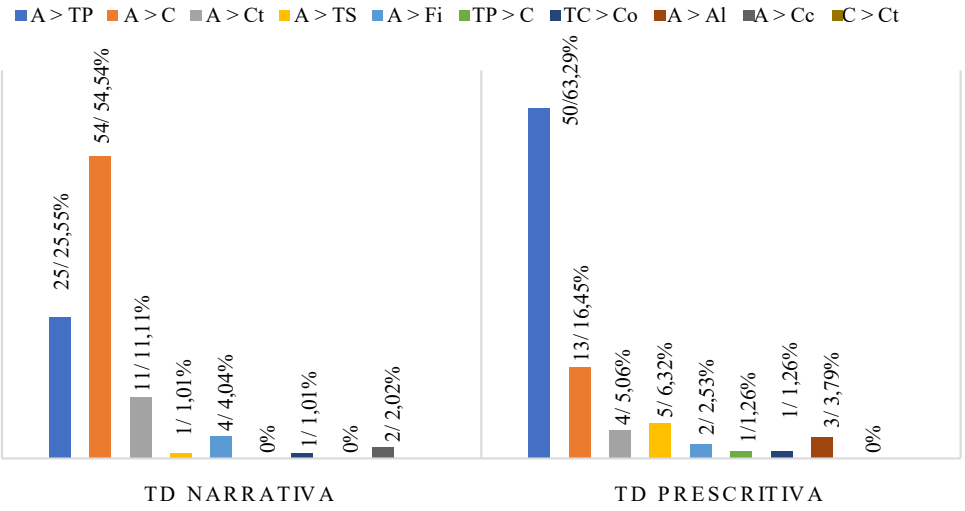
[93] Sugestão de leitura: Canela por só por cima. Deixar esfriar e por na geladeira, depois é só comer. Se gostar gelado, come gelado. Quem gostar [quente], esquente.

**Gráfico 12**: Trânsitos semânticos (TS)




**Fonte**: Elaboração própria

**Gráfico 13:** Os sentidos em movimentação




**Fonte:** Elaboração própria

As especificidades das TDs analisadas, em relação aos trânsitos semânticos (cf. gráficos 12 e 13), possibilitam constatar que a TD narrativa é aquela em que os espaços de junção mais recorrentemente se abrem à movimentação de sentidos no processo de textualização, conforme mostra o Gráfico 12.

Para além da diversidade de sentidos que se atualizam, nas duas TDs, em espaços de junção abertos à movimentação semântica, conforme mostra o Gráfico 12, considerando-se apenas aqueles mais recorrentes, pode-se observar a reiteração de um comportamento distinto entre as duas TDs: na narrativa, os espaços se atualizam especialmente nos trânsitos entre *adição > causa* e *adição > tempo posterior*, enquanto na prescritiva, a maior repetibilidade identifica-se entre *adição > tempo posterior*.

Esse resultado reforça, agora no que tange aos espaços de movimentação semântica, aquele resultado apresentado anteriormente, que permitiu caracterizar, de modo geral,[94] o

[94] São considerados os resultados apresentados na Tabela 4, em que consta o total de ocorrências de MJs em relação aos sentidos analisados, considerando aqueles com e sem trânsitos semânticos.

universo semântico atualizado nos textos de ambas as TDs. O sentido de *tempo posterior* marca a zona de contato entre elas e, ao mesmo tempo, permite caracterizá-las como TDs distintas: na TD narrativa, prioritariamente em contextos de trânsitos semânticos, o sentido de *tempo posterior* caracteriza uma ordenação cronológica icônica que marca uma sequencialidade, habilita as tradições do narrar e se soma ao sentido de *causa*, também em trânsitos semânticos, para o delineamento da prática discursiva aí presente; na TD prescritiva, fora e em espaços de trânsito semântico, esse sentido atua na construção de uma sequencialidade de itens numa ordenação de instruções e pontua, nos textos, os contextos em que se pode observar a TD narrativa compondo a prescritiva, de acordo com o princípio de composicionalidade. A mesma composicionalidade também se marca nos espaços de emergência do sentido causal, na TD prescritiva, relativos à *mescla* dessa TD com a narrativa.

**Apontamentos finais**

Com o intuito de responder ao objetivo específico (i) deste trabalho, descrever e analisar, comparativamente, o funcionamento linguístico – tático semântico – dos MJs, em textos das TDs narrativa e prescritiva, escritos por adultos em processo de aquisição da escrita, considerou-se a hipótese de que, na textualização, subjacente à noção de escrita-processo e, portanto, de escrita-movente, diferentes taxes poderiam abrir espaços, na superfície do texto, para diferentes relações de sentido, em trânsitos semânticos, ligados aos MJs e aos espaços de junção (Lopes-Damasio, 2020, 2019a), para responder à primeira pergunta: "como se caracteriza, linguística e discursivamente, o funcionamento dos MJs, em textos das TDs narrativa e prescritiva, escritos por adultos, em processo de aquisição da escrita, numa relação entre os MJs e as TDs focalizadas?".

Para responder essa pergunta, da perspectiva linguística, tratou-se de descrever e analisar o funcionamento tático-semântico dos MJs nos textos das TDs narrativa e prescritiva em aquisição, considerando, nessa perspectiva, as ferramentas funcionalistas. Por outro lado, da perspectiva discursiva, tratou-se de mobilizar os resultados alcançados na descrição e análise linguística para propor *aproximações* e *distanciamentos* entre as duas TDs em aquisição.

Tais resultados mostraram que as construções paratáticas são predominantes em relação às hipotáticas, com maior frequência, de "justaposição" e "e", em ambas as TDs, sustentando a afirmação de que a "justaposição" é o MJ característico dos dados de aquisição da escrita, em contexto do PEJA (Lopes-Damasio; Gava, 2025; Carvalho, 2025; Oliveira,

2024). Esse resultado não é tomado enquanto sinônimo de uma sintaxe simplificada, primitiva (Longhin-Thomazi, 2011a/b) ou fragmentada (Corrêa, 2004), mas enquanto *rastro* juntivo de diferentes funcionamentos, enunciativo-discursivos, além dos propriamente linguísticos.

No que se refere ao funcionamento sintático dos MJs identificados nos textos das TDs narrativa e prescritiva, propuseram-se *aproximações* e *distanciamentos* em relação à aquisição da escrita nessas tradições. Observou-se que a predominância das construções paratáticas caracterizou a zona de contato entre as duas tradições – nos textos da TD narrativa, as ocorrências de parataxe inseriram uma sequencialidade de fatos narrados, ao passo que, nos textos da TD prescritiva, inseriram uma sequencialidade de instruções. A descrição das ocorrências juntivas em arquitetura hipotática reforçou o mesmo resultado, em ambas as TDs, com MJs diretamente associados aos sentidos de *tempo* e de *causa*.

Ainda em relação ao objetivo específico (i), os resultados da análise semântica apontaram a predominância, de modo geral, dos sentidos de *adição*, *tempo posterior*, *causa*, *contraste* e *finalidade*, assim como a predominância dos trânsitos semânticos entre os sentidos de *adição* > *tempo posterior* e *adição* > *causa*. No âmbito dos trânsitos semânticos, os dados indicaram que o sentido de *adição*, intrinsecamente vinculado ao movimento textual de inserção de informações novas no texto, ocupou, nos textos analisados, a posição de principal espaço de junção aberto à emergência de outros sentidos, considerados mais abstratos, assumindo, desse modo, um papel central no processo de textualização que caracteriza os textos do PEJA, o que corrobora os trabalhos de Carvalho (2025) e Oliveira (2024), assim como corrobora os resultados, de mesma natureza, alcançados também para dados de escrita infantil (Lopes-Damasio, 2019).

Desse modo, observou-se que o sentido de *adição* é característico das TDs narrativa e prescritiva, já que, em ambas, são necessários MJs que possibilitem a inserção de informações novas, para a progressão da história narrada, construindo, a partir de espaços que habilitam a movimentação dos sentidos, as relações de efeito-causa/causa-efeito, repetidamente marcadas pelos juntores temporais que determinam a sequencialidade dos eventos narrados, ou necessárias para elencar orações, de acordo com a sequencialidade de eventos característicos do ato de prescrever/instruir, em intrínseca relação com a TD listagem, conforme princípio de composicionalidade das TDs.

Outro resultado a ser destacado, a partir dos sentidos que compõem cada uma das TDs, que também se relaciona ao princípio da composicionalidade, diz respeito ao fato de o sentido de *causa*, que caracteriza a TD narrativa, ser identificado, nos textos prescritivos, repetidamente nos espaços em que a TD narrativa os compõe, numa relação direta entre TDs, em que esta se

mostra como constitutiva daquela, em espaços de junção que se abrem a trânsitos semânticos característicos do narrar. O mesmo tipo de relação também foi constatado quanto aos sentidos de *contraste* e *finalidade*. Assim, o analista, ao interpretar os sentidos e os trânsitos semânticos, considera o processo de textualização e não o texto como produto acabado em si.

Para alcançar o objetivo específico (iii), associado à terceira pergunta de pesquisa, que também fundamentou este capítulo de análise, a saber: "como se caracteriza a aquisição da escrita, experimentada por adultos, quando se consideram aspectos linguístico-discursivos da relação entre MJ e as TDs focalizadas no processo de textualização?", à luz da hipótese de que o processo [de aquisição da escrita] seja marcado por zonas de contato entre TDs, a análise propôs *aproximações* e *distanciamentos* referentes à aquisição da escrita por adultos, em cada uma das TDs investigadas.

Nessa direção, os resultados confirmaram a hipótese, uma vez que, enquanto *rastros* linguístico-discursivos da aquisição das TDs narrativa e prescritiva, experimentada pelos sujeitos no contexto do PEJA, indiciaram a movimentação do sujeito pelas estruturas tático-semânticas, em intrínseca associação ao princípio de composicionalidade das TDs.

Portanto, a composicionalidade se caracterizou nos *rastros* que apontaram para dados em que a TD narrativa compõe a prescritiva, de acordo com o que se reconhece como *mesclas* de TDs. Desse modo, a TD extrapola a mera reprodução do que lhe é *fixo*, para assumir, do mesmo modo, a sua relação com o *lacunar*, em que uma TD dialoga com outras tradições e constitui-se, em sua aquisição, nesse diálogo em *mesclas de TDs*.

Para reforçar a análise que permitirá tratar esses resultados enquanto característica da aquisição da escrita experimentado pelas educandas do PEJA, em sua intrínseca associação à movimentação para a construção dos sentidos, mobilizados em cada texto como tradição – entendida como *experiência* do já dito/ouvido, escrito/lido – e como *atualização* dessa tradição – entendida como a novidade de cada texto, enquanto acontecimento discursivo, seguem os resultados do capítulo 2

# CAPÍTULO 2
# MECANISMOS DE JUNÇÃO COMO *RASTROS* DA HETEROGENEIDADE DA ESCRITA EM AQUISIÇÃO

## Considerações iniciais

Este capítulo tem o objetivo de analisar a relação entre os MJs e(m) espaços de junção, que constituem as TDs narrativa e prescritiva, em aquisição da escrita, e a heterogeneidade constitutiva da escrita. Para tanto, busca, responder à seguinte pergunta de pesquisa: "quais são as relações entre os MJs e a heterogeneidade constitutiva da escrita em textos pertencentes às TDs narrativa e prescritiva, produzidos por adultos em processo de aquisição da escrita?". Para responder a essa pergunta parte-se da hipótese de que, ao conceber a escrita como heterogênea, seria possível observar, na superfície dos textos, *rastros* dessa heterogeneidade — reconhecidos, neste trabalho, como MJs —, os quais se relacionam aos eixos: 1, da *gênese da escrita* e 2, do *código escrito institucionalizado* (Corrêa, 2004).

Reconhecendo que esses dois eixos são movidos pelo eixo 3, o capítulo busca, mais uma vez, responder a última pergunta de pesquisa: "como se caracteriza a aquisição da escrita, experimentada por adultos, quando se consideram aspectos linguístico-discursivos da relação entre MJ e as TDs focalizadas no processo de textualização?". Tal como no capítulo anterior, a retomada dessa pergunta também recupera a hipótese de que o processo [de aquisição da escrita] seja marcado por zonas de contato entre TDs, analisadas a partir do eixo 3, da *dialogia com o já-falado/ouvido e escrito/lido* (cf. Corrêa, 1997). A partir dessa hipótese, alcançar o objetivo específico (iii): analisar a aquisição das TDs focalizadas na escrita de jovens e adultos.

Com efeito, os resultados do objetivo específico (i) – da análise sintático-semântica, apresentados no primeiro capítulo desta Parte III –, serão tomados como ponto de partida, de natureza linguística, para a discussão direcionada aos objetivos específicos (ii) e (iii): a partir dos resultados da descrição e da análise linguística, os MJs serão tomados como *rastros*, na materialidade dos textos, da escrita constitutivamente heterogênea (eixos 1 e 2), para a proposição de *aproximações* e *distanciamentos* que caracterizem a dialogia com o já-falado/ouvido e escrito/lido na observação da aquisição das TDs aqui focalizadas na escrita de adultos.

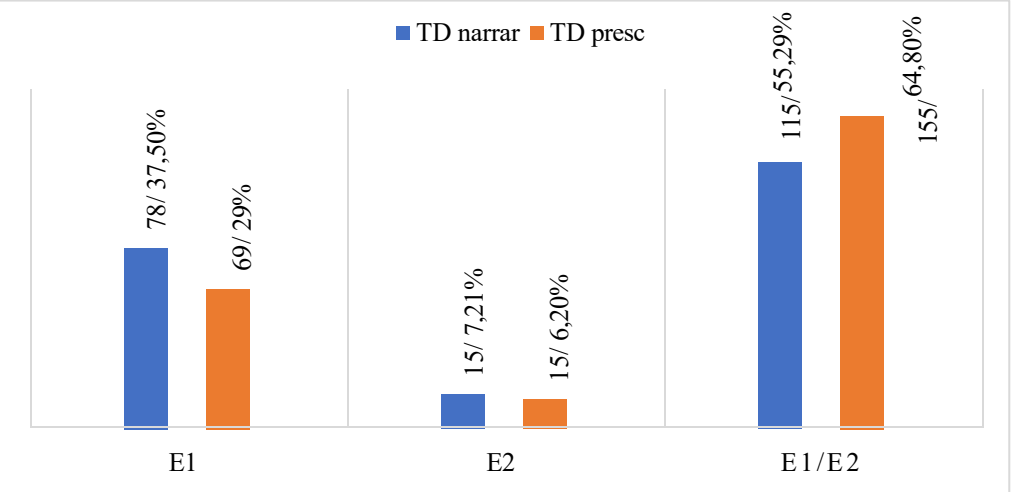
A organização do capítulo se dá da seguinte forma: a seção 1 apresenta a análise do funcionamento dos MJs reconhecidos enquanto *rastros* da circulação do sujeito pelos eixos 1 e 2; a seção 2 propõe relações entre as TDs narrativa e prescritiva, no que se refere ao tratamento dado aos MJs à luz da heterogeneidade da escrita, direcionando o olhar para as *mesclas* de TDs e, consequentemente, para a aquisição das TDs narrativa e prescritiva, na escrita, na relação

com o eixo 3. Por fim, reúnem-se as considerações finais e a sistematização dos resultados expostos ao longo do capítulo.

## 1. *Rastros* da heterogeneidade constitutiva da escrita no funcionamento dos MJs

Nesta seção, serão apresentados os resultados da análise do funcionamento dos MJs tomados como *rastros* da circulação do sujeito pelos eixos 1, da *gênese da escrita* e 2, do *código escrito institucionalizado*. O Gráfico 14 apresenta os resultados da quantificação geral:

**Gráfico 14**: Eixo 1 (E1) e/ou eixo 2 (E2) nas TDs narrativa e prescritiva




**Fonte**: Elaboração própria

Conforme o Gráfico 14, a maior frequência, nos textos analisados das TDs narrativa e prescritiva, é de espaços de junção em que os MJs podem ser associados a *rastros* de coocorrência do eixo 1 e do eixo 2, apontando para a circulação do escrevente pela gênese da escrita e pelo código escrito institucionalizado em ambas TDs. Os espaços menos frequentes nos dados são aqueles em que os MJs se associam exclusivamente a *rastros* do eixo 2, exclusivamente, nos dois conjuntos de textos. Esses resultados permitem afirmar que a escrita em aquisição, nas TDs narrativa e prescritiva, caracteriza-se, de forma robusta, como uma escrita em que a heterogeneidade que lhe é constitutiva deixa marcas nos espaços de junção, identificadas em MJs.

Para um refinamento desse resultado, a Tabela 6 apresenta a quantificação dos funcionamentos dos MJs mais recorrentes em relação aos eixos 1 e/ou 2, observados nas TDs focalizadas.[95]

[95] A partir de Carvalho (2025), essa análise recupera resultados de trabalhos anteriores, realizados com base na abordagem linguístico-discursiva (cf. Lopes-Damasio, 2022a/b, 2020, 2019), especialmente aqueles desenvolvidos no âmbito do PP (cf. Lopes-Damasio; Silva, 2025 e Oliveira, 2024).

**Tabela 6**: Frequência de funcionamentos de eixos 1 e 2 nas TDs investigadas

| Eixos | Funcionamentos | | TD narr | TD presc |
|---|---|---|---|---|
| **E1** | (1) | gesto discursivo | 1/0,48% | --- |
| | (2) | gesto discursivo + no trânsito semântico + representação do fluxo de fala | 77/37,02% | 69/29% |
| **E2** | (1) | prototipicidade | 14/6,73% | 10/4,18% |
| | (2) | prototipicidade + "autonomia" da escrita em relação à fala | 1/0,48% | 5/2,09% |
| **E1/E2** | (1) | gesto discursivo+ trânsito semântico + representação do fluxo de fala + autonomia da escrita em relação à fala | 16/7,7% | 20/8,36% |
| | (2) | trânsito semântico + representação do fluxo de fala + "autonomia" da escrita em relação à fala | 3/1,44% | 1/0,41% |
| | (3) | representação do fluxo de fala + prototipicidade | 53/25,48% | 93/38,90% |
| | (4) | representação do fluxo de fala + prototipicidade + "autonomia" da escrita em relação à fala | 42/20,19% | 41/17,15% |
| | (5) | representação do fluxo de fala + prototipicidade + "autonomia" da escrita em relação à fala (b/c). | 1/0,48% | --- |
| Total: 447/100% | | | 208/100% | 239/100% |

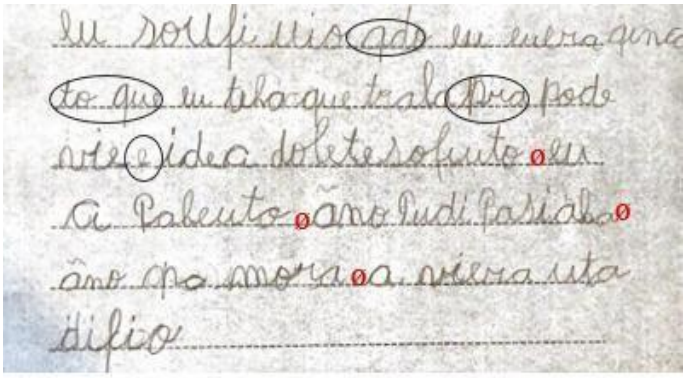
**Fonte:** Elaboração própria

De acordo com a Tabela 6, identificam-se dois funcionamentos associados exclusivamente ao eixo 1, dois ao eixo 2 e cinco decorrentes da coocorrência dos eixos 1 e 2.

Nesta seção, serão apresentados os funcionamentos dos MJs associados aos eixos 1 e/ou 2 de observação da heterogeneidade constitutiva da escrita, considerando aqueles que se destacaram pela maior frequência nos dados, conforme seguem identificados pelos destaques na Tabela 6.

No que se refere a eixo 1, mais especificamente ao funcionamento (2), o mais recorrente nos dados, destacam-se as ocorrências (30) e (31), pertencentes às TDs narrativa e prescritiva, respectivamente. Os MJs tomados como *rastros* do eixo 1, referente à *gênese da escrita*, e associados ao funcionamento (2), são descritos em espaços de junção caracterizados pela presença dos seguintes aspectos linguístico-discursivos: *gesto discursivo no trânsito semântico*; e *representação do fluxo de fala*, sobretudo informais (orientação da escrita sob recursos da fala).

**31.**



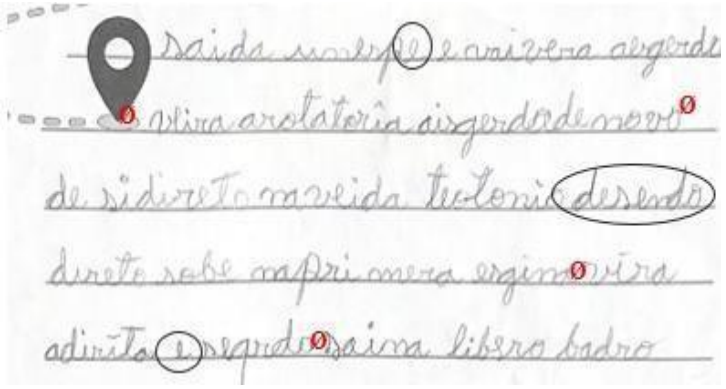
**Fonte**: BDEIn – Unesp

eu soufi uio **qdo** eu euera qinca
**to que** eu tiha que tralapra pode

vie e idea doletesofiuto **Ø** eu
a paheuto **Ø** ãno pudi pasiaha **Ø**
ãno apa na mora **Ø** a viera uta
difiso[96]
**P2T8E3 – TDnarr**

Nas ocorrências de "justaposição", em (31), extraídas de um trecho da TD narrativa, destaca-se o sentido mais concreto de *adição*, a partir do qual é possível observar o trânsito semântico para o sentido mais abstrato de *causa*, em um esquema "asserção/explicação". A última ocorrência de "justaposição" também possibilita a observação de um trânsito semântico para o sentido mais abstrato de *causa*, agora no esquema conclusivo (*Portanto/por isso*, a vida era muito difícil).

**32.**



**Fonte**: BDEIn – Unesp
sai da unespe **e** vaivera aesgerda **Ø**
veira arotatorîa aisgerdade novo **Ø**
de sidireto na veida teotonio **desendo**
direto sobe napri mera esgina **Ø** vira
adirita **e** seqrda **Ø** saina libero badro[...][97]
**P5T25E1 – TDpresc**

Em (32), as "justaposições" destacadas, agora, em um trecho da TD prescritiva, permitem a observação do trânsito, a partir do sentido mais concreto de *adição*, para o sentido mais abstrato de *tempo posterior*, numa iconicidade cronológica de instruções dadas: "[...] vira à esquerda, depois vira a rotatória a esquerda de novo, depois desce direto na avenida teotônio".

Trata-se, em ambas as TDs, de considerar as "justaposições" destacadas, em espaços de junção, a partir dos quais o sentido mais concreto de adição abre-se à emergência dos sentidos mais abstratos de *causa*, em (31), e *tempo posterior*, em (32), em contextos de trânsitos semânticos. A relação com o eixo 1 sustenta-se no aspecto linguístico-discursivo reconhecido a partir desses trânsitos semânticos, associados ao *gesto discursivo*. Para explicitar esse aspecto, nessas ocorrências, os espaços em branco, que caracterizam os espaços de junção, não são

[96] Sugestão de leitura: Eu sofri muito quando eu era criança, tanto que eu tinha que trabalhar para poder viver e de adolescente eu sofri muito. Eu apanhei muito, eu não pude passear, não pude namorar, a vida era muito difícil
[97] Sugestão de leitura: Sai da Unesp e vire à esquerda. Vira a rotatória a esquerda de novo, desce direto na Avenida Teotônio. Descendo reto, sobe na primeira esquina, vira à direita e esquerda, sai na [rua] Libero Badaró.

suficientes para indiciar o sentido, a não ser pela consideração do escrevente de que o outro/o (seu) leitor compartilha com ele a mesma situação de enunciação. Em outras palavras, a "falta" do material linguístico, enquanto técnica "linguística" de junção, caracteriza-se na "presença" de sentidos que emergem desse/nesse espaço sintático, indiciando a marca não transparente de um "gesto do sujeito" (Ferrari; Lopes-Damasio, 2023, p. 15) que aponta para a situação concreta de enunciação. Esse gesto se aproxima daquele de "apontar falando/falar apontando", num pacote mais amplo de "gesto e voz", ao qual Corrêa (2004, p. 47) chama de traço "fônico-pragmático da oralidade". Aqui, guardam-se as especificidades de tal gesto que se traduz, na escrita, em espaços de junção, caracterizados por uma repetibilidade de natureza tática utilizada na construção de tradições mediadas pela fala, em práticas de oralidade, a partir da circulação dos escreventes por essas tradições. Nas palavras de Lopes-Damasio e Ferrari (2023, p. 15), imaginando que "ato e modo de enunciação falado estão plasmados em sua escrita, o sujeito junta as orações de forma justaposta, sem explicitar, por mecanismos táticos [linguísticos] de junção, a codificação das mais diferentes relações de sentido" (Lopes-Damasio; Ferrari, 2023, p. 15).

Soma-se, consequentemente, em (31) e (32), a observação da *representação do fluxo de fala*, uma vez que se trata de uma escrita que tenta transpor o fônico no gráfico. Para analisar esse aspecto, parte-se da consideração, segundo Soncin (2014, 2020), de que a prosódia pode delimitar um conjunto de "traços responsáveis por caracterizar o ritmo e a melodia das línguas". Para a autora, a prosódia constitui "o meio material pelo qual nuances de significação se expressam nos usos reais da língua" (Soncin, 2020, p. 68). Ancorando-se em Corrêa (2004, p. 56-57), considera-se, ainda, que a prosódia é, em alguma medida, "recuperável nos enunciados escritos e não pode ser vista como exclusiva dos enunciados falados". Nesse sentido, os sinais de pontuação também buscam representar a percepção acústica dos enunciados. Segundo Soncin (2020), esses sinais carregam a função de representar a "relação constitutiva entre prosódia e enunciação na escrita" e, nesse movimento, os aspectos prosódicos, marcados pela pontuação no texto escrito, indiciam o "modo de dizer" do sujeito, uma vez que recuperam "modos de dizer anteriores, cristalizados em outras práticas de linguagem, especialmente em práticas de oralidade"[98](Soncin, 2020, p. 69-70).

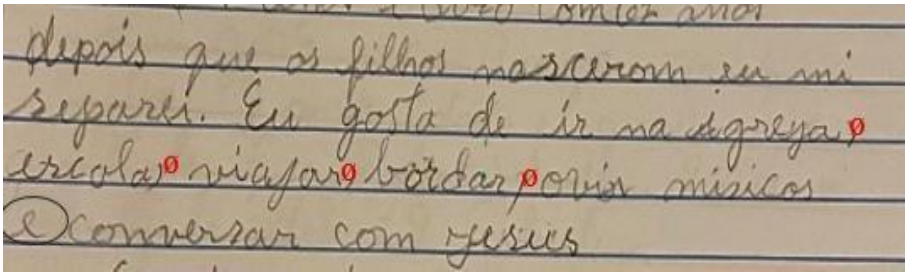
Em (31) e (32), observa-se que a iconicidade dos sinais de pontuação não se materializa e, em seu lugar, o "gesto articulatório" — no caso, a pausa — inscreve-se na linearidade da escrita. Em outras palavras, imaginam que a marcação das pausas, que caracterizam a

[98] Retoma-se, aqui, a concepção assumida por Corrêa (2004) de que o sujeito é atravessado por práticas de oralidade e letramento e, portanto, a escrita é heterogênea e se molda sob recursos também da fala.

articulação das orações por meio da "justaposição", está plasmada em sua escrita, numa pressuposição da prosódia adequada e, do mesmo modo, numa pressuposição do sentido adequado. Sob essa pressuposição, vale retomar, encontra-se o que foi analisado como o *gesto discursivo no trânsito semântico*.

Quanto aos aspectos analisados em associação ao eixo 2, destacam-se as ocorrências (33) e (34) pertencentes, respectivamente, às TDs narrativa e prescritiva, como exemplificativas do funcionamento (1):

**33.**




**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] Eu gosta de ír na igreja,**Ø**
escola, **Ø** viajar , **Ø** bordar, **Ø** ouvios músicos
**e** conversar com Jesus [...][99]
**P1T2E2 – TD narr**

Os MJs tomados como *rastros* do eixo 2, referente ao *código escrito institucionalizado*, apresentaram seu funcionamento mais recorrente descrito em espaços de junção caracterizados pela *prototipicidade*.

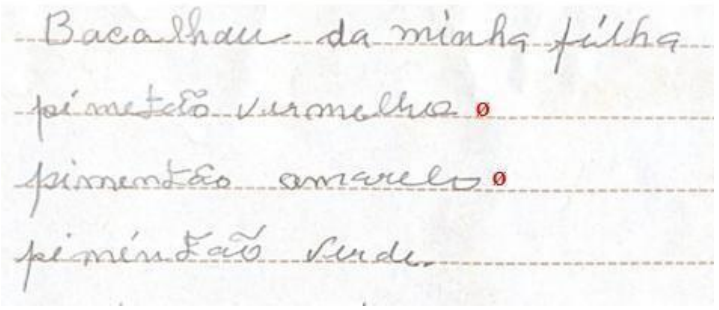
Para ilustrar, em (33), destacam-se as "justaposições", consideradas prototípicas por corresponderem a espaços de junção em que *não* há ocorrência de trânsito semântico. Essas ocorrências ocupam posições convencionalmente previstas, como, nesse caso, entre elementos de uma listagem, separados por vírgulas, em uma estrutura com paralelismo. A mesma análise se repete em relação às "justaposições" em (34), que também apontam para uma listagem característica da TD prescritiva, em que os diferentes enunciados se ajustam verticalmente no espaço da página, conforme o que é *fixo* na tradição em questão.

Essa análise pode ser justificada a partir do trecho em (33) — "Eu gosto de ir na igreja, escola, bordar, ouvir música e conversar com Jesus" —, no qual a ordem dos elementos pode ser invertida sem que haja alteração significativa de sentido. O mesmo ocorre em (34), em que se ensina uma receita e a ordem dos ingredientes também pode ser modificada sem prejuízo semântico — "[...] pimentão vermelho, pimentão amarelo, pimentão verde". Em ambos os casos, caracterizam-se *adições simétricas* que, segundo Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), conforme discutido no capítulo 1, desta Parte III, permitem a alteração da ordem de seus

[99] Sugestão de leitura: Eu gosto de ir na igreja, escola, viajar, bordar, ouvir música e conversar com Jesus.

membros sem mudança relevante de sentido, uma vez que os elementos da adição mantêm independência entre si[100].

**34.**




**Fonte**: BDEIn – UNESP

Bacalhau da minha filha
pimetão vermelho **Ø**
pimentão amarelo **Ø**
piméntão verde [...] [101]
**P3T18E8 – TD presc**

Assim como ocorre com outros MJs, a "justaposição" pode apresentar-se em ocorrências prototípicas, nos quais se mostra apenas a relação estrutural entre termos, sintagmas ou orações (como nos casos aqui analisados), sem possibilidade de trânsitos semânticos (Silva, 2024), frequentemente de forma coerente com o que se espera dos contextos sintáticos assindéticos. Como ocupam espaços de junção que caracterizam tradições textuais – no caso de (33) e (34), a listagem – sua convencionalidade associa-se ao que se espera da escrita enquanto código institucionalizado e da TD enquanto espaço de repetibilidade, desse modo, associa-se a *rastros* do eixo 2. A partir dessas ocorrências, é possível destacar que não há uma associação direta e necessária entre a "justaposição" e os *rastros* do eixo 1, isto é, como efeito de uma fala plasmada na escrita, reconstruída *pelo fluxo de fala* e marcada pelo *gesto discursivo em trânsito semântico*. Se assim fosse, a análise conduziria a uma visão dicotomizada dos MJs a partir do funcionamento da "justaposição".

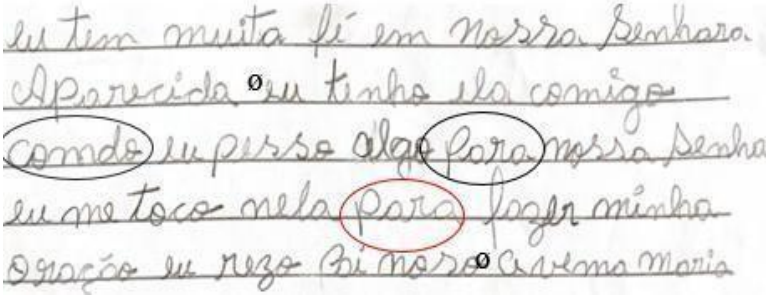
Embora não se trate de funcionamento recorrente nos dados com apenas (1/0,48%) e (5/2,09%), nas TDs narrativa e prescritiva, respectivamente, as ocorrências, em (35) e (36), ilustram o funcionamento (2) de MJs tomados como *rastros* do eixo 2. O objetivo da apresentação desse funcionamento é mostrar o que o distingue daquele apresentado

[100] Não se trata de uma análise que focaliza a prototipicidade estrutural, como característica do eixo 2, dado que, nesse contexto sintático, não se tem o que, sobretudo, pela convenção, deveria corresponder à estrutura: "Eu gosto de ir na igreja, na escola, de bordar de ouvir música e de conversar com Jesus", com paralelismo estrutural/sintático. A análise focaliza, em contrapartida, o sentido, na medida em que o que se lista, nesses contextos, não pressupõe uma ordem icônica, na relação língua-mundo.

[101] Sugestão de leitura: Bacalhau da minha filha: pimentão vermelho, pimentão amarelo, e pimentão verde.

anteriormente e reconhecido como mais frequente, nos textos das duas TDs investigadas, quando se trata do eixo 2:

**35.**

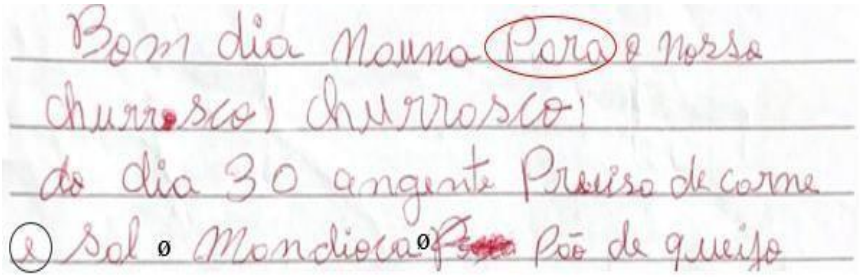


**Fonte**: BDEIn – UNESP

eu tem muita fe em Nossa Senhara
Aparecida **Ø** eu tenho ela comigo
**comdo** eu pesso algo **para** Nossa Senha
Eu me toco nela **para** fazer minha
oração eu rezo Pai nosso **Ø** Avema maria [...][102]
**P5T28E6 – TD narr**

Em (35), o MJ "para" se mostra como *prototípico* para o sentido de *finalidade* na hipotaxe e caracteriza um espaço de junção marcado pela ausência de trânsito semântico. De modo semelhante, a *prototipicidade* se mostra também em (36), com o mesmo MJ "para", no texto prescritivo.

**36.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] **para** o nosso
churrasco, churrasco!
do dia 30 angente Precisa de carne
**e** sal **Ø** mandioca **Ø** Pão de queijo[103]
**P11T56E6 – TD presc**

Para a relação com o eixo 2, além da *prototipicidade* do MJ "para", tal como se destacou também para a "justaposição", anteriormente analisada em (35) e (36), pode-se associar, ainda, a *"autonomia" da escrita em relação à fala*, reconhecida quando o espaço de junção é preenchido por material linguístico, distanciando-se, assim, daqueles em que a técnica juntiva é o zero, considerada, aqui, como "justaposição". Trata-se, pois, de fundamentar essa comparação no que se reconhece como *"autonomia" da escrita em relação à fala*, quando se

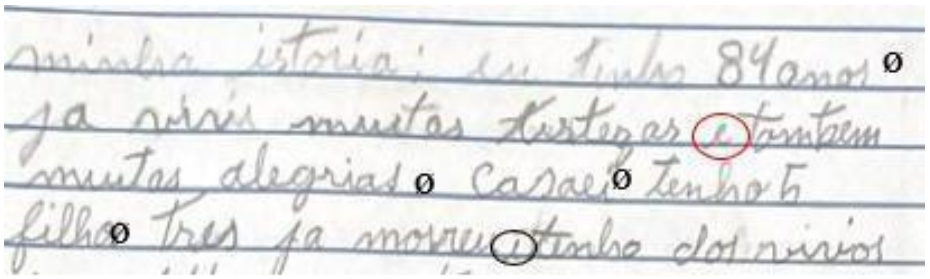
[102] Sugestão de leitura: Eu tenho muita fé em Nossa Senhora Aparecida, eu tenho ela comigo. Quando eu peço algo para Nossa Senhora eu toco nela, para fazer minhas orações. Eu rezo pai nosso e Ave Maria.
[103] Sugestão de leitura: Para nosso churrasco a gente vai precisar de carne, sal, mandioca e pão de queijo [alho].

trata de analisar espaços de junção ocupados pela ocorrência de técnicas de junção "com materialidade linguística". Nessa direção, o movimento de preencher o espaço de junção com uma técnica juntiva de natureza linguística, como ilustram as ocorrências de "para", representa, comparativamente às ocorrências de "justaposição", um *rastro* do código escrito institucionalizado, ainda que, para esta análise, não haja qualquer relação com registros formal ou informal da junção e(m) espaços de junção. Essa análise não se pauta na associação de MJs formais ao eixo 2, assim como de MJs informais ao eixo 1, o que poderia corresponder a uma visão dicotomizada de fala/escrita, incoerente à concepção de suas intrínsecas e não estanques associações às práticas discursivas orais e letradas.

A seguir, serão apresentados exemplos de MJs tomados como *rastros* de coocorrência dos eixos 1 e 2 (E1/E2), ao mesmo tempo, relacionados à *gênese da escrita* e ao *código escrito institucionalizado*.

Conforme a Tabela 6, serão ilustrados os funcionamentos (1), (3) e (4), com maior frequência nos dados. Para ilustrar o funcionamento (1), seguem as ocorrências (37) e (38), pertencentes às TDs narrativa e prescritiva, respectivamente. Nesse funcionamento, foram considerados os seguintes aspectos linguístico-discursivos: E1 – *gesto discursivo*, *trânsito semântico* e *representação do fluxo de fala*; e E2 – *"autonomia" da escrita em relação à fala*.

**37.**



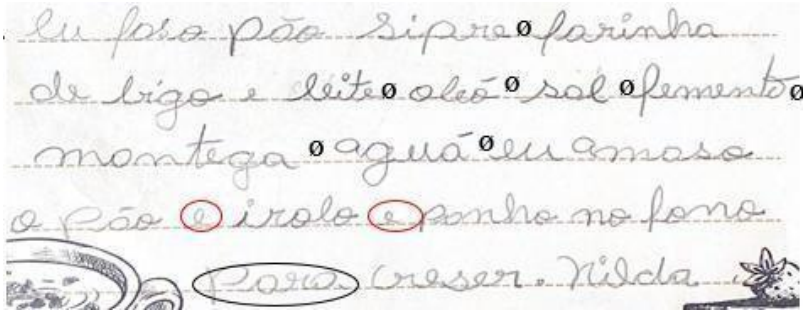
**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] Minha istoria: eu tenho 84 anos **Ø**
ja vivi muitas tistezas **e** tambem
muitas alegrias **Ø** casei **Ø** tenho 5
filhos **Ø** tres ja morreu **e** tenho dos vivios.[104]
**P1T2E2 – TD narr**

Em (37), extraído da TD narrativa, destaca-se o juntor "e", em "já vivi muitas tristezas *e* também muitas alegrias", a partir do qual se observa o *gesto discursivo no trânsito semântico* (E1), uma vez que é possível constatar o sentido mais abstrato de *contraste* emergindo a partir do sentido mais concreto de *adição*, conforme a paráfrase: "já vivi muitas tristezas, *mas* também [já vivi] muitas alegrias".

[104] Sugestão de leitura: Minha história: eu tenho 84 anos, ja vivi muitas tristezas e também muitas alegrias. Casei, tenho 5 filhos, três já morreram e tenho dois vivos.

**38.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

[...] eu faso pão sipre **Ø** farinha
de bigo e leite **Ø** oléo **Ø** sal **Ø** femento **Ø**
mantega **Ø** aguá **Ø** eu amaso
o pão **e** irolo **e** ponho no fono
**para** creser. [105].
**P3T17E6 – TD presc**

No trecho, em (38), extraído da TD prescritiva, também se observam as ocorrências de "e" no mesmo funcionamento, apontando para marcas do *gesto discursivo no trânsito semântico* em que emerge o sentido mais abstrato de tempo posterior a partir do sentido mais concreto de adição, conforme a paráfrase: "eu amasso o pão, *depois* enrolo, *depois* ponho no forno para crescer". Somam-se, ainda, nos trechos de ambas as TDs, as marcas, no processo de textualização, que representam o ritmo da fala espontânea na maneira como os elementos se encadeiam, aproximando fala/escrita e as práticas orais/letradas em que a escrita emerge como efeito de *representação do fluxo de fala*. Essas marcas são observadas em (37), nas ocorrências de "justaposição" no mesmo contexto e, em (38), na própria repetição do MJ "e".

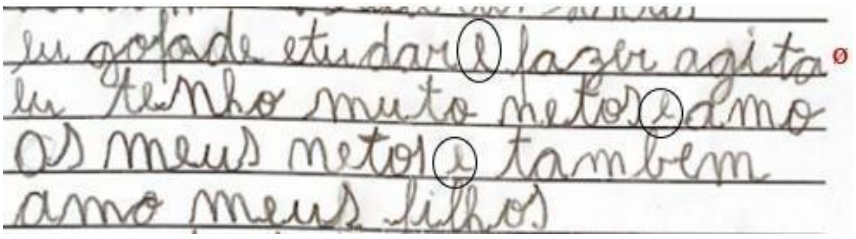
Se não é possível deixar de observar o que associa o MJ "e" ao eixo 1, também não é possível, nessa análise, deixar de comparar os espaços de junção em que emergem a técnica linguística da junção, o próprio MJ "e", àqueles em que a técnica é o "zero" (analisada como "justaposição"). O MJ "e" aparece como a forma mais recorrente, nos dados, de preencher inicialmente os espaços de junção com material linguístico, logo após a predominância atestada da "justaposição". Essa afirmação pode ser sustentada pelos resultados apresentados no capítulo 1 – Parte III, nos quais se observou a frequência dos MJs nas TDs narrativa e prescritiva. Nesses dados, o MJ "e" destaca-se como o mais recorrente após a predominância da "justaposição", apresentando 28 ocorrências (13,46%) na TD narrativa e 34 ocorrências (14,22%) na TD prescritiva. A proposta é reconhecê-lo [o "e"] neste movimento: ao mesmo tempo como marca do atravessamento do sujeito por práticas orais e letradas, na tensão que caracteriza o heterogêneo da escrita e a movimentação do escrevente no processo de subjetivação, associado

[105] Sugestão de leitura: Eu faço pão simples: farinha de trigo e leite, óleo, sal, fermento, manteiga, água. Eu amasso o pão, enrolo e ponho no forno para crescer.

à aquisição dessa escrita. Assim, nos contextos dos espaços de junção considerados, é possível destacar outras marcas que corroboram a proposta, tal como, em (37), a ocorrência de dois-pontos, para anunciar o tópico do texto e, ainda, a coocorrência de "e" e "também", indicando o preenchimento do espaço juntivo com material linguístico, e, em (38), de "para" ao invés de "pra", em contexto marcado, ainda, pelo acento agudo em "aguá".[106] Dessa maneira, as ocorrências em destaque apontam, concomitantemente, para a *"autonomia" da escrita em relação à fala*, como *rastro* do eixo 2. Mais uma vez, não se trata de uma análise baseada nos tipos de registros, se formal ou informal.

Em (39) e (40), ilustra-se o funcionamento (3), da coocorrência de eixos 1 e 2, nas TDs narrativa e prescritiva, respectivamente. Tem-se como aspectos linguístico-discursivos: E1 – *representação do fluxo de fala* e E2 – *prototipicidade*.

**39.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

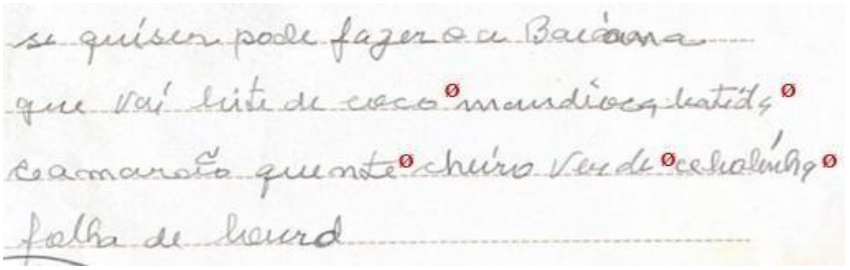
[...] eu gofode etudar **e** fazer agita **Ø**
eu tenho muto netos **e** amo
os meus netos **e** tambem
amo meus filhos[107]
**P1T3E3 – TD narr**

As ocorrências de "justaposição" e de "e", na TD narrativa, em (39), deixam observar a *prototipicidade* de seus funcionamentos juntivos, uma vez que ocupam espaços convencionalmente previstos na organização de elementos em uma listagem, em que cada item corresponde a uma oração "eu gosto de estudar", "[eu gosto] de fazer agita", "eu tenho muitos netos" e "eu amo os meus netos". Os MJs operam segundo o seu valor semântico *prototípico* de adição, característico da *adição simétrica*, sem que se observem trânsitos semânticos, funcionando como mecanismo de progressão linear do texto.

[106] A ocorrência de acentuação em "aguá", como rastro do eixo 2, indicia a circulação da escrevente pelo seu imaginário de escrita como código institucionalizado, mesmo que o acento não seja marcado na posição convencionalmente prevista, considerando tratar-se de uma paroxítona.

[107] Sugestão de leitura: Eu gosto de estudar e fazer agita ["Agita" é um Programa que busca combater o sedentarismo e incentivar a prática de atividades físicas regulares, promovido pela Prefeitura da cidade de Assis – SP). Eu tenho muitos netos e amo os meus netos e também amo meus filhos

**40.**



**Fonte**: BDEIn – Unesp
[...] se quiser pode fazer o a bocama [Bobó de camarão]
que vai leite de coco **Ø** mandioca batida **Ø**
ceamarão quente **Ø** cheiro verde **Ø** cebolínha **Ø**
folha de lourd[108]
**P3T18E8 – TD presc**

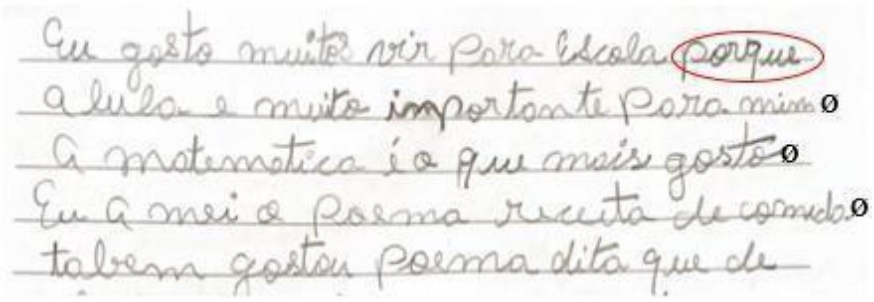
Por sua vez, as ocorrências de "justaposição", extraídas da TD prescritiva, em (40), também apontam para a *prototipicidade* de seu funcionamento juntivo, uma vez que ocupam espaços convencionalmente previstos na organização de elementos em uma listagem de ingredientes, dispostos em sequência linear: "leite de coco", "mandioca batida", "camarão quente", "cheiro verde", "cebolinha" e "folha de louro". Nesse exemplo, a "justaposição" opera segundo o valor semântico *prototípico* de adição simétrica, sem que se observem trânsitos semânticos entre os elementos listados. Isso se comprova pela possibilidade de inversão da ordem dos itens sem prejuízo de sentido para o texto, já que os membros da adição mantêm independência entre si, funcionando, da mesma maneira, como mecanismo de progressão linear característico da TD listagem.

A *prototipicidade,* destacada nas ocorrências de "justaposição", como *rastro* do eixo 2, conforme análises já explicitadas anteriormente, soma-se ao *rastro* do eixo 1, na medida em que se considera uma escrita que *representa o fluxo de fala*, principalmente em práticas orais e informais. Nesses textos, considera-se que, a pontuação — seja por presença, seja por ausência, como é o caso de (39) e (40) — funciona como indício de fronteiras prosódicas recuperáveis na escrita. Desse modo, as "justaposições" cumprem uma função tático-semântica de forma prototípica, mas também registram, na escrita, a *representação do fluxo de fala*.

O funcionamento (4), referente à coocorrência de marcas dos eixos 1 e 2, é exemplificado em (41) e (42), extraídos das TDs narrativa e prescritiva, respectivamente. Nesse funcionamento, além da *representação do fluxo de fala* e da *prototipicidade*, acrescenta-se o aspecto relacionado à *"autonomia" da escrita em relação à fala*:

[108] Sugestão de leitura: Se quiser pode fazer o bobó de camarão que vai: leite de coco, mandioca batida, camarão quente, cheiro verde, cebolinha e folha de louro.

**41.**

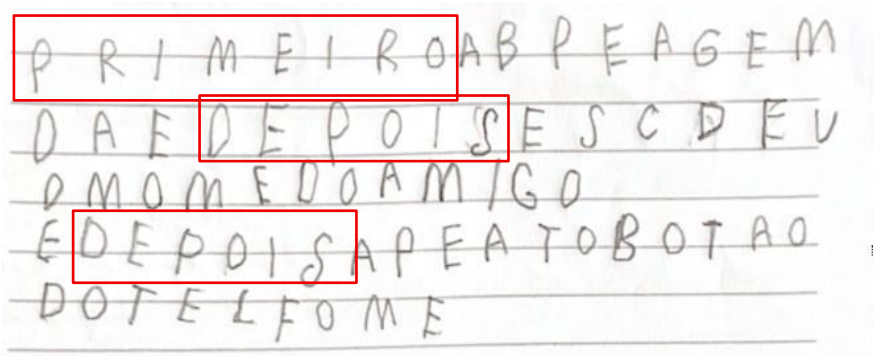


**Fonte**: BDEIn – Unesp

Eu gosto muitos vir para escola **porque**
a lula e muito inportante para mim **Ø**
a matemática é o que mais gosto **Ø**
Eu a mei o poema receita de comida **Ø**
Tabem gostou poema dita[109] [...]
**P4T24E6 – TD narr**

No trecho em (41), extraído da TD narrativa, destaca-se o juntor "porque", como marca da *prototipicidade* do sentido de *causa*, na medida em que indica a ausência de trânsito semântico, e também a *"autonomia" da escrita em relação à fala*, pelo preenchimento do espaço de junção com uma técnica linguística, em contraste com outras ocorrências do mesmo espaço caracterizadas pela "justaposição". Os dois aspectos destacados indiciam a movimentação do sujeito pela representação da escrita como código institucionalizado, associados ao MJ "porque" enquanto *rastro* do eixo 2. Esse funcionamento, entretanto, não apaga aquele que permite recuperar o *rastro* do eixo 1, uma vez que se trata de uma ordenação preferencial para essa estrutura paratática causal, tomada em sua relação com a *representação do fluxo de fala.*

**42.**



**Fonte**: BDEIn – Unesp

**PRIMEIRO** ABPE AGEMDA
**E DEPOIS** ESCDEU
O MOME DO AMIGO
**E DEPOIS** APEAT O BOTAO
DO TELFOME[110]
**P9T47E7 – TD presc**

[109] Sugestão de leitura: Eu gosto muito de vir para a escola porque a aula é muito importante para mim. A matemática é o que eu mais gosto, eu amei o poema receita de comida, também gostei do poema dito.
[110] Sugestão de leitura: Primeiro abre a agenda, e depois escreve o nome do amigo e depois aperta o botão [que tem o símbolo] do telefone.

Em (42), a partir das ocorrências de “primeiro” e “depois”, extraídas da TD prescritiva, observam-se, de modo semelhante, os *rastros* do eixo 2, caracterizados pela *prototipicidade* do sentido temporal e pela *“autonomia” da escrita em relação à fala*, fundamentada no preenchimento do espaço de junção com material linguístico. Acrescentam-se, ainda, como marcas da atuação do eixo 2, as ocorrências em que a grafia se distancia da forma como as palavras podem ser produzidas em práticas orais informais. É o que se observa, por exemplo, em “depois”, grafado segundo a convenção ortográfica, embora sua realização oral possa aproximar-se de “dzipois” em práticas orais informais.

Nesse mesmo trecho, encontram-se, igualmente, *rastros* do eixo 1, visto que as ocorrências remetem a construções que se aproximam da fala, em práticas de oralidade, especialmente as informais, representando, assim, o *ritmo da fala* em uma sequencialidade de instruções que, na escrita, também se pauta na repetição da própria técnica juntiva, como é o caso da repetição, por exemplo, dos MJs “e” e “depois”.

Os funcionamentos analisados nesta seção configuram-se como *rastros* linguístico-discursivos da heterogeneidade constitutiva, porque caracterizam *rastros*, na escrita, da circulação do sujeito pela *gênese da escrita* e pelo *código escrito institucionalizado*. As ocorrências mostram que os eixos 1 e 2 operam, mais frequentemente, de modo não-isolado, ou seja, em constante coocorrência, tornando visível, na superfície dos textos, a heterogeneidade da escrita em aquisição, associada ao processo de textualização e à movimentação do escrevente.

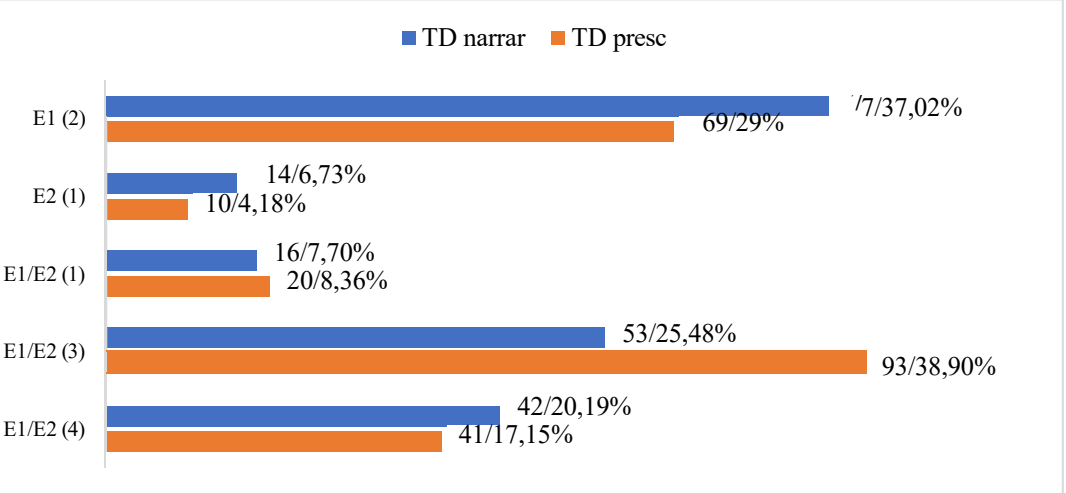
A seção a seguir tem como objetivo apresentar *aproximações* e *distanciamentos* entre as TDs em aquisição, considerando o funcionamento dos MJs à luz da heterogeneidade da escrita.

## 2. Composicionalidade das TDs narrativa e prescritiva: *aproximações* e *distanciamentos*

A partir dos resultados da análise do funcionamento dos MJs tomados enquanto *rastros* da circulação do sujeito pela *gênese da escrita* e pelo *código escrito institucionalizado*, apresentados na seção anterior, esta seção cumpre o objetivo de destacar *aproximações* e *distanciamentos* entre as TDs, de modo a caracterizar, em relação ao eixo 3 – da *dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido* (cf. Corrêa, 2004) —, *mesclas* de TDs na composicionalidade dessas TDs, e, desse modo, observar a circulação do escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas, relacionáveis à aquisição da escrita nessas TDs.

O Gráfico 15 ilustra a frequência dos funcionamentos dos MJs, em relação aos eixos 1 e/ou 2, mais recorrentes em ambas as TDs (cf. resultados da seção anterior), para a indicação inicial das *aproximações* e dos *distanciamentos* entre elas.

**Gráfico 15**: Funcionamentos de E1 e/ou E2 nas TDs narrativa e prescritiva




**Fonte**: Elaboração própria

O Gráfico 15 permite destacar, na mesma linha do que já foi realizado nas análises apresentadas na seção anterior, a partir da Tabela 6, o resultado que aponta a *aproximação* entre as TDs narrativa e prescritiva, correspondente à constatação dos mesmos funcionamentos mais recorrentes de MJs e(m) espaços de junção, no que tange às relações propostas com os eixos 1 e/ou 2, da heterogeneidade da escrita, a saber, quanto ao eixo 1 – funcionamento (2) (E1(2)); quanto ao eixo 2 – funcionamento (1) (E2(1)); e quanto à coocorrência dos eixos 1 e 2 – funcionamentos (1) (E1/E2(1)); (3) (E1/E2(3) e (4) (E1/E2(4)).

O mesmo Gráfico também permite destacar o *distanciamento* entre as TDs investigadas: se, por um lado, os mesmos funcionamentos de MJs relacionados aos eixos da heterogeneidade são mais recorrentes nos textos narrativos e prescritivos, por outro, dois deles – o funcionamento (2) do eixo 1 (E1(2)) e o (3) de coocorrência dos eixos 1 e 2 (E1/E2(3)) – distanciam as duas TDs: o funcionamento (2) do eixo 1 (E1(2)) é o mais frequente, de modo específico, nos dados da TD narrativa, com 77 ocorrências (37,02%); enquanto o funcionamento (3) de coocorrência dos eixos 1 e 2 (E1/E2(3)) é o mais frequente, de modo específico, nos dados investigados da TD prescritiva, com 93 ocorrências (38,90%). Esses dois funcionamentos são também aqueles que apresentam maior distinção entre as duas TDs, com uma diferença de 8 ocorrências (8,02%) e 40 ocorrências (13,42%), respectivamente.

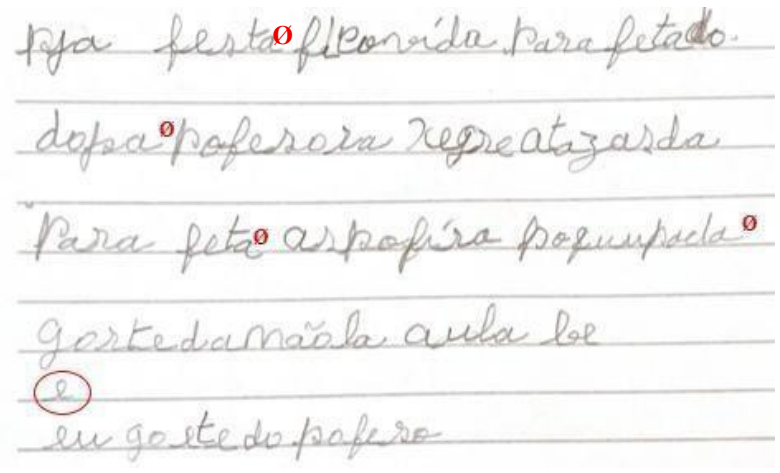
Tais relações de *aproximação* e *distanciamento* complementam, pois, aquelas também observadas em relação ao caráter composicional dessas TDs. Conforme discutido no capítulo 1, desta Parte III, os *rastros* de tal caráter composicional, no que concerne às relações tático-

semânticas dos MJs, indicaram uma relação intrínseca entre essas TDs: os resultados da análise semântica apontaram para uma recorrência de sentidos compartilhados em ambas,[111] sinalizando, assim, a abertura de espaços nos quais se configuram as *mesclas* de TDs; e os resultados da análise tática mostraram que as construções paratáticas são, também em ambas, predominantes em relação às hipotáticas, em ocorrências, com maior frequência, de "justaposição" e "e", em ambas as TDs.

Nessa direção, essa composicionalidade das TDs em aquisição caracteriza-se nos *rastros* juntivos que apontam que a TD narrativa compõe a prescritiva, de acordo com o que se reconhece como *mesclas* de TDs.

A seguir, a partir dos textos da TD narrativa e da TD prescritiva, em (43) e (44), e de seus respectivos juntogramas, destacam-se as *mesclas* de TDs, relacionadas ao eixo 3 (Corrêa, 2004), em uma análise baseada nos princípios de composicionalidade paradigmática e sintagmática das TDs, em que a composicionalidade paradigmática relaciona-se à "concomitância de referências a diferentes TDs em uma mesma porção de texto" e a sintagmática à sucessão de subtextos ou segmentos pertencentes a TDs distintas ao longo do texto, ou seja, em sua materialidade linear. Tanto em uma quanto em outra, é possível destacar a combinação de diferentes formas de organização linguístico-discursiva na construção textual, mais ou menos mostradas nas ocorrências dos MJs e em seus espaços de junção, enquanto *rastros* da circulação dos escreventes por diferentes práticas discursivas.

**43.**



**Fonte**: BDEIn – UNESP

pja festa **Ø** ficovida para fetado

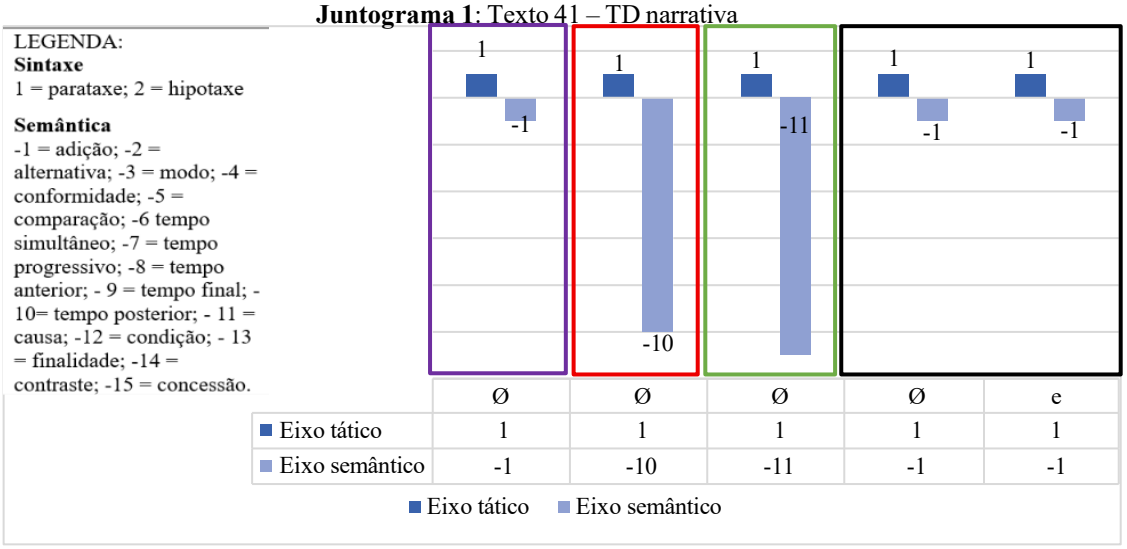
dopa **Ø** pofesora xegre atazasda

[111] Os resultados da análise semântica apontaram a predominância, de modo geral, dos sentidos de *adição*, *tempo posterior*, *causa*, *contraste* e *finalidade*, assim como apontaram a predominância dos trânsitos semânticos entre os sentidos de *adição>tempo posterior* e *adição>causa*.

para feta **Ø** aspofira po quupada **Ø**

goste da nãola aula be
**e**
eu goete do pofeso[112]
**P4T22E4 – TD narr**

**Juntograma 1**: Texto 41 – TD narrativa




**Fonte**: Elaboração própria

No texto em (43), destaca-se, inicialmente, a TD *título* em "PEJA festa", em resposta à proposta 4 "memórias em sala de aula" (cf. subseção 2.1, Parte II). Tal TD desempenha a função de introduzir o tema e antecipar o evento central da narrativa, isto é, apresentar um momento significativo vivido em sala de aula, configurando-se como marcador inicial do enredo. Essa TD é linearizada, no espaço gráfico, a partir da "justaposição" aditiva, aproximando-se do que se espera de uma *redação escolar*, também entendida como TD (cf. Carvalho, 2025) no sentido de que pode ser tomada como marca da inserção do sujeito em práticas formais de letramento. Desse modo, observa-se que a TD *título*, inclusive em textos prescritivos, relaciona-se intimamente àquilo que já se encontra tradicionalizado e, por isso, *fixado*, isto é, "por meio da memória de enunciados relativamente estáveis" que emergem nas diversas práticas sociais pelas quais o sujeito circula, incluindo as práticas letradas (Lopes-Damasio, 2022b, p. 225).

O texto continua com a TD *explicativa*, compondo sintagmaticamente a narrativa, em "fui convidada para a festa do PEJA", destacada em roxo no juntograma, de modo a estabelecer um sentido em relação ao título dado ao texto e, ainda, situar o leitor sobre qual será a memória relatada: a experiência vivida pela educanda ao participar da festa de encerramento do PEJA, ocasião em que chegou atrasada ao evento por ter se deslocado até o local a pé.

[112] Sugestão de leitura: Peja Festa: Fui convidada para a festa do PEJA. "Professora, cheguei atrasada para a festa". As professoras ficaram preocupadas. Gosto das aulas bem e eu gosto do professor.

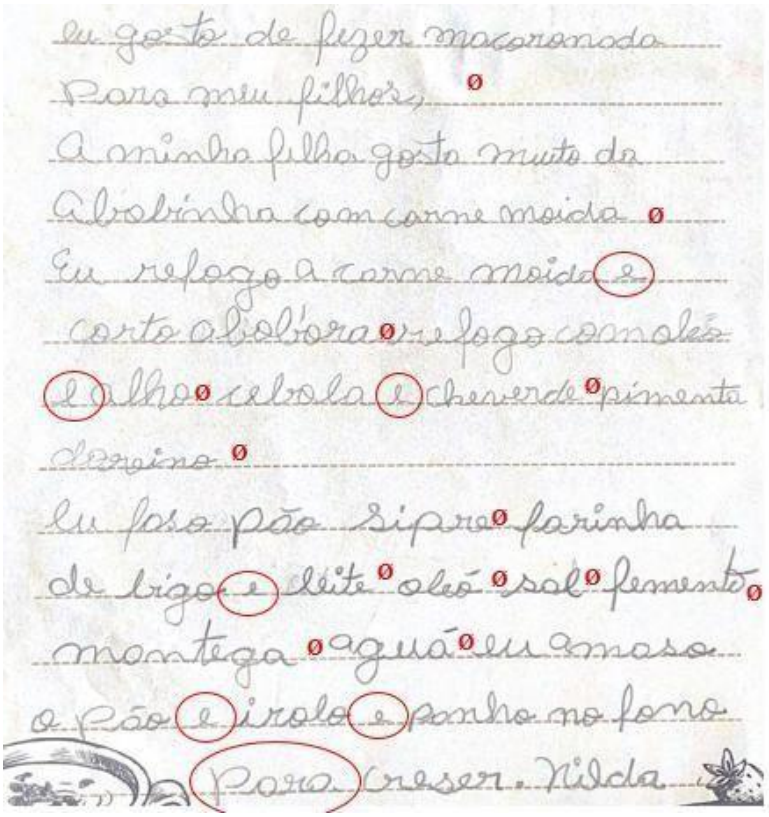
Em seguida, em "**Ø** professora, cheguei atrasada para a festa", observa-se a TD *diálogo*, destacada em vermelho no juntograma, trecho em que a escrevente relata, de modo espontâneo, o que disse para as professoras. A TD insere-se no texto a partir de um espaço de junção caracterizado pela "justaposição" paratática, com sentido mais concreto de adição aberto à emergência do sentido mais abstrato de tempo posterior. Nesse ponto, a narrativa não apenas prossegue, mas incorpora, em discurso direto, a fala da personagem/autora, recurso que introduz uma cena de interação, enquanto registro de uma prática de oralidade informal. No espaço de junção em que se verifica a TD *diálogo*, a "justaposição", ao assumir esse valor de tempo posterior, marca, na superfície textual, a progressão do enredo, estabelecendo, assim, uma relação intrínseca com o próprio narrar. Desse modo, observa-se uma movimentação semântica diretamente articulada à composicionalidade sintagmática que, explicitada na materialidade textual, caracteriza a narrativa. É possível observar, ainda, a partir da "justaposição", *rastros* do eixo 1 na medida em que indicia uma *representação do fluxo de fala* e por apontar para o *gesto discursivo no trânsito semântico* (cf. subseção 3.2, Parte II desta dissertação e análises anteriores realizadas neste capítulo). Para além do diálogo, representado no discurso direto, na composicionalidade sintagmática entre as TDs, deixa-se ver, nessa zona de contato, também o diálogo, representado como efeito da composicionalidade paradigmática com a TD *conversação espontânea*. Essa *mescla* é fortemente associada aos aspectos linguístico-discursivos destacados para a caracterização analítica dos *rastros* do eixo 1.

No trecho "professora, cheguei atrasada **Ø** as professoras ficaram preocupadas", observa-se a ocorrência de *mescla* com a TD *explicativa*, destacada em verde no juntograma, uma vez que o segundo enunciado pode ser interpretado como decorrência do primeiro, estabelecendo uma relação semântica de causa e efeito, conforme a paráfrase: "Cheguei atrasada, *por isso* as professoras ficaram preocupadas". Nesse caso, a "justaposição" articula os enunciados parataticamente, permitindo constatar a emergência do sentido mais abstrato de causa a partir do sentido mais concreto de tempo posterior. Tal articulação indicia, na superfície textual, a progressão dos acontecimentos, aspecto constitutivo na organização da narrativa. Do mesmo modo, a "justaposição" aponta para *rastros* do eixo 1 por *representar o fluxo de fala* além de *gesto discursivo no trânsito semântico*. Novamente, nesse espaço de junção, a explicação toma parte de um novo diálogo, agora com o outro/leitor/ouvinte, caracterizando a composicionalidade paradigmática com a TD *conversação espontânea*, indiciada pelos rastros do eixo 1.

O texto prossegue e, após relatar a memória vivida em sala de aula, a TD *listagem*, destacada em preto no juntograma, enumera aspectos avaliados positivamente em "**Ø** gosto da

aula **e** gosto do professor". Nesse trecho, o MJ "e" e a "justaposição" articulam os enunciados parataticamente, assumindo o sentido de adição simétrica. Nesse espaço de junção, observa-se uma suspensão momentânea da progressão narrativa, uma vez que a sequência deixa de avançar os acontecimentos anteriormente apresentados para introduzir uma enumeração dos elementos apreciados pela educanda no contexto do PEJA: as aulas e o professor. Nesse recorte, a "justaposição", ao marcar, na superfície textual, a zona de contato entre as TDs narrativa e listagem, constitui um *rastro* do E1 por *representar o fluxo da fala* no encadeamento dos enunciados. O MJ "e", por sua vez, aponta para a coocorrência dos eixos 1 e 2: em E1, relaciona-se à *representação do fluxo da fala*; em E2, explicita o sentido *prototípico* de adição simétrica e sinaliza a suposta "*autonomia*" *da escrita em relação à fala*, já que preenche linguisticamente o espaço de junção, diferentemente do espaço em branco, tal como o destacado anteriormente.

**44.**

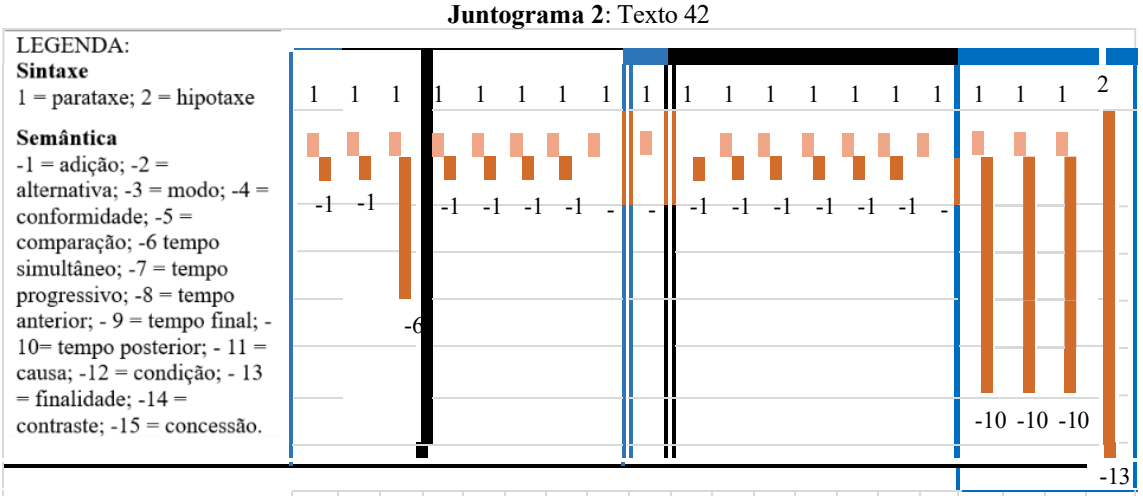



**Fonte**: BDEIn – UNESP

eu gosto de fezer macoronada
para meu filhos, **Ø**
A minha filha gosta muita da
Abobinha com carne moida **Ø**
Eu refogo a carne moida **e**
corto abobora **Ø** refogo com oléo
**e** alho **Ø** cebola **e** cheverde **Ø** pimenta
do reino **Ø**
eu faso pão sipre **Ø** farinha
de bigo **e** leite **Ø** oléo **Ø** sal **Ø** femento **Ø**
mantega **Ø** aguá **Ø** eu amaso
o pão **e** irolo **e** ponho no fono

**para** creser[113]
**P3T17E6 – TD presc**

**Juntograma 2**: Texto 42




| | Ø | Ø | e | Ø | e | Ø | e | Ø | Ø | Ø | e | Ø | Ø | Ø | Ø | Ø | Ø | e | e | para |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Eixo tático | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 |
| Eixo semântico | -1 | -1 | -6 | -1 | -1 | -1 | -1 | -1 | -1 | -1 | -1 | -1 | -1 | -1 | -1 | -1 | -10 | -10 | -10 | -13 |

**Fonte**: Elaboração própria

O texto, em (44), inicia-se com a TD *narrativa*, marcada no juntograma pela cor azul e observada no trecho "Eu gosto de fazer macarronada para meus filhos", seguido de "**Ø** a minha filha gosta muito da abobrinha com carne moída". Esse trecho é introduzido pela "justaposição" que articula parataticamente os enunciados, com sentido de adição prototípica. Observa-se a relação entre prescrição e narração na medida em que a escrevente, para ensinar uma receita, portanto, para circular pela TD prescritiva, introduz o texto com uma narração.

Na sequencialidade da narrativa, no trecho "**Ø** Eu refogo a carne moída **e** corto a abóbora", observa-se a *mescla* com a TD *prescritiva*, introduzida, novamente, pela "justaposição" paratática, com sentido mais concreto de adição, seguida pelo encadeamento de "e", também paratático, com sentido mais concreto de adição a partir do qual emerge o sentido mais abstrato de tempo simultâneo. Mesclaram-se, ao mesmo tempo, a sequência dos eventos narrados, em primeira pessoa, e dos passos a serem seguidos para a realização da receita ensinada.

A TD prescritiva prossegue agora em a *mescla* com a TD *listagem*, destacada em preto no juntograma, em uma sequência de enunciados articulados por "justaposição" e "e": "**Ø** refogo com óleo **e** alho **Ø** cebola **e** cheiro verde **Ø** pimenta do reino". Formalmente, não se observa a disposição dos elementos em sua configuração convencional, verticalizada,

[113] Sugestão de leitura: Eu gosto de fazer macarronada para meus filhos. A minha filha gosta muito da abobrinha com carne moída. Eu refogo a carne moída e corto a abóbora. Refogo com óleo e alho, cebola, cheiro verde, pimenta do reino. Eu faço pão simples. Farinha, manteiga, água. Eu amasso o pão, enrolo e ponho no forno para crescer.

característica da TD *listagem* em receitas culinárias, nas práticas letradas, de acordo com o *fixo* dessa TD, reconhecido na lista de ingredientes, mas se observa, nessa forma, a *mescla* com a sequencialidade dos elementos, característica dessa mesma tradição nas práticas de oralidade informais, em que uma pessoa ensina à outra, falando.

Uma nova *mescla* com a TD *narrativa* toma espaço, na zona de contato que corresponde à "justaposição", em "**Ø** eu faso pão sipre", por meio da qual é interrompida a linearidade da *listagem*.

O texto continua com um novo encadeamento de ingredientes, recuperando, mais uma vez, sua composicionalidade com a TD *listagem*, para as instruções necessárias à preparação do "pão simples", destacada em preto no juntograma, por meio de ocorrências de "justaposição" e "e": "**Ø** farinha de trigo **e** leite **Ø** oléo **Ø** sal **Ø** fermento **Ø** manteiga **Ø** água". A TD *listagem* não surge, novamente, com a repetibilidade da forma convencionalmente esperada, na disposição dos ingredientes na vertical, no texto escrito, que emerge das práticas letradas, mas utiliza de uma disposição linear, na sequencialidade dos itens, aproximando a escrita das práticas orais e informais.

Num retorno à *mescla* com a TD *narrativa*, o trecho "**Ø** eu amasso o pão **e** enrolo **e** ponho no forno para crescer", observa-se a junção pautada na adição assimétrica, já que a ordenação das ações assume relevância para a construção do sentido, na apresentação do modo de preparo da receita, intrinsecamente aos eventos narrados em primeira pessoa e à explicitação do sujeito. Embora os verbos não estejam empregados no modo imperativo, os enunciados não se limitam à narração de ações particulares realizadas pela escrevente, mas funcionam como orientação a ser seguida no preparo da receita.

Com exceção de uma única ocorrência do MJ "para", todo o texto, em (4), é construído a partir de espaços de junção caracterizados por "justaposição" e "e", tomados enquanto *rastros* dos eixos 1 e/ou 2, associados à *representação do fluxo de fala* e à *prototipicidade* ou, ainda, a *gestos enunciativos em trânsitos semânticos* e à *suposta autonomia da escrita em relação à fala*. De modo geral, os MJs se mostram na relação entre a junção e a heterogeneidade da escrita, enquanto *rastros* da circulação dos escreventes por práticas de oralidade e, ao mesmo tempo, de letramento. O texto se constrói na composicionalidade sintagmática entre as TDs *narrativa*, *prescritiva* e *listagem*, sem deixar de se constituir também pela composicionalidade paradigmática com a TD *conversação espontânea*.

Considerando o caráter comparativo deste trabalho, os resultados relativos às *mesclas* sintagmáticas deixam ver, ao mesmo tempo, *aproximaçõe*s e *distanciamentos* entre as TDs narrativa e prescritiva em aquisição. No que se refere às *aproximações*, destaca-se a presença

da TD *listagem* em ambos os conjuntos de textos, compondo tanto a TD narrativa quanto a TD prescritiva. Em movimento semelhante, as mesclas da TD *narrativa* para a construção da TD prescritiva apontam para o princípio de composicionalidade das TDs em aquisição, já que elementos característicos da narrativa passam a integrar a organização da TD prescritiva, numa relação intrínseca entre o narrar e o prescrever.

Por outro lado, os resultados da composicionalidade sintagmática também mostram *distanciamentos* entre as TDs investigadas. Apenas os textos pertencentes à TD narrativa apresentam mesclas com a TD *diálogo* e com a TD *explicativa*. Esse resultado sugere que a TD narrativa mobiliza, de forma mais recorrente, recursos ligados à representação de interações entre personagens e à explicação de acontecimentos, relacionados ao sentido causal, aspectos que não se mostraram como característicos dos textos analisados da TD prescritiva.

Se, na composicionalidade sintagmática, é possível conferir as *mesclas* entre as TDs *listagem*, *explicativa* e *diálogo*, para a constituição da TD narrativa, e entre as TDs *narrativa* e *listagem*, para a constituição da TD prescritiva, na composicionalidade paradigmática, tal organização textual indicia a relação do sujeito escrevente com práticas de oralidade informal, fortemente associadas à TD *conversa espontânea*. Em cada uma das *mesclas*, está sempre presente o *fluxo da fala*, marcado no ritmo da escrita, seja no encadeamento dos itens/ingredientes, seja no enredo que envolve o que se prescreve, seja na sequencialidade dos eventos narrados.

Os resultados da análise das *mesclas* paradigmáticas, que se mostram nos dados analisados das TDs narrativa e prescritiva, corroboram os resultados de Carvalho (2025), uma vez que as *mesclas* identificadas no eixo paradigmático, em dados da escrita inicial no PEJA, permitiram observar a predominância da TD *conversa espontânea* que sinaliza a forte ancoragem da escrita em práticas orais e informais, em contraste com espaços específicos em que se constata, em composicionalidade sintagmática, a TD *redação escolar* (cf. TD *título*, no texto (41)).

Retoma-se aqui, conforme Lopes-Damasio (2025), o pressuposto kabatekiano (2006, 2005) de que uma TD não equivale a uma "camisa de forças", uma vez que extrapola os limites de uma simples reprodução do que lhe é *fixo*, assumindo, de modo igual, a sua relação com o *lacunar*, o que permite, pois, diálogos constitutivos com outras tradições, de acordo com as *mesclas* de TDs. Tal análise confirma o pressuposto que considera que "a composicionalidade de uma TD, tanto sintagmática quanto paradigmática, caracteriza uma mescla na sua constituição, refletindo o modo como os sujeitos se inserem nas regras da língua e do discurso" (Lopes-Damasio, 2025, p. 5).

Considerar as *mesclas* de TDs implica retomar a noção de *repetição* em TD, já que, segundo Kabatek (2006, p. 513), "uma TD não é um texto repetido sempre da mesma maneira, [mas] pode ser também uma forma textual ou uma combinação particular de elementos". Assim, os rastros dessas *mesclas*, relacionados aos funcionamentos dos MJs, indiciam que a aquisição das TDs narrativa e prescritiva se associa, intrinsecamente, à circulação dos sujeitos por diferentes TDs e, concomitantemente, à heterogeneidade da escrita, especialmente quanto aos eixos 1 e à coocorrência entre os eixos 1 e 2.

**Apontamentos finais**

Com o intuito de analisar a relação entre os MJs e(m) espaços de junção, que constituem as TDs narrativa e prescritiva, em aquisição da escrita, e a heterogeneidade constitutiva da escrita (objetivo específico (ii)), à luz da hipótese levantada, os resultados responderam à segunda pergunta de pesquisa, mostrando que, nas duas TDs investigadas, a maior ocorrência de *rastros* juntivos da heterogeneidade da escrita está relacionada: (i) ao eixo 1 (E1), especificamente ao seu funcionamento (2), a partir dos aspectos linguístico-discursivos que contemplam a atuação do *gesto discursivo no trânsito semântico*, somado à *representação do fluxo de fala*; e (ii) à coocorrência dos eixos 1 e 2 (E1/E2), especificamente ao funcionamento (3), descrito a partir dos aspectos linguístico-discursivos que contemplam, por sua vez, a *representação do fluxo de fala* e a *prototipicidade* dos MJs e(m) seus espaços de junção correspondentes.

Os resultados mostraram uma *aproximação* das marcas da *gênese da escrita* e do *código escrito institucionalizado* em relação aos MJs e aos espaços de junção, nas duas TDs, uma vez que foi constatada a frequência mais alta (com maior repetibilidade) dos *mesmos funcionamentos* nos dois conjuntos de textos. Outro resultado que *aproximou* as duas TDs em aquisição foi a alta frequência dos contextos de coocorrência dos dois eixos. Esses resultados comprovam a hipótese de que, uma vez concebida em sua heterogeneidade constitutiva, é possível observar, também de forma *mostrada* – na superfície dos textos –, *rastros* dessa heterogeneidade em espaços de junção. Essa *aproximação* de *rastros* linguístico-discursivos das TDs narrativa e prescritiva em aquisição da escrita, atrelados ao funcionamento tático-semântico dos MJs, foi tomada como a face *fixa* dessas TDs.

Destaca-se, ainda, um ponto de *distanciamento* entre as TDs investigadas. Embora os mesmos funcionamentos de MJs relacionados aos eixos da heterogeneidade tenham se mostrado predominantes em ambos os conjuntos de textos, a distribuição quantitativa desses funcionamentos difere entre as TDs em aquisição: nos dados da TD narrativa, o funcionamento

(2) do eixo 1 (E1(2)) apresentou a maior frequência, com 77 ocorrências (37,02%); por outro lado, nos dados da TD prescritiva, o funcionamento (3), relativo à coocorrência dos eixos 1 e 2 (E1/E2(3)), foi o mais frequente, em E1 com 93 ocorrências (38,90%). Desse modo, embora as duas TDs compartilhem os mesmos funcionamentos predominantes, distinguem-se pela centralidade assumida por cada um deles, o que indicia modos distintos de mobilização dos eixos da heterogeneidade no processo de aquisição. Tal diferença é reforçada pela distribuição quantitativa observada, uma vez que E1(2) apresenta uma diferença de 8 ocorrências (8,02%) entre as TDs, enquanto E1/E2(3) apresenta uma diferença de 40 ocorrências (13,42%).

Esses resultados, mobilizados para a investigação relativa ao terceiro objetivo deste trabalho – analisar a aquisição das TDs focalizadas na escrita de adultos —, a partir da hipótese levantada, viabilizaram os resultados relativos às *mesclas* de TDs, que, sintagmaticamente, deixaram ver, ao mesmo tempo, *aproximaçõe*s e *distanciamentos* entre as TDs narrativa e prescritiva em aquisição. Quanto às *aproximações*, destaca-se a presença da TD *listagem* em ambas as TDs, compondo tanto a TD narrativa quanto a prescritiva. A composicionalidade se caracterizou, ainda, por *aproximação*, nos *rastros* que apontaram o atravessamento das práticas do *narrar*, nas práticas discursivas do *prescrever*, no processo de aquisição da escrita experimentado por jovens e adultos. Esses indícios foram avaliados em sua intrínseca associação à movimentação do sujeito para a construção dos sentidos do seu texto, em esquemas semântico-discursivos mobilizados em cada texto como tradição – entendida como *experiência* do já dito/ouvido, escrito/lido – e como *atualização* dessa tradição – entendida como a novidade de cada texto, enquanto acontecimento discursivo.

Por outro lado, os resultados apontaram para um *distanciamento* entre as TDs narrativa e prescritiva: apenas nos textos pertencentes à TD narrativa foram identificadas *mesclas* com a TD *diálogo* e com a TD *explicativa*.

Quanto às *mesclas* paradigmáticas, que se referem à "concomitância de referências a diferentes TDs em uma mesma porção de texto e, portanto, à possibilidade de o texto abrir espaços *in absentia* para um conjunto de tradições, não necessariamente pertencentes a um mesmo domínio discursivo" (Lopes-Damasio, 2025, p. 4), os dados mostraram a maior ocorrência das *mesclas* com TD *conversa espontânea.* Nessa direção, o conceito de *mescla* de TDs representa um ganho no escopo que considera a heterogeneidade da escrita "uma vez que marca, ela mesma, um centro exterior constitutivo, em que é possível considerar, na relação entre os modos de enunciação, o verbalmente dito e o que se pode dizer a partir do extraverbal" (Lopes-Damasio, 2025, p. 12).

## 1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo geral de descrever e analisar, numa abordagem comparativa de natureza linguístico-discursiva, o funcionamento dos MJs em textos das TDs narrativa e prescritiva, produzidos por adultos em processo de aquisição da escrita, esta dissertação buscou responder a três perguntas de pesquisa, apresentadas na Introdução deste trabalho e retomadas ao longo dos capítulos, para a organização teórico-metodológica e dos resultados, além de nestas Considerações finais.

As perguntas estiveram fundamentadas em uma base teórica que considera a escrita enquanto constitutivamente heterogênea (cf. Corrêa, 2004, Chacon, 2021), tomando os textos enquanto TDs (cf. Lopes-Damasio, 2022a/b, 2020, 2019; Kabatek, 2006, 2005a/b), considerando os MJs como técnicas linguísticas do processo de junção (cf. Raible, 2001; Kortmann, 1997; Halliday, 1985) e *rastros* da relação sócio-histórica de constituição dos textos em TDs. Esses conceitos, articulados às contribuições de Lemos (2002, 1998, 1982), no que se refere à compreensão da aquisição da escrita, permitiram a premissa, neste trabalho (na linha dos de Lopes-Damasio, citados anteriormente), de um espaço teórico-metodológico para o tratamento analítico e comparativo de textos escritos por idosas no contexto do PEJA, com o intuito de observar a aquisição da escrita, tomada, neste trabalho, como *movimento* do sujeito na/pela escrita.

Ao responder à primeira pergunta, a saber, "como se caracteriza, linguística e discursivamente, o funcionamento dos MJs, em textos das TDs narrativa e prescritiva, escritos por adultos, em processo de aquisição da escrita, numa relação entre os MJs e as TDs focalizadas?", confirmou-se a hipótese de que, na textualização, subjacente à noção de escrita-*processo* e, portanto, de escrita-*movente*, diferentes taxes abrem espaços, na superfície do texto, para diferentes relações de sentido, ligadas aos MJs e aos espaços de junção. Os resultados que comprovaram tal hipótese e que responderam à primeira pergunta de pesquisa, foram apresentados no capítulo 1 – Parte III deste trabalho.

Do ponto de vista linguístico, a análise ocupou-se, primeiramente, da taxe e dos *types* mais frequentes de MJs identificados nos textos das TDs focalizadas em aquisição. Os resultados apontaram para a predominância do funcionamento paratático em relação ao hipotático, com a maior frequência de "justaposição" e "e" em ambas as TDs, *aproximando-as* e sustentando a afirmação de que a "justaposição" é o MJ característico dos dados de aquisição da escrita, em contexto do PEJA (Lopes-Damasio; Gava, 2025; Carvalho, 2025; Oliveira, 2024).

Ainda, no que se refere ao funcionamento tático dos MJs identificados, foram propostos *aproximações* e *distanciamentos* entre as TDs narrativa e prescritiva. Nessa direção,

observou-se que as construções paratáticas, embora constituam uma zona de contato entre ambas as tradições, desempenham funções distintas em cada uma delas: nos textos da TD narrativa, responsabilizam-se pela inserção da sequencialidade dos fatos narrados; já nos textos da TD prescritiva, pela inserção da sequencialidade das instruções fornecidas. No que se refere às construções hipotáticas, observou-se, do mesmo modo, *aproximações* e *distanciamentos*: em ambas as TDs, os MJs associaram-se aos sentidos de *tempo* e *causa*, porém, do ponto de vista textual-discursivo, o que se articula nessas TDs aponta para um *distanciamento* entre elas.

Os funcionamentos semânticos, relacionados, ainda, ao objetivo específico (i), mostraram a predominância dos sentidos de *adição*, *tempo posterior*, *causa*, *contraste* e *finalidade*, bem como dos trânsitos semânticos entre os sentidos de *adição* > *tempo posterior* e *adição* > *causa*, em ambas as TDs em aquisição. É possível observar, ainda, um ponto de distanciamento entre as TDs: os sentidos de *tempo simultâneo* e de *condição* aparecem com maior frequência apenas no conjunto de textos referente à TD prescritiva. Esse resultado pode ser relacionado às especificidades dessa tradição discursiva, cuja finalidade é orientar a realização de ações. Nesse contexto, relações de *simultaneidade* e de *condição* desempenham papel relevante na organização das instruções, ao delimitar o momento ou as circunstâncias em que determinada ação deve ser realizada. No âmbito dos trânsitos semânticos, observou-se que o sentido de *adição*, intrinsecamente vinculado ao movimento de inserção de informações novas no texto, ocupou a posição de principal espaço de junção aberto à emergência de outros sentidos, considerados mais abstratos, assumindo, desse modo, um papel central no processo de textualização que caracteriza os textos investigados. Ressalta-se, ainda, que o sentido de causa, nos textos da TD prescritiva, esteve relacionado intrinsicamente aos momentos em que a TD narrativa os compõe, numa relação direta entre as TDs, indiciando que a narrativa mostra-se como constitutiva da prescritiva, em espaços de junção que se abrem a trânsitos semânticos característicos do narrar. O mesmo tipo de relação também foi constatada quanto aos sentidos de *contraste* e *finalidade*.

Ao responder à segunda pergunta de pesquisa, "quais são as relações entre os MJs e a heterogeneidade constitutiva da escrita em textos pertencentes às TDs narrativa e prescritiva, produzidos por adultos em processo de aquisição da escrita?", confirmou-se a hipótese de que, ao conceber a escrita como heterogênea, é possível observar, na superfície dos textos, *rastros* dessa heterogeneidade — reconhecidos, neste trabalho, como MJs—, relacionados aos eixos 1, da *gênese da escrita* e 2, do *código escrito institucionalizado* (Corrêa, 2004). Os resultados que comprovaram tal hipótese e que responderam à segunda pergunta de pesquisa foram apresentados no capítulo 2 – Parte III deste trabalho.

De acordo com tais resultados, tanto na TD narrativa quanto na TD prescritiva, a descrição e análise dos dados apontaram para funcionamentos associados aos eixos 1 e 2 e, ainda, para a coocorrência dos eixos, indiciando a heterogeneidade constitutiva da escrita em aquisição e a movimentação do sujeito no processo de aquisição da escrita (Corrêa, 2004; Lemos, 1998; Lopes-Damasio, 2022, 2020). Com efeito, foi possível identificar *rastros* da heterogeneidade da escrita representados por todos os funcionamentos descritos, mostrando diferentes modos de circulação do escrevente entre eixo 1 e eixo 2, inclusive com a forte predominância da coocorrência entre os dois eixos.

Os resultados que se referem ao objetivo específico (ii), de modo geral, comprovam o atravessamento do sujeito pelas TDs orais e letradas, no processo de aquisição e, ainda, sustentam a afirmação de que é por meio das práticas orais e informais que o sujeito chega à escrita, nas práticas letradas.

De modo mais específico, esses resultados apontam a *aproximação* entre as TDs narrativa e prescritiva, correspondente à constatação dos mesmos funcionamentos mais recorrentes de MJs e(m) espaços de junção, no que tange às relações propostas com os eixos 1 e/ou 2 (eixo 1 – funcionamento (2); eixo 2 – funcionamento (1); e coocorrência dos eixos 1 e 2 – funcionamentos (1), (3) e (4)). Apontam também o *distanciamento* entre as TDs investigadas: o funcionamento (2) do eixo 1 é o mais frequente na TD narrativa, enquanto o funcionamento (3) de coocorrência dos eixos 1 e 2 é o mais frequente na TD prescritiva.

Por fim, ao responder à terceira pergunta de pesquisa, "como se caracteriza a aquisição da escrita, experimentada por adultos, quando se consideram aspectos linguístico-discursivos da relação entre MJ e as TDs focalizadas no processo de textualização?", também comprovou-se a hipótese de que o processo [de aquisição da escrita] seria marcado por zonas de contato entre TDs. Os resultados foram apresentados nos capítulos 1 e 2, da Parte III, considerando as *mesclas* de TDs a partir de *aproximações* e *distanciamentos*, sustentadas na repetibilidade de ocorrências de MJs e de seus funcionamentos, bem como nas composicionalidades sintagmática e paradigmática, a partir de dados empiricamente descritos e analisados, sob a abordagem linguístico-discursiva.

Sintagmaticamente, as *mesclas* de TDs deixaram ver *aproximaçõe*s e *distanciamentos* entre as tradições narrativa e prescritiva em aquisição. A presença da TD *listagem*, em ambas as TDs, assim como a presença da *narrativa* nas práticas discursivas do *prescrever*, foram entendidas como *aproximações* entre as TDs, no processo de aquisição da escrita experimentado pelas idosas. A presença das TDs *diálogo* e *explicativa*, apenas nos textos narrativos, permitiu caracterizar pontos de *distanciamento*, sempre de forma relativa, uma vez

que, ao se tornar matéria para a prescrição, funcionamentos da narração constituíram a prescrição.

Paradigmaticamente, a relação entre ausência/presença foi identificada pelos aspectos linguístico-discursivos – tais como o *fluxo da fala*, marcado no ritmo da escrita em espaços, predominantemente, de "justaposição" e "e" – que permitem reconhecer, nos dados, especialmente a partir do enfoque nos MJs e(m) espaços de junção, a *mescla* com a TD *conversa espontânea*, seja no encadeamento da sequencialidade de instruções ou de eventos narrados.

Dessa forma, as análises permitem afirmar que a aquisição das TDs narrativa e prescritiva, observada em textos produzidos por idosas no contexto do PEJA, configura-se como um processo de escrita intrinsecamente heterogêneo, ancorado em práticas orais e letradas, que se relacionam entre si de maneira indissociável. Em ambas as TDs, observa-se um movimento dialógico que, de acordo com o espaço teórico assumido neste trabalho, permite compreender a aquisição da escrita como um processo não linear, porque heterogêneo (Corrêa, 2004). Essa compreensão afasta-se de uma concepção de escrita como prática pura e autônoma, uma vez que sua constituição se dá na relação entre práticas orais e letradas. Assim, a aquisição da escrita não pode ser compreendida como um processo linear, uniforme e independente dessas relações.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam suscitar reflexões sobre a prática docente na Educação de Jovens e Adultos, ao indicarem, por meio da suspensão da transparência, que a escrita, no PEJA, como qualquer outra, não se reduz a um código gráfico, mas é espaço de circulação de *experiências*, na relação entre *atualização* e *repetição* das TDs, por meio das práticas de oralidade e letramento

Nessa perspectiva, ao reconhecer a Educação de Jovens e Adultos como um ato político, na medida em que recusa qualquer interpretação sustentada por uma lógica dominante, cuja reprodução contribui para a manutenção da exclusão de sujeitos já historicamente negligenciados, este trabalho espera também ter mostrado ao leitor/educador uma forma de olhar para os textos escritos desses sujeitos não mais pautada em "erros", mas em um processo de aquisição que se mostra na dinâmica do movimento/da movimentação e na heterogeneidade constitutiva da própria escrita.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. (org.). **Cenas de aquisição da escrita:** o sujeito e o trabalho com o texto. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

ANDRADE, H. O.; CUSTÓDIO, E. S. Educação de jovens e adultos e mulheres negras: um olhar para as questões de gênero e raça. *In*: ALMEIDA, F. A. (Org.). **Políticas públicas, educação e diversidade:** uma compreensão científica do real. Guarujá, SP: Científica Digital, 2020. p. 423–437.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 19, p. 25-42, 1990.

BASTOS, L. C.; EITERER, C. L. **Educação de jovens e adultos e interseccionalidade:** mulheres negras e idosas, trabalhadoras e estudantes. 2021.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BYBEE, J. Mechanisms of Change Grammaticalization: the role of frequency. *In*: JOSEF, B.; JANDA, R. (Ed.). **The Handbook of historical linguistics**. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2003. p. 602-623.

BRANDÃO, C. R. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CEB n. 11/2000, de 10 de maio de 2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF: MEC, 2000.

CAPRISTANO, C. C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 11, n. 35, 2010.

CAPRISTANO, C. C. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. (2007) 263 f. Campinas: Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – IEL/UNICAMP, 2007.

CARRANO, P. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 36, p. 43–56, jan./abr. 2011.

CARVALHO, Anaiza Araujo. Aquisição da escrita, tradição discursiva e junção: uma abordagem comparativa de narrativas produzidas por crianças e adultos em aquisição da escrita. 2025.

CHACON, L. **Aspectos linguístico e discursivos da escrita** (aula). *In:* Disciplina no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), São José do Rio Preto, 2026.

CHACON, L. **A escrita como acontecimento**: uma proposta de sistema conceitual. (apresentação em congresso). *In*: VII Semana de Letras da FCL Assis, Assis, 2024.

CHACON, L. A relação fala/escrita em dados não-convencionais de escrita infantil. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2021.

CHACON, L. **Instabilidades da linguagem: discurso, língua e suas relações**. (2017) 185 f. Marília: Tese (Livre-docência em Linguística em Fonoaudiologia) – FFC/UNESP, 2017.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORRÊA, M. L. G. Heterogeneidade da escrita no ensino: das modalidades às relações intergenéricas. O ensino de diferentes géneros de textos. **Aveiro:** Universidade de Aveiro Editora, p. 67-93, 2013.

CORRÊA, M. L. G. Pressupostos teóricos para o ensino da escrita: entre a adequação e o acontecimento. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 9, p. 201-211, 2007.

CORRÊA, M. L. G. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 45, n. 2, p. 205-224, 2006.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. (1997) 422 f. Campinas: Tese (Doutorado em Linguística) – IEL/UNICAMP, 1997a.

COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Coleção Linguagem. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp,1982.

COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.

COSTA, E. ÁLVARES, S.; BARRETO, V. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos:** alunas e alunos da EJA. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

FERRARI, L.; LOPES-DAMASIO, L. R. Aquisição da escrita argumentativa: a ressignificação do discurso do outro pela ilusão da argumentação. **DELTA**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 1-26, 2023.

FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. *In*: BARROS, D. L. P. de & FIORIN, J. L. (orgs.) **Diofogismo, polifonia, intertextualidade:** em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 29-36.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes Editores, 3. ed.,1980.

FREIRE, P. **Ação cultural para a libertação**. Lisboa: Moraes editores, 1976.

GAVA, M. F. M. **Mecanismos de junção e(m) textos das Tradições Discursivas narrativa e prescritiva:** um olhar para escrita inicial em contexto do PEJA. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2023.

HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. *In*: **An introduction to Funcional Grammar**. New York: Arnold; 1985.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University, 1993.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. *In*: LOBO, T. et al. **Linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012.

KABATEK, Johannes. **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico:** Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. 2008.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. *In*: LOBO, T. et al. **Para a História do Português Brasileiro**. Salvador: EDUFBRA, 2006.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio linguístico. **Lexis**, Lima, v. 29, n. 2, p. 151-177, 2005a.

KABATEK, J. Sobre a historicidade dos textos. **Linha D'Água**, São Paulo, n. 17, p. 157-170, 2005b.

KOCH, I. G. V. Tradiciones discursivas y cambio linguístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. *In*: KABATEK, J. **Sintaxis histórica del español y cambio linguístico**: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid: Iberoamericana, 2008.

KOCH, I. G. V. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 30, 1997.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination**: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages. Berlin: Mouton, 1997.

LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: IEL/Unicamp. n. 42, p. 41-69, 2002.

LEMOS, C. T. G. Desenvolvimento da Linguagem e Processo de Subjetivação. **Revista Interações**, v.., n.10, jul/dez, 2000, p. 53-72.

LEMOS, C. T. G. Sobre o" Interacionismo". **Letras de Hoje**, v. 34, n. 3, 1999.

LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita. Algumas questões. *In:* ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LEMOS, C. T. G. Uma abordagem socio-constutivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões. **Anais do I Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem**, CEAAL-PUC RS, 1989.

LEMOS, C. T. G. Interacionismo e aquisição de linguagem. **D.E.L.T.A**., v. 2, n. 2, 1986, p.231-248.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 1371-1386, 2014.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Junção e(m) aquisição: aspectos morfossintáticos e cognitivos. **Gragoatá**, Niterói, n. 30, p. 221-238, 2011a.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. **ALFA**: Revista de Linguística, v. 55, n. 1, p. 225-248, 2011b.

LOPES-DAMASIO, L. R. Tradição discursiva para quê? Contribuições para uma abordagem linguístico-discursiva da aquisição da escrita. **Acta Scientiarum:** Language & Culture, v. 47, n. 2, 2025.

LOPES-DAMASIO, L. R. **Escrita infantil:** junção e tradição discursiva.. São Paulo: Editora Unesp, 2022a.

LOPES-DAMASIO, L. R. Para argumentar, basta começar: mecanismos de junção e tradição discursiva em aquisição. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 64, p, 1-16, 2022b.

LOPES-DAMASIO, L. R. Junção e tradição discursiva na escrita infantil. Revista **(Con) Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 136-156, 2020.

LOPES-DAMASIO, L. R. O movimento linguístico-discursivo na aquisição da escrita: uma abordagem dos mecanismos de junção aditivos na construção de sentidos no texto. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 21, p. 147-170, 2019a.

LOPES-DAMASIO, L. R. A justaposição oracional em dados de aquisição da escrita. **Todas as Letras**-Revista de Língua e Literatura, v. 21, n. 2, 2019b.

LOPES-DAMASIO, L. R. Uma abordagem da circulação do sujeito pelo universo da escrita via mecanismos de junção. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 1041-1057, 2017.

LOPES-DAMASIO, L. R. Para uma abordagem linguístico-discursiva da justaposição oracional: oral e escrito em práticas de letramento. **ALFA:** Revista de Linguística, v. 60, n. 2, 2016.

LOPES-DAMASIO, L. R. Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 1371-1386, 2014.

LOPES-DAMASIO, L. R. **Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim:** um novo enfoque da gramaticalização. 2011.

LOPES-DAMASIO, L.R. GAVA, M. F. M. A escrita inicial em contexto do PEJA: mecanismos de junção e tradições discursivas. Confluência. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 69, p. 329 365. 2025.

LOPES-DAMASIO, L. R.; SILVA, B. P. **O sentido de tempo na tradição discursiva narrativa: uma abordagem linguístico-discursiva**. São Paulo: Parábola, 2025.

LOPES-DAMASIO, L. R.; PEDRO, C. da C. A materialidade linguística pelo viés da opacidade: uma abordagem da aquisição da escrita. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 797-821, 2024.

LOPES-DAMASIO, L. R.; CARDOSO, I. Relations between speech/orality and writing/literacy for the emergence of teaching practices: a linguistic-discursive approach to juncion. In: KOMESU, F.; ASSIS, J. A.; LAMRANI, Z.; HOUDNA, Y. E. (Orgs.). **Challenges in Academic-Scientific Literacies**. Belo Horizonte: Editora PUCMinas. 2024.

LOPES-DAMASIO, L.R.; SANTANA, M. D. For a discursive-linguistic approach to junction: analysis of linking mechanisms in narrative and argumentative discursive traditions. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 170-196, 2024.

MARCUSCHI, L. **Da fala para a escrita**: Atividades de textualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MAYRINK-SABINSON, Reflexões sobre o processo de aquisição da escrita. *In*: Rojo (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 87-120.

MOTA, S. B. V. **O quebra-cabeça**: a instância da letra na aquisição da escrita, 1995. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 38, p. 109-127, 1994.

OLIVEIRA, G. C. LOPES-DAMASIO, L. R. "...quanto ele abriu olho estava no inferno tocano pro satanase": marcas de tradições discursivas orais na escrita inicial em contexto do PEJA. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 491–510, 2025.

OLIVEIRA, G. C. **O papel das tradições discursivas orais na escrita inicial no contexto do PEJA.** 2024, Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2024.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2000.

OSTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. *In:* BARBARA, F; THOMAS, H. & TOPHINKE, D. (Org.): **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit. Tübingen**: Narr, p. 19 43, 1997.

PAIVA, **Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos**. Petrópolis, RJ: FAPERJ, 2009.

PAIVA, J.; SALES, S. **As muitas invenções da EJA**. Education Policy Analysis Archives, v. 22, n. 58, 2014. DOI: 10.14507/epa. v22n58.2014.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. E. P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX M.; FUCHS, C. (1997). "A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas". *In:* GADET, F.; HAK, T. (Org). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp p.163-252.

PEZATTI, E. G, LONGHIN-THOMAZI, S. R. As construções coordenadas. *In:* Ilari R, Neves M. H. M. **Gramática do Português culto falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção. Campinas: Ed. da UNICAMP; 2008. p. 865-936.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. Tradução de Manoel de Campos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

RAIBLE, W. Linking clause. In. HASPELMATH et al. **Language Typology and Language Universals**. Berlin e New York: Walter de Gruyter, Vol. 1, 2001, p. 590- 617.

ROJO, R. **Alfabetização e letramento**. Campinas: Mercado de Letras; 1998.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: GIL, B. D.; CARDOSO, E. de A.; CONDÉ, V. G. (Orgs.). **Modelos de análise linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-234.

SANTANA, M. D. **Uma abordagem linguístico-discursiva da junção na escrita infantil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto, 2022.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da linguística**. Tradução de F. Tarallo et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SILVA, B. P. **O sentido de tempo na tradição discursiva narrativa**: uma abordagem linguístico discursiva da escrita inicial no Ensino Fundamental I. 2024. 181 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2024.

SONCIN, G. C. N. Pontuação e prosódia à luz do conceito de heterotopia: uma reflexão linguístico-discursiva sobre a escrita. **Muitas Vozes**, v. 9, n. 1, p. 60-78, 2020.

SONCIN, G. C. N. **Língua, discurso e prosódia:** investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!. 2014. 310 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014.

TFOUNI, L.V. Perspectivas históricas e a-históricas do letramento. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas (SP), v. 26, p. 49-62, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

## DADOS CURRICULARES

| IDENTIFICAÇÃO | |
|---|---|
| | Manuella Fernanda Mendonça Gava<br>20/01/2002 |
| **Nacionalidade** | Brasileira |
| **Nome em citações bibliográficas:** | GAVA, M. F. M; MFM Gava; GAVA MANUELLA FERNANDA MENDONÇA |
| **Currículo Lattes** | http://lattes.cnpq.br/1193647071409262 |
| **ORCID** | https://orcid.org/0009-0006-1343-9858 |